

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

RENATA CARDOSO DE ALMEIDA

UM PROCESSO DE ESCUTA:
AS RELAÇÕES ENTRE A UMBANDA, A FAMÍLIA E AS MÍDIAS NA
CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS

SÃO LEOPOLDO

2020

Renata Cardoso de Almeida

UM PROCESSO DE ESCUTA:
as relações entre a Umbanda, a família e as mídias na constituição de identidades
culturais

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Área de concentração: Processos midiáticos. Linha de pesquisa: Cultura, cidadania e tecnologias da comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre

São Leopoldo

2020

A447p

Almeida, Renata Cardoso de.

Um processo de escuta : as relações entre a Umbanda, a família e as mídias na constituição de identidades culturais / Renata Cardoso de Almeida. – 2020.

311 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2020.

“Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre.”

1. Identidades culturais. 2. Recepção. 3. Semioses. 4. Umbanda. 5. Famílias. I. Título.

CDU 316.7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

AGRADECIMENTOS

Certa vez, uma professora disse que a “ciência não é um parto indolor”. Desde então, essa analogia me acompanha. Afinal, realizar ciência é fazer crescer dentro de si não um ser, é bem verdade, mas algo que será entregue ao mundo com um objetivo semelhante: transformá-lo em algo melhor. São meses e meses de uma “gestação” por vezes conturbada, cheia de dúvidas e pressões, mas também de momentos de extrema alegria, compartilhamentos e afeto.

Chegar ao final dessa jornada não é fácil, e no meu caso, também não é um ato solitário. Por isso, é preciso agradecer. Começo pelas mulheres que tão gentilmente concordaram em compartilhar suas histórias comigo para poder dar viabilidade a este trabalho. Jaci, Kellen e Kethlin, únicas em suas singularidades, mas que ao mesmo tempo dizem tanto sobre a nossa sociedade. Apesar da diferença de idade entre elas, é possível perceber alguns traços em comum: a potência inegável de quem desde cedo buscou seu sustento; a doçura daquelas que são abrigo para os seus, e que apesar de qualquer sacrifício, não perderam o riso fácil; o senso de coletividade que abraça a quem chega, não importa como, não importa da onde. Vocês terão minha eterna gratidão por, além de possibilitar a realização deste trabalho, me ajudarem a ser uma pessoa melhor a partir do nosso contato.

À minha família acadêmica, agradeço pelo amor e parceria durante o trajeto. Sem os queridos companheiros do Processocom e da Rede Amlat, certamente minha experiência seria menos rica e diversa. Ao mestre Efendy, especialmente, agradeço a generosidade e a ternura para me guiar durante os últimos dois anos, e por ser um importante personagem na constituição da Renata humana e profissional da qual me orgulho atualmente.

Aos amigos Júnior, Maytê, Vitória, Lívia, Lucilene, Eduarda, Michele e Tiele, que já me acompanham há mais tempo: *gracias* por serem abrigo, compreensão e afeto. Certamente a vida fica mais fácil ao lado de vocês. Obrigada por terem acompanhado esse momento tão de perto, sendo indispensáveis para a minha estabilidade emocional. Vocês são inspiração. Aos amigos que chegaram há menos tempo, mas que também têm papel fundamental nessa trajetória, Émerson, Guilherme e Raquel: obrigada por tanto! Aos colegas do mestrado que junto comigo passaram por esse turbilhão de emoções:

vocês são incríveis. Obrigada por tornarem essa experiência mais humana e leve.

À minha família, que sempre me apoiou e entendeu minhas ausências, obrigada. Ao Brayan, companheiro dos momentos felizes e de instabilidade, que sempre me incentivou a ser livre e a buscar meus sonhos, obrigada por cada palavra, por cada carinho e por permanecer construindo um “nós” cada vez mais leve e saudável.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa concedida, que me permitiu dedicação à pesquisa, e ao PPG de Comunicação da Unisinos por todo apoio.

RESUMO

Este trabalho se propõe a pensar as semioses construídas por três mulheres da família Cruz, moradoras da periferia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a partir de três sistemas: a religião Umbanda, a vida familiar e as mídias. O objetivo é compreender de que modos os sistemas se entrelaçam e influenciam a construção das identidades culturais das *sujeitas comunicantes*. Para isso, busco aportes na Transmetodologia, na Antropologia, na Semiótica da Cultura e nos Estudos em Recepção. Para a construção desta dissertação foram realizadas pesquisas bibliográficas, documentais, exploratórias e de campo. Empiricamente, foram feitas visitas de acompanhamento e entrevistas em profundidade para a obtenção de informações sobre as *sujeitas comunicantes*, para posterior análise. Partindo do princípio de que a comunicação se dá onde os sentidos são produzidos, percebo que as semioses produzidas a partir da religião e da cultura familiar contribuem fortemente para a construção das identidades das *sujeitas comunicantes* participantes da pesquisa. Nesse cenário, as mídias, também muito presentes, participam, em um primeiro momento, mais por “oposição”. Ao não se perceberem representadas e nem pertencentes aos fatos abordados pelas principais mídias hegemônicas, elas se perceberam “outras”, aquelas que não estavam em destaque. Porém, as novas possibilidades de comunicação e troca de informações trouxeram a possibilidade de buscar por temas que as interessam, e aqui a questão racial entra fortemente. Seguindo páginas no Instagram ou no Facebook, ou ainda vendo vídeos no Youtube, elas consomem e comentam entre si conteúdos que podem afetar sua vida cotidiana, como assaltos em meios de transporte e, também, temas macro, como a política nacional, as causas da desigualdade social e das diferentes formas de opressão, gerando debates familiares que contribuem para a constituição de suas identidades.

Palavras chave: Identidades Culturais. Recepção. Semioses. Umbanda. Família.

ABSTRACT

This work reflects about the semioses built by three women of the Cruz family, residents of Porto Alegre's periphery, parting from three different systems: Umbanda religion, familiar life and media. The goal is to understand how the systems come together and influence the construction of cultural identities of the *communicant subjects*. For that, I search approaches through Transmetodology, Anthropology, Culture Semiotics and Reception Studies. To the writing of this dissertation were accomplished bibliographical, documental, exploratory and field researches. Empirically, were made visits of observation and visits to obtain information about the *communicant subjects*, for further analysis. Comprehending that communication happens where senses are produced, I assume that the semioses produced from religion and familiar culture highly contribute for the identities formation of the *communicant subjects* of this research. In this scenario, media, also very present, participate in a first moment of "opposition". Not feeling represented or belonging to the facts brought by hegemonic media, they noticed themselves as the "others", those who were not highlighted. However, the new possibilities of communication and information exchange brought the possibility of searching for themes that interest them, and that is where the racial issue enters strongly. By following Instagram and Facebook pages, or also by watching videos on YouTube, they consume and comment contents that could affect their daily lives, such as robberies in the transportation, and also major themes, as the national politics, the causes of social inequality and different forms of oppression, generating familiar debates that contribute to the constitution of their identities.

Key words: Cultural identities. Reception. Semioses. Umbanda. Family.

RESUMEN

Este trabajo propone pensar las semiosis construidas por tres mujeres de la familia Cruz, que viven en la periferia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, basadas en tres sistemas: la religión Umbanda, la vida familiar y los medios de comunicación. El objetivo es comprender como los sistemas se entrelazan e influyen en la construcción de las identidades culturales de las sujetas que se comunican. Para esto, busco contribuciones en la Transmetodología, la Antropología, la Semiótica de la Cultura y los Estudios en Recepción. Para la construcción de este texto se realizaron investigaciones bibliográficas, documentales, exploratorias y de campo. Empíricamente, se hicieron visitas de acompañamiento y entrevistas en profundidad para obtener información sobre las sujetas comunicantes, para posterior análisis. Partiendo de la hipótesis de que la comunicación es el lugar donde se producen los sentidos, noto que las semiosis producidas por la religión y la cultura familiar contribuyen fuertemente para la construcción de las identidades de las sujetas comunicantes que participaron en la investigación. En este escenario, los medios, que también están muy presentes, participan inicialmente como "oposición". Cuando no se percibían representadas o pertenecientes a los hechos abordados por los principales medios hegemónicos, se percibían a sí mismas como "otras", aquellas que no estaban en destaque. Sin embargo, las nuevas posibilidades de comunicación e intercambio de información trajeron la posibilidad de buscar temas que les interesen, y aquí el tema racial se ve muy importante. Siguiendo páginas en Instagram o Facebook, o mirando a videos en Youtube, ellas consumen y comentan contenidos que pueden afectar sus vidas cotidianas, como los ataques a los medios de transporte, y también otros temas macro, como la política nacional, las causas de la desigualdad social y diferentes formas de opresión, generando debates familiares que contribuyen para la constitución de sus identidades.

Palabras clave: Identidades culturales. Recepción. Semiosis. Umbanda. Familia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema sinóptico da pesquisa.....	13
Figura 2 – "América"	24
Figura 3 – Número de cativos desembarcados por ano no Brasil	26
Figura 4 – A formação histórico-etnográfica do povo rio-grandense	32
Figura 5 – Trilhar Metodológico	60
Figura 6 – Localização do terreiro de Umbanda/ casa das participantes da pesquisa....	76
Figura 7 – Rua do terreiro de Umbanda/casa das participantes da pesquisa.....	77
Figura 8 – Rua do terreiro de Umbanda/casa das participantes da pesquisa, que está ao fundo.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Raça	113
Quadro 2 – Negritude	115
Quadro 3 – Afro.....	117
Quadro 4 – Mulher Negra.....	119
Quadro 5 – Terreiro	121
Quadro 6 – Identidades Culturais	123
Quadro 7 – Umbanda.....	125
Quadro 8 – Comunicação	126
Quadro 9 – Gênero	127
Quadro 10 – Cidadania.....	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 PERGUNTAS GERADORAS.....	12
1.2 JUSTIFICATIVA.....	14
1.2.1 O Estado da Arte.....	14
1.3 OBJETIVOS.....	17
1.3.1 Objetivo Geral.....	17
1.3.2 Objetivos Específicos.....	18
1.4 RACISMO À BRASILEIRA: COMO A ESCRAVIDÃO IMPACTOU A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE RAÇA NO PAÍS.....	18
1.4.1 Os Engenhos e as Cores.....	23
1.4.2 Camélia: a Liberdade se Conquista.....	27
1.4.3 Um recorte necessário: a Escravização nos Pampas.....	29
1.5 SOBRE GÊNERO.....	42
2 AS RELIGIOSIDADES DE MATRIZ NEGRO-AFRICANA NO RIO GRANDE DO SUL.....	46
2.1 “A UMBANDA É PAZ E AMOR, É UM MUNDO CHEIO DE LUZ”: AS ESPECIFICIDADES DA RELIGIÃO BRASILEIRA.....	52
2.2 O BATUQUE/NAÇÃO.....	56
3 CONSTRUINDO A PESQUISA, PENSANDO A CIÊNCIA: LINHAS DA PROBLEMATIZAÇÃO METODOLÓGICA.....	60
3.1 TRANSMETODOLOGIA COMO CAMINHO A TRILHAR NA COMPLEXIDADE.....	65
3.2 O USO DA ETNOGRAFIA PARA UMA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO: APORTES A PARTIR DE CLIFFORD GEERTZ.....	69
3.3 OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	72
3.4 OS MOVIMENTOS.....	73
3.5 AS VISITAS.....	76
4 SOBRE RECEPÇÃO MIDIÁTICA: A UTILIZAÇÃO DE DIFERENTES CORRENTES PARA UM MELHOR ENTENDIMENTO DA QUESTÃO.....	86

5 DAS ENCRUZILHADAS DA CIÊNCIA: COMO AS MÍDIAS E AS RELIGIOSIDADES CONTRIBUEM PARA A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS SUJEITAS COMUNICANTES.....	92
REFERÊNCIAS	105
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	110
APÊNDICE A – ESTADO DA ARTE	113
APÊNDICE B – DC DE 27/11/2018	128
APÊNDICE C – DC DE 27/11/2019	145
APÊNDICE D – DC DE 01/10/2019	163
APÊNDICE E – DC DE 09/10/2019	184
APÊNDICE F – DC DE 17/10/2019	224
APÊNDICE G – DC DE 22/10/2019.....	251
APÊNDICE H – DC DE 06/11/2019.....	261
APÊNDICE I – DC DE 18/11/2019	278
APÊNDICE J – DC DE 10/12/2019	300

1 INTRODUÇÃO

Pretos e pardos representam 55,8% da população brasileira. Em números absolutos, isso significa mais de 117 milhões de pessoas de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018¹, feita e divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa traz diversos dados sobre a população brasileira, como a informação de que, em 2018, 64% das pessoas desocupadas no Brasil eram pretas ou pardas².

O Atlas da Violência³, iniciativa do Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, aponta que o número de pessoas negras assassinadas em 2017 chegou à marca de 49.505. Segundo o documento, em 2017 a taxa de homicídios de pretos foi mais de três vezes superior à de não pretos.

Os dados descortinam a realidade da desigualdade racial vivida em nosso país. Esse desequilíbrio se apresenta também na academia: entre 2013 e 2018, nenhum trabalho com a palavra negritude foi apresentado na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), por exemplo⁴. Em uma pesquisa no repositório de Teses e Dissertações da Capes, é possível observar que trabalhos sobre a temática racial vêm crescendo no país, especialmente em estados como Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Interessante observar que nos repositórios de teses e dissertações existem diversas abordagens sobre a questão da negritude, mas também de perceber que, em um país de população majoritariamente preta e parda, hajam apenas 391 resultados obtidos para a palavra negritude em um repositório de abrangência e relevância nacional, como o catálogo de teses e dissertações da Capes⁵. Porém, outros termos são mais utilizados para falar da questão racial e especificamente das mulheres negras.

Nota-se, para além da discussão dos termos utilizados nos trabalhos e os motivos de cada escolha, a necessidade de se problematizar a construção simbólica acerca da questão racial no Brasil, bastante influenciada pela mídia, especialmente em âmbito regional.

¹ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6408#resultado>. Acesso em: 13 dez. 2019.

² Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 13 dez. 2019.

³ Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>. Acesso em: 13 dez. 2019.

⁴ Disponível em: https://www.compos.org.br/anais_encontros.php. Acesso em: 13 dez. 2019

⁵ Disponível em <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 11 maio 2019.

1.1 PERGUNTAS GERADORAS

Tendo em vista a importância do tema, dentro e fora da academia, este trabalho tem como principal pergunta norteadora a seguinte questão: *Como são as principais construções identitárias feitas por três mulheres da família Cruz a partir das suas existências em interrelações com as mídias, as relações familiares e nas suas religiosidades na Umbanda?*

As perguntas específicas que guiaram a pesquisa são:

- Quais os principais produtos midiáticos consumidos pelas sujeitas comunicantes participantes da pesquisa?
- Quais são as principais apropriações feitas por elas desses produtos, e de que modos essas apropriações são feitas?
- Quais são as formas e os modos de participação da família e do entorno social para o entendimento dos produtos midiáticos?
- Qual a relevância das mídias no cotidiano e na vida dessas mulheres?
- Os signos⁶ e os aprendizados da Umbanda interferem nos modos de vida dessas mulheres?
- Há, da parte delas, uma percepção do conceito de cidadania? As mídias e a cultura umbandista participam dessa construção?

Para responder a essas questões contei com a colaboração de três mulheres da família Cruz (avó, mãe e neta), todas moradoras do mesmo terreno na zona Norte de Porto Alegre/RS. São elas: Jaci Souza Cruz, de 64 anos, mãe, avó, dona de casa e viúva, é Cacique de Umbanda em um terreiro que fica no mesmo terreno de sua casa; Kellen Cristina Sousa Cruz, é sua filha, tem 38 anos, é técnica em enfermagem e mãe de três filhos (Kethlin Cruz Robalo, 20 anos, Carolina, 3 anos, e Leonardo, 2 anos), casada com Michel, o pai de seus filhos, ela mora no mesmo terreno em que habitam Jaci e a terreira; e Kethlin, 20 anos, estudante universitária e atualmente participante de um programa de Menor Aprendiz. A filha mais nova de Jaci,

⁶ Cabe salientar qual perspectiva de signo estou trabalhando, que respeita o lugar e a importância da linguagem oral e escrita mas vai além, como nos traz Santaella (2014, p. 510): “Este se define como qualquer coisa de qualquer espécie que seja (uma palavra, um livro, uma biblioteca, uma pintura, um museu, uma pessoa, um vídeo etc.) que represente outra coisa, chamada objeto do signo”. Neste caso, a ação do signo é a semiose, ou seja, sua vocação para se traduzir em outros consecutivamente. Já os efeitos interpretativos desse signo chamam-se interpretantes. Trata-se de uma questão complexa, uma vez que os signos, assim como os textos, podem ter diversas decodificações. Seja como for, o pensamento sobre o signo como um veículo de produção de sentido instala-se de forma definitiva como fundante e essencial para qualquer discussão que envolva noções de cultura e comunicação – pensadas ambas como conglomerados de sentidos ou conjunto de semiosis. (PINTO, 2014, p. 505).

Jennifer, tem uma lancheria que administra junto ao marido, na zona Norte de Porto Alegre. Aos 29 anos, ela tem dois filhos, Giovanna, de 6 anos, e Henrique, de 2 anos. Mas devido aos fluxos da pesquisa as entrevistas em profundidade foram feitas somente com as três primeiras mulheres.

Todas são praticantes da Umbanda, religião brasileira de traços africanos, que será tratada com maior atenção no subcapítulo “*A Umbanda é paz e amor, é um mundo cheio de luz*”: as especificidades da religião brasileira.

Apesar de a sociedade brasileira ser estruturalmente racista, como descrito nesta pesquisa a partir de um apanhado histórico que busca compreender como os conceitos escravagistas foram constitutivos da identidade nacional, este trabalho busca abordar o tema não somente pelo viés da dor e do sofrimento. Ao contrário, tenta contribuir para outra mirada sobre as mulheres negras e suas realidades, especialmente as participantes desta pesquisa, que mostraram que para além de representações midiáticas distorcidas e violentas, ou da falta de representatividade nos meios corporativos comerciais, a vida pulsa em muitos sentidos. Suas diversas estratégias coletivas de sobrevivência e autoafirmação demonstram a inteligência, inclusive emocional, que elas possuem para cuidar de si e dos seus, além da força para buscar, seja através do trabalho, do estudo ou da religião, seu espaço de destaque e conquistas.

Figura 1 – Esquema sinóptico da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

1.2 JUSTIFICATIVA

A questão racial no Brasil é um tema complexo e de extrema importância. Os dados do IBGE e do Atlas da Violência ajudam a perceber como o racismo atua em diversos níveis gerando morte, desemprego e exclusão, o que torna o debate sobre o tema urgente e necessário. Pelo viés acadêmico, nota-se, especialmente nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do sul do país, a ausência de um número expressivo de trabalhos sobre a temática e, conseqüentemente, pequena variedade de abordagens, fazendo com que os estudos existentes, em sua maioria, falem sobre representatividade, mas especialmente na televisão. Assim, essa pesquisa se torna pertinente seja em âmbito social, acadêmico, ou institucional, uma vez que a educação para as relações étnico-raciais integra o grupo de temas que fazem parte da Responsabilidade Social Universitária da Unisinos, universidade a qual esta pesquisa está vinculada.

Essa proposta de pesquisa também decorre de um cenário particular. Minha vivência em periferias da capital gaúcha sempre me proporcionou a convivência com pessoas de diversas etnias. Além disso, durante a infância, fui assídua frequentadora do terreiro de Umbanda que é um dos cenários deste trabalho. Alfabetizada na sonoridade marcante do *agê e do tambor*⁷, a misticidade e a beleza da cultura de raiz africana sempre me despertaram curiosidade e admiração. Além disso, durante minha caminhada na academia e na vida, as desigualdades e os preconceitos em relação à população negra ficaram cada vez mais evidentes. Por mais que as questões sociais devam ser tratadas por todas as pessoas, eu, uma mulher lida socialmente como branca, ciente de todos os privilégios que essa condição traz, peço licença à comunidade negra, especialmente às mulheres, para abordar um tema tão complexo e delicado.

1.2.1 O Estado da Arte

O trabalho de buscas em repositórios acadêmicos para encontrar pesquisas que dialogassem com a temática trazida nesta dissertação foi surpreendente. Sobre o “Estado da Arte”⁸, há cinco considerações principais a fazer e que ajudam a justificar a pertinência desta

⁷ Instrumentos utilizados durante as sessões de Umbanda. O agê é uma espécie de chocalho e o tambor também é conhecido por atabaque. Os instrumentos têm a função de chamar os caboclos para dar passes e aconselhamentos aos praticantes da Umbanda.

⁸ Nem todos os portais pesquisados apresentavam ao mesmo filtro, de modo que tentei utilizar os mais

pesquisa:

1º) O objetivo, para além de observar como o campo da Comunicação aborda o assunto (a construção da identidade negra e feminina), foi verificar como as outras áreas tratam questões relativas à raça, mulheres negras e suas religiosidades. Esse exercício foi muito interessante, pois acredito que se houvesse pesquisado apenas dentro da área da Comunicação teria a impressão de que quase não se fala sobre os temas em questão, enquanto que, em verdade, a área da Comunicação fala muito pouco sobre esses temas, e na maioria dos casos a abordagem é bastante midiática e pouco comunicacional: muitas vezes o enfoque é na representação que é feita das mulheres negras em algum produto específico, como uma página no *Facebook* ou alguma série.

2º) Há uma considerável produção das mais diferentes áreas do conhecimento sobre as questões raciais e religiosas. Há trabalhos da área da saúde, arquitetura, música, gastronomia, administração, sociologia, antropologia, entre outros. Analisando os dados⁹ coletados, é possível notar uma maior produção de trabalhos trazendo a temática das culturas afro a partir dos anos 2000, muito enfaticamente após 2010. Acredito que isso seja fruto da maior inserção de pessoas negras e de baixa renda nas universidades e, conseqüentemente, nos programas de Pós-Graduação, em decorrência das políticas de cotas e bolsas, como as do Programa Universidade para Todos. Ou seja: é possível inferir por meio dos dados que o fato de pessoas historicamente marginalizadas entrarem em espaços de poder e legitimação, como a academia, gera um maior número de trabalhos sobre temas igualmente marginalizados em espaços de poder, como os cultos afro-indígenas brasileiros.

3º) Durante a coleta de dados para o *Estado da Arte* encontrei um número que pode ser considerado baixo de trabalhos sobre as temáticas da cultura afro no Rio Grande do Sul. Isso, visto de forma superficial, pode levar a corroborar a falácia de que as culturas africanas, ou desenvolvidas a partir delas, não são expressivas no estado, de modo que as colonizações germânicas, italianas ou portuguesas são sempre lembradas, quase que com exclusividade, quando se fala na construção cultural e identitária gaúcha. Enquanto que, de acordo com dados do IBGE¹⁰, o estado é a unidade da federação que mais concentra adeptos da Umbanda, por exemplo.

semelhantes possíveis para manter a lógica da pesquisa. Utilizei filtros apenas quando os resultados passavam de 600 títulos encontrados. Todos os termos foram pesquisados entre aspas. Busquei apenas trabalhos de teses e dissertações, para tentar ter um melhor panorama sobre as temáticas trabalhadas na pós-graduação.

⁹ Os quadros completos encontram-se no apêndice A deste documento.

¹⁰ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>. Acesso em: 13 dez. 2019. Essa é a pesquisa mais atual feita pelo IBGE, uma vez que o Censo é feito a cada dez anos.

Tabela 1 – Tabela 137 do IBGE - População residente, por religião

Tabela 137 - População residente, por religião			
Variável - População residente (Pessoas)			
Ano – 2010			
Brasil e Unidade da Federação	Total	Religião	
			Umbanda
Brasil		190755799	407331
Rondônia		1562409	438
Acre		733559	31
Amazonas		3483985	820
Roraima		450479	105
Pará		7581051	3950
Amapá		669526	253
Tocantins		1383445	67
Maranhão		6574789	3706
Piauí		3118360	1564
Ceará		8452381	7158
Rio Grande do Norte		3168027	538
Paraíba		3766528	1088
Pernambuco		8796448	3985
Alagoas		3120494	375
Sergipe		2068017	1535
Bahia		14016906	6130
Minas Gerais		19597330	12804
Espírito Santo		3514952	2894
Rio de Janeiro		15989929	89626
São Paulo		41262199	103554
Paraná		10444526	7021
Santa Catarina		6248436	8959
Rio Grande do Sul		10693929	140315
Mato Grosso do Sul		2449024	2935
Mato Grosso		3035122	1272
Goiás		6003788	2878
Distrito Federal		2570160	3331

Fonte: Censo Demográfico do IBGE (2010)¹¹.

4º) Fica bastante evidente que nos diferentes estudos sobre as religiões afro-brasileiras em vários estados, as mulheres são, geralmente, o foco das atenções, as protagonistas. Chama a atenção, também, a quantidade de trabalhos que buscam comparar os rituais e as linguagens da Umbanda e da Igreja Universal do Reino de Deus, apontando semelhanças e diferenças.

¹¹ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>. Acesso em: 13 dez. 2019

Fato que as próprias sujeitas participantes desta pesquisa apontaram: “*Até porque a maioria dos pastores, aquela gente ali da Igreja, já foram batuqueiros*”. (informação verbal)¹², indicando, inclusive, aspectos que teriam sido copiados e ressignificados, como a *possessão*. Pertinente pontuar que diversos trabalhos têm como foco a questão da *incorporação*. Já quando o termo pesquisado é “Raça”, a intersecção entre *gênero* e *classe* é quase uma constante.

5º) Assim como quando se fala em gênero quase como sinônimo de feminino, a questão racial também é, muitas vezes, ligada automaticamente à negritude. Poucos trabalhos abordam a formação identitária das pessoas brancas, por exemplo. Acredito ser essa uma reflexão importante e que também atravessou a concepção deste trabalho. Depois de algumas leituras e de já estar mais imersa na questão racial, questionei-me: por que não estudar a *branquitude*? Dei-me conta de que quando comecei o trabalho, essa possibilidade não foi cogitada, pois, mesmo que muito mascarada em meu subjetivo, de certa forma ainda enxergava o branco como um padrão, uma espécie de lugar natural, não construído. Não conseguia, naquele tempo, ver com maior nitidez o branco como um *sujeito social e historicamente construído e racializado*. Obviamente, no decorrer da pesquisa fui entendendo melhor que essa era uma posição edificada dentro de uma estrutura de poder para manter uma dominação e que, sim, as pessoas brancas precisam se envolver nesse debate. Pensei em trocar de objeto de pesquisa, mas a riqueza da cultura umbandista, as importantes contribuições das *sujeitas comunicantes* sobre a problemática, e as poucas produções acadêmicas na área de comunicação (especialmente na Unisinos¹³) sobre o tema foram motivos para dar continuidade ao trabalho.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar e compreender como, de que modos e por quais vieses vão sendo construídas as identidades socioculturais de três mulheres praticantes da Umbanda na periferia de Porto Alegre, e como as mídias participam nesse processo.

¹² Registro do Diário de Campo de 22 de outubro de 2019.

¹³ Verificar apêndice A.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Contextualizar e refletir sobre os principais aspectos do processo histórico de constituição do racismo no Brasil, forjado na escravidão a partir de pesquisas sobre problemática produzida nas ciências humanas e sociais;
- Articular os conceitos de gênero e raça, bem como suas intersecções, no enquadramento demandado pelo problema/objeto;
- Compreender e descrever aspectos relevantes da Umbanda, para compreender o cenário cultural em que as mulheres participantes da pesquisa estão imersas;
- Compreender os principais aspectos do processo de formação das identidades do grupo de mulheres comunicantes que são coparticipantes da pesquisa;
- Mapear os hábitos midiáticos das participantes;
- Registrar e descrever como as participantes da pesquisa se apropriam dos dispositivos midiáticos;
- Compreender como acontece o processo de produção de significações sobre os conteúdos midiáticos pelas participantes da pesquisa;
- Identificar como as mídias perpassam o autoconhecimento e as cosmovisões das participantes da pesquisa e os impactos dessas significações no cotidiano dessas mulheres e na construção de uma cultura da negritude.

1.4 RACISMO À BRASILEIRA: COMO A ESCRAVIDÃO IMPACTOU A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE RAÇA NO PAÍS

Apesar de no Brasil não terem existido leis de segregação, como nos Estados Unidos e na África do Sul, a cultura brasileira ainda mantém traços forjados na época do Brasil Colônia. O racismo instaurado no país age, na maioria das vezes, de maneira silenciosa naturalizada, mas é devastador. Ele se infiltra nas instâncias mais íntimas da vida. Perpassa a estética e as formas de se relacionar, está impresso em oportunidades de trabalho e estudo e por vezes é minimizado e visto como algo imaginado. Essa estrutura, que fundamenta na cor da pele argumentos para tentar justificar preconceitos e manter o poder do grupo dominante, afeta a vida negros e não negros, cria padrões excludentes e reforça um dos principais mitos difundidos no país: a *meritocracia*. Por isso, acredito ser indispensável olhar para a história nacional e entender como esse arranjo foi construído e os motivos que levam à sua manutenção até os dias atuais.

Marca forte e renitente, a herança da escravidão condiciona até nossa cultura, e a nação se define a partir de uma linguagem pautada em cores sociais. Nós nos classificamos em tons e meio-tons, e até hoje sabemos que quem enriquece, quase sempre, embranquece, sendo o contrário também verdadeiro. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 15).

Desde a invasão europeia, a população brasileira, de modo geral, não se olha no próprio espelho¹⁴. Olha por cima dos ombros de uma outra nacionalidade, uma mais agradável aos olhos das elites, talvez, mais parecida esteticamente com aqueles que saquearam nossas riquezas. O que nos falta para, mesmo dentro de tanta heterogeneidade de costumes, traços e histórias, encontrar um lugar comum que abarque a todos que nascem neste berço esplêndido e possuem traços de uma identidade construída na fronteira de múltiplas culturas e realidades? Entender essa multiplicidade mutante como um caminho para a prosperidade, ao invés de tentar enquadrar comportamentos seria uma saída? Responder a essas perguntas com a devida complexidade exigiria outro trabalho de pesquisa, mas acredito que é possível afirmar que diminuir e tentar erradicar o preconceito racial seria um primeiro grande passo para a construção de uma nação mais acolhedora, e de uma brasilidade mais democrática. Como afirma Sodré (1999, p. 45): “A expressão ‘identidade nacional’ tem como referências subjacentes os traços distintivos estáveis ou permanentes pelos quais se reconhece a História de uma comunidade ou uma nação determinadas”. Trata-se de uma ficção construída, entendida e seguida por um grupo de pessoas que se identificam com os mesmos símbolos, sendo assim, possível criar ou escolher novas referências, signos e comportamentos, mas isso exigiria uma mudança estrutural, um esforço coletivo e, em relação à questão racial, o reconhecimento de privilégios que muitos acham que são direitos adquiridos.

Afinal, como a comunicação é capaz de influenciar as formas de ser e de agir, favorecendo sistemas desiguais de distribuição de bens (simbólicos ou não)? Muitas respostas poderiam ser dadas para esta questão, dificilmente alguma que fosse assertiva, uma vez que para responde-la é preciso lidar com a complexidade humana, como nos lembra Sodré (1999, p. 34):

Dizer identidade humana é um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela intersecção de sua história individual com a do grupo em que vive. Cada sujeito singular é parte de uma

¹⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/12/1941021-brasil-e-2-pais-com-menosnoacao-da-propria-realidade-aponta-pesquisa.shtml>. Acesso em: 4 jan. 2019.

continuidade histórico-social, afetado pela integração num contexto global de carências (naturais, psicossociais) e de relações com os outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um ‘si mesmo’, é sempre dada pelo reconhecimento de um ‘outro’, ou seja, a representação que o classifica socialmente.

Por isso, inicio essa reflexão pensando também a noção de *cidadania*, importante para articular as questões relacionadas ao estar em sociedade com os “outros”, e com suas identidades culturais; visto que, ambos os conceitos perpassam o sentimento de pertença e de coletividade. Adela Cortina, em seu livro *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania* (2005), oferece alguns pontos de partida para pensarmos a questão:

Diante da pergunta clássica, que continua aberta em nossos dias, ‘o que é uma vida digna de ser vivida?’, a resposta, a partir dessa perspectiva, seria a seguinte: a do cidadão que participa ativamente da legislação e da administração de uma boa polis deliberando junto com seus concidadãos sobre o que é para ela o justo e o injusto, porque todos eles são dotados de palavra e, em consequência, de sociabilidade. A sociabilidade é a capacidade de convivência, mas também de participar da construção de uma sociedade justa, na qual os cidadãos possam desenvolver suas qualidades e adquirir virtudes. Por isso, quem se restringe a seus assuntos privados acaba perdendo não só sua cidadania real, mas também sua humanidade. Não admira que a tradição liberal tenha assumido a deliberação como condição indispensável de uma vida política autêntica; nem tampouco que autores comunitários a considerem o meio adequado para gerar uma vontade comum a partir das preferências individuais. (CORTINA, 2005, p. 36).

Para tal participação, porém, o sentimento de pertença é fundamental, e é nesse sentido que acredito ser necessário realizarmos uma abordagem crítica e em consonância com a sociedade em que vivemos. Estamos em 2020 e as pessoas negras, pobres, homossexuais, travestis e tantos outros grupos que fogem ao padrão estereotipado de beleza, sucesso, e comportamento que nos é imposto pelo capitalismo selvagem hegemônico em que vivemos não possuem as mesmas oportunidades de participação. Seria inocente e até desrespeitoso com uma população que sofre preconceito, que é subjugada e morta¹⁵, dizer apenas que o sucesso de uma sociedade passa pelo amplo engajamento e trabalho coletivo (muito presentes nas comunidades afro descendentes), quando, em muitos casos, essas pessoas são excluídas da participação, sua voz não é escutada e sua historicidade é apagada. Precisamos, sim, nos esforçarmos para um bem comum, mas esse “comum” precisa ser de fato de todas e de todos,

¹⁵ De acordo com o Atlas da Violência, o número de negros e pardos assassinados em 2016 chegou à alarmante marca de 45.378 mortos. Segundo o documento Atlas da Violência 2018, em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16% contra 40,2%). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/> . Acesso em: 20 jul. 2018.

e respeitando as diferentes formas de vida e trajetórias que nos trouxeram até aqui enquanto sociedade.

Reconhecer e conseguir entrar em relação com as diferentes lutas, suas especificidades e intersecções é fundamental para pensar a trama social em que estamos inseridos, e talvez dessa forma conseguir, efetivamente, que todos se sintam pertencentes a uma grande comunidade e possam se esforçar para seu sucesso e manutenção. Além disso, entender que existem diferentes lutas leva à percepção das diferentes identidades culturais (ou vice-versa). A questão das identidades culturais perpassa uma trama complexa de conceitos, vivências e participações. Cabe salientar a complexidade das identidades marcadas por acontecimentos como a diáspora, quando os povos são expulsos ou sequestrados de suas comunidades (como aconteceu com o povo africano durante a escravização), ou as condições de vida no local são tão inóspitas que os indivíduos são forçados a buscar oportunidades em outras nações, e como acontece a inserção na nova comunidade. Esse “chegar” em uma nova cultura tem a ver com os signos que as pessoas incorporam, voluntária ou involuntariamente, em situações mais ou menos traumáticas durante todo o processo de diáspora. (HALL, 2003). Os vínculos de uma comunidade não se dão exclusivamente por uma questão geográfica. A cultura, vista como “[...] modos de abordagem ou de relacionamento com o real, caracterizado como um conjunto de mediações simbólicas (línguas, leis, regras, mitos, etc) entre sujeito e mundo [...]” (SODRÉ, 1999, p. 46), é uma produção humana e extrapola fronteiras, não pode ser definida exclusivamente pelo local em que habita, embora para muitas culturas a ligação com a terra seja sagrada. Em um contexto de diáspora, migração e interconexões cada vez mais fluidas e diretas, como o que vivemos atualmente, o conceito de comunidade pode ser ampliado para fora dos estados, para onde quer que esses vínculos existam e façam sentido para quem os pratica. Nessa discussão também não podemos deixar de observar o importante papel da economia e das tecnologias enquanto formas de atravessamento das culturas, como bem argumenta García Canclini (1998, p. 308):

As possibilidades de aproveitar as inovações tecnológicas e adequá-las às próprias necessidades produtivas e comunicacionais são desiguais nos países centrais- geradores de invenções, com altos investimentos para renovar suas indústrias, bens e serviços – e na América Latina, onde os investimentos estão congelados pelo peso da dívida e das políticas de austeridade, onde os cientistas trabalham com orçamentos ridículos ou têm que emigrar, o controle dos meios culturais mais modernos está altamente concentrado e depende muito da programação exógena.

As identidades, assim, passam a conter cada vez mais elementos de diversas partes do

globo, seja pelo consumo, seja pelas migrações e diásporas, ou por um movimento genuíno de busca por aprendizagens. As identidades fixas vão se liquefazendo e formando um novo suco cultural, com elementos diversos. O contato com o “outro”, aquele que vem de “fora” (no caso os que vêm de fora dos centros hegemônicos de poder), para muitos é problemático. Em tempos de instabilidade econômica e política, esse contato torna-se ainda mais sofrido, principalmente para quem está na condição de migrante.

O medo e o ódio pelos diferentes, sem esquecer de que para se ter uma noção de diferente é preciso ter uma noção do que se considera padrão, vêm de uma necessidade criada de pensar em proteção de um *status*, de um poder, do território, da economia, ou seja, de uma lógica *masculinista* de rivalidade e posse. Ora, se a cultura é algo vivo e está em constante mutação, por que não incorporar elementos que venham desse “fora”? No Brasil, pensar a questão racial é um exemplo dessa lógica: a estrutura social focada no branco como padrão estético, comportamental, religioso etc., expurga qualquer traço de outra realidade que não atenda a seus quesitos. Ao relacionar esse debate à luz dos pensamentos de Stuart Hall (2009), penso na necessidade política e social de pensar a cultura, cada vez mais, como diversas formas de ser e de viver, de cosmovisões e crenças. Além disso, é preciso também observar a potência e as subversões operadas cotidianamente pelos povos na sua luta, infelizmente ainda necessária, pela afirmação de seus valores. A luta contra os diversos tipos de preconceitos deve ser de todas as pessoas, sobretudo em nosso continente, como nos lembra Maldonado (2011, p. 1-2, grifo do autor): “Aquilo que o ‘*Ocidente*’ industrializado nega, na sua pretensão etnocêntrica e logocêntrica na América Latina contemporânea está abrindo brechas de liberdade cidadã complexa. (HOBBSAWM, 2011; 2007)”.

Seja pela tradição de onde vivem, seja pelo contato com múltiplas culturas, seja pela falta de apenas uma tradição “forte” nos grandes centros urbanos, os indivíduos são frutos culturais das muitas influências a que são submetidos voluntária ou involuntariamente. Atualmente, e cada vez mais, com as interconexões geradas pelo uso maciço da internet e das diversas redes sociais, as pessoas podem ter acesso a conteúdos e culturas de todo o planeta. Por isso, torna-se urgente e necessário um debate amplo e profundo sobre o papel das mídias e os impactos que elas trazem para a formação dos cidadãos e das sociedades. É preciso repensar o papel do jornalismo e suas práticas para que o exercício da profissão não perca seu viés crítico e social, e de fato atenda às necessidades de uma sociedade diversa e estratificada. Percebe-se, então, a necessidade de uma construção plural e inclusiva das narrativas midiáticas. Por isso, a extrema importância da escuta, para que as pessoas descrevam e narrem suas realidades de acordo com a sua ótica, marcada pela

sociedade na qual vivem. Com o exercício da *cidadania comunicativa* (aqui entendida como o direito ao acesso às diferentes formas de fazer comunicação, ao respeito pelas diferentes vozes e narrativas) facilitado pela configuração tecnológica atual, as barreiras entre “nós” e os “outros” podem ser quebradas de maneira gradual e consciente.

As relações sociais já não se limitam mais aos indivíduos que vivem no contexto desta ou daquela cultura, elas se apresentam cada vez mais como ‘desterritorializadas’, isto é, como realidades mundializadas. Contrariamente ao argumento antropológico que fixava a cultura em um lugar geograficamente definido, ou às premissas nacionais que enraizavam as pessoas no solo fixo de um território, temos agora um ‘desencaixe’ das relações sociais em nível planetário. A ideia de que toda cultura possua um centro, a tribo, a civilização ou a nação, delimitando fisicamente um entorno bem preciso é colocada em xeque. A modernidade-mundo atravessa as diversas formações legadas pela história, dos povos primitivos aos países industrializados. (ORTIZ, 1999, p. 79).

No pequeno apanhado histórico realizado a seguir, abordo alguns dos aspectos que considero importantes para entender como a escravização moldou relações sociais e raciais no país.

1.4.1 Os Engenhos e as Cores

Os primeiros viajantes europeus ao “encontrarem” os nativos da América os descreveram como pessoas sem leis, preguiçosas e sem vergonha. Todos esses adjetivos baseados em costumes e visões de mundo europeias (desde sempre tomando o branco como padrão). É notável que o processo de “invenção” do continente americano foi muito semelhante ao do Oriente, ainda que o segundo possua uma história mais antiga de contato com o “velho mundo”. Como aborda Said (1990, p. 13), “O Oriente era quase uma invenção europeia, e fora desde a antiguidade um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis”. Assim como o Oriente, a América era vista como lugar para aventuras, algo que deveria ser domesticado e que, ao mesmo tempo, servia de diversão e exercia encantamento. Essa visão de um paraíso exótico e selvagem fica evidente nos registros dos séculos XVI e XVII, como demonstrado na imagem abaixo, que expressa um misto de selvageria, sensualidade e exotismo, além de uma evidente separação entre o sagrado e o terreno, transparecendo a visão que os europeus tinham do continente:

Figura 2 – "América"



Nota: America, gravura colorida à mão, reproduzida no Grande Atlas de Johannes Blaeu, 1662.
 Fonte: Schwarcz e Starling (2015).

O fato de os dominadores não conhecerem as línguas e os costumes locais (seja no Oriente ou na América) fez com que enquadrassem os nativos fora de seus padrões, logo, sem fé ou lei. Os nativos eram caracterizados pela noção de “falta”. Os indígenas eram tratados, em geral, como “bons selvagens” ou como “feras sem alma”. O Brasil era, então, exaltado por sua natureza, mas sua gente não recebia as mesmas honrarias, e, por isso, foi escravizada e explorada de diversas formas por colonos e até por jesuítas.

Apenas 32 anos após a invasão, no litoral de São Vicente, (localidade da microrregião de Santos, atual estado de São Paulo) foi construído o primeiro engenho de açúcar no Brasil. Dava-se, assim, o pontapé inicial ao cultivo da monocultura que ajudou a traçar a história nacional e é a grande responsável pelo enorme fluxo de mão de obra escravizada sequestrada da África. Três anos depois, em 1535, começaram a funcionar em Pernambuco os primeiros engenhos do Nordeste. A grande demanda por mão de obra para o cultivo da cana já não era suprida pelos indígenas. Depois de muito extermínio, seja em confrontos armados ou por doenças, as companhias religiosas impunham cada vez mais entraves à utilização da mão de obra escravizada indígena. E, para a economia do açúcar continuar funcionando, era preciso muitos trabalhadores em uma rotina desumana de produção.

Real alicerce da sociedade, os escravizados chegaram a constituir, em regiões como o

Recôncavo, na Bahia, mais de 75% da população. Apesar de serem considerados uma “carga” valiosa, os escravizados recebiam a menor quantidade possível de comida e bebida durante as longas viagens transatlânticas. A alimentação, feita uma vez ao dia, era de baixa qualidade, assim como a pouca água que recebiam. O espaço em que viajavam era extremamente pequeno e sujo, o que gerava uma série de doenças. Além disso, há relatos de suicídio durante as viagens: ou se jogavam ao mar em qualquer oportunidade, ou deixavam de comer. Mesmo assim, durante os mais de 300 anos em que a escravidão reinou no Brasil, os navios negreiros nunca ficaram ociosos. Com o passar do tempo, a escravidão africana e o complexo da cana de açúcar pareciam inseparáveis.

Logo se ligou o branco dos senhores e o negro dos escravos a uma ‘evidência natural’: uma hierarquia dada pela natureza. A oposição diferente dos dois grupos passava a ser explicada não por motivos históricos, econômicos e políticos, mas pelas cores da cana e pelo suposto ‘natural’ de quanto mais branco, melhor. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 75).

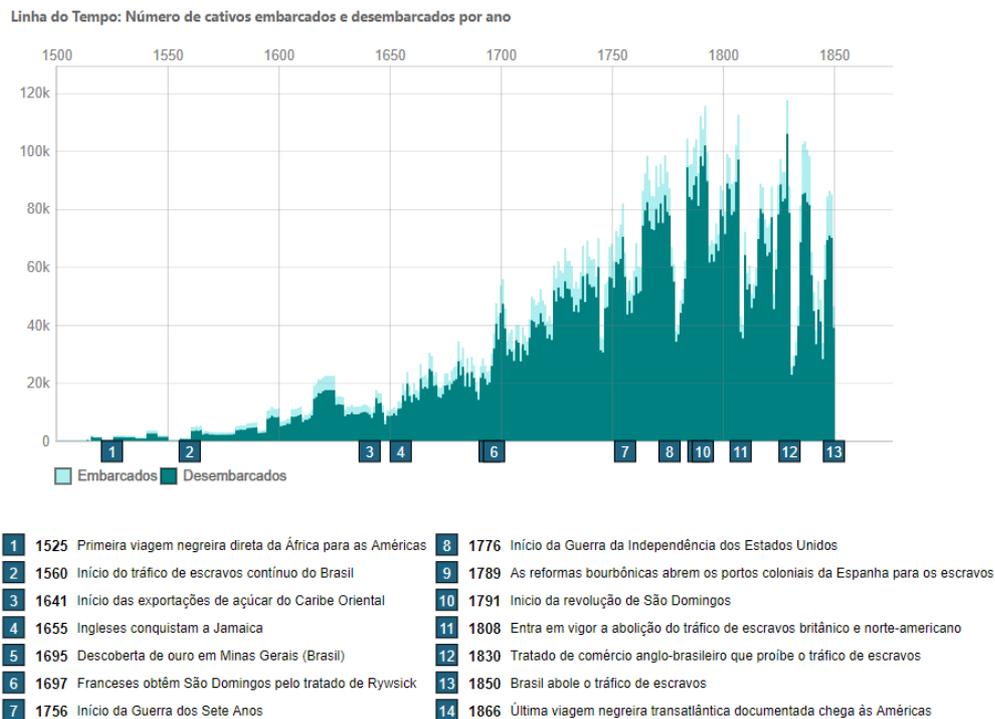
A monocultura exigia um grande contingente de trabalhadores que deveriam se submeter a uma rotina exaustiva. Porém, não era apenas nos engenhos que a exploração era absurda. O uso da mão de obra de escravizados era tão banalizado que cachaça e fumo eram considerados valiosas moedas de troca para o tráfico de pessoas. Não se pode deixar de mencionar a compra de mulheres negras com o principal objetivo de satisfação sexual e o fato de ainda hoje frases como “mulata tipo exportação”¹⁶ serem recorrentes no vocabulário nacional.

E, de tão disseminada, a instituição [o escravagismo] deixou de ser privilégio de grandes senhores de engenho. Padres, militares, funcionários públicos, artesãos, taberneiros, comerciantes, pequenos lavradores, pobres e remediados e até libertos possuíam escravos. Por essas e por outras que a escravidão foi mais que um sistema econômico: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor diferenças fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia estrita. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 96).

¹⁶ O termo “mulato” era cunhado pelas mulheres brancas para designar os filhos nascidos dos estupros cometidos nas mulheres escravizadas pelos senhores de escravos, pois as crianças, nem pretas, nem brancas, teriam a cor, pejorativamente falando, do animal mula.

De acordo com o Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico¹⁷, 5.092.498 pessoas escravizadas desembarcaram no Brasil entre 1500 e 1850 (ano da proibição do tráfico negreiro). Isso equivale a praticamente a metade de todos os escravizados desembarcados nas Américas no mesmo período.

Figura 3 – Número de cativos desembarcados por ano no Brasil



Fonte: SlaveVoyages (2019).¹⁸

Diversos povos, desde os gregos e romanos, utilizaram mão de obra escrava para os mais variados tipos de trabalho. Em nenhum dos casos, porém, ela era a base da economia. É perceptível, no Brasil escravocrata, a importância de afastar os escravizados de seus vínculos simbólicos de outrora. A humilhação era constante e o dialeto mais falado era a violência. Assim, tentou-se ao máximo arrancar os trabalhadores de suas origens, suas famílias, suas crenças e símbolos, para deixá-los menos articulados em comunidades e mais vulneráveis. Apesar de tudo,

Não se convertem homens em propriedades sem que eles mostrem sua capacidade de invenção e criatividade. Mais do que sobreviver, populações

¹⁷ Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

¹⁸ Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

africanas se fizeram locais perderam o caráter estrangeiro, driblando os rigores de um regime perverso e condicionado pela linguagem da violência. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 106).

Um exemplo disso é a religião, que desde o início da invasão do Brasil foi motivo de opressão. Os europeus estranhavam a falta da *sua* fé, a única válida, então, tanto nos nativos quanto nos escravizados sequestrados de África. Mas,

As práticas religiosas trazidas na bagagem foram por aqui alteradas, misturadas ao catolicismo e aos cultos populares. Diante das proibições sistemáticas feitas pela igreja católica, os africanos demonstraram muita habilidade em seus esforços de ocultar crenças sob um manto católico. As manifestações de fundo religioso mais importantes nas Américas foram o candomblé, o vodu e a santeria. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 86).

As violências físicas e simbólicas contra índios e pretos permearam a formação não somente do estado brasileiro, mas também do imaginário e da identidade nacional, que se desenvolveram e ainda perpetuam lógicas de exclusão baseados em conceitos escravagistas. O imaginário racista que alimenta simbolicamente nossa sociedade faz com que o preconceito se perpetue, quando, por exemplo, trabalhos manuais ou tidos como subalternos são frequentemente associados a labores de pessoas negras.

No Brasil colônia, quanto mais pessoas um senhor possuísse sob seu comando, maior seu *status* e influência. Mandar e ter dinheiro eram as chancelas necessárias para criar sua própria nobreza que, além de incluir a opressão, era marcada por forte exibicionismo de posses e vestes. E, assim, foi se estabelecendo no país uma sociedade patriarcal, racista e frívola.

1.4.2 Camélia: a Liberdade se Conquista

A guerra do Paraguai atrasou as discussões sobre o fim do trabalho escravo no Brasil, deixando ainda mais visível o abismo social e a marginalização dos escravizados. Diante da possibilidade de alforriar os cativos para inflar as frentes de batalha, ainda se discutiam questões financeiras e morais no sentido de alegar que os escravizados eram insubmissos, não sabiam o significado de pátria e família. (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Tais construções simbólicas acerca das identidades das negras e negros, livres ou cativos, deixa à mostra a construção de uma identidade nacional racista e exploradora.

Após o sangrento conflito na bacia do Rio Prata, as pautas acerca da liberdade para os trabalhadores pretos ganharam mais força, mas as mudanças aconteceram gradualmente. Em 1871 foi aprovada a Lei do Ventre Livre, que libertava os filhos de escravizados que nascessem após sua promulgação. (BRASIL, 1871). No entanto, as mães não eram libertadas, e as crianças permaneciam na atmosfera violenta a qual eram submetidas. A mentalidade das elites conservadoras brasileiras, tão soberbas e garantidoras dos direitos dos “cidadãos de bem”, tem suas raízes definidas há muito tempo:

De toda maneira, gradualismo, tutela, políticas de dependência e de controle fizeram parte dos anseios políticos do Estado, sobretudo quando se tratava de legislar sobre os libertos. Além do mais, difundiu-se a noção de que o estado e a sociedade tinham o direito a uma indenização pela perda do trabalhador. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 300).

A partir de 1880, o abolicionismo tomava as ruas, a imprensa e uma série de atividades culturais em um momento em que as medidas governamentais (como a lei dos sexagenários)¹⁹ não causavam muitos efeitos na opinião pública. As rebeliões de escravizados eram cada vez mais frequentes e articuladas, e aumentavam na mesma proporção das críticas ao sistema escravagista. Com isso, todo o complexo escravocrata se tornava ainda mais violento e os senhores mais exploradores. A atmosfera era insustentável. “Mas a indisciplina tornava-se coletiva e os crimes cada vez mais violentos, rompendo-se assim um dos tabus de uma sociedade escravista: o monopólio do castigo corporal e da violência por parte dos brancos.” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 308).

A camélia era uma flor ainda muito rara no Brasil e, diziam os abolicionistas, em sua fragilidade, assemelhava-se com a liberdade que os escravos ambicionavam conquistar: necessitava de cuidados e abrigo especial, além do manejo de técnicas complexas de cultivo que dependiam, é claro, do trabalhador livre, e não da mão de obra escrava, condenada a desaparecer por criminosa e obsoleta. *A abolição acontecia por conta própria*. Em 1888 foi assinada a Lei Áurea. Desde então, a escravidão não é mais legal no Brasil. (BRASIL, 1888).

Porém, o peso simbólico e social de centenas de anos de escravidão não é simplesmente apagado com a nova legislação. Pelo contrário, o peso do tempo segue desequilibrando a balança a favor dos opressores. Muita resistência e muitas conquistas decorreram e decorrem da inteligência e da força do povo negro, mas, socialmente, ainda

¹⁹ A Lei dos Sexagenários, também conhecida como Lei Saraiva-Cotegipe, ou Lei n.º 3.270, foi promulgada em 28 de setembro de 1885, garantindo liberdade aos escravos com 60 anos de idade ou mais, cabendo aos proprietários de escravos indenização.

vivemos em um meio que muitas vezes nega a humanidade aos não brancos. No século XIX, por exemplo, eram realizados estudos médicos que confirmavam a existência de uma teoria racista e que explicava os problemas sociais, como a violência, em função do formato do crânio. Pessoas de pele negra teriam um crânio diferente dos brancos e isso faria que tivessem propensões a atos degenerados. Esse pensamento gerou uma série de estereótipos e comportamentos racistas, que não levam em consideração as desigualdades sociais causadas pelo período escravagista.

Atualmente, percebe-se que a gramática da violência e do preconceito segue sendo ensinada e posta em prática. De acordo com o Atlas da Violência, em 2017, o número de homicídios de homens pretos foi de 46.217, enquanto o de homens não pretos foi de 13.187. Já os homicídios de mulheres negras chegaram à marca de 3.288, enquanto o de mulheres não negras foi de 1.544²⁰. Os dados sobre violência são apenas um dos aspectos que deixam evidentes o quanto vivemos em uma sociedade que não superou o sistema escravocrata sob qual se constituiu, seja em termos simbólicos, políticos ou econômicos. “Se na época da escravidão indivíduos negros trafegando soltos eram presos por ‘suspeita de escravos’, hoje são detidos com base em outras alegações que lhes devolvem sempre o mesmo passado e origem.” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 92).

A questão é estrutural e demonstra a necessidade de não somente romper com as lógicas racistas, mas também machistas que se perpetuam. Não por acaso, mas sim para manutenção de um projeto de poder e exploração que quer continuar usufruindo da riqueza gerada com sangue e suor das camadas mais desfavorecidas da sociedade, produzidas justamente por esse sistema.

1.4.3 Um recorte necessário: a Escravização nos Pampas

A região sul, historicamente, não recebeu tantos escravos quanto o Nordeste e o Sudeste do Brasil, uma vez que não foi berço de movimentos como a monocultura de cana no Nordeste, que demandavam grandes contingentes de escravizados. Porém,

A introdução do escravo no RS ocorreu a partir da primeira metade do século XVIII. Trabalhavam na agricultura, nas estâncias e, sobretudo a partir de 1780, na produção do charque, na região de Pelotas. Segundo Correa, os negros compunham cerca de 30% da população da Província em 1780, e 40%

²⁰Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series/3/violencia-por-raca-e-genero>. Acesso em: 22 jun. 2019.

do total em 1814. Nesta data, os negros perfazem cerca de 51% da população de Piratini e 60% de Pelotas (*ibidem*:65-66). Porém, com o início da chegada dos colonos alemães em 1824 e dos italianos em 1875, verifica-se um aumento da população branca e uma redução na porcentagem da população negra em território gaúcho. (ORO, 2002, p. 348, grifo do autor).

Ainda assim, as resistências, tal como em várias outras partes do país, aconteciam de diferentes modos, em grandes atos de fuga ou em pequenas insubordinações civis que demonstravam a intolerância ao contrato social de submissão e exploração que os escravizados não haviam assinado. Entre o final do século XVIII e início do XIX,

No Rio Grande do Sul, segundo Osório (2000) destacavam-se entre os mais afortunados, aqueles que eram comerciantes e que ao mesmo tempo atuavam nas charqueadas; os estancieiros que se dedicavam primordialmente, a agropecuária e os comerciantes lavradores que atuavam tanto na área rural quanto possuíam imóveis urbanos. Apesar de se dedicarem a atividades diferentes, suas fortunas eram constituídas, em grande parte, pela propriedade de escravos. Estes marcavam, inequivocadamente, a hierarquia social. (SILVA; SANTOS; CARNEIRO, 2010, p. 16).

Os cativos que chegavam ao Rio Grande do Sul desembarcavam, inicialmente, no Rio de Janeiro e, depois, eram deslocados para o porto de Rio Grande. Entre 1810 e 1825 houve um momento de aceleração neste fluxo, que coincide com a expansão econômica do estado. (SILVA; SANTOS; CARNEIRO, 2010, p. 18). A maioria dos cativos que vinham para o Rio Grande do Sul eram de Benguela e de Angola.

Mesmo após 1830, o comércio de escravizados permanecia na ilegalidade. Uma prova de que, em muitos casos e até hoje, as leis são parte importante para a mudança de paradigmas sociais, mas não funcionam de maneira isolada: é preciso criar contratos simbólicos entre os vários grupos dentro de uma sociedade.

Apesar de o fluxo de escravizados não ter sido tão grande como em outras regiões, o Rio Grande do Sul participou ativamente de uma *cultura escravagista* que reverbera ainda hoje na mentalidade de muitos e que colabora, juntamente com outros fatores, para a perpetuação de desigualdades sociais no Estado. No Sul, assim como em outros locais do país, os escravizados realizavam diversos tipos de trabalhos, desde pastoris e do cultivo da terra até postos em pequenas indústrias, além daqueles que eram deslocados ao trabalho doméstico. Os escravizados também estavam presentes nas cidades. Trabalhavam “ao ganho”, dando uma parte dos rendimentos para os senhores e eram até “alugados”.

O trabalho ao ganho em Porto Alegre, longe de proporcionar melhores condições de vida, era, essencialmente, uma forma de o senhor angariar maiores lucros na exploração do trabalho compulsório. Com ganhos insuficientes para prover as necessidades básicas, os escravos na cidade se viam impelidos a contrair dívidas com legistas (sic), a cometer roubos e furtos. Diante de suas péssimas condições de vida e de trabalho, restava a eles resistir ao cativoiro cometendo variados crimes contra a ordem pública, a propriedade ou contra os indivíduos. Na cidade os escravos estavam submetidos não apenas à repressão senhorial, mas a diversos mecanismos de controle, tais como a vigilância policial, as posturas municipais entre outras. (SILVA; SANTOS; CARNEIRO, 2010, p. 24).

Ao tratar a história do Rio Grande do Sul não se pode deixar de citar o episódio da “Guerra dos Farrapos”, considerado por muitos o principal feito estadual. O conflito que durou dez anos contou com muitos soldados pretos, que se juntavam às fileiras de batalha compulsoriamente atraídos pela possibilidade de fuga ou, ainda, de liberdade ao final do conflito. O que não aconteceu,

Apesar da alforria como mercadoria de troca, em nenhum momento a República Riograndense libertou seus cativos. [...] Diversas lideranças farrapas, anos após o final do conflito, ainda possuíam escravos, como foi o caso de Bento Gonçalves da Silva (1788-1847) que morreu deixando 53 cativos a seus herdeiros (BAKOS, 1985). (SILVA; SANTOS; CARNEIRO, 2010, p. 71).

Nesse episódio, é importante citar a controvérsia acerca do Massacre de Porongos, no qual muitos lanceiros²¹ foram dizimados e outros tantos recapturados pelas tropas imperiais. Alguns historiadores afirmam que essa parte da tropa teria sido emboscada pelos seus próprios superiores, uma vez que o império não aceitaria um tratado de paz que incluísse a liberdade dos pretos, tal era (e é) o racismo incrustado no imaginário nacional. Outros, no entanto, sustentam que o episódio foi realmente uma fatalidade do conflito. O fato é que o acontecimento é considerado o principal responsável pelo fim do conflito entre os estancieiros gaúchos e o Império. O tratado de Poncho Verde, que dá fim oficialmente ao confronto, foi assinado em março de 1845.

O importante é situar que a participação do negro na Guerra dos Farrapos e particularmente o Massacre de Porongos são episódios do passado que guardam profunda relação com o presente. O tema tem sido revivido por pesquisadores e movimentos sociais que buscam valorizar a contribuição histórica ao estado do Rio Grande do Sul. Neste sentido adquire importância

²¹ Grupo de negros para o qual foi prometida a liberdade caso lutassem “ao lado” dos estancieiros. Formavam as primeiras fileiras da frente de batalha. Ficaram conhecidos por sua coragem e bravura em batalhas.

ímpar, uma vez que se busca este reconhecimento justamente a partir do evento histórico considerado como um dos elementos fundamentais da gênese do gauchismo. (SILVA; SANTOS; CARNEIRO, 2010, p. 77).

Muitas representações da identidade gaúcha ainda hoje simplesmente ignoram a existência de negros. Um caso significativo e controverso é o painel de Aldo Locatelli exposto no salão “Negrinho do Pastoreio” do Palácio Pratin, que pretende demonstrar a formação étnica do estado, mas não representa uma única pessoa negra.

Figura 4 – A formação histórico-etnográfica do povo rio-grandense



Nota: Aldo Locatelli. A formação histórico-etnográfica do povo rio-grandense, mural em técnica mista, 25 m², 1951-1955 – Palácio Piratini, Porto Alegre, RS

Fonte: Weissheimer (2015).

O mito da democracia racial nos pampas (a imagem de peões livres cuidando das estâncias e uma ilusória ausência de pretos escravizados) ajudou a formar um imaginário onde o negro e suas contribuições sociais e culturais são simplesmente apagados. De acordo com dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)²², divulgada em 2017, na região Sul, 22,5% da população se auto declara preta ou parda.

²²Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Longe de ser uma parcela inexpressiva, as negras e os negros convivem diariamente com um racismo muitas vezes velado, mas sempre feroz por parte de quem não conhece a história ou finge não conhecer. Suas crenças, simbologias e conquistas são simplesmente diminuídas ou apagadas da história oficial. Dessa forma, as manifestações artísticas e culturais dos povos negros também foram silenciadas e marginalizadas. O carnaval de Porto Alegre é um dos grandes exemplos, uma vez que o sambódromo da capital foi construído em área distante do grande centro e de onde acontecem as demais festividades públicas, como o desfile Farroupilha. Visivelmente, é uma forma de marginalizar essa expressão cultural, assim como foi feito com as populações de origem negra que habitavam espaços privilegiados na cidade e foram levados por uma política higienista de urbanização para as bordas do município.

A partir do exposto acima, percebo que as identidades, esses conjuntos de atributos que performamos através dos signos e fundamentam-se na memória e no hábito (SODRÉ, 1999), fazem sermos quem somos. Elas são construtos aprendidos, muitas vezes, de acordo com o meio em que vivemos, mesmo que ele não seja determinante. Assim, podemos refletir sobre como e com quem aprendemos a ser quem somos, de onde vieram os nossos valores, como pensamos a estética e uma série de outras questões. A partir das relações familiares, das mídias e da comunidade em que vivemos, por exemplo, vamos construindo nosso quebra-cabeça identitário. Partindo dessas premissas, fica evidente o quanto no Brasil, em função da história colonial fortemente marcada pela violência escravocrata, a questão racial foi moldada de forma à construção e manutenção do *status* dos brancos sobre os não-brancos.

Assim, pensando a raça como uma construção individual e coletiva em um país estruturalmente racista, é possível tirar esse conceito somente do plano biológico para encontrá-la no mundo, em diversas coisas e fatos. Até hoje, mesmo que veladamente, temos na sociedade “comportamentos de brancos e comportamentos de negros”, ou “coisas de branco e coisas de negros” ou “lugares de brancos e lugares de negros” e isso se estenderia para uma lista quase infinita de empregos, vestimentas, músicas, bebidas etc. Ou seja, existe uma série de marcadores que imprimem no sujeito sua coloração social, que serve para manter a arquitetura que privilegia algumas pessoas e cria barreiras para outras. Desta forma, por mais que biologicamente esteja comprovado que não existem diferentes raças na humanidade, esse conceito ainda precisa ser trabalhado em âmbito social/cultural.

Ao pensar a questão racial, é preciso levar em conta que, para além da diferença da tonalidade das peles, a forma como os corpos pretos foram semiotizados pelos brancos ocidentais visou a dominação. Ao longo da história foi criada uma narrativa de superioridade

e “pureza” relacionada aos brancos e de não humanidade ligada aos não brancos, especialmente pretos e indígenas. Assim, a identidade branca, em primeiro lugar, é carregada de privilégios, pois aqui penso o *branco ocidental* como uma categoria que se fez “padrão” para todos os demais. A identidade branca aqui trazida não se trata de uma identidade pessoal ou de apenas um grupo de pessoas de determinado local, mas sim de um marcador que estrutura toda uma lógica de opressão, que se vê como superior relegando aos outros um papel sempre secundário, de bandido, de feroz, de não puro, enquanto o branco é exatamente o contrário, e, por isso, é “merecedor” de todas as benesses da vida ao mesmo em tempo que outorga a si mesmo os papéis de juiz e carrasco, de quem quer que seja que não atenda a seus padrões.

Talvez possamos concluir que uma boa maneira de se compreender melhor a branquitude e o processo de branqueamento é entender a projeção do branco sobre o negro, nascida do medo, cercada de silêncio, fiel guardião dos privilégios. O que se vê comprometido nesse processo é a própria capacidade de identificação com o próximo, criando-se, desse modo, as bases de uma intolerância generalizada contra tudo o que possa representar a diferença. Podemos levantar a hipótese de que, nas relações raciais hierarquizadas, o que ocorre é o oposto, e de certa forma similar, ao que ocorre no amor narcísico. O amor narcísico está relacionado com a identificação, tanto quanto o ódio narcísico com a desidentificação. O objeto do nosso amor narcísico é “nosso semelhante”, depositário do nosso lado bom. A escolha de objeto narcísica se faz a partir do modelo de si mesmo, ou melhor, de seu ego: ama-se o que se é, ou o que se foi, ou o que se gostaria de ser, ou mesmo a pessoa que foi parte de si. (BENTO, 2002, p. 20).

A partir dessa estruturação branca da sociedade, é possível afirmar que os funcionamentos racistas fundamentam não somente o Estado enquanto aparato organizacional, mas também estão entranhados na economia. “O ponto central em toda essa questão é que a cor, numa ordem social regida pelo paradigma branco-ocidental, constitui recurso simbólico importante na competição pelo emprego”, afirma Sodré (1999, p. 199). O racionalismo capitalista é universalizante: subjuga todos sob o paradigma ocidental, desrespeitando outras epistemes ao sufocar as diferenças. Para tentar causar alguma instabilidade nessa estrutura acachapante, o mínimo necessário é valorizar as variadas cosmovisões, refletir, falar e escrever sobre desigualdades sociais, extremamente ligadas às raciais e ao plano simbólico e reconhecer os privilégios advindos da branquitude das peles. Trabalhar para uma mudança política e social é um dos caminhos para não acabarmos homogeneizados sob o manto dos supostos avanços financeiros e tecnológicos, e ocos de sentidos que nos deem identidade ou, o que considero pior, plenos de uma identidade produzida em grande escala, que não respeita as

particularidades contextuais (de localidade, raça, classe, gênero e sexualidade, por exemplo), na tentativa de uniformizar modos de ser, sentir e agir.

Não é possível reduzir a discussão em relação ao campo simbólico como se ele fosse algo puramente abstrato. As desigualdades simbólicas têm um papel fundamental na criação e perpetuação das desigualdades financeiras e políticas, e ajudam a construir estereótipos de quem é considerado, por exemplo, culpado ou inocente, ou sobre quem deve ou não morrer pelas próprias mãos do Estado.

A questão econômica é um atravessamento importante na geração da desigualdade, mas como vários autores e autoras, militantes e diversas pessoas negras constataam diariamente, a raça “vem antes” da classe quando a questão é discriminação. Carneiro (2005, p. 29) explicita:

É nosso pressuposto que raça é um dos elementos estruturais de sociedades multirraciais de origem colonial. Os conceitos de apartheid social, a supremacia do conceito de classe social sobre os demais - como pretendem os pensadores de esquerda, herdeiros do materialismo histórico dialético – são conceitos que não alcançam, e, ao contrário, invisibilizam ou mascaram a contradição racial presente nas sociedades multirraciais, posto que nelas raça/cor/etnia e, em especial para o Brasil, são variáveis que impactam a própria estrutura de classes. Disso decorre que a essência do racismo, enquanto pseudo-ciência, foi buscar legitimar, no plano das idéias (sic), uma prática, e uma política, sobre os povos não-brancos e de produção de privilégios simbólicos e/ou materiais para a supremacia branca que o engendrou. São esses privilégios que determinam a permanência e reprodução do racismo enquanto instrumento de dominação, exploração e mais contemporaneamente, de exclusão social em detrimento de toda evidência científica que invalida qualquer sustentabilidade para o conceito de raça.

Assim, é importante pensar os múltiplos atravessamentos que constituem as identidades negras, que muitas vezes “somam” desvantagens sociais de todos os tipos. Ao mesmo tempo, a questão racial desponta como central nesse debate, pois toda a simbologia negativa que foi estruturada sobre o “ser negro” ou “ser negra” extrapola as questões econômicas, mas também as engendra. Assim como a publicação da Oxfan Brasil explicita:

No que diz respeito ao mercado de trabalho, houve um crescimento expressivo da participação dos negros com nível superior. Entretanto, quando se analisam os retornos do investimento em educação superior (considerando os rendimentos do trabalho), observa-se novamente que o aumento da escolaridade foi importante, mas não decisivo, para diminuir a desigualdade racial. Observando a inserção de brancos e negros com nível superior, notam-se diferenças nos estratos ocupacionais, com menor participação dos negros nos estratos mais altos, e entre os que possuem

qualificações e inserções semelhantes, há distorções salariais. Esses dados vão ao encontro da literatura sobre desigualdade racial, que demonstra a existência de uma forte rigidez social no Brasil, independentemente de raça/cor.

Ou seja, classe importa. Contudo, a rigidez social torna-se uma rigidez racial nas tentativas de aquisição ou manutenção de alto status, na menor chance de mobilidade, na maior desigualdade salarial entre os mais escolarizados, isto é, na competição social por espaços e posições de prestígio. Raça, portanto, é um critério que configura a estratificação, principalmente no acesso aos níveis mais altos de ensino, em processos de mobilidade social e nos retornos dos investimentos educacionais. (LIMA, 2019).

Fato que também é percebido cotidianamente por milhares de pessoas. Sodré (1999, p. 15) nos lembra que “A percepção da variedade vai além do mero registro da variedade das aparências, pois o olhar, ao mesmo tempo em que percebe, atribui um valor, e, claro, determinada orientação de conduta”. Ou seja, ao percebermos aquilo que denominamos como diferente, atribuímos valores de acordo com as nossas premissas anteriores. No Brasil, isso é latente em qualquer esquina: qual a sua reação ao ver um jovem negro encapuzado correndo?

Não há, portanto, uma ordem estável e substancial de constituição do sujeito, uma espécie de atribuição colada a um destino metafísico, mas uma dinâmica de interiorização de comportamentos, atitudes e costumes a partir de padrões significativos no ambiente familiar e social. A identificação é fator dinâmico de integração do indivíduo no grupo e de mobilização de suas pulsões, afetos escolhas. (SODRÉ, 1999, p. 40).

A arquitetura social é baseada no poder e na dominação, e a forma como as pessoas constroem suas identidades tem um papel importantíssimo para a manutenção ou não dessas camadas. Nesse sentido, o mito da “democracia racial” e a necessidade de embranquecimento são aspectos elucidativos de uma sociedade que tenta, a todo custo, valorizar um ideário branco ocidental como única epistemologia possível. Como bem afirma Gomes (2017, p. 78):

Observa-se que, quando o discurso sobre o negro é feito sob o prisma do racismo (traduzido por meio da democracia racial), as diferenças étnico-raciais que marcam a cultura a vida, os lugares de poder, as desigualdades são invisibilizadas por meio do apelo à miscigenação racial e à formação de um tipo “híbrido”, mais aceitável social e racialmente: o moreno (pele não tão ‘escura’ e cabelos anelados). É o ideal do corpo brasileiro mestiço, não como uma possibilidade de conformação social, cultural e étnico-racial brasileira, mas como superioridade; como corpo que se desloca do extremo ‘negro’ e caminha para o outro extremo ‘branco’ e nunca o contrário.

E corrobora Carneiro (2005, p. 64):

Argumentamos, ainda, em trabalho anterior (Carneiro, 2000)²⁴, que a miscigenação racial presente em nossa sociedade vem se prestando a diferentes usos políticos e ideológicos. Em primeiro lugar, a miscigenação vem dando suporte ao mito da democracia racial na medida em que o intercuro sexual entre brancos, indígenas e negros seria o principal indicativo de nossa tolerância racial, argumento que omite o estupro colonial praticado pelo colonizador em mulheres negras e indígenas, cuja extensão está sendo revelada pelas novas pesquisas genéticas.

Em segundo lugar, a miscigenação tem-se constituído num instrumento eficaz de embranquecimento do país, por meio da instituição de uma hierarquia cromática e de fenótipos que têm na base o negro retinto e no topo o “branco da terra” oferecendo, aos intermediários, o benefício simbólico de estarem mais próximos do ideal humano, o branco. Isso tem impactado particularmente os negros brasileiros, em função desse imaginário social que indica uma suposta melhor aceitação social dos mais claros em relação ao mais escuros, o que parece ser o fator explicativo da diversidade de expressões que pessoas negras, ou seus descendentes miscigenados, adotam para se auto definirem racialmente tais como: moreno escuro, moreno claro, moreno-jambo, marron-bombom, mulato, mestiço, caboclo, mameluco, cafuzos, ou seja, confusos, de tal maneira, que acabam todos agregados na categoria oficial do IBGE, pardo! Algo que ninguém consegue definir seja enquanto raça ou cor. Talvez o termo pardo preste-se apenas para agregar aqueles que, por terem a sua identidade étnica e racial destroçadas pelo racismo, a discriminação e pelo ônus simbólico que a negritude contém socialmente, não sabem mais o que são ou simplesmente não desejam ser o que são.

Em um país estruturalmente racista e com poucas políticas públicas de reparação para os danos incalculáveis causados durante séculos de escravidão, com escassas iniciativas de educação para as relações étnico-raciais, não fica difícil entender os motivos que levam a assimilação, muitas vezes inconsciente, dos padrões opressores, inclusive por pessoas negras. Mas há muita resistência e cada vez mais iniciativas de conscientização por parte de diversas organizações e pessoas. Jaci, a cacique de Umbanda entrevistada para este trabalho, é um exemplo dessa complexidade. Durante as entrevistas ela comenta sobre comportamentos racistas que ela mesma já teve, ao mesmo tempo em que sempre ensinou suas filhas a terem orgulho de serem exatamente como eram.

Nesse ponto reside um aspecto importante: a questão geracional, e o quanto a convivência com as mais novas foi engendrando novos entendimentos. Aqui é importante, para complexificar o debate, realizar um aprofundamento na história de vida dessa mulher, extremamente importante para a presente investigação, mas que também é exemplar do que acontece com inúmeras “Jacis” Brasil à fora.

Nascida no interior de Encruzilhada do Sul, cidade gaúcha que fica a cerca de 170 km da capital, ela começou a trabalhar ainda muito cedo, entre os 7 e 8 anos de idade, em uma mina de carvão, junto aos pais e 8 irmãos “*A gente vivia da agricultura, meu pai trabalhava*

na mina de minério, estanho, eu trabalhava na mina, era inverno, verão, sol, chuva e eu junto com eles trabalhando. Trabalho pesado. A gente trabalhava um pouco na mineração e um pouco na agricultura”, (informação verbal)²³. Por volta dos 17 anos, mudou-se para Porto Alegre para trabalhar em casa de família, o pior lugar em que já trabalhou²⁴. Seus relatos sobre esse episódio reforçam o pensamento de que a estrutura social vigente ainda funciona nas mesmas lógicas escravocratas da época colonial: exploração do trabalho, sem hora determinada de descanso, sem reconhecimento. Tudo isso de forma naturalizada.

Depois de mais seis anos, casou-se com o pai de seus filhos, Jorge, e começou a trabalhar em outras empresas, como uma gráfica e uma distribuidora da marca Coca-Cola. Como esperar que uma pessoa que pode estudar apenas até a 5ª série, e teve uma vida como a brevemente relatada acima, não tivesse marcas do preconceito estrutural de uma sociedade racista? Não se trata de ter pena, muito pelo contrário, mas de reconhecer que, sim, os estereótipos de beleza, sucesso, bom e ruim são ensinados de acordo com os costumes sociais vigentes, no caso, de exaltação do ser branco e tudo o que ele representa. Kethlin²⁵ faz uma interessante reflexão sobre esse caso:

*Graças a Deus hoje ela reconhece que foi a questão de uma intervenção branca na vida dela. Aquela coisa de “tem que alisar o cabelo, não pode deixar cacheado porque é feio, porque isso, porque aquilo”, então, essas frases dela sempre foram intervenção de outras pessoas brancas, até da sociedade mesmo. (informação verbal).*²⁶

Apesar dessa intervenção, é notável o poder de reflexão crítica de Jaci, assim como sua inteligência emocional, suas sabedorias ancestrais e contemporâneas construídas durante sua trajetória, que fizeram possível configurar um núcleo de valores e cultura solidária forte na família e nos membros do terreiro para lidar com o racismo em relação à sua família, tanto que o tema é bastante presente no discurso de Kellen sobre a sua infância, como é possível verificar no trecho abaixo:

O meu pai não sofria racismo porque, tu lembra, né? Ele é da cor do Michel, então, no Brasil é difícil a pessoa que não tem a pele escura sofrer. A mãe abordava [a questão racial] sempre que ela tinha oportunidade. Sempre que eu relatava pra ela, por exemplo, uma vez a professora me tirou da mesa e me botou

²³ Registro do Diário de Campo de 27 de setembro de 2019.

²⁴ O relato completo sobre sua experiência em “casa de família” está no apêndice C deste documento.

²⁵ A própria Jaci fala sobre essa questão, conforme entrevista que está no Apêndice F.

²⁶ Registro do Diário de Campo de 1º de outubro de 2019.

a comer sozinha numa pedra, professora Nara, ali no Júlio Bruneli, e eu não entendi por que. Pensei ‘não tô fazendo nada de errado, por que será que isso aconteceu?’ A minha mãe entendeu aquilo como racismo e foi pra cima dela e falou pra mim ‘tu nunca mais deixa ela fazer isso contigo e se ela fizer tu me fala porque eu fui perguntar pra ela o que tu tava fazendo e ela não soube me dizer porque te tirou da mesa e colocou separada das outras crianças’, e a mãe, no linguajar dela, que era bem popular, ela sempre diz ‘não é porque tu é preta que tu tem que te rebaixar; não é porque tu é preta que tu é menos que os outros; a gente tem valor igual todo mundo’, ela sempre falou isso pra mim.(informação verbal).²⁷

Já para Kethlin, que se considera parda, a questão racial pode ser tão complexa quanto para sua mãe e avó, principalmente por perder direitos por ser considerada branca em algumas situações (como no parecer realizado na sua tentativa de ingressar por cotas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul), mas ao mesmo tempo não ser lida como branca em um espaço de poder e legitimação, como nas aulas que frequenta na UNISINOS, em Porto Alegre, localizada em uma região de classes altas da cidade.

É uma coisa que eles não conseguem definir e eu acho que me dei conta mesmo quando eu ingressei para a faculdade que foi quando eu tive o meu acesso negado porque me disseram que eu não era parda e que eu não era negra, que eu era branca, e que eu não podia entrar pelas cotas raciais [...]. Então, eu comecei a me dar conta ali. Eu fiquei me perguntando ‘por que eu sou branca se a minha mãe é negra, se a minha vó é negra, se o meu pai é índio, não é nem branco, por que eu sou branca?’. Aí eu comecei a ficar um pouco depressiva com essa história. Eu não conseguia me colocar nas palavras. Quando eu ia ter um lugar de fala eu pensava ‘bah, será que é meu lugar de fala?’ porque a universidade falou que eu sou branca. Mas aí depois com livros, em função da informação mesmo, eu vi que isso era uma questão que a sociedade tentava te colocar porque hoje em dia as pessoas querem que todo mundo seja branco. É a branquitude acima de tudo. Se tu não tem a pele escura, eles querem que tu seja branco, porque é mais bonito que tu seja branco. Então isso vai muito da questão de como as pessoas querem que tu seja.

Eu pensei que não se trata de mim, do que eu me sinto, e sim do que as pessoas querem que eu seja. (informação verbal).²⁸

O ponto trazido por Kethlin é extremamente importante para pensar a questão racial no Brasil e refletir sobre como as instituições podem ser burocráticas e racistas. No caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o edital para ingresso em 2020 traz a seguinte orientação:

²⁷ Registro do Diário de Campo de 6 de novembro de 2019.

²⁸ Registro do Diário de Campo de 17 de outubro de 2019.

PARA AUTODECLARADOS PRETOS OU PARDOS, PERTENCENTES À POPULAÇÃO NEGRA, EM CONSONÂNCIA COM O ESTABELECIDO NO ART. 1º, IV DA LEI Nº 12.288/2010: preencher, integralmente todos os campos, no Portal do Candidato, do formulário de Autodeclaração étnico-racial. Adicionalmente, outra Autodeclaração étnico-racial deverá ser preenchida e assinada PRESENCIALMENTE perante a Comissão Permanente de Verificação da Autodeclaração Étnico-Racial, que fará verificação fenotípica do candidato, conforme o art. 7º, §1º e art. 7º-B da Decisão nº 268/2012, alterada pela Decisão nº 212/2017, ambas do CONSUN; (UFRGS, 2019, p. 20).

O que faz pensar sobre a pertinência da autodeclaração se uma comissão irá dizer se uma pessoa é realmente o que ela sente ser. Não tenho a pretensão de oferecer soluções a esse complexo debate, mas é importante salientarmos as falhas no sistema e apontar como essa forma verticalizada de dizer o que uma pessoa é ou não pode causar traumas e desestabilizações e, inclusive (apesar de ter sido o caso em questão), levar uma pessoa a se desvincular de uma identidade. Cabe ainda, destacarmos a importância das ações afirmativas, que tentam oferecer alguma oportunidade de compensação histórica, uma vez que no Brasil os escravos foram “libertos” em lei, mas sabe-se que muitos continuaram em situação de escravização, pois na época não houve nenhuma tentativa de reparar os séculos de exploração. A história deixa evidente que a assinatura da Lei Áurea não foi um ato de boa vontade humanista, mas sim uma necessidade dentro de um sistema que já desmoronava sozinho. A lei 12.711/2012, que regulamenta as cotas no Brasil, começou a ser aplicada em 2013, ou seja, 125 anos após a dita “liberação” e têm se mostrado importante ferramenta para democratizar a educação e diversificar o ensino superior. De acordo com o site da Agência Brasil

A chance de ter um diploma de graduação aumentou quase quatro vezes para a população negra nas últimas décadas no Brasil. Depois de mais de 15 anos desde as primeiras experiências de ações afirmativas no ensino superior, o percentual de pretos e pardos que concluíram a graduação cresceu de 2,2%, em 2000, para 9,3% em 2017. (BRITO, 2018).

Os dados evidenciam: as cotas são necessárias e mesmo que aos poucos estão oportunizando o acesso de pessoas historicamente discriminadas ao ensino superior. Mas para que ofereçam melhores resultados, é possível perceber pelo relato de Kethlin, a necessidade de reformulações nas formas de avaliação para admissão. Além, é claro, de formações sobre relações étnico-raciais dentro das instituições, uma vez que, em uma sociedade estruturalmente racista:

Observa-se que, quando o discurso sobre o negro é feito sob o prisma do racismo (traduzido por meio da democracia racial), as diferenças étnico-raciais que marcam a cultura a vida, os lugares de poder, as desigualdades são invisibilizadas por meio do apelo à miscigenação racial e à formação de um tipo “híbrido”, mais aceitável social e racialmente: o moreno (pele não tão “escura” e cabelos anelados). É o ideal do corpo brasileiro mestiço, não como uma possibilidade de conformação social, cultural e étnico-racial brasileira, mas como superioridade; como corpo que se desloca do extremo “negro” e caminha para o outro extremo ‘branco’ e nunca o contrário. (GOMES, 2017, p. 78).

Henry Louis Gates Jr., autor negro estadunidense que veio ao Brasil justamente para tentar entender a questão racial no país, passou pela mesma situação. Em seu livro “Os negros na América Latina” ele escreve, na página 64: “E logo descobri que minha cor estava aos olhos de quem me via”. Em seguida, ele narra uma experiência na qual pedia para as pessoas falarem de que cor ele era. Para sua surpresa, inúmeras palavras, de “pardo” a “cafuzo” construíam o repertório a seu respeito. “Não pude deixar de notar que as pessoas que se identificavam a si mesmas e a mim como negros faziam-no com uma certa atitude de desafio, ou como se desculpando”. (GATES JR., 2014, p. 65).

Essa visão de mestiçagem, como uma corrida em direção ao branco, seja fenotipicamente ou comportamental, por muito tempo alimentou (e a realidade vivida permite perceber que ainda alimenta) políticas de estado, que, de acordo com Gates Jr. (2014), incentivaram a imigração de mais de 5,4 milhões de europeus e de habitantes do Oriente Médio, entre 1872 e 1975.

A elite reagiu muitíssimo mal ao fim da escravidão” ela [Wlalmira Albuquerque, historiadora que leciona na Universidade Federal da Bahia] respondeu. “O que mais incomodava era como lidar com a grande população de cor. Muitos ministros acreditavam que, se o Brasil quisesse se tornar um país civilizado, teria que passar por um processo de branqueamento. O governo investiu muito na imigração européia para cá. (GATES JR., 2014, p. 67).

Esse grande contingente de brancos, além de servir como mão de obra, erradicar os traços negros da população, bem como sua herança e africanidade, considerados inferiores e responsáveis por atos “degenerados”, excluía e invisibilizava todo o conhecimento e toda a força das populações negras. Como argumenta Domingues (2002, p. 1, grifo do autor)

No pós-abolição este fenômeno [o branqueamento] era retratado como um processo irreversível no país. Pelas estimativas mais “confiáveis”, o tempo

necessário para a extinção do negro em terra *brasilis* oscilava entre 50 a 200 anos. Essas previsões eram difundidas, inclusive, nos documentos oficiais do governo, como, por exemplo, no censo de 1920, materializado no texto de apresentação de Oliveira Vianna (1922). Este texto é uma prova cabal de que o governo era avalista do projeto de branqueamento.

Uma história real e que ajuda a exemplificar essa questão é a de Chica da Silva, uma escravizada, personagem que ganhou filmes e telenovelas por sua incrível ascensão social. De acordo com Gates Jr. (2014, p. 58) “Chica da Silva era negra, mas sua conquista de poder na comunidade foi parte de um esforço consciente de branqueamento. ‘Ela agia como se fosse uma branca’, disse a professora. ‘Vestia-se como branca. Foi sepultada na igreja dos brancos’”. Não se trata de julgar as escolhas de Chica, uma vez que essa era a única forma de ascender socialmente naquele momento histórico. A questão aqui é refletir até quando nós, enquanto sociedade, continuaremos a acreditar em uma suposta democracia racial, uma suposta meritocracia, negando ou suavizando todo o sangrento processo histórico de constituição deste país.

Se o Brasil mostrar sua cara, que cor ela terá?

1.5 SOBRE GÊNERO

Ao falar de gênero falamos, inevitavelmente, sobre poder, saber, hierarquias e opressão. Falamos, também, sobre conceitos e imagens de feminilidade e masculinidade criados por um centro de poder, no qual habita o masculino, o branco, o ocidental e o burguês. A própria concepção de mulher foi criada arbitrariamente por homens, a partir de si mesmos, do que *eles* consideravam atraente, belo e correto.

Estar ciente das muitas diversidades possíveis ajuda a lembrar que o ideal de sucesso e beleza, por exemplo, habita em padrões inatingíveis, e é esse mesmo o seu papel. Ser inacessível, para que vidas e mais vidas sejam vividas em busca de algo que jamais será alcançado. Dessa forma, as pessoas consomem cada vez mais para, assim, quem sabe, ter a ilusão de estar mais próximo do centro de poder. Essa lógica cruel submete os indivíduos em nomenclaturas, modos de ser e pertencer que foram forjados antes mesmo do nascimento. Expectativas pesadas que, em muitos casos sem perceber, limitam as pessoas, as formatam em uma vida já traçada pelos outros. Um forte submetimento criado antes mesmo do nascimento é o próprio gênero – o que será ensinado e vivido é traçado a partir da descoberta do sexo do bebê. No entanto, sexo não está diretamente relacionado a gênero.

Ao discutir a questão de gênero é preciso ir além da biologia. Não se pode questionar que os sexos se diferem na constituição social. As mulheres amamentam e dão à luz e isso tem importantes consequências na vida social. Uma questão central ao debate é o motivo pelo qual as atividades desenvolvidas por mulheres são tidas como inferiores em relação às atividades desenvolvidas por homens, e não as atividades em si. É necessário pensar como as construções sociais de gênero foram articuladas em função dessas diferenças para gerar opressão e desigualdades.

Joan Scott (1995, p. 78) traz um aspecto interessante sobre essa questão:

Uma teoria que se baseia na variável única da diferença física é problemática para os/as historiadores: ela pressupõe um significado permanente ou inerente para o corpo humano – fora de uma construção social ou cultural - e, em consequência a a-historicidade do próprio gênero.

A concepção de gênero, como tantas outras, é mutável e repleta de significações sociais, que podem ser percebidas de modos diferentes por pessoas ou grupos diversos. De qualquer modo, é preciso refletir sobre o sistema sexo/gênero enquanto aparato social sistemático que forma uma matéria-prima (o sexo/a fêmea) transformando-a em um produto (o gênero/a mulher domesticada).

O termo mulher não denota uma identidade única: são inúmeras lutas, vivências e especificidades além da trama complexa de gênero, raça e classe, por exemplo. Ou seja, fazem parte da constituição das identidades pessoais e de grupo. As noções de classe, gênero e raça são diferentes em cada lugar; logo, não podemos perceber as classes em todos os lugares de forma igual. As vulnerabilidades podem ser parecidas, mas as lutas são diferentes.

É preciso lembrar que os papéis atribuídos às mulheres são diferentes de acordo com a cor de sua pele, por exemplo, enquanto as mulheres brancas lutavam por direito ao voto, muitas mulheres negras ainda eram escravizadas (inclusive por outras mulheres). Enquanto mulheres brancas queriam conquistar o direito legítimo de trabalhar fora de casa, quantas mulheres negras já haviam perdido a vida trabalhando forçosamente em lavouras? Até hoje, quando muitas mulheres brancas saem de casa para trabalhar, geralmente são as mulheres negras e periféricas que cuidam de seus filhos, enquanto as crianças negras e periféricas permanecem, muitas vezes, sozinhas. Enquanto para muitas mulheres brancas mostrar o corpo é uma questão de subversão aos paradigmas sociais impostos, para muitas mulheres negras não mostrar o corpo é uma questão de resistência, uma vez que seus corpos foram historicamente construídos como bens de outras pessoas. No Brasil escravagista,

Seu corpo [das mulheres negras] não era apropriado apenas como produtor de riqueza, mas também como instrumento de prazer, gozo e culpa no caso dos proprietários, e de ódio, por conta do ciúme das senhoras. Aqui apreço pintada, e com tintas fortes, a sexualidade exercida na intimidade da alcova escravista: o autoritarismo senhoral aí se encontrava com a ‘aparente’ passividade da mulher escravizada, a qual era antes uma rendição apavorada. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 93).

Como nos traz Scott (1995), o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos. Por isso, importa compreender que representações simbólicas são invocadas, como e em quais contextos. Nesse sentido, uma luta feminista não pode se “[...] limitar a inverter as posições, mas em vez disso, supõe aproveitar o deslocamento para demonstrar o caráter construído do centro – e também das margens!”. (LOURO, 2003, p. 43). O que torna uma diferença em desigualdade são os significados culturais que damos a essas diferenças, por isso é importante observarmos os contextos. Por atender para os cruzamentos dos diversos contextos sociais, a perspectiva interseccional, muito pautada pelo feminismo negro, se mostra como uma lente sensível e potente para observarmos as desigualdades e entendermos um pouco melhor a construção da identidade feminina negra.

Percebo, especificamente a partir da obra *Interseccionalidade* de Carla Akotirene, a identidade “mulher negra” formada por um conjunto de muitas camadas, que não se sobrepõem, mas se entrelaçam. As tramas dessa identidade, forjadas no Brasil à base da história escravocrata, remonta a épocas muito mais distantes: vêm de uma epistemologia ancestral. Ser mulher negra na África, antes dos sequestros massivos, significava uma coisa. Outra é ser mulher no “Novo Mundo”, em uma sociedade completamente distinta e que não se escolheu viver. As marcas desse sistema ainda condicionam a formação das identidades e a discussão sobre raça deve ocupar, de acordo com esta pensadora, um espaço articulador dos debates quando se fala na categoria “mulher negra”.

Pelas diversas questões socio históricas construídas no período escravocrata e que ainda influenciam a construção das identidades que:

A interseccionalidade visa dar instrumentabilidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019. p. 19).

Logo, de acordo com o pensamento de Akotirene (2019), não há como separar raça e

gênero em uma análise quando se fala em mulher negra. Essa identidade é construída com base em violências múltiplas, mas também de inteligência e ousadia. Assim como Sojourner Truth, nascida escravizada em Nova Iorque, proferiu em discurso em 1851:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher?. (TRUTH, 2014).

Percebe-se, então, que as construções das identidades femininas são feitas socialmente de modos diferentes para brancas e negras, prevendo comportamentos e destinos diferentes de acordo com a cor da pele.

Já estabelecendo o diálogo teórico entre o pensamento interseccional de Audre Lorde e Achille Mbembe, enquanto as mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pelas necropolíticas que confessional e militarmente matam e deixam morrer, contrariando o discurso cristão elitista-branco de valorização da vida e contra o aborto - que é um direito reprodutivo. (AKOTIRENE, 2019, p. 22).

Apesar das muitas barreiras e dos racismos (não vivenciados pelas feministas brancas) e dos machismos estruturais, as mulheres negras articulam diversas estratégias de superação. O senso de irmandade atravessa o pensamento interseccional feminista negro que reconhece, também nas religiosidades de matriz negro-africana, um espaço de resistência:

Na diáspora africana brasileira, o prestígio político das grandes mães funciona estritamente nos terreiros de Candomblé, espaço de resistência negra restaurada por laços de afeto, família e hierarquia, no qual uma ialorixá carrega os valores ancestrais e culturais torneados de África. A mulher torna-se mãe dentro da relação com a ancestralidade, não-nuclear, podendo ser matrilinear, em que filhos independem dos laços sanguíneos e do estado civil. Significa então dizer que não somente homens adultos podem gozar de prestígios oportunizados pela antiguidade e postos na família não-nuclear e não-heteronormativa. (AKOTIRENE, 2019, p. 84).

Podemos refletir, então, que o gênero é uma categoria descritiva, analítica e epistemológica perpassada de todas as formas pelo conceito de poder. Gênero também diz respeito a uma forma de conhecer e de produzir conhecimento sobre o mundo. Todas as coisas do mundo possuem um valor relativo ao gênero. No sentido simbólico, gênero pode ser uma forma de nomear os indivíduos e também uma forma de hierarquizar e oprimir as pessoas.

2 AS RELIGIOSIDADES DE MATRIZ NEGRO-AFRICANA NO RIO GRANDE DO SUL

O sagrado e a cultura lógica humana – criada para afastar o homem do caos primordial da criação (CAMARGO, 2019) – são dois sistemas diferentes que sozinhos dificilmente entram em contato, pois raramente possuem zonas de fronteira permeáveis. Para Geertz (2013, p. 67),

Portanto, sem mais cerimônias, uma religião é: (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

A questão dos sagrados africanos remonta a um passado muito distante, muito antes dos primeiros contatos com os europeus. Trata-se de um assunto riquíssimo, mas é preciso ter cuidado com absolutismos. Quando abordamos questões religiosas, mesmo dentro de um espectro, como no caso da matriz negro-africana, é preciso levar em consideração o fato de que de acordo com cada região do país, casa, pai ou mãe de santo, os rituais podem passar por traduções e algumas ressignificações, apesar dos contornos permanecerem os mesmos.

A própria mitologia africana tem lendas diversas para cada um de seus orixás e para a criação do mundo e dos homens. Afinal, “[...] A cultura é dinâmica e o processo de criação de significados é permanente, os rituais e crenças se ressignificam constantemente tanto no continente quanto na sua diáspora”, corroboram Schwarcz e Starling (2015, p. 136).

Com isso estamos querendo chamar a atenção para o fato de que a compreensão da religiosidade afro-brasileira tradicional exige um conhecimento mais amplo da história e da cultura africana e do que representava nela o culto do sagrado (SILVA; SANTOS; CARNEIRO, 2010, p. 138).

Nesse sentido, abordarei algumas linhas gerais para contextualização da constelação de signos que atravessa a realidade das sujeitas coprodutoras desta pesquisa. Centro, deste modo, as atenções especialmente para a Umbanda, mas também falo de Batuque, duas religiões que permeiam a formação das identidades culturais das sujeitas comunicantes.

As religiões de matriz negro-africana trazem diversos aspectos interessantes do ponto de vista social. No panteão de divindades dessas religiões, o masculino e o feminino

convivem de maneira por vezes turbulenta, mas mais igualitária do que no Cristianismo, por exemplo. Digo isso no sentido de que ambos têm poderes e não dependem um do outro para realizar seus feitos. Além disso, a personalidade forte das divindades mostra uma faceta humana que gera identificação. Diversos mitos sobre as orixás, por exemplo, falam sobre essa relação, repleta de estratégias de insubordinação e autoafirmação. São histórias que envolvem poder, ciúmes, amor e uma série de sentimentos, como podemos ver abaixo:

Oxum faz as mulheres estéreis em represália aos homens
 Logo que o mundo foi criado
 Todos os orixás vieram para a Terra
 E começaram a tomar decisões e dividir encargos entre eles,
 Em concilábulo nos quais somente os homens podiam participar.
 Oxum não se conformava com essa situação.
 Ressentida pela exclusão, ela vingou-se dos orixás masculinos.
 Condenou todas as mulheres à esterilidade,
 De sorte que qualquer iniciativa masculina
 No sentido da fertilidade era fadada ao fracasso.
 Por isso, os homens foram consultar Olodumare.
 Estavam muito alarmados e não sabiam o que fazer
 Sem filhos para criar e nem herdeiros para deixar suas posses
 Sem novos braços para criar novas riquezas e fazer guerras
 E sem descendentes para não deixar morrer suas memórias
 Olodumare soube, então, que Oxum fora excluída das reuniões.
 Ele aconselhou os orixás a convidá-la, e às outras mulheres,
 Pois sem Oxum e seu poder sobre a fertilidade
 Nada poderia ir adiante.
 Os orixás seguiram os sábios conselhos de Olodumare
 E assim suas iniciativas voltaram a ter sucesso.
 As mulheres tornaram a gerar filhos
 E a vida na Terra prosperou. (PRANDI, 2001, p. 345).

Esse pequeno mito é um exemplo da complexidade acerca das manifestações culturais de matriz negro-africana. Poderíamos, a partir dele, pensar diversas questões, como as de gênero. Estudando a temática, é possível observar que as divindades femininas são representadas, muitas vezes, de modo doce e maternal, mas também são guerreiras e detentoras de grandes forças, como as águas e as tempestades. Na mitologia, formam pares com divindades masculinas, mas também são independentes. São, ao mesmo tempo, símbolo de força, garra e sentimentalismo. Talvez isso ajude a explicar o protagonismo das mulheres na religião. Essas características, além de serem percebidas, são valorizadas, como pode-se entrever por meio dos trechos abaixo extraídos das entrevistas realizadas.:

Renata: *E como é que é a representação dos Caboclos, especialmente das Caboclas, assim, pra vocês? Quais são as características, assim...*

Kethlin: Caboclo pra Orixá?

Renata: Dos dois, mas especialmente das femininas, assim, como é que é, por exemplo, ah, se tivesse que descrever Iansã, no caso da Nação, ou se tivesse que descrever...

Jaci: A Iansã ela trabalha tanto na, a Iansã na Umbanda e Oyá na Nação.

Renata: Mas seria a mesma divindade?

Kethlin: Iemanjá, Ogum, essas coisas, a gente chama aqui como Orixá, Santo ou Caboclo também não né?

Jaci: Ela vem como Caboclo.

Kethlin: Como Caboclo?

Jaci: Como Caboclo.

Kethlin: É, tipo, eu observando, a Iemanjá e Oxum, tá? Pra mim, nos meus olhos né, parece ser uma representação feminina mais mãe, mais acolhedora...

Jaci: Mas é.

Kethlin: Mais doce, mais aquela coisa de filho e mãe mesmo, entendeu?

Jaci: É porque a Iemanjá é a mãe de todos. A Iemanjá é a mãe de todos: Caboclos, Orixás e nós.

Kethlin: Todo mundo mesmo. [risos]

Jaci: E nós. É que nem o nosso pai Oxalá. Ele é o maioral. Então, quem manda na verdade é ele, entendeu? E os guias e os caboclos são indeterminados e enviados por eles, entendeu?

Kethlin: Mas já, por exemplo, a cabocla Jurema, a Iansã, parece ser uma representação de mulheres...

Jaci: Autoritária.

Kethlin: muito fortes, entendeu?

Jaci: Exatamente.

Kethlin: Com a palavra acima de qualquer pessoa assim que eu digo seja homem, entendeu? Assim bem forte, representação forte. Não se deixa, por exemplo, se diminuir por um homem, entendeu? Pelo Ogum, que é guerreiro, ou então por Oxóssi. Ela é igual-igual, sabe?

Renata: E vocês acham, assim, que essas características das divindades elas servem de certa forma de exemplo, assim, enquanto mulher, por exemplo, pra vocês em algum nível? No sentido, bah, por exemplo...

Jaci: Pra não se sentir menos?

Renata: É... também...

Jaci: Eu acho que sim, com certeza.

Kethlin: Eu também.

Jaci: Porque a mulher faz tudo que um homem faz. Por que se sentir menos? É levantar a cabeça e tocar o barco. Se tiver que remar, vai remar. [risos]

Kethlin: Não, e isso é uma questão que nem a gente tava conversando aquele dia na outra vez que a gente foi conversar né, que tu perguntou a relação das mulheres da minha casa.

Renata: Aham.

Kethlin: E sempre foi isso assim, sabe? Tipo, eu não sei se tem alguma coisa a ver ou se um dia a minha vó se inspirou em alguma divindade, mas...

[telefone tocou. Jaci atende: fala filha, oi...]

Kethlin: Mas ela tipo assim ó, sempre foi assim, sabe? De tipo, não ter, ninguém vai falar mais alto que ela, sabe? Ela tem voz igual ao meu vô, sabe? E a minha

mãe também, e a minha tia também, então... (informação verbal)²⁹

As observações e entrevistas evidenciaram a estreita relação de identificação com as divindades femininas, e mesmo de modo naturalizado a ponto de quase não ser percebido, é possível afirmar que as *sujeitas comunicantes* moldam suas identidades também a partir dessa relação religiosa. Se uma das afirmações bíblicas mais conhecidas diz que o homem foi feito “à imagem e semelhança de Deus”, e no catolicismo Ele é visto como um homem branco, não é errado afirmar que nas religiões de matriz negro-africana, as mulheres se constroem tendo como referencial comportamental e estético as divindades e as lendas dessa tradição. Kellen, também tem essa percepção:

Renata: *E quais são as características das divindades femininas na Umbanda? A gente já conversou um pouquinho sobre algumas questões, acho que da primeira vez que eu vim aqui, mas se tu tivesse que descrever, por exemplo, como é que tu descreveria Oxum, Iemanjá, Jurema?*

Kellen: *Ai, meu Deus, que pergunta difícil! Então, a Oxum ela é a deusa da fertilidade, do amor, inclusive quando eu tava grávida, passei por duas gravidezes muito difíceis, e foi com ela que eu me agarrei todo o momento. Inclusive teve gente que falou assim “ai, por que tu não vai procurar outra casa? Não te segura só aqui” porque eu já tinha perdido um bebê antes, e aí Oxum falou pra mim “eu vou cuidar dessa tua gravidez até o final” então achei uma falta de respeito eu procurar outra casa, outra entidade, se a Oxum já tinha dito pra mim que ia cuidar da minha gravidez até o final, eu disse “não, eu tô com a Oxum, ela vai me cuidar, e é pra ela que eu vou entregar essa criança”, e dito feito, graças a Deus minha filha, passou por poucas e boas mas passou, então, assim, Oxum pra mim é a dona do amor, a deusa da fertilidade, é uma entidade que cuida das crianças, é ela que cuida da criança depois da criança nascer até os sete anos, que é o ano da inocência que a gente diz né, na nossa religião até os sete anos a criança é totalmente inocente, não tem pecado; não só na nossa, na Nação também a mesma quantia de anos. A Iemanjá cuida da gestação junto com a Oxum, mas ela cuida do ventre. A Oxum cuida da criança dentro do ventre; a Iemanjá cuida do ventre, ela também participa da gravidez mas ela é a dona do ventre. E ela é a mãe das mães. E aí quando a criança nasce ela entrega pra Oxum criar. E ela é uma entidade maravilhosa, é a menina dos olhos de Oxalá, eu acho ela uma entidade linda. Se perguntasse de quem que eu queria ser filha, eu queria ser filha da Iemanjá porque eu acho ela maravilhosa. Ela é a rainha do mar, a gente fala que é o local que ela responde, como Oxum responde na cachoeira. A gente entrega os trabalhos pra ela no mar. E tem a Iansã também que é outra mãe maravilhosa - eu amo todas elas [risos]. A Iansã é a rainha das pomba-gira, ela que encaminha a alma até o cemitério. Quem é filha dessa mãe tem sangue nas ventas. É uma pessoa que tu vai ver a característica da filha de Iansã quando tu vê uma filha de Iansã porque tá escrito na testa. Ela é daquele jeito, ela chega chegando. Dizem, isso não é confirmado mas é uma*

²⁹ Registro do Diário de Campo de 9 de outubro de 2019.

lenda dentro da própria religião, que quem recebe a Jurema normalmente recebe Iansã porque tem as mesmas características porque são guerreiras, porque vão pra guerra, a Jurema é uma guerreira também, uma mulher que luta, que vai pra guerra, então ela tem mais ou menos as mesmas características. Não quer dizer que seja porque na Umbanda tu pode receber sete Orixás, sete entidades, digamos assim, sete caboclos, talvez se a Jurema for, porque embora tu receba sete sempre vai ter um que vai ser aquele que vai te assumir, digamos assim, na Umbanda né, então se essa pessoa que for te assumir for a Jurema, a tua tendência de ser de Iansã na Nação é forte, não quer dizer que vá acontecer, mas pode acontecer porque é uma entidade, um Orixá de característica muito forte e pode acontecer. E, deixa eu ver, tem Obá também na Nação né, que é uma Orixá maravilhosa proveniente do casamento, não aceita traição porque na nossa lenda assim ela foi traída então é uma Orixá que não aceita traição, tem o pavio muito curto. Cada Orixá tem o seu, digamos, amuleto né. Iansã tem como se fosse um chicotezinho. Obá é a dona da roda. Oxum tem o coração e o espelho. Iemanjá a mesma coisa, também tem o espelho. Então, cada um tem o seu, o que se representa, digamos assim. Deixa eu ver outro... Tem Nação que cultua e tem que não cultua a Nanã, que é a primeira Orixá, é a mais velha de todas, é a dona do barro, porque foi a primeira, ela vem da terra né, depois de Iemanjá ela é a mãe das mães - Iemanjá é a mãe das mães mas ela também porque é a primeira. Ai, deixa eu ver outro Orixá feminino... Eu acho que é isso... Ah, tem a pomba-gira, que é da parte dos Exu também, que ela te cuida quando tu tá na rua, quando eu boto o pé pra fora do portão é pra ela que eu peço a proteção, pra ela e pro Exu, pros dois, pro casal, todo mundo que tem o Exu tem a pomba-gira, independente se é homem ou mulher, então quando eu boto o pé pra fora do portão é pra eles que eu peço a minha proteção, pra me levar e me buscar até o portão da minha casa, ainda mais no lugar que eu trabalho, que é no hospital, que é um lugar que tem muita morte, então é pra eles que eu peço proteção porque a gente como é dessa religião pode atrair Egum, que é uma alma desencarnada que não encontra a luz, então a gente pede proteção pra esse tipo de espírito não se aproximar da gente porque atrapalha muito quando vem na volta da gente então a gente pede pra elas encaminharem e nos manter protegida.

Renata: *E são todas características, assim, pelo que eu tenho visto também e queria que tu me dissesse o que tu acha, muito fortes. Elas são muito independentes também no sentido de, uma coisa que me chamou muito a atenção, por exemplo, Iansã é a rainha dos ventos, das tempestades, ela é porque ela é, não existe o rei dos ventos, um rei das tempestades, não existe o rei, por exemplo, o Xangô é da pedreira, mas não existe um rei da cachoeira, Oxum é a soberana. Então, elas são muito independentes nesse sentido...*

Kellen: *São muito independentes. Todas elas que atuam no seu reino, digamos assim. Iemanjá é lá no mar. A Oxum é na água doce ou na cachoeira, toda água doce é ela que rege. A Iansã é do vento, rainha do vento e das tempestades junto com Xangô, na tempestade ela meio que divide com Xangô, que também é o dono do raio - ela é da tempestade e ele do raio. E eles são um casal né, ninguém casa melhor do que Iansã e Xangô. Por isso que Obá é muito ressentida, porque Xangô era o amor dela, trocou ela pra ficar com Oxum e depois com Iansã, e é um casal né. E as entidades femininas a gente se identifica muito como mulher, como negra, porque elas são assim, todas elas são guerreiras, todas elas são independentes, todas elas ensinam pra gente que a gente consegue sim, que a gente pode porque a história dela, a lenda, digamos assim, se tu for pesquisar, ela*

até dá uma paradinha e namora, ela para e namora, mas a trajetória dela ela faz sozinha. Parou e namorou Xangô, mas a trajetória dela ela faz sozinha e isso é bem bacana com essa quantidade de mãe solteira e mulher solteira que tem por aí. É bem inspirador, digamos assim. Eu acho bem legal. (informação verbal).³⁰

Não raro, os cultos de matriz negro-africana são associados a “coisas do demônio”. No entanto, a noção de demônio, aos moldes do Catolicismo, não existe nas religiões de matriz africana. Inclusive, na cosmovisão africanista, Iansã (ou Oyá), a orixá que domina os ventos, também é considerada guia dos eguns, os espíritos desencarnados. Com explica o mito:

Oiá ganha Obaluaê o reino dos mortos

Certa vez houve uma festa, com todas as divindades presentes
 Omolu-Obaluaê chegou vestindo seu capucho de palha
 Ninguém o podia reconhecer sob o disfarce
 E nenhuma mulher quis dançar com ele
 Só Oiá, corajosa, atirou-se na dança com o Senhor da Terra
 Tanto girava Oiá na sua dança que provocava o vento.
 E o vento de Oiá levantou as palhas e descobriu o corpo de Obaluaê.
 Para surpresa geral, era um belo homem.
 O povo o aclamou por sua beleza.
 Obaluaê ficou mais que contente com a festa, ficou grato.
 E, em recompensa, dividiu com ela o seu reino.
 Fez de Oiá a rainha dos espíritos dos mortos
 Rainha que é Oiá Igbalé, a condutora dos *eguns*.
 Oiá então dançou e dançou de alegria.
 Para mostrar a todos o seu poder sobre os mortos
 Quando ela dança, agora, agita no ar o iruquerê,
 O espanta-mosca com que afasta os *eguns* para o outro mundo.
 Rainha que é Oiá Igbalé, a condutora dos espíritos.
 Rainha que foi sempre a grande paixão de Omolu. (PRANDI, 2001, p. 308).

Ou seja, apesar de o sincretismo ter sido uma estratégia para os povos africanos continuarem cultuando seus orixás durante a escravidão, não há como comparar ou igualar as cosmovisões de maneira que uma corresponda exatamente à outra. Também não há como entender as religiões de matriz negro-africana as observando pelo prisma do Cristianismo. É preciso aprender a olhar o mundo de outra forma. E, para isso, mais do que a leitura de diversos livros, é preciso estar nos ambientes que vivem essa cultura e escutar o que as pessoas que vivem nela têm a dizer. Kellen ajuda a elucidar a questão sobre a noção de “pecado” na Umbanda:

A gente parte do princípio que a gente é pecador. E Oxalá entende que a gente é

³⁰ Registro do Diário de Campo de 18 de novembro de 2019.

pecador, entende que a gente não é um ser humano perfeito, a gente tem nossos pecados. A gente não tem que ser conivente com o pecado de dizer “ai, eu sou pecador” e pronto. E quando a gente diz pecador a gente não tá falando de cometer um pecado grande. A gente é suscetível a erro, o que não quer dizer que seja o pecado católico do pecado em si, mas de que a gente é suscetível a erro, a dar uma palavra mal dada prum irmão, e isso daí tu tem que te corrigir, primeiro te perdoar e depois pedir perdão, que a culpa é uma coisa que te destrói, que te faz mal, e não voltar a cometer o mesmo erro. Mas é sempre baseado no perdão. Nossa religião é baseada no perdão. (informação verbal).³¹

É importante ressaltar, também, que além do sincretismo, muitas outras traduções foram feitas para que os negros pudessem continuar cultuando seus orixás no contexto da diáspora. “Na África, ao que tudo indica, cada nação celebrava apenas um orixá; portanto, a junção dos cultos foi uma especificidade da leitura brasileira feita por nativos entrados na colônia como escravos.” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 86). Apesar das modificações necessárias para sobreviver no Novo Mundo, sobretudo no Brasil, a religião ajudou a ampliar as fronteiras de identificação entre grupos diversos de escravizados que foram sequestrados em diferentes partes do continente africano e, por isso, tinham suas especificidades, seus costumes e suas formas de cultuar os orixás.

Cada povo africano que veio à América trouxe consigo o culto a um ou dois ancestrais, antigos reis/rainhas tribais divinizados, cuja memória foi perpetuada por seus descendentes, que, reunidos em meio à escravaria, deram origem ao panteón brasileiro, generalizado hoje como Culto dos Orixás. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 140).

E, assim, ao longo dos anos, durante e após a escravidão, as religiões de matriz-negro africana foram se transformando, como cultura viva que são, e ganhando novos adeptos das mais diferentes etnias. Dos primeiros terreiros, locais abertos no mato, próximos às fazendas ou engenhos para a prática das culturas africanas pelos escravizados, hoje os centros estão espalhados pelas grandes cidades.

2.1 “A UMBANDA É PAZ E AMOR, É UM MUNDO CHEIO DE LUZ”: AS ESPECIFICIDADES DA RELIGIÃO BRASILEIRA

A umbanda é uma religião original do Brasil. Ela é carioca e nasceu no início do século XX.

³¹ Registro do Diário de Campo de 18 de novembro de 2019.

[...] originalmente miscigenada de elementos espíritas e bantos, já mesclados a elementos culturais jeje-iorubá. Considerada uma legítima religião brasileira, sintetiza vários elementos das fés africanas e cristãs, porém sem ser definida por eles. Hoje, a Umbanda se apresenta segmentada em variados cultos caracterizados por influências muito diversa (indigenistas, católicas, esotéricas, cabalísticas etc.). (CAMARGO, 2019, p. 15).

Nascido em 10 de abril de 1891, no distrito de São Gonçalo, na cidade do Rio de Janeiro, Zélio Fernandino de Moraes era de família tradicional. Ainda jovem ele foi acometido por uma doença que nem os médicos conseguiam descobrir o motivo. Certo dia, Zélio afirmou que, no dia seguinte, estaria curado. Fato que aconteceu. Os Médicos não souberam explicar o ocorrido. Os tios do jovem, que eram padres, também não.

Através do convite de um amigo, Zélio foi aconselhado a uma visitação à Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Em 15 de novembro de 1908, durante a sessão, por intermédio de Zélio, manifestou-se uma entidade que se denominou Caboclo das Setes Encruzilhadas, que anunciava a criação de uma nova religião, a Umbanda. No dia seguinte, foi fundada a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, o que se considera o primeiro e mais antigo centro da religião. (SILVA, 2019).

Importante destacar que essa versão dos fatos também é conhecida por pessoas do meio religioso. Além das sujeitas comunicantes que participam desta pesquisa, o coordenador do Conselho Estadual da Umbanda dos Cultos Afro-Brasileiros do Rio Grande do Sul, o Ceucab³², Clovis Alberto Oliveira de Souza, o Pai Clóvis, como é conhecido, também aponta essa versão para a constituição da Umbanda. No Rio Grande do Sul, a primeira casa de Umbanda foi fundada na cidade de Rio Grande, em 1926. Chamava-se ‘Reino de São Jorge’ e foi estabelecida pelo ferroviário Otacílio Charão. De Rio Grande, a Umbanda foi trazida para Porto Alegre em 1932, pelo capitão da marinha Laudelino de Souza Gomes, que fundou na capital a Congregação Espírita dos Franciscanos de Umbanda. (ORO, 2002 apud SILVA; SANTOS; CARNEIRO, 2010).

Na Umbanda do Rio Grande do Sul são cultuados “Caboclos” (como Jurema e Rompe-Mato), “Pretos-Velhos” (como Pai Cipriano e Mãe Joaquina), Ibejis (crianças como Cosme e Damião) e as falanges africanas (Ogum, Iansã, Xangô, Oxóssi, Xapanã, Oxum,

³² Fundada em 07 de junho de 1953. A entidade procura fortalecer e transmitir as orientações necessárias aos africanistas e umbandistas de maneira que seja divulgada a raiz religiosa e a bagagem cultural à sociedade e se mantenha viva a cultura afro-umbandista no Rio Grande do Sul.

Iemanjá e Oxalá). Importante destacar que existem diversas “variações”³³ e que muitas casas podem cultivar caboclos e falanges que não são comuns em outros espaços. Esse é um dos motivos que torna difícil descrever todo o panteão de divindades dessa religião.

Entre as principais características da religião está a prática da caridade e do acolhimento.

A Umbanda manteve da matriz africana o culto aos Orixás, a possessão e o rito dançado, e as cerimônias em português tornaram seus rituais mais simples e acessíveis para a maioria da população. Da matriz kardecista reteve a ideia de que o espírito vem à Terra para trabalhar e praticar caridade, ajudando os devotos e fieis (sic) a resolver seus problemas e dificuldades, o que marca o trabalho dos pretos velhos e caboclos, quando comparecem às sessões através de seus médiuns. (PRANDI, 2005, p. 132-133 apud SILVA; SANTOS; CARNEIRO, 2010, p. 144).

A prática da caridade, o acolhimento aos diferentes e o espaço majoritariamente feminino de fraternidade são aspectos evidentes no comportamento das sujeitas participantes desta pesquisa. Não se trata de realizar uma romantização sobre o ser mulher e o papel das mulheres nessa religião, mas sim de apontar o óbvio: os símbolos religiosos penetram profundamente os modos de ser agir dessas mulheres, que têm suas condutas orientadas pelos preceitos da religião. Interessante destacar que não se trata de uma relação verticalizada, por mais que Jaci ocupe o espaço de líder espiritual e que sua autoridade seja respeitada, é perceptível o fato de que as demais pessoas a sua volta, assim como Kellen e Kethlin, absorvem de maneira natural os ensinamentos, que não são vistos, até onde pude perceber, como um fardo a ser carregado, mas sim como um estilo de vida que busca plantar o bem para colher o bem. Em uma das entrevistas perguntei como era ser uma mulher negra na Umbanda. Kellen respondeu:

Esse espaço [a Umbanda] é maravilhoso porque eu acho que a gente se encontra, a gente se despe de todos os preconceitos, se despe de se sentir incomodada.[...] Claro que o ambiente quem faz são as pessoas, mas ali a gente se acha, se encontra porque a gente tá no nosso território, dá pra se dizer assim, porque ali não vai ter ninguém sofrendo preconceito racial e nem de nenhuma outra forma [...]. Mas é isso, é um espaço que a gente se sente muito acolhido. E a pessoa branca, que não é pessoa negra, a gente procura acolher da melhor forma possível. A pessoa pode chegar aqui e dizer que não gostou da sessão, mas jamais vai dizer que não foi acolhida. A gente chama pra dentro de casa, toma um

³³ Como Ogum da Lua, Ogum Beira-Mar, Ogum da Rua, entre outros.

*cafézinho, como o que a mãe fez, é assim que a gente procura fazer. (informação verbal).*³⁴

Nas religiões de matriz negro-africana, não é fácil tornar-se um líder espiritual, ou cacique, como são chamados. O posto requer anos de estudo³⁵ e prática, além da vocação e instrução espiritual. Ao atingir esse posto, a pessoa pode abrir sua casa e iniciar outras pessoas, que serão seus filhos na religião. Todos os filhos e filhas de um mesmo líder são considerados irmãos de santo. Pertinente também pontuar a noção de família ampliada, tão presente nas culturas de matriz negro-africana e no cotidiano dessas mulheres. Para Kellen,

*Ah, então, eu considero família a minha família de sangue, mas também considero família aqueles amigos muito próximos que a gente tem, os agregados, que nem a gente chama, que a gente ama como se fosse família. Aquela pessoa que se preocupa contigo todo dia, que te manda mensagem perguntando como tu tá, quando tu tá com um problema dentro de casa elas procuram saber se já foi solucionado, querem saber se podem ajudar de alguma forma. Essas pessoas eu amo como se fossem da minha família. Então, não é exclusivamente sanguínea, é aquelas pessoas que a gente tem um amor como se fossem da família. (informação verbal).*³⁶

Em diversas falas elas também expressam a importância da “família de santo”, apesar de a casa de Umbanda de Jaci não ser muito grande, tem cerca de 20 pessoas entre assistência e corrente, em média. Além de serem unidos pela questão religiosa, nesse caso a maioria é também da família sanguínea (sobrinhos, cunhada, netas etc.), o que ajuda a estreitar os laços da comunidade.

A Umbanda é uma religião que permite certa plasticidade: por não possuir dogmas ao estilo católico e sim tradições, fundamentos que são transmitidos, na grande maioria dos casos, de forma oral, os ensinamentos gerais de como deve ser realizado um culto e os preceitos da religião vão sendo passados de geração em geração, mas permitem algumas ressignificações em seus modos de fazer. Nas sessões, fica bastante evidente que o comportamento que se prega é o da caridade, gentileza e respeito ao próximo, como será narrado no subcapítulo “AS VISITAS”.

Apesar das possíveis diferentes apropriações por cada chefe de terreira, os rituais na Umbanda consistem, basicamente, em cantar rezas (os pontos), acompanhado do toque do

³⁴ Registro do Diário de Campo de 18 de novembro de 2019.

³⁵ Informações obtidas em conversas com as participantes da pesquisa.

³⁶ Registro do Diário de Campo de 10 de dezembro de 2019.

tambor e do agê para chamar os guias espirituais, que dão passes, aconselhamentos e instruções sobre o funcionamento da casa. Na Umbanda, *não* são sacralizados animais. Usam-se ervas, fluídos, defumação (espécie de incenso) e velas durante os rituais.

2.2 O BATUQUE/NAÇÃO

Primeiramente sobre as diferenças entre Batuque e Nação,

Batuque é um termo genérico aplicado aos ritmos produzidos à base da percussão por frequentadores de cultos cujos elementos mitológicos, axiológicos, linguísticos e ritualísticos são de origem africana. O batuque é uma religião que cultua doze orixás e divide-se em “lados” ou “nações”, tendo sido, historicamente, as mais importantes as seguintes: Oyó, tida como a mais antiga do estado, mas tendo hoje aqui poucos representantes e divulgadores; Jeje, cujo maior divulgador no Rio Grande do Sul foi o Príncipe Custódio [...]; Ijexá, Cabinda e Nagô, são outras nações de destaque neste estado. Nota-se que o Keto esteve historicamente ausente no RS, vindo somente nos últimos anos a se integrar por meio do candomblé. (ORO, 2002, p. 352).

Tanto para historiadores quanto para praticantes das religiões de matriz negro-africana, a principal diferença entre o Batuque, a Nação e a Umbanda está relacionada à sacralização dos animais, que consiste em fazer oferendas que duram dias com o sangue do animal na cabeça dos devotos. Acredita-se, nessa cosmovisão, no poder energético da natureza e dos animais. Por isso, são realizados tais rituais, de modo que o sangue é considerado um poderoso condutor energético. Nessas oferendas, usa-se o máximo dos animais para o consumo de quem está fazendo o ritual e demais participantes da cerimônia. Essa refeição é chamada de comida de obrigação, a qual não pode estragar, ser desperdiçada ou jogada fora.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o ritual é feito para que o animal sofra o menos possível, e tudo o que ele pode oferecer é aproveitado, da carne ao couro. As carnes são preparadas de modo muito cuidadoso e específico, de acordo com as lendas de cada orixá que está sendo homenageado. Trata-se de uma relação diferente de consumo, baseada na conexão com a natureza e com o sagrado religioso. As festas acontecem de tempos em tempos, de acordo com cada casa e seus filhos. Uma casa com muitos integrantes terá mais “obrigações” e vice-versa. Em algumas casas pequenas, o intervalo entre uma celebração e outra pode levar anos. Essas festas, em geral, têm como objetivo “aprontar” o filho, ou seja, realizar todas as oferendas para que essa pessoa possa se “assumir”, ter filhos de santo e abrir

a própria casa, caso queira. De todos os modos, esse é um processo caro e demorado, que envolve a participação de muitas pessoas em sua organização. Tudo é meticulosamente pensado e encomendado nas cores e quantidades determinadas, de acordo com cada orixá que se queira homenagear.

Tabela 2 – Orixás cultuados pelo Batuque no Rio Grande do Sul

Orixá	Atribuição	Símbolos	Animais Sacrificiais	Correspondência com Santos Católicos
Bará	Dono das encruzilhadas; abridor dos caminhos; Representa a força vital que movimenta o universo. Mensageiro dos orixás; orixá da sensualidade.	Chave, foice, moedas, corrente, tridente.	Bode, galo vermelho.	S. Antônio, S. Pedro e São Benedito.
Ogum	Dono do trabalho em metal e da agricultura, guerreiro (demanda).	Ferramentas em geral, espada, faca, bigorna, martelo, malho, lança, lima.	Bode escuro, galo vermelho.	São Jorge no Sul, Santo Antônio, na Bahia.
Iansa	Dona dos raios, ventos, tempestades e das águas.	Espada, taça, pulseira, alianças.	Cabra cor de laranja e galinha vermelha.	Sta. Bárbara.
Xangô	Orixá do trovão, da justiça e do fogo.	Balança, machado (duplo) e livro.	Carneiro, galo e pombos brancos.	Jovem: São Miguel Arcanjo. Velho: São Jerônimo.
Obá	Sangue, ouvido, dona do lar.	Navalha, roda de madeira, timão, orelha.	Galinha cinza, cabra marrom, mocha e não coberta.	Santa Catarina
Odé/Otim	Orixás da caça, fala, sono.	Arco e flecha, cântaro, bodoque.	Porco, galo carijó.	Odé: São Sebastião Otim: Sta. Efigênia.
Ossanha	Dono das folhas, protetor de doenças internas, pernas, ossos.	Muleta, tesoura, agulha, linha de coser.	Bode, galo arrepiado.	São José, Santo Onofre.
Xapanã	Protetor de doenças epidêmicas (varíola, lepra, cólera).	Vassoura, corrente de aço.	Bode com aspas de qualquer cor menos preto, galo prateado.	Jovem: São Lázaro Velho: Cristo das Chagas.

Orixá	Atribuição	Símbolos	Animais Sacrificiais	Correspondência com Santos Católicos
Oxum	Dona da água doce, ouro, riqueza, amor, vida.	Leque, espelho, dinheiro, corrente dourada, pente.	Cabra, galinha amarela.	N. S. da Conceição, N. S. Aparecida.
Iemanjá	Dona dos mares, maternidade e da fertilidade.	Âncora, barco, remo, anel, brincos, perfumes.	Ovelha, cabra e galinha branca.	N. S. dos Navegantes.
Oxalá	Pai de todos os orixás, vida, paz, visão.	Bastão (paxorô), pomba (iofá), olho de vidro (orunmilá).	Cabra, galinha branca.	Cristo, Espírito Santo.

Fonte: Silva, Santos e Carneiro (2010, p. 124-225).

Faço essas distinções iniciais entre Umbanda e Batuque/Nação na tentativa de conseguir transmitir a quem lê, ainda que de forma muito básica (pois cada uma dessas religiões possui muito mais nuances do que as aqui trazidas), algumas diferenciações entre as duas religiões, comumente confundidas para quem não faz parte de seu meio. Além disso, é importante frisar seus rituais como práticas culturais de cada religião, especialmente porque as manifestações de matriz negro-africana, desde o seu surgimento, são vistas por muitos como “feitiçaria”.

De fato, nos jornais Correio Mercantil e Jornal do Comércio, de Pelotas, bem como no jornal Gazeta Mercantil de Rio Grande, pode-se ler notícias, infelizmente as mais recorrentes sendo de prisão de “feiticeiros” e “feiticeiras”, como esta: Foram presas, à ordem da delegacia, duas pretas feiticeiras que atraíam grande ajuntamento de seus adeptos. Na ocasião de serem presas, encontrou-se-lhes um santo e uma vela, instrumento de seus trabalhos [...]”. (Jornal do Comércio, Pelotas, 9/4/1878, p. 2 apud Mello, 1995:26). (ORO, 2002, p. 349).

Como a perseguição e a violência física³⁷ contra os praticantes das religiões de matriz negro-africana ainda se mantêm vivas, é preciso falar o óbvio:

A Constituição Federal consagra como direito fundamental a liberdade de religião, prescrevendo que o Brasil é um país laico. Com essa afirmação queremos dizer que, consoante a vigente Constituição Federal, o Estado deve se preocupar em proporcionar a seus cidadãos um clima de perfeita compreensão religiosa,

³⁷ As religiões de matriz africana são as que mais sofrem ataques no Brasil. Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

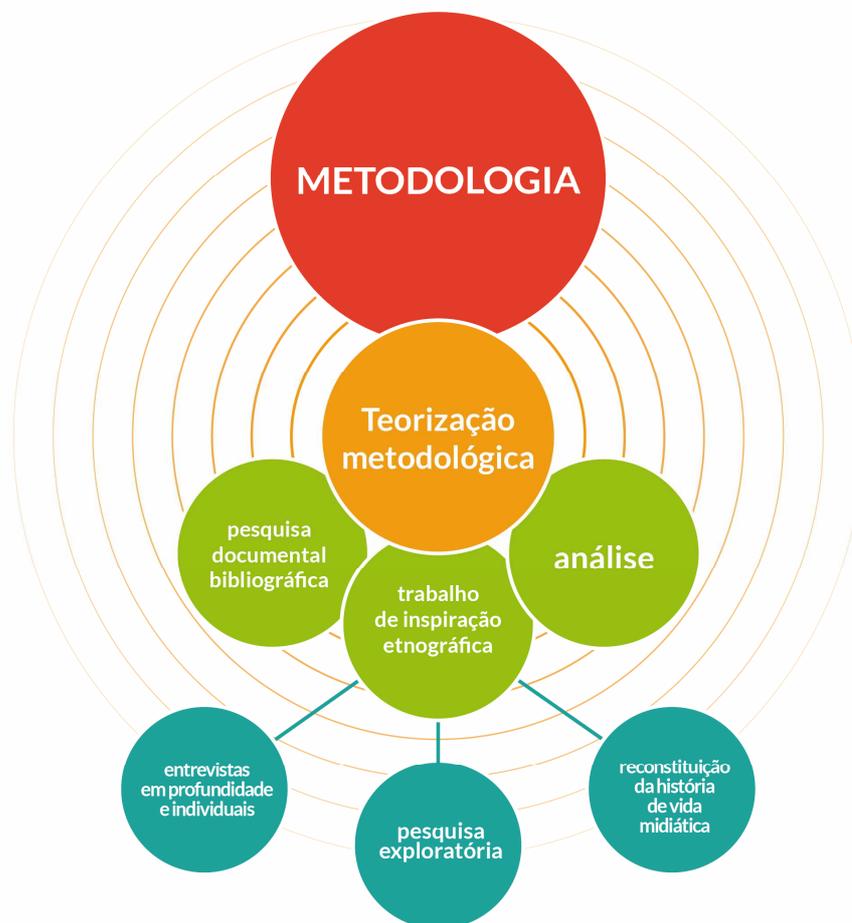
proscurendo a intolerância e o fanatismo. Deve existir uma divisão muito acentuada entre o Estado e a Igreja (religiões em geral), não podendo existir nenhuma religião oficial, devendo, porém, o Estado prestar proteção e garantia ao livre exercício de todas as religiões. (SCHERKERKEWITZ, 1996, p. 1).

O que se pode pensar sobre ataques envolvendo as questões religiosas é que a discriminação é mais uma face do racismo no Brasil. Mesmo que muitos praticantes de religiões de matriz negro-africana sejam brancos, o culto em si é visto e associado a pessoas e práticas negras, servindo isso como embasamento para a promoção dos ataques. Além das questões físicas desse tipo de ofensa, a violência simbólica é gritante, pois demonstra mais que o desrespeito pelo diferente, mostra que determinada parcela da população não aceita que pessoas negras ou que a cultura vinda dos negros possa ter um lugar seguro e sagrado.

3 CONSTRUINDO A PESQUISA, PENSANDO A CIÊNCIA: LINHAS DA PROBLEMATIZAÇÃO METODOLÓGICA

O trilhar metodológico deste trabalho foi concebido dentro da cultura de trabalho do grupo de pesquisa Processocom³⁸ e da Rede AMLAT³⁹, dos quais faço parte desde 2013. Na perspectiva destes dois coletivos, trabalhamos de modo a construir o objeto de pesquisa em comunicação em suas necessidades e especificidades. Para nós, ele não está dado, ou seja, precisa ser confeccionado pelo pesquisador com base em seus argumentos e teorias, de modo artesanal e único, sem fórmulas prontas.

Figura 5 – Trilhar Metodológico



Fonte: Elaborado pela autora.

³⁸ Site do Grupo de Pesquisa Processocom. Disponível em: <http://www.processocom.org>. Acesso em: 26 jun. 2016.

³⁹ Site da Rede AmLat. Disponível em: <http://www.redeamlat.org>. Acesso em: 26 jun. 2016.

A partir deste pensamento, concordo também com a perspectiva de Mills (2009), de que a pesquisa é um verdadeiro artesanato intelectual, composto de tramas diversas e procedimentos múltiplos, tendo a consciência de que o método não pode ceifar o objeto. “Como um artista ‘bricoleur’, o artesão intelectual está atento para combinações não-previstas (sic) de elementos, evitando normas de procedimento rígidas que levem a um ‘fetichismo’ do método e da técnica [...]” (MILLS, 2009, p. 15). Mais do que uma abstração acadêmica, a reflexão a seguir faz parte de uma concepção que extrapola os muros da academia e, em minha visão, torna-se constituinte da identidade, do modo de enxergar a vida para além da pesquisa. Nessa perspectiva, o que move o cientista/artesão é mais a satisfação do trabalho dentro do processo do que o reconhecimento. É um trabalho fora do fordismo: os artesãos conhecem e refletem todo o processo de produção.

Ora, podem existir milhares de cestos de vime, por exemplo. Assim como podem existir inúmeros artigos ou trabalhos acadêmicos sobre a mesma temática. Porém, a menos que sejam plágios, assim como os cestos, cada um terá suas próprias tramas, seus próprios fios. Cada um terá sido feito com a pulsação das mãos de quem os criou, carregará inevitavelmente seus valores. Não é possível separar um trabalho artesanal da vida de seu criador, pois o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que se aperfeiçoa em seu ofício. É inevitável usar sua experiência de vida no seu trabalho. Sabe-se que a imparcialidade é um horizonte que pode ser perseguido, mas jamais alcançado. Ninguém pode se despir de seus valores para realizar qualquer tipo de trabalho.

Eis um dos desafios da ciência: ser humana sem ser cega. Aproveitar as vivências pessoais, as conexões com o mundo vivido, sem perder o caráter reflexivo, a capacidade de duvidar e discordar. Estar aberta a novas possibilidades de criar e rever conceitos. Experimentar novos caminhos é fundamental. Peirce (1877), em seu texto “A fixação da crença”, nos lembra que o labor científico deve ser feito de olhos abertos ao invés de ideias vagas. Em confluência com o autor, que nos diz que “Deve existir uma dúvida real e viva, e sem ela toda a discussão é ociosa” (PEIRCE, 1877, p. 9), vejo a ciência como um estado de desestabilização constante: frequentemente nossas premissas são colocadas em cheque, são questionadas – e assim precisa ser para estar em movimento. Os cenários são mutáveis e diferentes argumentos podem surgir a qualquer momento.

As formulações de Bosi (2003, p. 115) convergem com as de Peirce neste aspecto:

Quando entramos em um ambiente novo, de estimulação completa, passamos por instantes de atordoamento. Tudo é uma mancha confusa que

hostiliza os sentidos. Aos poucos, as coisas se destacam desse borrão e começam a nos entregar seu significado, à medida da nossa atenção. É o trabalho perceptivo, que colhe as determinações do real, as quais se tornam estáveis para o nosso reconhecimento, durante algum tempo.

Existe um campo de ideias com as quais estamos habituados, porque assim fomos educados, que ocupa um papel central no modo como percebemos e interpretamos os diferentes fatos, as diferentes pessoas. Segundo Morin (1986), reconhecemos por analogia, de acordo com os nossos padrões e modelos (os estereótipos tão bem trabalhados por Bosi [2003]). É preciso negociar o óbvio e o já visto. Assim o é, teoricamente, quando com a ideia fixa em uma corrente ou teoria, entendemos as “outras” pelo seu molde, em comparação com seus aspectos, entendendo que só a que nos é mais familiar é válida. A ciência precisa de destabilizações para avançar. Avançar respeitando o passado e até duvidando dele. Semelhante processo acontece quando vamos a campo em uma pesquisa empírica. Muitas vezes, inconscientemente, enquadrados os cidadãos e cidadãs coprodutores e coprodutoras do processo de conhecimento de acordo com as nossas molduras, o que nos impede de perceber suas singularidades, belezas e dificuldades.

A realidade vivida é repleta de racionalidades e há muita riqueza fora dos muros do conhecimento que dão vida a uma casta de “intelectuais”, se assim os podemos chamar, criando desigualdades entre os detentores do conhecimento e os menos abastados academicamente. Não se trata de fazer uma ode ao senso comum, mas sim de reconhecer nas diversas sociedades os pensamentos ancestrais, milenares, que demonstram uma inteligência ímpar aplicada à resolução de problemas cotidianos, ou mesmo na formação de tramas complexas de significados, como nos traz Morin (1986, p. 150):

Mas os mitos não falam só da cosmogênese, não falam da passagem da natureza à cultura, mas também de tudo o que concerne a identidade, o passado, o futuro, o possível, o impossível, e de tudo o que suscita a interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração. Transformam a história de uma comunidade, cidade, povo, tornam-na lendária e, mais geralmente, tendem a desdobrar tudo o que acontece no nosso mundo era e no nosso mundo imaginário para os ligar e os projetar juntos no mudo mitológico.

A função do cientista, então, é conseguir compreender as pistas mais coerentes dentro da trama de conceitos que envolvem os aspectos subjetivos do pesquisador, as teorias, as ações e os objetos de referência. Não é um trabalho fácil, mas é no movimento que avançamos. Movimento claro, teorizado, situado, problematizado e em conexão com as

realidades. É preciso ir contra a socialização acrítica de normas e valores, pois ela produz o medo do conhecimento. “Quando delegamos para a autoridade o ato de pensar, essa delegação faz odiar os que pensam por si.” (BOSI, 2003, p. 118). A questão também é abordada por Bachelard (2001, p. 114):

Por que razão, aliás se há de procurar uma outra verdade quando se tem a verdade do cogito? Porquê conhecer imperfeitamente, indirectamente, quando se tem a possibilidade de um conhecimento primitivamente perfeito? Os princípios lógicos obtidos por redução do diverso, bem como o argumento lógico que assegura a verdade do cogito, eis um núcleo indestrutível, cuja solidez é reconhecida por qualquer filósofo.

A ciência, tida como a organização sistemática dos conhecimentos, é uma forma de educação e está em profunda articulação com as realidades. Teoria e empiria não servem a objetivos distintos. A separação das duas dimensões, o afastamento da academia dos lares, favelas, cortiços, bares e locais de trabalho serve apenas para elitizar o conhecimento. É preciso estar vigilante (termo usado aqui na perspectiva Bachelardiana) com as relações de poder dentro da ciência e entre os pensadores de distintos ambientes.

É preciso que estejamos atentos à economia e à política que envolvem as relações sociais e científicas, dentro das nações e entre elas. Investimentos de uma pátria rica em países pobres não quer, necessariamente, dizer que está acontecendo uma transferência de renda ou de conhecimento. Os primeiros continuam a “possuir os segundos”, como em uma relação colonial. Galeano (1987) expõe de maneira formidável como as relações coloniais foram prejudiciais ao desenvolvimento da América Latina:

O saqueio, interno e externo [da América Latina], foi o meio mais importante para a acumulação primitiva de capitais que, desde a Idade Média, possibilitou o surgimento de uma nova etapa histórica na evolução econômica mundial. À medida que se estendia a economia monetária, o intercâmbio desigual ia abarcando cada vez mais segmentos sociais e regiões do planeta. [...] Mas, ao mesmo tempo, a formidável concentração internacional de riqueza em benefício da Europa impediu, nas regiões saqueadas, o salto para a acumulação de capital industrial. (GALEANO, 1987, p. 40, grifo do autor).

Em um cenário de colonização não há equalização do desenvolvimento, pelo contrário, há exploração e subordinação. Thomas Piketty, na obra “O Capital no século XXI”, consegue explicar de modo consistente e objetivo a razão das desigualdades econômicas mundiais, que acarretam também disparidades sociais, educacionais, tecnológicas e científicas.

Em segundo lugar, do ponto de vista histórico, o mecanismo da mobilidade de capital não parece ter sido o fator que permitiu a convergência entre os países, ou ao menos, não o fator principal. Nenhuma das nações asiáticas que reduziram o atraso em relação aos países mais desenvolvidos, quer se trate do Japão, da Coreia e de Taiwan no passado ou da China hoje, se beneficiou de investimentos estrangeiros substanciais. Basicamente, todos esses países financiaram os próprios investimentos em capital físico de que necessitavam e, sobretudo, os investimentos em capital humano – o aumento do nível geral de educação e formação –, cuja importância de crescimento econômico de longo prazo foi respaldada por todas as pesquisas contemporâneas. (PIKETTY, 2014, p. 75).

Quanto mais reservas um país tem, mais ele pode investir em si mesmo sem depender dos outros (priorizando as áreas de interesse para o seu desenvolvimento). Como um país se desenvolve, acumula reservas e diminui a distância social, econômica e tecnológica em relação aos países mais ricos? Investindo em educação para todos, de todas as camadas. Sendo assim, o fazer ciência também é um ato político.

Em um texto que articula arte, cultura, economia e crítica social, Alves (2014, p. 108) afirma que: “Uma leitura da história cultural do país lembra que, se queremos construir democracia, avaliemos o vivido, o marginal, o sofrido, o transformador da democracia”. Maldonado (2015, p. 220) também faz um alerta para as amarras e vendas que os sistemas econômicos e políticos tentam impor às pessoas e à ciência:

Com efeito, o discurso ‘democrático liberal’ se atribui a posse da ‘verdade’ sobre a justiça, a ordem, a economia, a política e a cultura. Suas premissas excluem qualquer tipo de alteridades e constituem concepções políticas e fundamentalistas que justificam a vigilância generalizada dos indivíduos, cidadãos, grupos e sociedades, sob pretexto de garantir a ‘liberdade’ e a ‘segurança’ do mundo.

É importante observar como a comunicação não é um campo isolado dos demais acontecimentos sociais. Pelo contrário, não só está profundamente imbricado no seio dos acontecimentos como atua para engendrar significados. O simbólico é um campo permanentemente em disputa e isso precisa ser levado em consideração nas pesquisas em comunicação. Superar os modelos tecnicistas, tão sedutores em épocas de midiatização acelerada, de tecnologias cada vez mais avançadas e “disponíveis”, é a tarefa de todo pesquisador que busque exercer seu papel social. Além disso, pensando nessa perspectiva, conseguimos observar com mais nitidez, ainda que por prismas e lentes diversas, o papel

central da comunicação na formação dos conflitos sociais e, mais ainda, na formação do campo simbólico nacional.

Apesar de tantas possibilidades e aspectos, um tópico é crucial no labor científico: a objetividade. Bachelard (2001) aponta que ela deve ser perseguida por meio da constante dúvida sobre nossas primeiras apreensões e da vigilância (por mais que em tempos atuais, ainda mais no cenário brasileiro, o termo ganhe conotações neofascistas), sobre nossas próprias conclusões. A expressão nos ajuda a lembrar que é preciso estar alerta em relação aos próprios “vícios” acadêmicos, às verdades tidas como absolutas, sejam elas construídas ou, em alguns casos, adquiridas por “osmose intelectual”, mera reprodução acrítica dos autores, autoras ou conceitos considerados canônicos. É preciso, então, fluir na e com a ciência, em seus diversos aspectos, possibilidades e, talvez mais do que nunca, em confluência com as demandas sociais.

A objetividade científica só é possível depois de termos rompido com o objeto de imediato, de termos recusado a sedução da primeira escolha, de termos parado e contradito os pensamentos que nascem da primeira observação. Toda objetividade, devidamente verificada, desmente o primeiro contato com o objeto. [...] Em vez de se deslumbrar o pensamento objetivo deve ironizar sem esta vigilância desconfiada, nunca alcançaremos uma atitude verdadeiramente objetiva. (BACHELARD, 2001, p. 129).

Pensar a ciência e fazer uma filosofia das ciências é fundamental, pois o epistemológico atravessa o mundo da vida e da ciência, e a reflexão é crucial em todos os momentos. (JAPIASSU, 1988). A ação epistemológica está centrada no problematizar. Não existe uma epistemologia, assim como não existe um único conhecimento. Entre ciência e saberes não há uma linha fixa, mas sim uma zona de encruzilhadas. É preciso um olhar sensível e cuidadoso com todo o processo. É preciso repensar os próprios passos.

3.1 TRANSMETODOLOGIA COMO CAMINHO A TRILHAR NA COMPLEXIDADE

A ciência e a comunicação afetam e são afetadas pela realidade, ao mesmo tempo em que necessitam de uma ruptura com o senso comum. Importante dizer: o senso comum raso e não reflexivo, ao contrário dos saberes que foram construídos com muita engenharia mental por diversos povos, como já citado. Não podemos também deixar de refletir a ciência como uma instituição de poder (um discurso legitimado que está dentro da sociedade e faz parte dela), e a comunicação como um campo no qual confluem vários saberes.

As mudanças tecnológicas proporcionaram novas e diversas possibilidades de experimentação, tanto para a ciência como para diversos campos da vida. Uma questão importante que se coloca no campo da comunicação é: como construir o comum em um ambiente dinâmico, no qual o efêmero está cada vez mais presente? E, assim, como trabalhar o comum na diversidade, na diferença? Nesse sentido, é preciso pensar uma cidadania cibercultural, em práticas políticas e sociais renovadas e complexas utilizando as tecnologias. É preciso pensar as cidadanias alternativas e críticas, observando as riquezas das particularidades e das subjetividades dentro dos coletivos. Ao pensar a cidadania comunicacional em um cenário extremamente midiaticizado pelo uso das tecnologias, vários aspectos poderiam ser trazidos, mas um desafio é central: como compartilhamos o conhecimento? Essas mudanças configuram novas e diversas formas de comunicar que precisam, mais do que nunca, de múltiplas abordagens em confluência.

Em cenários tão instáveis e fluidos, pensar as metodologias em um projeto de pesquisa é uma necessidade cada vez mais urgente. Como aborda Bonin (2013, p. 27), “A razão polêmica deve, portanto, instaurar-se como companheira no processo de construção metodológica da pesquisa, na luta contra os obstáculos do conhecimento”. É preciso de uma reflexão profunda que se inter-relacione com todo o trabalho. Como nos diz Bachelard (2001, p. 132), “Não é o objeto que designa a precisão, é o método”. O método é a teoria em ato, o artesanato acontecendo, a reflexão dando sentido ao acontecimento, é um comprometimento. A concepção epistêmica/metodológica escolhida, seja ela qual for, deverá perpassar toda a pesquisa.

Mais do que utilizar distintas metodologias que confluem para uma abordagem mais profunda de nossos objetos de pesquisa, a Transmetodologia pressupõe a capacidade de observar o objeto por diferentes prismas, levando em consideração os seus múltiplos aspectos. Tal empreitada requer um *pensamento transmetodológico* que vai perpassar toda a realização do projeto, e não somente estará expresso em um capítulo explicativo dos procedimentos utilizados durante a pesquisa. Esse pensamento precisa ser embasado em diferentes áreas do saber, o que demanda do pesquisador e da pesquisadora o esforço de sair de “sua área” do conhecimento para buscar aportes em outros campos, afinal, diversas áreas podem contribuir para a confecção de uma trama mais elaborada de conceitos para entender, ainda que sempre de modo parcial, o objeto em questão.

Essa atitude perante o modo de fazer ciência também está ancorada em experiências diversas (como viagens, apresentações artísticas, congressos, poesias, músicas, saberes populares, e tantas outras possibilidades) que ajudam a compreender o mundo e as pessoas de

uma maneira mais integral e humana. É preciso situar os objetos em seus contextos complexos, e ainda assim conseguir diferenciá-los dos demais em sua singularidade. Trata-se de uma reflexão sobre como construir, em qual cenário, com quais perspectivas e possibilidades. Para conseguir construir um discurso com múltiplas perspectivas é preciso compreendê-las, para combiná-las de maneira frutífera e coerente.

O transmetodológico, nessa proposta epistêmica, nutre-se da vida, da experiência, das culturas, do mundo concreto. Situa-se longe das correntes especulativas abstratas e formais, propondo uma multilética que combina práxis teórica e empírica no processo heurístico das descobertas, fabricações e formulações de conhecimento (nona premissa). (MALDONADO, 2013, p. 45).

Esse é um dos aspectos pelos quais a transmetodologia torna-se complexa. Mais do que uma opção metodológica, ou da confluência de várias metodologias, a transmetodologia é uma *postura epistêmica* que exige compromisso para conseguir enxergar as multidimensionalidades de si mesmo e da pesquisa. Trata-se de uma reflexão densa e profunda que é construída, não está dada. Filiar-se a essa perspectiva exige refletir sobre si mesmo, sobre sua responsabilidade social e científica. É atentar para os diferentes contextos da produção acadêmica. Tantas características fazem da Transmetodologia uma opção (construída a partir de uma trama de diversas opções) extremamente fecunda.

Reconhecer, ao mesmo tempo, que a pesquisa científica se alimenta, no campo das ciências sociais e humanas, e da comunicação em particular, das sabedorias populares, étnicas, regionais, ancestrais, subterrâneas, distintas e diversas. Essa prática teórica e metódica, interrelacional, concebe o cientista, o pesquisador, como um apreendedor privilegiado que combina uma visão epistêmica abrangente, organizada e profunda com reflexões e experimentação audaciosas, trabalhando lógicas múltiplas de compreensão da realidade midiática e sociocultural: lógicas formais e paraconsistentes (Costa 1999); lógicas intuitivas e instrumentais; lógicas artísticas e lógicas administrativas [...]. (MALDONADO, 2013, p. 41-42).

Como aborda Sartre (2011, p. 30), “O pensamento concreto tem que nascer da práxis e tem que voltar sobre ela mesma para iluminá-la, já não ao azar e sem regras, se não – como em todas as ciências e todas as técnicas – conforme a alguns princípios”. Entre a realidade e nós, precisamos realizar traduções qualificadas. Essas traduções têm que estar em correspondência com os objetos de referência – daí irá se aproximar com a realidade. Não podemos tratar as descobertas como verdades, mas sim como mundos em construção.

A lógica da ciência é plural, vai para além de teoria e empiria, mas é indispensável pensar essas duas dimensões para realizar uma reflexão sobre o fazer científico. É impossível dissociar teoria e empiria, ou tratá-las como dimensões estanques e sem relação. Na vivência de nossas pesquisas é que descobrimos e analisamos quais as melhores lentes para observar determinado fenômeno.

As leituras diversas nos abrem horizontes de possibilidades e formam o arcabouço necessário para que possamos compreender, mesmo que de forma inicial, os fenômenos. Mas a relação com a empiria é que vai nos dizer o que de fato nos move, o que move as nossas pesquisas, o que nos é relevante. Claro que atuar sob essa perspectiva requer esforço, uma vez que além das teorias utilizadas como ponto de partida é preciso ir além, descobrir novas possibilidades, buscar diferentes autores enquanto fazemos pesquisas. O objeto empírico de referência é construído pelo prisma das teorias, não está dado e só tem sentido dentro de uma reflexão. O imediato precisa ser acompanhado pela racionalidade para adquirir sentido. Por isso, cada etapa da pesquisa deve ser refletida, teorizada, experimentada em sua particularidade e em sua relação com o todo. Philippe Corcuff, no artigo “Que ha pasado con la teoria crítica? Problemas, intereses en juego y pistas”, aborda a questão dos registros culturais de maneira muito interessante e também apropriada para os estudos em comunicação:

Por consiguiente, no estamos proponiendo tratar estos registros culturales como inmersos en una gran ‘totalidad cultural’ indistinta en un gesto ‘post-moderno’, o según la lógica del ‘todo es político’ – como se decía en la revolución de sesenta y ocho –, sino de considerar pasajes transfronterizos entre los mismos a partir del reconocimiento de sus especificidades y autonomías respectivas. (CORCUFF, 2015, p. 67).

Teoria e empiria articulam-se em uma relação de constante e complexa simbiose. Quando vamos ao campo é que percebemos que muitos dos problemas que tínhamos como resolvidos ainda não estão. É preciso dar passos para trás, para os lados. É preciso dançar metodologicamente. Teoria e empiria são como bailarinos dançando tango: é preciso que os dois estejam em profunda conexão e em sintonia com a música dentro de toda sua complexidade e vivacidade. Por que falo de tango? Tido como um ritmo identitário argentino, assim como o samba no Brasil, o estilo musical formou-se inicialmente nos subúrbios, partindo de um conjunto de diversas outras influências, como a polca europeia, a havaneira cubana, o candombe uruguaio e a milonga espanhola. (LOPES, 2015). O tango se forja na miscigenação, sendo uma expressão da formação cultural argentina, inicialmente vulgarizado e depois popularizado, além de elitizado. Entendo que a pesquisa, na perspectiva

transmetodológica, seja a confluência de diversos saberes, teorias, metodologias e tensões para a produção de uma ciência viva, pulsante e bela, feita com rigor e esmero, como um tango de Carlos Gardel.

3.2 O USO DA ETNOGRAFIA PARA UMA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO: APORTES A PARTIR DE CLIFFORD GEERTZ

Para trabalhar com a etnografia, busquei no antropólogo estadunidense Clifford Geertz aspectos das bases metodológicas que, combinadas a outros métodos específicos para o trabalho que desenvolvo, foram construindo a pesquisa. O trabalho deste autor é pertinente a esta pesquisa por vários motivos. Um deles é que sua concepção de cultura é calcada na Semiótica, de modo que me pareceu bastante coerente suas colaborações para a temática, pensando a cultura como contexto. Geertz (2013 p. 10) frisa que,

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade.

A partir de Geertz (2013) e do trabalho realizado em campo, foi possível perceber a complexidade de se observar uma realidade outra e sua multiplicidade de aspectos que se tramam em diferentes direções e de modo bastante particular para cada pessoa.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2013, p. 4).

Para dar conta de tamanha empreitada, a descrição densa e as entrevistas em profundidade foram duas ferramentas indispensáveis ao trabalho de tentar construir uma leitura dos diversos sinais que não estão dispostos de forma linear, mas sim organizados em uma complexa constelação pessoal, acessível apenas aos mais íntimos.

Apesar de ter estado próxima à cultura e às sujeitas participantes da pesquisa, a construção desse trabalho não deixa de ser um texto, uma sistematização sobre a experiência *delas* na constituição de algo extremamente subjetivo, mas ao mesmo tempo construído de forma

familiar e social, que é a questão identitária. Por isso, esse texto não pode ter a pretensão de conter uma verdade. Como conjunto *signico* que é, representa apenas algo *sob determinado aspecto*. Como salienta Geertz (2013, p. 11):

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um ‘nativo’ faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ — o sentido original de fictio — não que sejam falsas, não fatuais ou apenas experimentos de pensamento.

Realizar essas traduções⁴⁰ é uma tarefa sempre arriscada: é preciso estar atenta, identificar as complexidades de uma vida que não é sua. Para Geertz (2013, p. 15), há três características da descrição etnográfica: “ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis.”

A força de nossas interpretações não pode repousar, como acontece hoje em dia com tanta frequência, na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança com que são argumentadas. Creio que nada contribuiu mais para desacreditar a análise cultural do que a construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar. (GEERTZ, 2013, p. 13).

Esse cuidado, de estar atenta às nuances, aos ditos e não ditos, às “piscadelas”, é fundamental. Trabalhar com a noção de que as participantes da pesquisa são co-produtoras do conhecimento e não objetos é uma opção ética e epistemológica assumida. Mas é necessário ter o discernimento de que o trabalho de campo é científico e precisa manter determinados contornos para que não se perca o olhar mais apurado.

O objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas. (GEERTZ, 2013, p. 19-20).

Para tentar fixar os discursos e interpretar os aspectos culturais, recorri a uma abordagem de inspiração etnográfica (saliento que trata-se de uma inspiração, pois não sou antropóloga de formação, não utilizo de todas as “ferramentas” da etnografia e nem tive

⁴⁰ O conceito semiótico de tradução será retratado no Capítulo 4 intitulado “Sobe recepção midiática: a utilização de diferentes correntes para um melhor entendimento da questão”.

tempo suficiente de abordagem junto às sujeitas comunicantes para poder denominar o trabalho etnográfico em si), que chamo de entrevistas etnocomunicacionais em profundidade, aproveitando a bagagem de minha formação enquanto jornalista e enriquecendo-a com os preceitos etnográficos. Os movimentos realizados para a construção desta pesquisa não foram mecânicos ou simplesmente uma série de perguntas. Foram, na verdade, uma série de passos, que envolveram uma aproximação cautelosa, um processo de escuta e um estreitamento de laços humanos que não causaram distúrbios, muito pelo contrário, me municiaram de referências e afetos que possibilitaram um melhor conhecer e interpretar a construção das semioses, que é o objetivo deste trabalho.

Importante lembrar que esta pesquisa foi realizada em meio urbano, em uma realidade acessível (todas as sessões do centro de Umbanda são abertas ao público, por exemplo). A inspiração etnográfica não repousa aqui, como salienta Geertz (2013, p. 12),

[...] na capacidade do autor em captar os fatos primitivos em lugares distantes e levá-los para casa como uma máscara ou um entalho, mas no grau em que ele é capaz de esclarecer o que ocorre em tais lugares, para reduzir a perplexidade — que tipos de homens são esses? — a que naturalmente dão origem os atos não familiares que surgem de ambientes desconhecidos.

Ou seja, no caso deste trabalho trata-se de trazer para o meio acadêmico e comunicacional um tema que reverbera socialmente e em tantas áreas do conhecimento, na tentativa de compreender as semioses geradas, e também de trazer para conversa sujeitas comunicantes com experiências de vida riquíssimas. Não se trata de dar voz a elas: todas as pessoas têm a sua, o seu *axé de fala*⁴¹. O objetivo aqui é escutar, compreender e traduzir experiências para compreender processos sociais e comunicacionais e trazê-los para debate, sem ter em mente apenas uma “verdade”. Ainda que o grupo em questão seja pequeno, apenas três mulheres, as enxergo como amplificadores da vida e do cotidiano de milhares de Jacis, Kethlins e Kellens. Acredito que por meio da experiência e das singularidades de cada uma delas seja possível compreender alguns aspectos que perpassam a construção identitária, e o processo de recepção midiática de um enorme grupo de brasileiras.

Resumindo, temos que descer aos detalhes, além das etiquetas enganadoras, além dos tipos metafísicos, além das similaridades vazias, para apreender corretamente o caráter essencial não apenas das várias culturas, mas também

⁴¹ Nas religiões de matriz africana se diz que uma entidade ganhou o axé de fala quando consegue se comunicar verbalmente através de seu médium.

dos vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura, se é que desejamos encontrar a humanidade face a face. Nessa área, o caminho para o geral, para as simplicidades reveladoras da ciência, segue através de uma preocupação com o particular, o circunstancial, o concreto, mas uma preocupação organizada e dirigida em termos da espécie de análises teóricas sobre as quais toquei — as análises da evolução física, do funcionamento do sistema nervoso, da organização social, do processo psicológico, da padronização cultural e assim por diante — e, muito especialmente, em termos da influência mútua entre eles. Isso quer dizer que o caminho segue através de uma complexidade terrificante, como qualquer expedição genuína. (GEERTZ, 2013, p. 38).

O autor também fala da importância de não apenas realizar uma descrição dos fatos e hábitos das diferentes civilizações em cada período histórico, mas sim de conseguir perceber as relações causais impressas nas estruturas sociais de cada período. Os sistemas dessas relações são expressos por signos, que servem para dar significado ao mundo vivido:

A perspectiva da cultura como “mecanismo de controle” inicia-se com o pressuposto de que o pensamento humano é basicamente tanto social como público — que seu ambiente natural é o pátio familiar, o mercado e a praça da cidade. Pensar consiste não nos ‘acontecimentos na cabeça’ (embora sejam necessários acontecimentos na cabeça e em outros lugares para que ele ocorra), mas num tráfego entre aquilo que foi chamado por G. H. Mead e outros de símbolos significantes — as palavras, para a maioria, mas também gestos, desenhos, sons musicais, artifícios mecânicos como relógios, ou objetos naturais como joias — na verdade, qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência. (GEERTZ, 2013, p. 33).

3.3 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Apesar de ter proximidade com a temática e a cultura negra, a ida a campo junto às pesquisas bibliográficas e documentais, às diferentes disciplinas e aos momentos em sala de aula durante os dois estágios em docência que realizei, e à participação nos coletivos de pesquisa, tornaram a experiência de pesquisa rica e diversificada, mas também provocou profunda reflexão e uma inevitável geração de dúvidas.

A vontade de submergir em campos até então inexplorados me fizeram optar pelo recorte na questão identitária negra. Ao estudar o conceito de gênero e perceber as diferenças transformadas em desigualdades, ainda mais abissais no caso das mulheres negras, passei a construir um trabalho sobre mulheres negras e suas relações com as diferentes mídias. A partir dos primeiros movimentos exploratórios, percebi a necessidade de teorias que ajudassem a desenhar de maneira coerente e frutífera meus passos na caminhada empírica no espaço das

sujeitas comunicantes participantes da pesquisa. Logo, a etnografia entrou em cena, apesar de ter pouca familiaridade com a área. Instigada pelas aulas de Teorias da Comunicação, revisitando as grandes correntes do campo, a complexidade da semiótica aliada aos estudos de recepção foi, de certa forma, se encaixando no processo de desenho desta pesquisa.

3.4 OS MOVIMENTOS

Sou batizada na Umbanda. No entanto, ao iniciar esta pesquisa, já não frequentava um centro da religião há mais de 15 anos. Porém, esse não era meu foco inicial. Ao ler sobre a negritude em Porto Alegre, conversar com pessoas ligadas ao Movimento Negro de forma ampla, buscar vídeos e também perfis ou páginas em redes sociais que falassem sobre o tema, me interessei especialmente pela história do Quilombo Areal da Baronesa. Localizado entre os bairros Cidade Baixa e Menino Deus, na Avenida Luiz Guaranha, a comunidade é um marco na cidade, ajudando a guardar parte da história porto-alegrense e do povo negro da região. Me informei sobre a comunidade, que me pareceu extremamente interessante, e pensei que as mulheres do local teriam muito a contribuir para a construção da pesquisa.

Com o objetivo de realizar uma aproximação orgânica com o grupo que convidaria para participar do trabalho, iniciei a etapa exploratória com as temáticas relacionadas ao Movimento Negro. Interessava-me, naquele momento, compreender melhor as pautas e os assuntos que eram de interesse político/social/cultural das possíveis participantes da pesquisa. Apesar de extremamente enriquecedores, no decorrer da pesquisa me dei conta de que talvez a melhor estratégia não fosse ir a eventos articulados por instituições como a Ordem dos Advogados do Brasil, ou mesmo do Movimento Negro Unificado. Talvez a pesquisa tivesse se desenhado de outra forma se, naquele momento, eu tivesse participado das feijoadas e demais eventos locais organizados pelas diferentes comunidades quilombolas de Porto Alegre. No entanto, isso exigira uma maturidade que, hoje percebo, eu não tinha na época. Além disso, iniciar um acompanhamento psicológico⁴² junto a uma profissional de saúde foi aspecto fundamental para que, meses depois, eu conseguisse realizar efetivamente o trabalho de campo.

De todo modo, ir aos eventos foi muito enriquecedor. Escutar pessoas que trabalham

⁴² Acredito na transparência e, por isso, registro aqui a importância da terapia no processo de construção desta pesquisa. Seja pela complexidade que é entrar na realidade alheia, mesmo que de visita, seja por todas as dúvidas que o processo gerava, seja pelas questões pessoais que entravam em ebulição no período. Aprendi que a vida não para enquanto fazemos ciência, mas que é preciso fluir no caos próprio da nossa existência.

com a temática da negritude há muito tempo, perceber que há diversas iniciativas em diferentes áreas (acadêmicas ou não) me ajudou a ter um panorama, ainda que regional, dos assuntos trabalhados. Além dessa aproximação com o tema, perceber que uma pessoa branca pode e deve falar sobre racismo⁴³ foi bastante motivador.

Passei a buscar contato com as mulheres do quilombo e decidi que me apresentar pessoalmente seria o mais adequado. Em conversa com a amiga, ativista e pesquisadora da causa negra, Lucilene Athaide, sobre a ida ao quilombo, ela comentou que já havia ido ao local em outra oportunidade e poderia me acompanhar, caso eu quisesse. Aceitei e fomos juntas no dia 5 de setembro de 2018. Os líderes do local (um casal) não estavam, mas me passaram o telefone deles. Entrei em contato com a mulher e conseguimos agendar uma visita para o dia 25 de setembro, que aconteceu de forma muito rápida, pois a mãe dela estava hospitalizada. Expliquei de forma sucinta a pesquisa e o que pretendia desenvolver e ela foi bastante receptiva. Marcamos uma visita para conversarmos com mais calma no dia 1º de outubro. Nessa breve visita notei que havia um congá⁴⁴, o que demonstrava uma ligação efetiva com as culturas de matrizes africanas, uma vez que nem todas as pessoas que atualmente se identificam como quilombolas (ou são moradoras de um desses locais) necessariamente serão praticantes de uma mesma religião.

Ao voltar ao local no horário combinado, a líder não estava. Tinha acontecido um imprevisto e ela estava no hospital com sua mãe. Após esse dia, tentei por várias vezes contato por telefone e *WhatsApp*, mas não tive retorno. No dia 18 de outubro participei do III Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no qual pude debater com os colegas e me foi dada a sugestão de procurar outro local, diante da dificuldade em conseguir estabelecer um vínculo com a comunidade. O evento foi produtivo e serviu de gatilho para que pudesse pensar novas estratégias. Entre os dias 19 e 27 de outubro participei dos eventos “II Sinapiens”, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), e “XII Seminário Internacional de Metodologias Transformadoras”, realizado em Posadas, Argentina. Durante os eventos fui estimulada a pensar novas possibilidades para a pesquisa, a partir das apresentações de colegas e professores. Depois de escutar apresentações sobre a importância da memória familiar para reconstruir a história da coletividade, e de que nem sempre temos a

⁴³ Respeitando, é claro, suas limitações por não, literalmente, sentir na pele o preconceito, tendo todos os cuidados que o tema exige e entendendo que o preconceito e a segregação não foram criados pelas pessoas negras, pelo contrário.

⁴⁴ Espécie de prateleira em que ficam acomodadas as imagens das divindades da Umbanda.

aderência que gostaríamos com o grupo que pretendemos trabalhar, decidi que a melhor opção seria alterar o objeto empírico de referência da pesquisa em desenvolvimento.

Revisitando os motivos que me fizeram ter proximidade com as questões raciais, lembrei do terreiro de Umbanda que frequentei até os 12 anos de idade. Nesse contexto, pensei que poderia ser interessante pesquisar a partir da experiência das mulheres que constroem esse espaço. Pelo menos três gerações da família Cruz foram criadas imersas na religião de matriz negro-africana. A matriarca dessa família, Jaci, tem outras duas irmãs, que também possuem terreiros. Por já conhecer o lugar, apesar de não o visitar há muitos anos, pensei que convidá-las para participar da pesquisa e compreender seus processos de significação em inter-relação com os sistemas midiáticos seria também, de certa forma, compreender minha própria história.

Dessa forma, entrei em contato com as mulheres da família Cruz, lembrando:

Contei com a colaboração de três mulheres da família Cruz: avó, mãe e neta. Todas são moradoras do mesmo terreno na zona Norte de Porto Alegre/RS. A primeira mulher é Jaci, de 64 anos, mãe, avó, dona de casa e viúva, é Cacique de Umbanda em um terreiro que fica no mesmo terreno de sua casa. A segunda mulher é Kellen, sua filha, tem 37 anos, é técnica em enfermagem e mãe de três filhos: Kethlin, 20 anos, Carolina 3 anos, e Leonardo, 2 anos. Kellen é casada com Michel, o pai de seus filhos, e mora no mesmo terreno em que habitam Jaci e a terreira. A terceira mulher é Kethlin, de 20 anos, estudante universitária e atualmente participante de um programa de Menor Aprendiz. A filha mais nova de Jaci, Jennifer, tem uma lancheria que administra junto ao marido, na zona Norte de Porto Alegre. Aos 29 anos, ela tem dois filhos, Giovanna, de 5 anos e Henrique, de 2 anos. Devido aos fluxos da pesquisa, as entrevistas em profundidade foram feitas somente com essas três primeiras mulheres.

No início de novembro conversei com Jennifer, que aceitou me receber. No dia 14 do mesmo mês realizei a primeira pesquisa exploratória, que narro com maior detalhe no subcapítulo seguinte. Desde o início, as mulheres se mostraram muito prestativas e dispostas a ajudar. Guiada pela curiosidade acadêmica, e tendo em mente a necessidade de expandir meu olhar e perceber pistas, realizei visitas exploratórias e entrevistas em profundidade. Em algumas, participei na assistência⁴⁵ das sessões de Umbanda, inclusive viajando ao litoral para uma sessão à beira-mar. Busco narrar, a seguir, os aspectos mais importantes desses momentos.

⁴⁵ Espécie de plateia dos cultos de Umbanda, que geralmente frequenta as sessões para tomar passes.

Figura 7 – Rua do terreiro de Umbanda/casa das participantes da pesquisa



Fonte: *Google Maps* (2020).

Figura 8 – Rua do terreiro de Umbanda/casa das participantes da pesquisa, que está ao fundo



Fonte: *Google Maps* (2020).

O lar que eu visito⁴⁷ é totalmente feito de alvenaria e está passando por algumas

⁴⁷ A partir daqui, a narrativa do capítulo encontra-se presentificada para poder mostrar como fui recebida e os fatos foram se desencadeando.

reformas. A terreira ocupa a parte frontal do terreno. Há uma casa ao lado, que se expande para cima, na qual vivem Jaci e a neta Kethlin, e outra atrás, onde a filha mais velha, Kellen, mora temporariamente até acabar de reformar a casa que comprou, que fica ao lado do terreno.

Logo ao chegar sou recebida por Jennifer e Giovanna, sua filha. A menina logo me abraça e fica no meu colo – me sinto acolhida. Entro na cozinha, onde estão Jaci, Kellen, sua filha Kethlin e Mara (que ao longo do texto poderá aparecer como “Tia Mara”, como é chamada), cunhada de Jaci.

Começamos a conversar e tudo flui naturalmente. Regada a café preto, a conversa vai transcorrendo de um assunto a outro, com bastante intimidade. Em um primeiro momento, Jennifer, Kellen e Kethlin demonstram bastante disponibilidade em me ajudar. Jaci e Mara entram e saem da cozinha envolvidas com afazeres da casa. Todas me recebem com o carinho de estar falando com uma velha conhecida.

Conversamos sobre muitas coisas, desde desigualdades até o papel da mídia nas eleições presidenciais de 2018. Kethlin conta que usa muito a internet para se informar e que, na TV aberta, gosta de programas como “Amor e Sexo” e “Conversa com Bial”. Kellen fala sobre como os vídeos que vê na internet a ajudaram a entender mais sobre o que é representatividade, mas que não perdeu o hábito de ver o “Jornal Nacional” e a novela das 21h, na rede Globo. Já Jennifer prefere quase que totalmente a TV a cabo, na qual assiste programas como “Investigação Discovery”.

Sobre representatividade, Kellen conta que, na sua adolescência, não era bonito ter cabelo crespo, que esse movimento de aceitação é mais recente. Ela acredita que seja por causa da internet. Salienta que acha que a internet tem um potencial muito grande para disseminar conteúdos informativos interessantes. Jennifer a interrompe e diz que é preciso observar quem tem acesso à internet, que nem todas as pessoas consomem esse tipo de conteúdo, como a tia delas, que mora a algumas casas de distância. Ela também fala sobre o recorte geracional e que, muitas vezes, as pessoas de mais idade não têm acesso ou simplesmente não querem aprender a lidar com as novas tecnologias.⁴⁸ A conversa segue por mais de uma hora, diversos temas são abordados.

Já na primeira visita pude confirmar o potencial da família e sua pertinência para o projeto em desenvolvimento. Além de usarem as tecnologias para se informar, as mulheres da família Cruz demonstram ter consciência de múltiplos atravessamentos midiáticos em suas

⁴⁸ Essa conversa deu o tom de todas as entrevistas realizadas posteriormente: dinâmicas, com engajamento e algumas discussões entre as participantes.

vidas. Observo, também, que a divisão geracional das preferências é bastante demarcada e que as sujeitas comunicantes possuem uma visão ampla de sociedade (ao falar sobre os diversos grupos discriminados).

A segunda vez que voltei ao bairro Jardim Leopoldina, no dia 24 de novembro de 2018, foi para participar de uma sessão de Umbanda. Chego no local por volta das 20h45, sendo que os rituais começam às 21 horas. Meu contato mais próximo, até por questão de idade, é a Jennifer, mas ela não atende minha ligação. Há um fluxo de pessoas entrando (chegando para o ritual). Eu pergunto se posso e entro. Encontro Jaci quando chego na porta da cozinha. Ela sorri e diz para eu sentar, ficar à vontade. Ela está se arrumando para a sessão. Enquanto está na cozinha acendendo a defumação que será utilizada logo mais, a pequena TV no alto da parede exibe o programa “Jornal Nacional”. Na tela, uma passagem de uma entrevista do presidente eleito Jair Bolsonaro. Ao fundo, Hélio Bolsonaro, conhecido como “negão do Bolsonaro” por andar sempre ao lado do presidente eleito. Jaci olha para a TV e fala: “Coisa mais ridícula esse negão do lado desse cara”. Digo que ele ajuda a amenizar o discurso preconceituoso de Bolsonaro. A defumação está pronta. Vamos para terreira.

Já há algumas pessoas sentadas entre as cadeiras e os bancos do pequeno salão de paredes verdes, enfeitadas com alguns quadros de Ogum em sua representação como São Jorge. Ao toque do sininho de mão, todos os membros da corrente batem cabeça para o congá e para a mãe de santo. Ao formar a meia lua ao redor das prateleiras com as diversas imagens de santos (muitas das quais representadas por *deuses cristãos*), Jaci inicia o ritual. Com uma fala humilde, mas bastante séria e ao mesmo tempo doce, ela reforça que está ali para fazer o bem, e jamais o mal. Que não faz “trabalhos” para atrapalhar ninguém e que as portas de sua casa estão sempre abertas. Lembra que todos os seus filhos, sejam de sangue, sejam religiosos, podem procurar outras terreiras ou igrejas, que não há problema nenhum nisso, e que devem ficar onde seus anjos da guarda se sentirem melhor. Agradece por ter pessoas que se sentem bem na casa dela há anos e começa o ritual.

Entre os cantos, o toque do tambor e a voz masculina de Alisson (também filho de sangue de Jaci e tamboreiro), se destacam. Pessoas chegam e se sentam. Alguns membros da corrente, composta majoritariamente por mulheres, incorporam diferentes caboclos. Passes (benzeduras) e consultas (aconselhamento mais pessoais) são dados. O ritual serve para isso. Algumas crianças também assistem e tomam passe. Giovanna, filha de Jennifer, dorme em meu colo. Todos podem participar cantando os pontos. Pouco a pouco, à medida que os passes e as consultas vão sendo realizados, os caboclos vão “subindo” para Aruanda (local no plano espiritual no qual moram os espíritos mais evoluídos, segundo as religiões de matriz

negro-africana).

Quando a sessão termina, todos são convidados a tomar um café na casa de Jaci. Ela me olha e, muito carinhosamente, pergunta se vou dormir em sua casa. Digo que não poderei e que chamarei um carro para ir embora, mas que aceito o café. Algumas pessoas vão embora imediatamente após a sessão, outros se dirigem à cozinha, na qual pães, diferentes misturas, suco e café são postos na mesa. Todos conversam alegremente, eu fico alguns minutos, mas logo me despeço e vou embora.

De modo geral, todas as sessões acontecem de maneira semelhante. Um dia, em especial, me chamou a atenção: Leonel, irmão de Jaci, e um dos poucos homens a participar dos rituais pede a palavra, no momento inicial da sessão. Ele faz uma fala sobre a importância de orar por aqueles que mais precisam ou estão enfermos, como sua sogra estava no momento. Foi uma fala breve, mas muito bonita. Jaci reforça que todos que queiram podem usar aquele espaço para se dirigir aos demais. Destaco esse momento por ele ter sido muito natural. Ao questionar Jaci sobre esse fato durante as entrevistas em profundidade, ela confirma a democratização daquele espaço e ainda salienta alguns diferenciais que procura ter com todos que frequentam sua casa, aspectos que deixam evidente a noção de família ampliada:

Renata: *Eu achei legal que uma vez que eu vim também o Leonel pediu pra falar, que ele queria dar um recado pra todo mundo, e eu achei muito bacana a fala dele também...*

Jaci: *Aquilo ali que o Leonel falou e a maneira, eu sempre dou abertura e pergunto pras pessoas que estão ali porque nós temos assistência, mas eu sempre falo que nós temos duas correntes, que é a corrente de dentro e a corrente de fora, porque lá fora, muitas vezes, tem gente mais desenvolvida do que os próprios que estão na corrente. Desenvolvida que eu digo é espiritualmente. Ou, até mesmo, gente que já foi em outras casas, já é outra doutrina, mas já se inclui ali. Eu sempre dou a palavra pra quem tiver alguma coisa pra falar, que foi o caso do Leonel aquele dia que eu achei muito bacana também da parte dele e gostei muito das coisas que ele falou.*

Renata: *Acho que é muito bacana essa democratização desse espaço de fala.*

Jaci: *Exatamente. Porque, na verdade, cada um de nós tem um ponto de alcance na espiritualidade. Tu tem uma maneira de pensar, de ver, eu tenho outra, mas na verdade juntando é uma só. Isso aí eu acho que é muito bom.*

Renata: *Outra coisa que me chama atenção, que a gente também já conversou semana passada e eu acho que eu não acabei perguntando diretamente é sobre aquele momento pós sessão, o momento do cafezinho aqui também. Isso também foi uma coisa que tu resolveu instaurar? Porque eu me lembro, desde que eu me conheço por gente, pelo menos, isso já é uma prática...*

Jaci: *Cotidiana né, sempre. Tu sabe que, inclusive, teve um tempo aí que eu faria, e gosto de fazer, às vezes as gurias até me questionam “ah, pra que tu tá te cansando e gastando?”, tem isso daí também sabe, a gente fala sobre isso aí, mas eu gosto sempre de fazer ou um café ou uma lentilha ou uma sopa. Porque,*

digamos assim, que seja uma continuidade da nossa parte espiritual lá, e aí é uma coisa nossa aqui que eu acho que é até mais uma aproximação das pessoas que não são muito de ter aquele diálogo, aquela convivência do dia a dia, é um momento da gente se reunir todo mundo e eu acho bacana isso daí.

Renata: *De fortalecimento de vínculos.*

Jaci: *Exatamente. E vou te falar bem a verdade, dessa maneira eu não vejo em outros lugares, não vi principalmente em dia de sessão. A não ser quando é uma festa, uma homenagem pros pretos velhos, geralmente tem aquela aproximação de comer um doce, seja o que for, mas no cotidiano, no diário, não tenho conhecimento de saber que é assim. Terminou a sessão todo mundo fecha a terreira ou cada um pro seu lado, não tem uma palavrinha e é bom ter uma palavrinha, eu gosto [risos].*

Kethlin: *A questão que tu tava falando, a vó, por que todo mundo vem aqui na casa dela hoje? Porque na verdade ela sempre tentou que a gente não cortasse os vínculos. Acho que, por isso, que a reunião é sempre na casa dela, “ah, vamo fazer o aniversário do fulano” e é na casa da minha vó. Ela é uma pessoa que sempre quis que a gente ficasse junto. E eu lembro que não só diariamente, mas quando era verão todo mundo ia pra casa dela, as pessoas dormiam no corredor, arrumavam barraca fora e tá tudo certo, porque ela fazia questão que as pessoas fossem pra lá pra todo mundo ficar unido, ter aproximação. Isso é uma coisa que é dela. (informação verbal).⁴⁹*

De modo geral, as visitas tanto para as sessões como para as entrevistas acontecem de forma semelhante, e todas estão narradas nos Apêndices de B a I. Entretanto, destaco aqui uma breve narrativa, do dia 7 de dezembro de 2019, que acredito ajudar a aproximar quem lê este trabalho da experiência vivida em campo.

Em um sábado ensolarado em Porto Alegre, as filhas de santo de Jaci (falo no feminino, pois das 27 pessoas que fizeram a viagem até Cidreira, cidade litorânea onde a Cacique de Umbanda tem casa, 19 eram mulheres ou meninas), começaram a se reunir na terreira. Eu cheguei no local por volta das 16h30, e já estava tudo praticamente pronto: as oferendas em frente ao congá, organizadas em bacias e sacolas, lanches preparados e as pessoas se arrumando para a viagem. Kethlin e Márcia (uma filha de santo de Jaci que havia passado meses em São Paulo e retornara no dia anterior) estavam fazendo os últimos ajustes no forro de cetim do barco de madeira azul, que seria utilizado como altar horas mais tarde. Aos poucos, as pessoas iam chegando e conversando, largando sacolas com alimentos, como sanduíches e enroladinhos, e juntando ainda mais oferendas ao congá.

As oferendas, importante dizer, foram feitas a partir de doações dos próprios filhos da casa e, claro, com o dinheiro da própria Jaci. São muitos doces, entre eles merengues de diversas cores, balas de muitos sabores e pirulitos. Afinal, há várias crianças na casa e uma a

⁴⁹ Registro do Diário de Campo de 17 de outubro de 2019.

caminho. É preciso saudar e agradecer aos Cosmes⁵⁰. Da mesma forma, mas não na mesma quantidade, itens como pipocas e outros alimentos, além de flores e, em menor quantidade, bebidas (para os Exus), assim como os materiais para a sessão, como fluidos, velas e espadas de São Jorge foram se juntando em frente às imagens dentro da terreira.

Do lado de fora, algumas pessoas fumam, outras conversam, ligam para quem ainda não chegou. O corredor entre a cozinha da casa de Jaci e a terreira fica movimentado. O clima é de descontração. Por volta das 18h, o toque do sino de mão indica que é hora de iniciar os rituais. Assim, todas que fazem parte da corrente estão vestidas de branco e entram. Eu e mais uma pessoa ficamos na assistência, enquanto os namorados das participantes, que não se envolvem diretamente na parte mais mística do momento, ficam na rua. Os pontos iniciais são entoados, logo após a reza coletiva e em voz alta de “Pai nosso” e “Ave Maria”. Jaci, como em outras oportunidades, salienta que a entrega das oferendas se trata muito mais de agradecer do que pedir. Diz que tem certeza que todos ali têm algo a agradecer e pede para quem ainda não alcançou o que almejava um pouco mais de paciência. Complementa com o desejo de que todos tenham uma palavra de apoio, seja ela vinda dos caboclos ou dos irmãos de santo. Afinal, *“é para isso que serve a religião”*.

Todas as pessoas batem cabeça (eu apenas observo) e vão pegando as oferendas que estão no chão e levando até o ônibus de 30 lugares que fora locado para o deslocamento. Eu me levanto, faço menção de sair, e tia Mara (como é chamada por todas a cunhada e braço direito de Jaci) está próxima à porta, carregando uma grande bacia cinza e uma igualmente volumosa sacola de pipoca. Pergunto se ela quer ajuda. Ela imediatamente me dá os itens e, dessa forma, entro na pequena procissão que vai do portão da casa da família Cruz até o ônibus. Todas, naquele momento, cantando o mesmo ponto. Nos acomodamos no veículo (eu já havia deixado minha bolsa em um dos últimos bancos, ao lado da de Andressa, uma das jovens com quem conversei bastante antes do ritual e que fez questão de me acolher), e partimos. Durante todo percurso, de cerca de duas horas, Alisson e seu primo tocavam os tambores e entoavam pontos. Algumas pessoas os acompanhavam cantando, outras comiam os quitutes preparados. Ainda havia os que conversavam ou dormiam. Antes mesmo de sair, o senso de coletividade é evidenciado. Apesar de cada um ter preparado o “seu” lanche, tudo era oferecido a todos. No trajeto, o ônibus para duas vezes: uma na saída de Porto Alegre, para entregar oferendas aos Exus, e outra na chegada à Cidreira, com a mesma finalidade.

Desembarcamos todos na casa de Jaci, que fica a cerca de três quadras da beira do mar.

⁵⁰ Divindades infantis.

Trata-se de uma construção em alvenaria, toda pintada de vermelho, com dois banheiros, sala, quarto e cozinha. As duas últimas peças chamam à atenção por serem bem espaçosas. No quarto há pelo menos três camas e, mais ou menos, cinco colchões, o que demonstra que, assim como em Porto Alegre, a casa de Jaci é um ponto de encontro e acolhimento. Depois de dadas as primeiras instruções, Jaci passa um café (como de praxe, é um momento de união). A maioria inicia os preparativos para a sessão, outros cuidam de dar brinquedos para crianças (ao total são cinco), conversam ou fazem alguma coisa pessoal.

Ali, as oferendas foram arrumadas: todas as balas foram tiradas das embalagens individuais, todas as velas tiradas dos pacotes e arrumadas em um cesto de plástico (eu participei ativamente dessas duas tarefas, porque me senti à vontade e me foi permitido). Com muitas mãos trabalhando, logo tudo estava pronto. Os homens e algumas mulheres foram na frente para a praia, a fim de cavar o buraco em que seriam acesas as velas e organizar a iluminação, feita com quatro lâmpadas brancas compridas, fincadas na areia e ligadas a uma extensão improvisada que levava a uma casa próxima, que gentilmente cedeu o uso da tomada.

Na saída, é preciso organização para não esquecer nada. É preciso, também, levar as imagens dos santos que ficam naquela casa para a beira da praia. Jaci começa a distribuir e me encarrega de levar Iemanjá. No momento, não há pompa alguma, mas eu me senti honrada com a responsabilidade. Todas estão com os braços ocupados e seguem em direção ao mar, conversando alegremente. Ao chegar na areia começam os preparativos para a sessão em si. A noite está estrelada e pode-se ver com clareza a lua. Não há vento forte, apenas uma brisa. Logo que as luzes são acesas e as velas também, o congá é feito no barco, que recebe as imagens de Oxalá, Iemanjá, Xangô, Iansã, Ogum e Oxum. As oferendas são posicionadas à frente e ao lado do barco. Um pouco mais atrás e do outro lado ficam os tamboreiros e as velas. A assistência, composta pelas crianças, por mim, pelos namorados que não participam, e pela filha de uma das integrantes, fica atrás do barco. A corrente se forma à frente.

Não demora até que o som do tambor e do agê comece a ecoar pela noite estrelada. A sensação de estar ao ar livre naquele momento, naquele ritual, é de paz e alegria. Pouco a pouco, os caboclos começam a chegar, assim como algumas pessoas que observam. Cada caboclo que chega saúda o mar, ou seja, vai até ele. Isso exige acompanhamento de pelo menos uma pessoa que não esteja em transe. Duas mulheres incorporam Iemanjá e é preciso cuidado especial com elas: afinal, a rainha do mar está em seu habitat e, muitas vezes, as pessoas incorporadas com essa divindade acabam por entrar mar adentro. O fato de ficarem, em muitos casos, com metade do corpo molhado não afeta as pessoas em transe. Além disso,

as saias molhadas e sujas de areia, dançando sobre os pés descalços, geram um efeito místico e belo.

Logo no início dos trabalhos, nota-se que uma família muito pobre se aproxima. Uma cadeira de praia é oferecida à mulher, que chama atenção por sua magreza. Todos estão com roupas muito velhas e sujas. Uma criança e dois homens estão juntos com a mulher. Eles são acolhidos e abraçados (literalmente) pelas entidades. Tomam passes, tiram consultas e ficam quase até o final do ritual. Pai Ogum da Lua⁵¹ deixa instrução para que sejam feitas doações de alimentos e roupas àquelas pessoas. Além deles, outros moradores locais se aproximam para tomar bênçãos ou pedir conselhos. De modo geral, o ritual acontece de modo muito parecido com os anteriores, na terreira.

Ao final da cerimônia, a instrução de Pai Ogum é que, os que desejarem, escrevam seus pedidos na areia. Além disso, é necessário pegar as pétalas de uma flor e jogar no mar. Também é possível jogar pipoca sobre as oferendas para pedir clareza (uma grande sacola é passada de mão em mão) e mel, para adoçar os caminhos (vários potes de mel são revezados). Assim como todas, escrevo meus pedidos e dirijo-me ao mar para entregar as pétalas. Volto ao ponto da areia em que estava e, em seguida, um grande grupo vai ao mar. Todos vestidos de branco ficam observando as ondas. É uma bela imagem. Arrependo-me de não ter levado uma câmera apropriada para registrar o momento.

Ao retornarem, as imagens são entregues para as mesmas pessoas que as trouxeram. As bacias que levaram as oferendas, as cadeiras e a iluminação são rapidamente recolhidas. O que fica na beira da praia são apenas as oferendas (comidas), sem nenhuma embalagem de plástico ou papel, uma vez que foram colocadas sobre folhas de mamona. Todas retornam à casa de Jaci. Nota-se uma alegria no grupo, que comenta como a água estava morna e o céu limpo. Ao chegar na residência, todos devem se lavar. Há uma preocupação em não sujar o ônibus. Assim, algumas pessoas vão tomar banho e as que menos se sujaram lavam as pernas. Algumas pessoas lavam e organizam os materiais utilizados, outras vão para a cozinha lanchar. Jaci novamente passa café e fica pela pia, organizando as louças. Não demora para que quase todos estejam na cozinha. Eu, que havia levado apenas um pacote de amendoim para comer na viagem, sou convidada a comer sanduíches e enroladinhos. Assim, os acompanho em torno de uma grande mesa de madeira, tomando refrigerante e rindo das histórias contadas ou das brincadeiras feitas, encabeçadas principalmente por Alisson.

⁵¹ Entidade chefe do terreiro, que é incorporada por Jaci.

Em meio à conversa, um aviso: Leonel, que dirige o ônibus e também participa dos rituais, precisa trabalhar dali a algumas horas (a essa altura o relógio marcava quase duas horas da madrugada). Todas começam a juntar suas sacolas e se dirigir para o veículo. Durante a volta, a maioria adormece. Chegamos à casa de Jaci, em Porto Alegre, por volta das 3h30 da manhã. Já havia combinado que eu dormiria lá, pois não tinha como retornar para minha casa. Assim, Jaci me levou ao seu quarto, me mostrou o banheiro e disse que já viria dormir. Ao som de um carinhoso “*pode deitar no canto, filha, que eu já venho*”, me acomodei na cama de casal da líder espiritual. Dormi muito tranquilamente até às 9h, quando despertei e Jaci não estava mais no quarto. Organizei minhas coisas, estendi a cama, passei por mais uma peça onde Jennifer e seu marido dormiam em um colchão no chão e descii as escadas em direção à cozinha. Lá estava Jaci, com o cabelo bem penteado, de vestido até a canela, muitas pulseiras e anéis (como sempre), às voltas com mais oferendas que seriam entregues naquele dia, na mata. Ela passou um café para nós, me ofereceu sanduíches e conversamos um pouco mais sobre a noite anterior. Logo tia Mara chega, também com um sorriso no rosto, perguntando o que precisava ser comprado para aquele dia. Conversamos mais um pouco e me despeço. Essa experiência foi, de fato, reveladora. Há um forte senso de comunidade. O acolhimento, o respeito, a doação de cada um para a realização daquele momento evidenciava, de maneira singular, o que eu já havia percebido em outras ocasiões: a família é extremamente importante e a noção de família ampliada muito real. A forma de tratamento para com todos, mas, especialmente, aos mais necessitados demonstra o viés caridoso da religião, fato expresso em várias entrevistas.

4 SOBRE RECEPÇÃO MIDIÁTICA: A UTILIZAÇÃO DE DIFERENTES CORRENTES PARA UM MELHOR ENTENDIMENTO DA QUESTÃO

Partindo de uma apropriação da perspectiva transmetodológica, busco inspirações e utilizo diversas vertentes, de diferentes correntes, para construir uma forma de abordagem especialmente formulada para esta pesquisa. Por isso, parto do conceito de cultura de Geertz, como aspecto inerente e formador da nossa condição humana, conforme o autor:

Isso significa que a cultura, em vez de ser acrescentada, por assim dizer, a um animal acabado ou virtualmente acabado, foi um ingrediente, e um ingrediente essencial, na produção desse mesmo animal. O crescimento lento, constante, quase glacial da cultura através da Era Glacial alterou o equilíbrio das pressões seletivas para o Homo em evolução, de forma tal a desempenhar o principal papel orientador em sua evolução. O aperfeiçoamento das ferramentas, a adoção da caça organizada e as práticas de reunião, o início da verdadeira organização familiar, a descoberta do fogo e, o mais importante, embora seja ainda muito difícil identificá-la em detalhe, o apoio cada vez maior sobre os sistemas de símbolos significantes (linguagem, arte, mito, ritual) para a orientação, a comunicação e o autocontrole, tudo isso criou para o homem um novo ambiente ao qual ele foi obrigado a adaptar-se. (GEERTZ, 2013, p. 34-35).

Uma das vertentes utilizadas na análise que realizo neste trabalho é a semiótica. Interessa-me pensar como no cenário rico e complexo da periferia de um grande centro, mais especificamente em um terreiro de Umbanda repleto de história, os produtos midiáticos atuam como signos, representações, e como engendram formas de ser e viver em um grupo que já vive em um emaranhado de significações. Santaella (2014, p. 508) aborda de maneira interessante os postulados de Peirce nesse sentido: “[...] a Semiótica, não é apenas uma teoria da cognição, mas também uma teoria dos variados modos como representamos, significamos e interpretamos a realidade”. Trata-se de uma questão complexa, uma vez que os signos podem ter diversas decodificações: “Ao lado da semiose social, em que a interação entre pessoas é mediada pela palavra oral e escrita, ocorrem outras semioses geradoras de diferentes textos que são ocorrências da e na cultura”. (MACHADO, 2013, p. 142). Já “Para Lótman (1996, p. 7-90), isso significa que todo texto deve estar codificado, no mínimo, duas vezes: pelo código que apreende a informação e a transforma num conjunto organizado de signos e pelo contexto sistêmico da cultura historicamente constituído”. (MACHADO, 2013, p. 143).

Assim, busco compreender como os conteúdos das diferentes mídias atravessam as construções identitárias das participantes da pesquisa, levando em consideração suas histórias e crenças. A esse movimento chamo de *etnografia semiótica*, ou seja, um estudo

comunicacional etnográfico centrado nos processos de significação que são atravessados pelo consumo midiático. “Nesse sentido, o receptor/destinatário, para a semiótica, não se trata de uma instância abstrata e universal, mas constitui o ‘centro do discurso, que constrói, interpreta, avalia, aprecia ou rejeita as significações’ (2003:25).” (MENDES, 2007, p. 4).

Seja como for, o pensamento sobre o signo como um veículo de produção de sentido instala-se de forma definitiva como fundante e essencial para qualquer discussão que envolva noções de cultura e comunicação – pensadas ambas como conglomerados de sentidos ou conjunto de semioses. (PINTO, 2014, p. 505).

Parto de uma análise da cultura a partir da empiria, uma vez que os signos não podem ser pensados fora da sociosfera, ou seja, fora dos contextos sociais e subjetivos que levam à semiose. “E os contextos são o que conferem sentido aos signos, porque são, eles mesmos, produzidos por signos – e aí está a noção de cultura como texto, isto é, arranjo semiótico.” (PINTO, 2014, p. 506). Esta colocação dialoga concretamente com os Estudos de Recepção, nos quais as realidades dos sujeitos comunicantes devem ser pensadas de forma privilegiada e ampla.

Neste cenário, opto pela Semiótica da Cultura, uma corrente teórica que emerge por volta da década de 1960, na então União Soviética, para me auxiliar na empreitada de compreender os processos de significação. As discussões realizadas por expoentes pensadores da época, como Iúri Lótman⁵², Vyacheslav Ivanov e Boris. A. Uspenskij na denominada “Escola de verão sobre os sistemas modelizantes de segundo grau”, que acontecia na Universidade de Tartu, na Estônia, buscavam compreender a comunicação como um sistema semiótico e a cultura como uma trama complexa e sofisticada de sistemas de signos. Para esses pensadores, elas se organizam de diversas formas e atuam como processo na formação da humanidade, não como produto dela. No âmbito dessas discussões, os signos configuram a semiosfera, o ambiente no qual esses sistemas “habitam” e entram em contato entre si, gerando novos textos a partir das traduções que acontecem em suas fronteiras, ou seja, em seus pontos de permeabilidade.

Essa corrente abrange um legado enorme de discussões, que se dobra sobre aspectos sociais, filosóficos, tecnológicos que, de alguma forma, têm influência sobre a produção sógnica de determinada cultura e dão conta dos processos de significação e de comunicação de um grupo social; isto é, tenta

⁵² Para a grafia do nome do autor, acompanho Machado (2003, p. 19).

entender como são os registros, as representações da cultura nos diferentes suportes que ela dispõe e em diferentes momentos histórico-sociais. (VELHO, 2009, p. 250).

Para essa vertente dos estudos semióticos, os textos culturais (a noção de texto vem da raiz linguística da disciplina), são sistemas de signos organizados, que formam um conjunto de sistemas em rede. Um conceito importante para esta disciplina é o de modelização. Para Machado (2003, p. 49),

Por sistemas modelizantes entendem-se as manifestações práticas ou processos culturais cuja organização depende da transferência de modelos estruturais, tais como aqueles sob os quais se constroem a linguagem natural. Carente de uma estrutura, o sistema modelizante de segundo grau busca SUA estruturalidade na língua, que somente nesse sentido pode ser considerada sistema modelizante de primeiro grau. Assim considerados, todos os sistemas semióticos da cultura podem ser considerados modelizantes, uma vez que todos podem correlacionar-se com a língua. [11]

É importante frisar que um sistema modelizante nunca é analisado isoladamente. São exemplos de sistemas modelizantes secundários: a religião e os sistemas políticos. De acordo com Iúri Lótman, (1996, p. 12), “La semiosfera es el espacio semiótico fuera del cual es imposible la existencia misma de la semiosis.” Para o autor,

Precisamente eso es lo que se halla en la base de la idea de la semiosfera: el conjunto de las formaciones semióticas precede al lenguaje aislado particular y es una condición de la existencia de este último. Sin semiosfera el lenguaje no sólo no funciona, sino que tampoco existe. Las diferentes subestructuras de la semiosfera están vinculadas en una interacción y no pueden funcionar sin apoyarse unas en las otras. En este sentido, la semiosfera del mundo contemporáneo, que, ensanchándose constantemente en el espacio a lo largo de siglos, ha adquirido en la actualidad un carácter global, incluye dentro de sí tanto las señales de los satélites como los versos de los poetas y los gritos de los animales. (LÓTMAN, 1996, p. 20).

A semiosfera se desenvolve de forma heterogênea em seus diferentes setores. As fronteiras⁵³ de seus inúmeros sistemas internos estão constantemente em contato, produzindo novas gerações de textos e de significados. Funcionam como órgãos em um corpo: ao mesmo tempo em que possuem seus contornos, características e funções internas, estão em profunda

⁵³ Mecanismo primário de individualização semiótica, construída por meio de diversos processos e capaz de entrar em contato com os demais sistemas, filtrando o que “entra” ou não, *semiotizando* (traduzindo, entendendo e recodificando) os conteúdos para seu sistema. Essa função de permeabilidade funciona de diferentes maneiras e em diferentes níveis.

inter-relação com os outros. Essa inter-relação semiótica forma novos textos.

Falar de uma semiosfera é, de fato, como falar de um universo: é complexo, repleto de organizações menores e maiores, mais densas e mais simples. A semiosfera é o universo sígnico no qual estamos imersos: o constituímos e somos constituídos neste espaço. Dentro dessa semiosfera, estão os sistemas semióticos que, na cultura, constituem as identidades pessoais. Esses sistemas são mutáveis e seus contornos, apesar de definidos, são cambiantes e transformam-se com o contato com os demais sistemas, podendo, inclusive, entrar em entropia (desaparecer, deixar totalmente de ser o que era).

Conforme acontecem as traduções, novos textos são gerados a partir do contato das informações dos sistemas anteriores ou geradores. Na cultura isso acontece continuamente: sistemas são afetados e afetam uns aos outros, gerando novos textos e novas significações. É importante frisar que um código jamais chega a um sistema do mesmo modo que saiu do outro. *Traduzir é um processo dinâmico.*

Pelo fato do espaço semiótico ter muitas fronteiras, cada mensagem que se move através dele é traduzida e transformada várias vezes por cada pessoa. Tradução envolve receber, decodificar e recodificar códigos. Não se trata de tarefa simples. Requer, pelo menos, que haja pontos de intersecção nas fronteiras dos sistemas que permitam a comunicação. Além disso, é necessário ter, para poder interpretar, algum conhecimento sobre o contexto daquele código. De posse dessas informações, é possível ressignificar o código e dar sentido à informação a partir de conceitos, experiências e normas próprias.

Nesse contexto, as reflexões sobre os estudos em recepção na área da Comunicação tornam-se indispensáveis para este trabalho. Portanto, a noção de *sujeitas comunicantes* participantes da pesquisa precisa ser mais bem explorada. Ou seja, alinhemo-nos à perspectiva de que as participantes não são receptoras e nem objetos da pesquisa. Como bem caracteriza Maldonado (2013, p. 89-90, grifos do autor),

Em uma perspectiva política, a noção de *receptor* é restritiva porque exclui a dimensão do *poder*, do agir social configurador de modos de vida determinados. [...]

Na dimensão sociológica e histórica, a noção de *receptor* reduz sua complexidade porque ignora o papel construtivo dos grupos, das classes, das tribos, e das etnias na estruturação dos sistemas sociais, situando o receptor em um mundo de *audiências amorfas* sem valores, ideologias, interesses históricos e estruturas sociais. [...]

Em termos semióticos, a ideia de *receptor* reduz a problemática dos *sujeitos em comunicação* a uma noção de *receptor* enquadrado, formatado, formatado, contratado, que reproduz esquemas midiáticos.

Não acredito que esquemas prontos possam dar conta de um processo tão complexo e cheio de imbricações como os processos de significação que as pessoas engendram em suas relações comunicacionais. É preciso ter em mente que os sujeitos e suas relações são complexos e que as mídias têm um papel importante na formação das sociedades, mas também não são a única fonte de informação ou de sociabilidade.

Em um mundo fragmentado⁵⁴ e efervescente de signos de todos os tipos, os processos comunicacionais são parte da engrenagem responsável pela formação de opiniões e estereótipos diversos. Apesar do ineditismo dos cenários contemporâneos em relação às tecnologias disponíveis, a comunicação, intimamente relacionada com os processos de abstração e significação, é um processo que permeia a história humana, que não somente acompanha sua evolução, mas também a impacta e a modifica.

Se há alguns anos a mídia era concebida como o 4º poder, um agente fiscalizador, dotado de confiabilidade quase espontânea, o cenário comunicacional, social e político brasileiro mudou drasticamente nos últimos anos. As mídias digitais, que implantaram enormes mudanças nos modos de vida e de se informar, democratizaram o acesso à comunicação, inclusive ao *fazer* comunicação. Assim como surgiram diversas iniciativas de comunicação popular, blogs, canais no *Youtube* e páginas com conteúdos relevantes (como os relatados pelas sujeitas comunicantes), nasceram também máquinas de desinformação e mentiras⁵⁵. As mudanças tecnológicas vêm proporcionando novas e diversas possibilidades de experimentação, inclusive reforçando as inter-relações de diferentes campos, como o da comunicação e o da educação. Porém, até que ponto esses campos estão realmente separados?

Comunicação e educação são dois campos distintos que se atravessam de várias formas. Inclusive, quando articulados sob determinados parâmetros, formam um novo campo, o da Educomunicação (CITELLI, 2014; MESSIAS, 2014), que utiliza as mídias como ferramentas pedagógicas em projetos educacionais. Porém, o interesse aqui é pensar, de maneira ampla, como as mídias podem funcionar como articuladoras de valores e até de supostas certezas, de maneira geral, por meio de suas narrativas. Logo, a noção de necessidade, bem como a de perigo, podem ser construídas no imaginário coletivo a partir (mas não somente) da seleção ou não de certos fatos para exposição.

⁵⁴ Expressão aqui utilizada no sentido de termos cada vez mais opções midiáticas, em múltiplas telas e plataformas, com conteúdos específicos para cada uma delas.

⁵⁵ Matérias jornalísticas denunciando o uso das “Máquinas de mentira”. Disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> e <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45666742>. Acesso de ambas em 3 jan. 2019.

Na América Latina e Brasil, os meios de comunicação têm desempenhado um papel fundamental nos processos de <<alfabetização>> sociocultural. Concretamente têm mostrado e orientado sobre as formas de vida nas cidades. No século XX foram o rádio, o cinema, a publicidade, a imprensa e a televisão os que educaram aos consumidores dos meios em estes hábitos (ethos), condutas e estilos urbanos distintos aos de suas comunidades rurais de origem. (MALDONADO, 2013, p. 31, grifo do autor).

É importante lembrar que o processo de interpretação dos conteúdos midiáticos (em qualquer plataforma que estejam) está intrinsecamente ligado ao conjunto mental de signos e significações de cada pessoa. Essas “bibliotecas” pessoais são construídas, também, a partir dos produtos midiáticos, assistidos, na maioria dos casos, desde a infância. Partindo da reflexão de Jacks e Ronsini (2014, p. 350), “A discussão sobre a cultura popular é a base do desenvolvimento alcançado pelas teorias que rompem com a lógica do poder absoluto dos meios de comunicação, considerando que a comunicação se dá onde o sentido é produzido”. Sendo assim, por maior que seja a penetrabilidade das mídias, para compreender o seu efetivo alcance e suas reverberações nos modos de ser e de viver das pessoas, é preciso ir além das métricas que medem as audiências. É necessário investigar os processos de significação gerados a partir dos conteúdos, levando em consideração os contextos sociais em que os sujeitos receptores estão inseridos.

5 DAS ENCRUZILHADAS DA CIÊNCIA: COMO AS MÍDIAS E AS RELIGIOSIDADES CONTRIBUEM PARA A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS SUJEITAS COMUNICANTES

A comunicação é um processo que permeia a história humana. Não somente acompanha sua evolução, mas também a impacta e a modifica. Neste sentido, podemos observar que a comunicação é uma atividade inerente à humanidade: comunicar é uma ação buscada de maneira rudimentar desde a Pré-História e altamente tecnológica nos dias atuais, de modo que “[...] a apropriação das palavras e de seus significados expressa a apropriação do concreto, o que constitui a possibilidade de desalienação crescente dos indivíduos”. (KARAM, 2014, p. 17). Segundo Maldonado (2013, p. 87, grifo do autor),

É importante definir a *Comunicação* como uma dimensão sociocultural imprescindível das *formações sociais*, incluindo nela a complexidade de seu múltiplo caráter discursivo, antropológico, psicológico, sociológico, político, histórico, econômico, biológico e tecnológico. A espécie humana fabricou e estruturou *ethos*, modos de vida, sofisticados em termos comunicacionais, fato que contribuiu para transformá-la em espécie hegemônica na Terra.

Sendo assim, na sociedade em que vivemos, é impossível excluir a dimensão midiática/comunicacional da construção dos hábitos e modos de ser das pessoas. Ao mesmo tempo, os sujeitos em comunicação não são meros receptores acrílicos de conteúdos, pelo contrário: a partir de suas outras fontes de informação e formação, como a família e a religião, se formam as constelações de signos que fazem com que esses sujeitos entendam o mundo de um modo muito particular. O que este estudo me fez perceber de maneira muito evidente é que cada pessoa é um universo em particular e, por mais que habitem o mesmo terreno e sejam membros da mesma família, as concepções de cada pessoa podem ser bastante diferentes. Assim, marcadores como idade e escolaridade aparecem como fontes de distinção.

Percebendo as formas como a midiaticização se dá atualmente, é impossível deixar de pensar em como as mídias digitais apresentam possibilidades diferentes de apropriações e produções. Esses fenômenos precisam ser pensados em suas complexidades. “As apropriações digitais dependem, também, das possibilidades de acesso dos sujeitos a essas mídias, bem como do domínio efetivo de competências tecnológicas e multimidiáticas, entre outros elementos, para realizarem-se plenamente”, enfatiza Bonin (2016, p. 218).

Acredito ser importante a abordagem desse ponto, uma vez que os contextos e as vivências socioculturais dos sujeitos são extremamente relevantes para sua experiência

mediática comunicacional. Hoje em dia, mesmo com a popularização das ferramentas digitais e de um maior acesso à internet, por exemplo, é preciso levar em consideração que nem todas as pessoas têm a mesma educação para as mídias, nem a mesma facilidade ou o mesmo conhecimento para operar tais ferramentas. Nesse caso, penso que seja pertinente lembrarmos que nem sempre ter acesso às possibilidades de participação e produção quer dizer que, de fato, a *cidadania comunicativa* seja exercida.

Um aspecto interessante trazido pela pesquisa de campo foi o fato de as mulheres participantes desta pesquisa terem um olhar bastante apurado sobre o tipo de conteúdo veiculado nos meios hegemônicos, como observamos no trecho abaixo:

Kethlin: *Eu não vejo muita televisão. É difícil eu parar para ver televisão. Uma coisa que eu gosto de ver é o Fantástico, porque as reportagens são variadas, não é aquela coisa maçante somente sobre violência. Só paro domingo de noite para ver. Geralmente, estou em casa com a minha família, com as crianças na volta, vejo um pouco, vou atrás delas.*

Kellen: *Mas eu gosto de ver a novela das nove, o Jornal Nacional. Gosto de ver o Jornal do dois, da Record, que tem notícias locais. Tem outros programas que eu gosto de ver, mas não dá por causa do horário que eu acordo, que é cinco horas da manhã. Tem o Bial, o Programa do Bial, antes de começar a trabalhar eu vi umas reportagens bem legais deles, que eu gostaria de ver mais vezes. Vi, inclusive, uma de um senhor do Holocausto que foi bem legal. E é isso. Os programas que eu gosto são mais tarde e eu não consigo mais assistir em função do fato de ter que acordar cedo no outro dia.*

Kethlin: *Eu também vejo o Bial porque tem muitos temas bons, sobre LGBT, feminismo, coisas que agora estão sendo mais pautadas, estão sendo mais faladas ultimamente, estão tendo mais voz... Ele abrange essas comunidades. Teve várias matérias sobre o Holocausto também que foram bem legais. Fala justamente sobre os temas que a gente tá visando, está aprendendo, se reconstruindo, estamos pensando duas vezes quando vamos falar da mulher, da pessoa LGBT, são as coisas que a gente está vendo agora na sociedade. (informação verbal).⁵⁶*

Além disso, a postura ativa na busca por conteúdos cada vez mais segmentados é outro aspecto que chama à atenção, demonstrando que a democratização do acesso, no caso delas, produz oportunidades de conhecer assuntos que, antes das recentes revoluções tecnológicas, não saíam de círculos elitizados. Esses e outros assuntos são debatidos dentro de casa, o que torna a questão geracional latente e frutífera: o conhecimento é construído de forma conjunta e colaborativa. Quando a questão é voltada às mídias digitais, as respostas seguem a linha das preferências por conteúdos mais segmentados, entrevistas em profundidade e notícias:

⁵⁶ Registro do Diário de Campo de 27 de novembro de 2018.

***Kellen:** Eu acesso quando eu saio para ir para o serviço, porque eu faço um triátlon (risos) para chegar até o serviço. Então, tem que pegar o meu ônibus aqui, descer na Protásio, pegar o T4, descer na faixa, subir uma lomba infinita. Então, nesses dois ônibus, eu olho algumas páginas de notícias, da Gaúcha, Zero Hora, Porto Alegre 24h eu também gosto de acessar. [...] Antigamente, eu olhava mais o YouTube, colocava ali o assunto que mais me interessava e ia pesquisar. Mas te confesso que depois das crianças, agora é mais o Facebook porque é o que dá tempo (risos). (informação verbal).⁵⁷*

Já para Kethlin:

Eu vejo bastante páginas de negros. Eu sigo bastante páginas, então é algo que aparece bastante para mim. Até estava comentando com o meu namorado, que ele me disse que quem é racista nunca deixa de ser. E na verdade sim, deixa de ser em algum caso, quando tu não promove aquele ódio pela raça. Quando é uma coisa que é ensinada para ti, e isso eu aprendi na página, que tem dois tipos de racista, aquele que é porque foi ensinado. As pessoas dizem “ah, tem negros racistas”. Eles são ensinados. Imagina toda hora as pessoas dizendo “tua cor é feia, teu cabelo é feio, teu nariz é feio” e acaba reproduzindo aquilo. Daí eu expliquei para ele que existem dois tipos de racistas: aquela pessoa que tem ódio da raça em si e aquela pessoa que só reproduz o que foi ensinado, então esse muda. Eu aprendo muito com essas páginas que eu sigo. Vejo Instagram que é uma coisa mais fácil, assim como o Facebook, que é só fotos e vídeos ali na hora. Twitter também, mas bem menos que as outras redes sociais e YouTube eu vejo bastante. Tenho visto mais YouTube e Instagram porque o Facebook, às vezes, me incomoda com o monte de besteiras que as pessoas compartilham, daí eu fico um pouco irritada e vejo mais o Instagram. E o YouTube eu vejo mais porque tu procura ali o que tu quer, né? Vejo bastante casos de crime que eu gosto bastante. Eu tinha meu Orkut desde os quatro anos, então esse hábito de entrar na internet começou bem cedo, bem cedo mesmo. (informação verbal).⁵⁸

Interessante notar a importância da segmentação para essas mulheres e o quanto o hábito de assistir televisão vai se esvaindo de geração em geração. Notadamente, Kethlin é a mais ativa na busca por conteúdos específicos, incluindo sobre a questão racial, mas todas apresentam uma abertura e disposição para ver indicações que são compartilhadas e conversar sobre os temas abordados.

Em relação à televisão, Jaci ainda está aprendendo a lidar com as novas tecnologias e tem uma espécie de contrato bastante sólido com a TV aberta, ela inclusive dorme com o aparelho ligado. E, apesar de seguir religiões de matriz negro-africana, o canal que mais assiste é a Record, que tem um viés institucional evangélico e conservador. Para ela, isso não

⁵⁷ Registro do Diário de Campo de 27 de novembro de 2018.

⁵⁸ Registro do Diário de Campo de 27 de novembro de 2018.

é relevante, uma vez que o que a interessa são as notícias locais, o que acontece no bairro ou na vila.

O trecho acima ajuda a responder um dos objetivos específicos deste trabalho, pois percebemos quais os principais produtos midiáticos consumidos pelas sujeitas comunicantes participantes da pesquisa: enquanto as mais novas preferem conteúdos mais segmentados, programas com entrevistas e reportagens mais longas, Jaci opta pelo conteúdo da TV aberta, especialmente novelas e jornal com noticiário local.

As apropriações feitas por elas desses produtos são muitas e em diversos sentidos, seria impossível dar conta de percepções tão mutáveis e complexas. Por isso, destacarei os aspectos principais dessas apropriações que confluem com o tema da pesquisa: de modo geral, posso dizer que a falta de representatividade nas mídias hegemônicas faz com que não se gere uma identificação – um pertencimento. Ao mesmo tempo, é notável o fato de que elas percebem a importância de se ter pluralidade nas representações midiáticas e citam casos específicos, como a apresentadora Maju Coutinho. Elas também criticam o fato de que muitas vezes os repórteres negros estejam presentes somente em pautas que abordem a vida nas periferias, o samba ou as religiões de matriz negro-africana, como se os profissionais de pele escura não soubessem ou pudessem falar de economia, política, ou qualquer outro assunto. Ou seja, elas não se veem, mas querem se ver e não apenas em um lugar já pré-estabelecido por uma sociedade estruturalmente racista. Quando questionada sobre a questão da representatividade, Kellen responde:

Olha, eu posso dizer que eu me vejo mais do que antigamente, isso é visível, mas ainda é bem pouco. Até é triste falar isso, mas não sei se é sorte ou se é azar porque eu amo a minha raça, amo a minha cor, e os meus filhos não têm a minha cor de pele. Eu fico triste, porque não foi uma coisa que eu programei. Eu conheci o meu marido, me apaixonei por ele, ele é mais claro do que eu e os meus filhos nasceram assim. Mas me dá uma tristeza porque parece que não perpetua a minha cor de pele, a nossa história negra que é tão linda, hoje que a gente vê. E aí eu posso só eu me ver representada nas coisas que acontecem. Agora teve uma Miss negra, eu achei maravilhoso. A minha filha mais velha se sente representada, não sei se eles são pequenininhos né, não sei se eles vão ter a mesma visão que ela. Minha filha adora, se vê envolvida, como ela fica naquele meio termo ali, aos olhos dos outros, ela se considera negra, parda, mas negra pela família que ela tem, culturalmente, mas os outros eu não sei se vão seguir. E se eles tivessem a minha pele, eles teriam que automaticamente seguir, e não têm, infelizmente, né? Ou felizmente, eu digo felizmente porque sei que eles não vão sofrer o racismo que eu sofri, então eu fico feliz. E fico triste por não perpetuar, entendeu? [...]

Hoje tem mais visibilidade mas ainda não é, tanto não é que se fosse uma coisa normal e natural eu acredito que o preconceito diminuiria se tu transformasse

isso como uma coisa normal, natural. (informação verbal).⁵⁹

Também é bastante evidente que para elas, especialmente para Kellen e Kethlin, as mídias funcionem como um dispositivo de aprendizagem, no qual é possível buscar novos conhecimentos e compartilhar realidades. Enquanto Kethlin apresenta o vigor e a indignação de uma juventude socialmente engajada, Kellen demonstra sinais de uma maturidade reflexiva. Ela relata que teve mudanças de posicionamento sobre diversos assuntos, como feminismo, após realizar pesquisas na internet.

Já para Jaci, as questões parecem ser mais práticas. Por vezes com respostas mais curtas, mas sempre muito solícitas. Ela traz uma bagagem de vida riquíssima, uma energia e uma sabedoria que é transmitida aos mais novos. Ela percebe o movimento que as mídias comerciais fazem no sentido da representatividade, mas ainda acha pouco. Além disso, está aprendendo a lidar com as novas tecnologias, como os *smartphones* e aplicativos como o WhatsApp, e seu consumo midiático é basicamente televisivo, com destaque para a emissora Record, como já apontado anteriormente. Interessante notar que ao falar da infância, ela demarca uma falta: a da televisão, lembrando que apenas possuíam “um rádio velho”. Pelos relatos de Kethlin e Kellen também fica evidente o vínculo com a TV, que é sempre lembrado como algo que não pode faltar, tanto que leva os eletrodomésticos de Porto Alegre para a casa de praia, durante o veraneio.

Importante destacar essa conexão, uma vez que, de acordo com o relatório Digital 2019, da We Are Social e da Hootsuite⁶⁰, o número de brasileiros com acesso à internet aumentou em 10 milhões, um crescimento de 7,2% em relação a 2018. Lendo os dados sob o prisma da pesquisa desenvolvida e das conexões com o empírico, é possível afirmar que a revolução informacional ocasionada pelas tecnologias atinge apenas uma determinada parcela da população. Mesmo que as pessoas tenham acesso a celulares modernos ou à internet, muitas vezes, principalmente em função da idade, elas não conseguem estabelecer *contratos* com essas mídias. Ou seja, podem até se familiarizar, mas não constroem uma intimidade com os novos dispositivos. Assim, a televisão continua sendo a companhia em muitos momentos, mesmo que a atenção não esteja voltada exclusivamente para ela.

É possível afirmar que as apropriações feitas por Jaci são fruto não somente das informações recebidas pela televisão, mas também da sua vivência em sociedade enquanto

⁵⁹ Registro do Diário de Campo de 10 de dezembro de 2019.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.pagbrasil.com/pt-br/insights/relatorio-digital-in-2019-brasil/>. Acesso em: 25 fev. 2020.

mulher negra e periférica. Ao mesmo tempo em que está acostumada a escutar nos noticiários reportagens sobre a violência e o tráfico, por exemplo, sua construção sobre o tema é perpassada pela sua realidade. Muitos dos jovens que “foram para o lado errado” na vila em que mora, ela conheceu ainda garotos. Por conhecer essas histórias, ela percebe as complexidades e as muitas faltas que envolvem a “escolha” por esse caminho. Ela também pondera que muitas vezes são esses jovens que protegem o local em que moram. Além disso, todas as entrevistadas relatam que se sentem mais seguras dentro da vila do que fora, um aspecto sintomático do quanto a questão da violência nas periferias está longe de ser abordada de uma forma mais ampla e profunda nos meios de comunicação, especialmente nos mais tradicionais. Esse exemplo ajuda a compreender como essas apropriações se dão: de maneira complexa e negociada. Nem tudo que passa na televisão é acatado, o que não significa que não haja uma fidelidade aos mesmos programas. *Assimila-se o que não é negado pela experiência.* Assim, como já pontuado anteriormente, não se pode pensar o processo de recepção midiática de forma isolada das outras vivências pessoais.

No âmbito simbólico, as apropriações midiáticas se dão de forma bastante diferente entre as *sujeitas comunicantes*. O conhecimento adquirido por Kethlin e Kellen as ajuda a perceber os racismos e os preconceitos velados mais facilmente do que Jaci, ainda muito ligada às narrativas e estéticas das telenovelas. Porém, em muitos casos, a roda de chimarrão e as conversas regadas a café em cada fim de tarde tornam-se espaços de importantes diálogos, que incluem desde questões familiares até discussões sobre política e comentários acerca de notícias ou programas, o que proporciona reflexões múltiplas sobre os conteúdos midiáticos e interfere no processo de significação do que é visto ou ouvido nas mídias. Este aspecto leva diretamente à resposta de mais um objetivo específico deste trabalho, pois ajuda a entender quais são as formas e os modos de participação da família e do entorno social para o entendimento dos produtos midiáticos. Para Kellen, há uma forte presença das mídias no sentido da promoção de estereótipos estéticos, principalmente durante a infância. Ao mesmo tempo, a presença maternal aparece fortemente na sua construção identitária como uma espécie de mola propulsora. Enquanto sofria racismo na escola, em casa sua beleza era exaltada. Ela sempre foi ensinada a não aceitar a discriminação, a relatar quando algo acontecesse, a se ver bela, a não baixar a cabeça.

A questão comunitária é outro aspecto muito importante para essas mulheres, principalmente ao cenário de necessidade, mas acredito que não somente nisso, pois a união se mostra presente nas menores situações. Não se trata de romantizar a desigualdade de renda, mas sim de valorizar as formas cidadãs de organização que permitem realizar arranjos, “dar

jeitos” para que uns cuidem dos outros. Esse cuidado e essa cooperação estão fortemente entrelaçados aos conceitos de caridade e coletividade praticados na Umbanda que, para Kellen, além de representar seu acalanto e fortaleza, é um espaço de identificação feminina:

Esse espaço é maravilhoso porque eu acho que a gente se encontra, a gente se despe de todos os preconceitos, se despe de se sentir incomodada. Sabe quando tu entra num lugar e se sente, assim, incomodada? Claro que o ambiente quem faz são as pessoas, mas ali a gente se acha, se encontra porque a gente tá no nosso território [...]. (informação verbal).⁶¹

Assim, é possível perceber, como também para Jaci e Kethlin, que o entorno social e as vivências cotidianas, que envolvem a família e a Umbanda, são importantes lentes para a interpretação do mundo, o que inclui os conteúdos midiáticos. Os programas são comentados e debatidos, exemplos são trazidos, muitas vezes de casos da própria família. Assim, a partir de suas perspectivas únicas, elas montam cada uma sua “teia” de significações, que é compartilhada e perpassada pela “teia” das demais. Não é um processo simples e estanque, pelo contrário, trata-se de um emaranhado complexo, o qual não é possível decifrar completamente, se não apenas destacar alguns aspectos mais latentes. As mídias, então, assumem um importante papel na vida dessas mulheres, seja para informar, fazer refletir, discordar e até ensinar, servindo de estopim para muitas reflexões.

Os signos e os aprendizados da Umbanda também interferem diretamente nos modos de vida dessas mulheres. A caridade, por exemplo, é uma prática muito viva na família, e os ensinamentos religiosos extrapolam o espaço da terreira configurando modos de ser pessoais e profissionais, como fica evidente nas entrevistas. Em relação à construção do conceito de cidadania, é notável a participação da cultura umbandista, das mídias e da família. Por exemplo, quando Kethlin começa no cursinho e passa a ter uma visão mais crítica da sociedade, ela compartilha esses saberes com sua família, promovendo uma democratização do conhecimento, elemento primordial da cidadania.

Kethlin: *E aí, no terceiro ano, eu entrei pra um cursinho popular, que acho que foi a melhor coisa que me aconteceu na vida porque aprendi muito lá, foi um choque de realidade pra mim porque eu tive que me posicionar sobre algumas coisas, eu tive que pensar a respeito sobre muita coisa que tava acontecendo na minha volta e eu não percebia, me deparei com pessoas diferentes de mim com uma situação muito mais vulnerável que eu tinha, então eu me tornei um pouco menos egoísta e esse processo, vou te dizer, que foi um pouco doloroso porque eu*

⁶¹ Registro do Diário de Campo de 18 de novembro de 2019.

tive que dar conta de muita coisa na época porque minha mãe tava grávida de outra criança, no caso, porque eu já tinha uma irmã nova, a Carol, e depois engravidou do Leo na quarentena. (informação verbal).⁶²

O trecho acima ajuda a pensar várias questões pertinentes. A primeira pode ser a valorização da educação, presente em vários trechos de suas falas. Aqui chama a atenção, pois se trata de uma educação posicionada socialmente, que a ajuda a perceber o mundo a sua volta e, principalmente, o *outro social*. Nessa percepção do outro, ela mesma se constrói. Porém, nem sempre os espaços educacionais colaboram para a formação cidadã dos sujeitos, muito pelo contrário. Na experiência de Kethlin, as marcas de raça e classe estão bastante evidentes, pois sua realidade é muito diferente daqueles que a rodeiam durante as aulas no belo prédio envidraçado da Unisinos Porto Alegre:

[...] eu acho que a vez que me impactou mesmo e que eu me senti arrasada foi a vez que eu tava indo pra uma visita técnica com a professora e os outros colegas da universidade. A gente tava falando de questão de política, essas coisas, que tava na época de eleição, essas coisas, e aí eu tentava falar sobre isso e parecia que os meus colegas meio que me calavam, eu falava sozinha e a minha professora fazia a mesma coisa que os meus colegas. Eles sabiam que eu não pensava a mesma coisa que eles, eu tentava falar a minha opinião e eu não conseguia. Aí eu lembro que a gente voltou da visita, a gente ia ter aula nesse mesmo dia, e todo mundo começou a escrever na parede da sala “ah, é Bolsonaro, fulano, ciclano”, aí eu peguei e botei “resistência”, que é uma coisa que eu, no meu cursinho, a gente sempre falava né, que independente de qualquer coisa tu tem que ter resistência, tu tem que resistir a muitas coisas, e eu vim com esse conceito do meu cursinho pra cá “não vais ser fácil, tu vai ter que resistir”, aí eu botei e aí o meu colega apagou isso da parede. Tu sabe que tem como escrever nas paredes, né? Ele apagou e falou “aqui não é a universidade pública” e a minha professora deu risada, ela achou bem legal. Pra mim foi horrível. Me colocou assim de “cara, tu e as outras pessoas são outras pessoas”. Complicado. (informação verbal).⁶³

Acredito ser importante destacar esse trecho, pois enquanto bolsista desta mesma instituição, não posso deixar de alertar sobre esse tipo de comportamento, completamente contrário aos valores jesuítas. Concordo com o reitor, **Marcelo Fernandes de Aquino, que no site da instituição, afirma:**

Para mim, a enunciação “Unisinos – universidade jesuíta” é exercício de responsabilidade que delega autoridade, une os membros mediante o amor,

⁶² Registro do Diário de Campo de 1º de outubro de 2019.

⁶³ Registro do Diário de Campo de 1º de outubro de 2019.

escuta as várias partes, consulta, discerne, planeja e decide com a participação da comunidade universitária as estratégias que constroem o futuro que se quer para a Unisinos. (AQUINO, 2020).

Sendo assim, utilizo este espaço para, de maneira singela, me solidarizar à estudante Kethlin, além de provocar uma reflexão sobre que cultura está sendo construída por docentes e discentes desta universidade.

É possível notar que as mulheres da família Cruz são fonte de inspiração, afeto e segurança para a jovem, sendo fundamentais para sua construção identitária. Importante salientar que esse convívio familiar está estreitamente ligado à prática religiosa. Inclusive, posso concluir que os valores da família Cruz e os da Umbanda se fundem na experiência dessas mulheres, gerando um sistema de valores bastante fluido e em constante atualização. Acredito que, dificilmente, entraria em entropia, pois seus contornos são bastante elásticos, mas consistentes, e a prática cotidiana, fundamentada no hábito e na identificação, permite a sua continuação.

Sobre a questão racial, a experiência de Kethlin está profundamente relacionada com a das outras mulheres de sua família e às questões sociais latentes que são problematizadas por ela:

E a questão que muita gente, infelizmente, confunde isso, porque muita gente já me chamou de branca. E eu não sou branca, cara, eu não me identifico como uma pessoa branca. Eu não sou, eu não consigo me ver branca. Muita gente denomina as pessoas que são pardas como brancas ou então pardas como negras. Porque eu não sou também negra, eu não sofro o mesmo racismo que a minha mãe. Eu não sofro o mesmo racismo que a minha vó. Eu sou o tipo de mulher negra “aceitável na sociedade”. Aceitável. Até aqui tu não sofre racismo, mais que isso daí “opa, tu já tá indo um pouco além”. Então, eu acho que a questão de ser mulher parda é isso. As pessoas confundem um pouco com o branco, que não é, tanto pelos fenótipos quanto pela questão de pertencer mesmo, as tuas origens, a tua família. E a questão de confundir com pessoas negras porque eu também não sou negra, tem um branco ali envolvido. Tem a questão racial de como tu é visto para as pessoas e é que nem eu falei: eu sou o tipo de mulher negra “aceitável na sociedade”, pelo tom da minha pele. (informação verbal).⁶⁴

A fala da jovem encontra o que já foi teorizado neste trabalho: a busca incessante pelo ideal branco ocidental. Pensando a sua construção identitária e partindo do pressuposto do reconhecimento do “outro” para pensar em si mesmo, acredito ser correto afirmar que, nesse caso, as “outras” estavam também dentro da casa de Kethlin. Pelo que observei, sua

⁶⁴ Registro do Diário de Campo de 17 de outubro de 2019.

construção se deu baseada nessa diferença de tonalidade de pele como uma via de mão dupla. Ela relata que, em um sistema como acadêmico, no caso da UFRGS, ela é vista como branca, mas sua proximidade e afeto com a cultura e a vivência com pessoas negras, muito mais que qualquer fenótipo, a faz integrar essa identidade coletiva.

Em Jaci, apesar de uma evidente “intervenção branca”, como mencionou Kethlin em uma entrevista, nota-se uma importante autoestima. Sempre bem penteada, enfeitada com pulseiras e anéis, ela é categórica quando perguntada sobre se autoidentificar: “*Sou igual, só mudo a pele. Teus desejos, tuas vontades, são as mesmas minhas. Tranquila nisso aí, nem me abalo*”. (informação verbal).⁶⁵ Além disso, a energia e o bom humor são aspectos marcantes da matriarca, que recebe a todos com muito carinho e está sempre às voltas para ajudar alguém, colocando em prática a caridade tão difundida na Umbanda. Em vários relatos, mas também em suas ações, é perceptível a noção de comunidade e de família ampliada. Ela busca saber se as pessoas estão bem, se coloca à disposição, procura meios de ajudar os mais necessitados, mesmo que para isso, muitas vezes, acabe tirando dinheiro de seu próprio bolso. Apesar de não estar muito articulada de forma consciente, a noção de cidadania é tangível na casa da família Cruz, assim como a falta de esperança na política. Nesse sentido, o senso de pertencimento mostra-se importante, como explicitado no diálogo com Kethlin:

Renata: [...] *o que tu considera que é a tua cidadania, por exemplo, o que é exercer a tua cidadania? É votar? É participar de alguma coisa política ou comunitária? Ou é no dia a dia, sei lá, os pequenos deveres como cidadãos que a gente tem? Como é que tu enxerga, como é que é pra ti?*

Jaci: *No meu ponto de vista, eu procuro ajudar todo mundo, seria, no caso, comunitário porque o comunitário tu tem aquilo ali que tu pode conversar, debater, discutir a vontade da gente que gostaria que fosse. Já a parte política não tem como tu resolver e isso aí me agonia da gente ver as coisas e não poder resolver, então já quero nem me envolver e a parte do voto não adianta porque tu vai, eu falo sinceramente, eu desisti de votar, eu não voto mais em ninguém, eu anulo o meu voto porque eu acho as pessoas vão lá pra cima governar e tá toda essa merda aí não é pelo meu voto, aí eu posso respirar e dizer que não fui eu que ajudei a botar essa pessoa impostora lá em cima.*

Kethlin: *Claro que foi.*

Jaci: *Não, porque meu voto é anulado.*

Kethlin: *Mas daí o que é o voto anulado? É tu não te posicionar. Se a pessoa tá ali...*

Jaci: *O que eu falei, é meu ponto de vista, eu não vou poder resolver nada ali em cima, não tem como, ninguém, e ao mesmo tempo eu me pergunto “meu Deus do céu, o que acontece com as pessoas e o que passa na cabeça de uma pessoa ser tão, querer só pensar em si?”. Então isso aí eu não gosto nem de pensar nem de*

⁶⁵ Registro do Diário de Campo de 27 de setembro de 2019

falar porque isso é uma coisa que me deixa pra baixo, realmente me deixa derrotada. A gente não tem o que fazer.

Renata: *Mas em relação à comunidade, como tu tinha comentado, nota-se pela tua fala essa grande vontade de fazer alguma coisa, assim, se tu puder fazer uma coisa pra melhorar o acesso...*

Jaci: *Sim, seria, mas tudo é na política. Ano que vem tem eleição, aparece um abestado aí que quer voto capaz de lamber um acesso. Na hora é, e depois? É bem assim.*

Kethlin: *O nosso acesso foi arrumado desse jeito, e antes era horrível.*

Jaci: *E quanto tempo faz isso aí? E hoje já não tem isso aí porque eles vêm, prometem e não fazem. Poucos fazem, esse foi um que fez, mas depois disso nunca mais ninguém fez nada, quantos anos faz isso aí? Por isso que eu te digo, na parte de politicagem é uma coisa que desanima a gente. Dá um golinho dessa coisa aí que tá secando a minha boca. Quer um cafezinho? (informação verbal).⁶⁶*

Experiência de vida, família, empregos, religião, dificuldades e um contrato tácito “assinado” em algum momento da vida com a televisão fazem parte da construção identitária de Jaci, uma mulher complexa, assim como sua filha e sua neta. Uma fé e um bom humor aparentemente inabaláveis e um “vamo que vamo” animado, recorrente em seu vocabulário, mostram uma face importante das mulheres negras e periféricas brasileiras. Força e coragem, doçura e amor se mesclam nessa história de vida, que por meio de seus ensinamentos e exemplos, extremamente respeitados, é passada para as próximas gerações. Não é à toa que sua casa é o ponto de encontro da família e dos amigos: a pessoa, mais do que teto, significa segurança, acolhimento e respeito, sem deixar de lado a garra para fazer o que for necessário para ver os seus felizes. Além disso, ela é o espelho no qual reflete o caráter e a força de suas mais novas, que tem nela um importante referencial feminino.

Em Kellen nota-se que os episódios de racismo marcaram a vida, muito em função de padrões estéticos difundidos, sim, pelas mídias, mas que a família e a religião sempre foram um lugar de forte identificação e acolhimento. A religiosidade fora do espectro católico/evangélico demonstra ser um ambiente fértil para a construção identitária pessoal e grupal, capaz de driblar a dominação dogmática e pensar diferentes formas de se constituir no mundo, construir o ser mulher negra.

Respondendo a principal pergunta norteadora desta pesquisa (*Como são as principais construções identitárias feitas por três mulheres da família Cruz a partir das suas existências em interações com as mídias, as relações familiares e nas suas religiosidades na Umbanda?*), além de tudo que já foi explicitado, podemos dizer que se a comunicação se dá onde os sentidos são produzidos, percebo que as semioses produzidas a partir da religião e da

⁶⁶ Registro do Diário de Campo de 17 de outubro de 2019.

cultura familiar contribuem muito fortemente para a construção das identidades das *sujeitas comunicantes* participantes da pesquisa. Essas identidades são complexas, permeadas por múltiplas experiências e fatores. Jaci e Kellen se consideram negras e Kethlin parda, identidades muito marcadas pela desigualdade racial latente em nosso país. Apesar dessa marca histórica, a religião e a família se constituíram como importantes elementos de afeto, segurança, construção de cidadania e autoestima. Nessa família, as mídias também são muito presentes. Participam em um primeiro momento mais por “oposição”. Ao não se perceberem representadas e nem pertencentes aos fatos abordados pelas principais mídias hegemônicas, elas se perceberam “outras”, aquelas que não estavam naquele momento em destaque. Para mim, foi emblemática a fala de Kellen sobre não existir Paquitas⁶⁷ negras, e como isso afetou sua juventude. Porém, as novas possibilidades de comunicação e troca de informações trouxeram, especialmente para Kellen e Kethlin, a possibilidade de buscar por temas que as interessam, e aqui a questão racial entra fortemente. Seguindo páginas no *Instagram* ou no *Facebook*, ou ainda assistindo vídeos no YouTube, elas consomem e comentam entre si conteúdos que podem afetar sua vida cotidiana, como assaltos em meios de transporte, e também temas macro, como a política nacional, as causas da desigualdade social e das diferentes formas de opressão.

Realizando este estudo, pude perceber a questão do pertencimento cultural e identitário de forma mais complexa. Pode-se dizer que historicamente as elites buscaram culpados pelas consequências dos sistemas que elas mesmas engendraram, como culpar os pobres pela pobreza dentro do capitalismo, e até pelas pestes na idade média. Ciganos, andarilhos, mulheres andando sozinhas, enfim, qualquer pessoa que estivesse fora do padrão dogmamente imposto, especialmente pela Igreja Católica, era culpada de alguma coisa e perdia automaticamente o direito à humanidade, podendo ser “justamente” torturada e explorada das mais diferentes formas. (BENTO, 2002). Assim, a questão do pertencimento, e consequentemente da identidade, vem sendo algo propositalmente “problemático” para as elites e para os estados que, para manter uma dominação, precisam de poucas mentes pensantes, poucas coletividades fortes, poucas identidades possíveis, afinal, a diversidade é vista como ameaça há séculos. Atualmente, talvez mais do que nunca, a questão identitária seja especialmente política, perpassando os indivíduos, mas dando contorno a uma coletividade engajada, que conhece e exige seus direitos.

⁶⁷ "Paquita" era o nome dado às ajudantes de palco da apresentadora Xuxa, fenômeno midiático da década de 1980.

Em relação à comunicação, fica evidente a dificuldade dos modelos de jornalismo e dramaturgia presentes nas grandes mídias em entender a diversidade e oferecer conteúdos de qualidade capazes de engajar um público com cada vez mais forte senso crítico.

Importante ressaltar que antes mesmo deste trabalho ser apresentado à banca, ele foi totalmente impresso e levado para que as sujeitas comunicantes da pesquisa pudessem conferir o material completo. Pedi para que elas revisassem, e caso não estivessem de acordo com alguma colocação, me falassem para que pudéssemos, juntas, construir alguma alternativa. Penso que esse é um importante aspecto a ser considerado, uma vez que acredito que a pesquisa possa ser feita de forma conjunta – o que em nenhum momento exime o pesquisador de sua responsabilidade, mas abre o debate sobre como ela deve ser feita para outros modos de viver, pensar e sentir. Elas aprovaram o material sem ressalvas e ficaram bastante felizes em participar e verem suas histórias contadas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luiz Roberto. Comunicação, cultura e bem-público: convergências metodológicas sob desafios. *In: MALDONADO, Alberto Efendy. **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**: Processos receptivos, cidadania e dimensão digital. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y publicaciones, 2014. p. 101-121.*
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AQUINO, Marcelo Fernandes. Palavra do Reitor. *In: Unisinos, São Leopoldo, 2020. Disponível em: <http://www.unisinos.br/institucional/a-unisinos/palavra-do-reitor>. Acesso em: 27 fev. 2020.*
- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: edições 70, 2001.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Org.). Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 25-58.*
- BONIN, Jiani Adriana. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. *In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em comunicação. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013. p. 23-42.*
- _____. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. *In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata V. de (Org.). **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, v. 1. p. 213-231.*
- BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo. *In: _____.* **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 113-126.
- BRASIL. **Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871**. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação anual de escravos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM2040.htm. Acesso em: 27 fev. 2019.
- _____. **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888**. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm. Acesso em: 27 fev. 2019.
- _____. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 27 fev. 2020.
- BRITO, Débora. Cotas foram revolução silenciosa no Brasil, afirma especialista. *In: Agência Brasil, Brasília, 27 maio 2018. Disponível em:*

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-05/cotas-foram-revolucao-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista>. Acesso em: 27 fev. 2020.

CAMARGO, Marcelo Henrique. Elementos da sacralidade na Umbanda. *In*: CAMARGO, Hertz Wender (Org.). Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas. Curitiba: Syntagma Editores, 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 20-96.

CITELLI, Adson. Educomunicação: em torno da técnica e da cultura *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 37., 2014. **Anais** [...]. Foz do Iguaçu: Intercom, 2014.

CORCUFF, Phillipe. Que há pasado com la teoría crítica? Problemas, intereses em juego y pistas. **Revista cultural y representaciones sociales**, Ciudad do México, v. 9, n. 18, p. 63-79, 2015.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, ano 24, v. 24, n. 3, p. 563-599, 2002.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Tradução de Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

GATES JR, Henry Louis. Os negros na América Latina. Tradução de Donaldson M. Garschagen. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras. p. 13-29.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JACKS, Nilda; RONSINI, Veneza Mayora. Pensamento contemporâneo Latino-Americano. *In*: CITELLI, Adilson et al. **Dicionário da Comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 137-158.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 2014. p. 15-32.

LOPES, Paulo Roberto Massela. A comunicação dos afetos no tango: função, improvisação, sexualidade e ambivalências na linguagem da dança. **Intexto**, Porto Alegre, n. 32, p. 83-102, jan./abr. 2015.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera: Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A., 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: O normal, o diferente e o excêntrico. *In*: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-51.

LIMA, Márcia. Desigualdades Raciais no Brasil e suas múltiplas dimensões. **Oxfam Brasil**, São Paulo, 27 ago. 2019. Disponível em: https://oxfam.org.br/publicacao/desigualdades-raciais-no-brasil-e-suas-multiplas-dimensoes/?gclid=Cj0KCCQiA4NTxBRDxARIsAHyp6gCGW4fzIkX0EBRUvm1YnVEdCSTDwT9z10uynp6_HjWu0EP2bDsH8yEaAhkQEALw_wcB. Acesso em: 1 fev. 2020.

MACHADO, Irene. Concepção sistêmica do mundo: Vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2. jul./dez. 2013. p. 136-156. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16400>. Acesso em: 24. jul. 2018.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica: A experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003. p. 11-65.

MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. *In*: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Aadriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Perspectivas metodológicas em comunicação: Novos desafios na prática investigativa**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones e Publicaciones, 2013. p. 31-57.

_____. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. *In*: COMPÓS, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, 2011.

_____. **Epistemologia de la comunicación: análises de lá vertiente Mattelart em América Latina**. Quito: CIESPAL, 2015. p. 195-236.

MENDES, Conrado Moreira. Semiótica francesa e Estudos Culturais: possíveis articulações no campo da ideologia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 30., Santos. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0281-3.pdf>. Acesso em: 24. jul. 2018

MESSIAS, Cláudio. O construto epistemológico da Educomunicação na perspectiva da cultura: reflexões complementares ao trânsito senso comum-saber científico na constituição do novo campo. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM*, 37., 2014. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu: Intercom, 2014.

MORIN, Edgar. **O método, vol. 3**. O conhecimento do Conhecimento. Lisboa: Europa-América, 1986. p. 101-230.

ORO, Ari. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002.

PEIRCE, Charles Sanders. A fixação da crença. **Popular Science Monthly**, Harlan, v. 12, nov. p. 1-15. 1877.

PINTO, Júlio. Teorias do Signo e da Cultura. *In: CITELLI, Adilson et al. **Dicionário da Comunicação**: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto, 2014.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p. 43-111.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

SANTAELLA, Lucia. Charles Sanders Peirce. *In: CITELLI, Adilson et al. **Dicionário da Comunicação**: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialectica**. Buenos Aires: Losada, 2011. p. 13-79.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCHERKERKEWITZ, Iso Chaitz. O direito de religião no Brasil. **Revista da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 45/46, p. 87-110, jan./dez. 1996.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Gilberto Ferreira; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha. (Orgs.) **RS Negro**: Cartografias sobre a produção de conhecimento². ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SILVA, Maurício Ribeiro. Umbanda e os meios de comunicação: documentos para a compreensão da história e atualidade desta religião brasileira. *In: CAMARGO, Hertz Wender (Org.). **Umbanda, cultura e comunicação**: olhares e encruzilhadas*. Curitiba: Syntagma Editores, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TRUTH, Sojourner. Eu não sou uma mulher?. *In*: Geledes. São Paulo, 8 jan. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 4 ago. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS. Concurso Vestibular de 2020. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 9 ago. 2019. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/coperse/concurso-vestibular/vestibular-2020/concurso-vestibular-2020/EditalCV2020.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

VELHO, Ana Paula Machado, A Semiótica da Cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009.

WEISSHEIMER, Marco. Pintura de Locatelli expõe exclusão do negro na construção do mito do gaúcho. *In*: Sul 21, Porto Alegre, 25 jul. 2015. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/breaking-news/2015/07/pintura-de-locatelli-expoe-exclusao-do-negro-na-construcao-do-mito-do-gaucha/>. Acesso em: 25 jun. 2019.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- BONETTI, Alinne. **Não basta ser mulher, tem que ter coragem**. Uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo popular e o campo político feminista de Recife-PE. 2007. 261 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2007.
- BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 37, p. 121-127, dez. 2008. Disponível em: <http://www.processocom.org/wp-content/uploads/2015/08/BONIN-Famecos-2008.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- _____. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. *In*: MALDONADO, Alberto Efendy et. al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORTINA, Adela. **Cidadãos do Mundo: Para uma teoria da cidadania**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 2001.
- FURTADO, Cláudio Alves. Periferias geográficas e periferias epistêmicas e a negação de saberes e práticas endógenas e emancipatórias: um olhar a partir da África. *In*: GADEA, Carlos A.; MELO, José Luís Bica de; LOPES, José Rogério (Org.). **Periferia, territórios e Saberes**. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 69-93.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma**. Ensaios para uma crítica não-hermenêutica. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 1-35.
- MACÊDO, Márcia dos Santos. Feminismo e pós-modernidade: como discutir essa relação? *In*: BONNETI, Alinne; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima (Org.). **Gênero, mulheres e feminismos**. Salvador: EDUFBA; NEIM, 2011.
- MACHADO, Irene (Org.). **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007. p. 27-44.
- MALDONADO, Alberto Efendy. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. *In*: COMPÓS, ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS/Compós, 2011. Disponível em: http://www.inpecc.pro.br/media/uploads/pesquisas/a_construcao_da_cidadania_cientifica_com_o_premissa_de_transformacao_sociocultural_na_contemporaneidade_-

_a_efendy_maldonado.pdf. Acesso em: 16 mar. 2016.

_____. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. *In*: MALDONADO, Efendy. (Org.). **Panorâmica de investigação em comunicação no Brasil**. 1 ed. Salamanca Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014, v. 1. p. 17-40.

_____. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. *In*: _____. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

MENDES, Conrado Moreira. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 9-27; 41-51.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. *In*: _____. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. p. 211-243.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Nova York, 20 nov. 1948. Disponível em: <http://www.dudh.org.br/declaracao/>. Acesso em: 12 jun. 2016

ORTIZ, Renato. Diversidade Cultural e Cosmopolitismo. **Lua Nova: revista de cultura e política**, São Paulo, n. 47, p. 73-99. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451999000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 24 jul. 2016.

PINTO, Júlio. Configurações Comunicacionais Renovadoras, Cidadania Investigativa e Desafios Teóricos Críticos. *In*: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN – ALAIC, 12., 2014, Peru: **Anais [...]** Peru: Associação Latinoamericana dos Investigadores de Comunicação, 2014. Disponível em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT9-Alberto-Efendy-Maldonado-G%C3%B3mez-de-la-Torre-.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

_____. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. *In*: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins (Org.). **Processualidades metodológicas: Configurações transformadoras em Comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 87-103.

_____. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/consulta2b.PORTOALEGRE/Downloads/58439-244492-4-PB.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. O Direito à Informação: Democracia e Cidadania na Comunicação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM 36., 2013, Manaus. **Anais [...]** Manaus: Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-0168-1.pdf>. Acesso em: 21 set. 2016.

ROSALDO, Michele. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 11-36, jan./jun. 1995.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; AGUIAR, Lisiane Machado. Multiplicidades: perspectivas metodológicas para pensar a pesquisa científica em comunicação. *In*: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (Orgs.) **Processualidades metodológicas** – configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013. p. 43-58.

RUEDA, Rocío. Cibercidadanias, multitud y resistencias. *In*: LAGO, Silvia et al. **Ciberespacio y resistencias**: Exploración en la Cultura Digital. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012. p. 101-122.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVEIRA, F. L. Scriptura Pictura. O método das imagens em Walter Benjamin. *In*: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo; MARTINO, Luiz Cláudio. (Org.) **Pesquisa Empírica em Comunicação**. 1. ed. São Paulo: Paulus. 2010, v. 1, p. 109-131.

APÊNDICE A – ESTADO DA ARTE

Quadro 1 – Raça

UNISINOS		
"Raça": 12 resultados, nenhum que se relacione com a pesquisa em desenvolvimento		
Nº	Trabalho	Data da defesa
Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1565 . Acesso em: 29 mar. 2019.		

CAPES		
"Raça": 13589 resultados Observando as primeiras páginas da busca foi possível notar uma pulverização da utilização do termo em diversas áreas e contextos. Por isso, apliquei os filtros: área do conhecimento > Comunicação; Sociais e Humanidades, Sociologia e Psicologia. Obtive, assim, 540 resultados, do qual destaco os seguintes trabalhos:		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	As ilusões da cor: sobre raça e assujeitamento no Brasil'. Autor: Martins, Hildeberto Vieira Doutorado em Psicologia Social Instituição de Ensino: Universidade De São Paulo	01/06/2009
2	À Margem do Paroquialismo Metodológico: Roquete-Pinto, Gilberto Freyre e a História do Conceito de Raça. Autor: Paiva, Luís Henrique da Silva de Doutorado em Sociologia e Política Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.	01/12/2002
3	Casais Inter-Raciais e suas Representações acerca de Raça. Autora: Barros, Zelinda dos Santos. Mestrado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador.	01/08/2003
4	Mobilidade social e raça no Brasil. Autor: Biagioni, Daniel Bruno. Mestrado em Sociologia Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.	01/11/2006
5	Democracia racial, culturalismo e conflito no imaginário dos não-brancos. Autor: Siss, Ahyas. Mestrado em Sociologia Instituição de Ensino: Instituto Universitário de Pesquisa Do Rio De Janeiro.	01/11/1994
6	Ação Afirmativa no Brasil: A Construção de Uma Identidade Negra. Autor: Costa, Joaze Bernardino. Mestrado em Sociologia. Instituição de Ensino: Universidade de Brasília.	01/03/1999
7	Revista Raça Brasil: O negro como sujeito midiático no jornalismo e na publicidade. Autor: Cintra, Jose Carlos. Mestrado em Comunicação. Instituição de Ensino: Universidade de Marília.	01/12/2007
8	A construção da Identidade Étnica Brasileira Através da Telenovela. Autora: Santos, Ana Leila Melonio do Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói.	01/12/2011
9	Posições de Classe e Determinação de Rendimentos no Brasil: Interações com Gênero, Raça e Escolaridade. Autora: Xavier, Flavia Pereira. Mestrado em Sociologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.	01/10/2006
10	Raça e gênero: olhares e sentidos na Revista Eparrei' . Autora: Castro, Sílvia Elaine Santos de. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Londrina.	17/09/2013

Nº	Trabalho	Data da defesa
11	Mulheres da periferia em movimento: um estudo sobre novas trajetórias do feminismo. Autora: Correia, Ana Paula de Santana. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Universidade Federal de São Paulo.	02/03/2015
12	Luta por reconhecimento ou luta por redistribuição? O MNU e os dilemas do Antirracismo no Brasil Contemporâneo. Autor: Santos, Marcio Henrique Casimiro Lopes Silva. Doutorado em Sociologia. Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas.	31/03/2016
13	Feminismo negro como perspectiva descolonial: Movimento de Mulheres Negras e a construção de uma perspectiva feminista negra no Brasil dos anos 1980. Autora: Silva, Vivian Souza Alves Da. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro.	02/10/2015
14	Os códigos da raça: Uma perspectiva teórica sobre o racismo. Autor: Rocha, Emerson Ferreira. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Universidade Federal De Juiz de Fora.	01/03/2010
15	O sistema de classificação de cor e raça do estado brasileiro na formação da identidade afro-brasileira. Autor: Oliveira, Paulo Edison De. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo.	13/12/2017
16	Grupo Palmares em Porto Alegre na década de 1970: O papel de mulheres negras ativistas. Autora: Marques, Elenir Gularte. Mestrado em Sociologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul.	05/09/2019
17	A discriminação racial em números e palavras. Estudo sobre a participação de negros e brancos no mercado de trabalho do Rio Grande do Sul. Autora: Mello, Luciana Garcia de. Mestrado em Sociologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul.	01/04/2005
18	Crítica da Razão Culturalista: Relações Raciais e a Construção das Desigualdades Sociais no Brasil. Autor: Paixão, Marcelo Jorge de Paula. Doutorado em Sociologia. Instituição de Ensino: Instituto Universitário De Pesquisa Do Rio De Janeiro.	01/05/2005
Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/ . Acesso em: 2 jan. 2020 e 3 jan. 2020.		

INTERCOM

"Raça": 08 resultados, nenhum pertinente à pesquisa

Nº	Trabalho	Data da defesa
----	----------	----------------

PUCRS

"Raça": resultou em 1.817 itens, inviabilizando a busca. Nesse caso, utilizei o filtro "Áreas do CNPq" > "Ciências sociais aplicadas". O que resultou em 338 títulos. Nenhum resultado que seja relevante para esta pesquisa.

Nº	Trabalho	Data da defesa
----	----------	----------------

Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/>. Acesso em: 29 mar. 2019.

UFRGS		
"Raça": 474 resultados encontrados. Dos quais destaco:		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	A trajetória de mulheres negras no contexto de trabalho: um olhar a partir da teoria interseccional. Autora: Taís Colling. Programa de Pós-Graduação em Administração.	30/05/2019
2	Grupo Palmares em Porto Alegre na década de 1970: o papel de mulheres negras ativistas. Autora: Elenir Gularte Marques. Programa de Pós-graduação em Sociologia.	11/07/2019
3	“Educar é eugenzar”: racismo, eugenia e educação no Brasil (1870-1940). Autor: Gustavo da Silva Kern. Programa de Pós-Graduação em Educação	08/07/1905
Disponível em: https://sabi.ufrgs.br/F . Acesso em: 6 jan. 2020 e 7 jan. 2020.		

UFSM		
"Raça": 2.218 resultados encontrados. Diante da grande quantidade de resultados, apliquei o filtro: Programa de Pós-Graduação em Comunicação (pois, diferentes dos outros repositórios, este não há a possibilidade de filtrar por áreas do conhecimento). Assim, obtive 168 resultados, dos quais destaco:		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	"Quilombo Contemporâneo": o fluxo televisivo mediado pela identidade étnica e movimento. Autora: Oliveira, Vanessa de. Programa de Pós-Graduação em Comunicação.	03/04/2008
Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25 . Acesso em: 5 jan. 2020.		

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2 – Negritude

UNISINOS		
"Negritude": 3 resultados. Chama a atenção que dois são sobre comunidades fora do Rio Grande do Sul (Mato Grosso e Roraima). Acredito que um estudo possa contribuir:		
Nº	Trabalho	Data de defesa
1	Modos de (re)existir, de (res)sentir: mulheres negras e relações raciais na educação contemporânea. Autora: Weschenfelder, Viviane Inês. PPG Educação	28/02/2018
Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1565 . Acesso em: 29 mar. 2019.		

CAPES		
"Negritude": 391 resultados encontrados, dos quais, destaco:		
Nº	Trabalho	Data de defesa
1	Negritude e sofrimento psíquico. Autor: Filho, José Tiago Dos Reis. Doutorado em Psicologia. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	01/06/2005

Nº	Trabalho	Data de defesa
2	Relatos de sangue: apresentação de mundos de famílias negras vítimas ocultas da violência. Autor: Júnior, José Ribamar dos Santos Oliveira. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal.	01/02/2011
3	Negritude um estudo hermenêutico. Autor: Dias, Tercio Goncalves. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná, Curitiba.	01/01/1995
4	Identidades: interface entre religião e negritude. Autora: Pachêco, Lwdmila Constant. Mestrado em Psicologia Social Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal De Sergipe, São Cristóvão.	01/05/2010
5	Vozes afro-femininas: a construção de novos chãos simbólicos. Mestrado em Letras. Instituição de Ensino: Universidade Estadual De Londrina, Londrina.	01/07/2010

Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 2 jan. 2020 e 3 jan. 2020.

INTERCOM			
Negritude: 10 resultados			
Nº	Trabalho	Data da defesa	Link:
1	NEGRITUDE MIDIÁTICA: Pretos, pardos, morenos, mestiços e a discursividade racial na mídia brasileira	Junho de 2008	http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0088-1.pdf

PUCRS		
"Negritude": 58 resultados encontrados, dos quais, destaco:		
Nº	Trabalho	Data de defesa
1	Antônia sou eu, Antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira. Autora: Coutinho, Lúcia Loner. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.	26/03/2010
2	Estudo comparativo entre a teologia africana e a teologia afro-americana. Autor: Hackmann, Geraldo Luiz Borges. Programa de Pós-Graduação em Teologia.	21/12/2006
3	A religiosidade como alma da cultura e como afirmação da identidade afro-brasileira. Autor: Oliveira, Reinaldo João de. Programa de Pós-Graduação em Teologia.	03/12/2009

Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2>. Acesso em: 29 mar. 2019.

UFRGS		
"Negritude": 17 resultados encontrados. Nenhum que conflua com a pesquisa em andamento.		
Nº	Trabalho	Data de defesa
Disponível em: https://sabi.ufrgs.br/F . Acesso em: 6 jan.2020 e 7 jan. 2020.		

UFSM		
"Negritude": 113 resultados. Este repositório inclui trabalhos de graduação e pós-graduação. Eu optei por observar e selecionar apenas os trabalhos de pós-graduação, dos quais destaco:		
Nº	Trabalho	Data de defesa
1	Dos laços entre José e Inocência: trajetórias de uma família negra entre a escravidão e a liberdade no Rio Grande do Sul. Autora: Oliveira, Franciele Rocha de. Programa de Pós-Graduação em História.	21/08/2017
Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25 . Acesso em: 5 jan. 2020.		
Fonte: Elaborado pela autora.		

Quadro 3 – Afro

UNISINOS		
"Afro": 24 resultados encontrados. Dos quais, destaco:		
Nº	Trabalho	Data de defesa
1	Possibilidades de (re)construção de identificações afro-brasileiras frente às dinâmicas da pós-modernidade. Autor: Benites, Jonas André de Oliveira. PPG Ciências Sociais	22/09/2008
2	Encruzilhada multicultural: estratégias de legitimação das práticas religiosas afro-umbandistas no Rio Grande do Sul. Autor: Leistner, Rodrigo Marques. PPG Ciências Sociais	15/12/2009
Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1565 . Acesso em: 29 mar. 2019.		

CAPES		
"Afro": 3.692 resultados encontrados. Diante da grande quantidade de trabalhos, apliquei os filtros: área do conhecimento > Comunicação; Sociais e Humanidades; Sociologia e Psicologia. Obtive, assim, 129 resultados, do qual destaco os seguintes trabalhos:		
Nº	Trabalho	Data de defesa
1	Três gerações de identidade e alteridade de mulheres negras mestiças: eu com elas, eu sem elas. Autora: Moraes, Loverci Gomes de. Mestrado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade São Marcos, São Paulo.	01/08/2000
2	"Aceitação Afro": as mídias sociais digitais na revalorização e afirmação da identidade negra. Autora: Francklin, Eugene Oliveira. Mestrado em Comunicação. Instituição de Ensino: Universidade Federal De Juiz De Fora	10/03/2017
Muitos trabalhos sobre a temática produzidos pelo Mestrado em ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA		
Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/ . Acesso em: 2 jan. 2020 e 3 jan. 2020.		

INTERCOM		
"Afro": 23 resultados, um que conflui com a pesquisa		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Revisitando o Passado e Apontando para o Presente: Alguns Olhares sobre a Relação entre Mídia e Religiões Afro-Brasileiras. Autor: Gerson Carlos Pereira Lindoso. Faculdade Pitágoras, São Luís, MA.	Junho de 2008

PUCRS		
"Afro": 501 resultados encontrados. Dos quais destaco		
Nº	Trabalho	Data de defesa
1	A reação das religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul: conflitos com neopentecostais e defensores dos animais. Autora: Possebon, Roberta Mottin. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.	21/03/2007
2	Equidade e televisão: o programa Mister Brau, da Rede Globo, e o estímulo à (re)construção do imaginário social do negro no Brasil. Autor: Silva, Wagner Machado da. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social	20/11/2018
Esse filtro não me pareceu muito bem ajustado, pois mesmo pesquisando o termo entre aspas há muitos trabalhos que não são de ordem racial.		
Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/ . Acesso em: 29 mar. 2019.		

UFRGS		
"Afro": 134 resultados encontrados. Dos quais, destaco:		
Nº	Trabalho	Data de defesa
1	Tambores de todas as cores: Práticas de mediação religiosa afro-gaúchas. Autor: Leonardo Oliveira de Almeida. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.	25/02/2019
2	"É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra?" Uma análise antropológica sobre a corporalidade negra feminina na cidade de Porto Alegre. Autora: Josiane de Assis Bueno. Programa De Pós-Graduação Em Antropologia Social.	09/07/1905
3	Opaxorô, o cetro dos ancestrais: mimese e mito na representação de mundo afro-gaúcha. Autor: José Ricardo Da Costa. Programa de Pós-Graduação em Letras.	2016
4	Semiologia Da Linguagem: A Enunciação do Sagrado e o Corpo Afrorreligioso. Autora: Renata Trindade Severo. Programa de Pós-Graduação Em Letras.	2016
5	Passagens na religião: Estudo antropológico do panorama politeísta das religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul. Autor: Rafael Deoris Santos. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.	2014
Disponível em: https://sabi.ufrgs.br/F . Acesso em: 6 jan. 2020 e 7 jan. 2020.		

UFMS		
"Afro": 669 resultados. Diante da expressiva quantidade optei por utilizar o filtro Programa de Pós-Graduação em Comunicação (pois, diferentes dos outros repositórios, este não há a possibilidade de filtrar por áreas do conhecimento). Assim, obtive 168 resultados, que é o total de trabalhos publicados nessa segmentação. Como já havia observado e destacado o único trabalho que dialoga com esta pesquisa, o resultado é igual ao disponível na busca pela palavra "Raça".		
Nº	Trabalho	Data de defesa
Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25 . Acesso em: 5 jan. 2020.		

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 – Mulher Negra

UNISINOS		
"Mulher negra": 10 resultados Apenas um trabalho conversa com a pesquisa:		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Gênero, raça e classe: discursos de mulheres negras acadêmicas e mulheres negras comunitárias. Autora: Silva, Daiane Severo da. PPG Ciências Sociais	29/02/2016
Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1565 . Acesso em: 29 mar. 2019.		

CAPES		
"Mulher negra": 389 resultados, dos quais destaco:		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Mulheres da periferia em movimento: um estudo sobre novas trajetórias do feminismo. Autora: Ana Paula de Santana Correia. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Universidade Federal De São Paulo, Guarulhos.	02/03/2015
2	As vozes que fazem o gênero: o feminino e o masculino nas famílias negras. Autora: Reis, Rute Rodrigues dos. Doutorado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo.	01/07/2011
3	“Mulheres Iabás”: liderança, sexualidade e “transgressão” no candomblé. Autora: Bastos, Ivana Silva. Mestrado em Sociologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.	01/08/2011
4	Ascensão social negra: do branqueamento à solidariedade? Autora: Pinto, Nubia dos Reis. Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos. Instituição de Ensino: Universidade Federal Da Bahia, Salvador.	01/12/2010
5	Negras jovens feministas: sexualidade, imagens e vivências. Autora: Castro, Fabiana Leonel de. Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo Instituição de Ensino: Universidade Federal Da Bahia, Salvador.	01/03/2011
6	A formação da imagem da mulher negra na mídia. Autora: Trindade, Azoilda Loretto da. Doutorado em Comunicação. Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro.	01/03/2005
7	Histórias de reencontro: ancestralidade, pertencimento e enraizamento na descoberta de ser negra. Autora: Santos, Miriam Rosa Dos. Mestrado em Psicologia Social. Instituição de Ensino: Universidade De São Paulo, São Paulo.	15/04/2014
8	Mulher Negra: Afro-Americana em Debate. Autora: Santos, Eliad Dias dos. Mestrado em Teologia Feminista e Teologia Ciências da Religião. Instituição de Ensino: Universidade Metodista De São Paulo, São Bernardo do Campo.	01/10/1998
9	REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA NA TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA: O CASO DO SERIADO SEXO E AS NEGAS. Autora: OLIVEIRA, NATALIA GODOFREDO DE. Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - PROF JOSE DE SOUZA HERDY, Duque de Caxias Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Euclides da Cunha	28/03/2017

Nº	Trabalho	Data da defesa
----	----------	----------------

10	Raça e gênero: olhares e sentidos na Revista Eparrei. Autora: Castro, Silvia Elaine Santos de. Mestrado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Londrina, Londrina.	17/09/2013
11	Sexualidade na Identidade da Mulher Negra a partir da Diáspora Africana: o Caso do Brasil. Autora: Pinto, Elisabete Aparecida. Doutorado em Psicologia Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo.	01/08/2004
12	Apropriação cultural da estética negra: práticas discursivas e representações no ciberespaço. Autora: Silva, Talita Brasil E. Mestrado em Sociologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.	07/02/2018
13	Da subalternidade à resistência: a importância do empoderamento das mulheres negras. Autora: Oliveira, Laura Alves De. Mestrado em Direito. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.	02/02/2017
13	A Quimbanda de Mãe Ieda: Religião "Afro Gaúcha" De Exus E " Pombas-Giras". Silva, Suziene David Da. Mestrado em Antropologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pernambuco, Recife.	01/08/2003
14	As fronteiras entre raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do movimento de mulheres negras. Autor: Rodrigues, Cristiano Santos. Mestrado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte.	01/04/2006
15	A inclusão social da mulher afro descendente No Rio Grande Do Sul. Faccin, Rui. Mestrado em Direito. Instituição de Ensino: Univ. Regional Integrada Do Alto Uruguai E Das Missões, Erechim.	01/07/2012
16	Vidas à Margem: relações de gênero, etnia e espaço na narrativa afro-brasileira contemporânea. Autora: Marques, Maria Cristina Maciel. Mestrado em Literatura. Instituição de Ensino: Universidade de Brasília, Brasília.	03/02/2016
17	Mulheres negras, políticas identitárias e potências emancipatórias: análise das políticas públicas de gênero sob o olhar crítico das teorias da raça no Brasil. Bomfim, Ariini Guimaraes. Mestrado em Sociologia e Direito. Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói.	02/08/2018
Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/ . Acesso em: 2 jan. 2020 e 3 jan. 2020.		

INTERCOM			
"Mulher Negra": 05 resultados			
Nº	Trabalho	Data da defesa	Link:
1	Dandara: A Mulher Negra como construtora de processos comunicacionais	Junho de 2012	http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2012/resumos/R31-0033-1.pdf
2	Memórias Veladas: A trajetória da mulher negra da sociedade colonial à era republicana	Mai de 1999	http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/20ab9691203e1d120e0db2d63ef6ab96.pdf

PUCRS		
"Mulher negra" : 169 resultados encontrados. Nenhum resultado diferente dos já encontrados que sejam relevantes para esta pesquisa.		
Nº	Trabalho	Data da defesa
Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2 . Acesso em: 29 mar. 2019.		

UFRGS		
"Mulher negra" : 20 resultados encontrados, dos quais destaco um título que ainda não havia aparecido em outras buscas.		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Negras Velhas: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade. Autora: Nilsa Maria Conceição dos Santos. Programa de Pós-graduação em Educação.	14/01/2016
Disponível em: https://sabi.ufrgs.br/F . Acesso em: 6 jan. 2020 e 7 jan. 2020.		

UFSM		
"Mulher negra" : 228 resultados. Este repositório inclui trabalhos de graduação e pós-graduação. Eu optei por observar e selecionar apenas os trabalhos de pós-graduação. Os títulos que se mostraram confluentes com esta pesquisa já haviam sido apontados anteriormente.		
Nº	Trabalho	Data da defesa
Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25 . Acesso em: 5 jan. 2020.		

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 5 – Terreiro

UNISINOS		
"Terreiro" : nenhum trabalho, e o sistema tenta corrigir para terceiro.		
Nº	Trabalho	Data da defesa
Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1565 . Acesso em: 29 mar. 2019.		

CAPES		
"Terreiro" : 558 resultados encontrados		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Elementos teopedagógicos afrocentrados para superação da violência de gênero contra as mulheres negras: Diálogo com a comunidade-terreiro Ilé àşę yemojá omi olodò e ‘o acolhimento que alimenta a ancestralidade. Autora: Lira, Lilian Conceição da Silva Pessoa De. Doutorado em Teologia. Instituição de Ensino: Escola Superior De Teologia, São Leopoldo.	21/03/2014
2	“Aqui a gente tem folha”: Terreiros de religião de matriz africana como espaços de articulação de saberes. Autora: Moura, Beatriz Martins. Mestrado em Antropologia. Instituição de Ensino: Universidade de Brasília, Brasília.	02/03/2017

Nº	Trabalho	Data da defesa
3	Constelações de aprendizagem nas práticas da umbanda no terreiro Mãe Oxum e Pai Ogum. Autora: Santos, Thais Rodrigues Dos. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Estadual Do Centro-Oeste, Guarapuava.	16/08/2018
4	Dualismos e dualidades nas experiências umbandistas em um terreiro no Rio Grande do Sul. Autora: Pires, Helaysa Kurtz Gressler. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição De Ensino: Universidade Federal De Santa Maria, Santa Maria.	25/06/2015
5	Processos de comunicação e cultura: oralidade condutora do Axé no terreiro Axé Ilê Obá. Autora: Negrão, Cecília Cordeiro. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo.	20/06/2018
6	O dia do nome: por um conceito de afro-brasilidade. Autor: Freitas, Ricardo Oliveira De. Mestrado em comunicação Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro.	01/08/1995
7	Tradição e tabu: Um estudo sobre gênero e sexualidade nas religiões afro-brasileiras. Autor: Santos, Milton Silva dos. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo.	01/11/2007
8	Obirin Dudu. Um olhar sobre a identidade e a cidadania das mulheres negras. Silva, Caroline Fernanda Santos da. Mestrado em Serviço Social Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro.	01/05/2009
9	A umbanda tem fundamento, e é preciso preparar: abertura e movimento no universo umbandista. Autor: Rohde, Bruno Faria. Mestrado em Cultura e Sociedade. Instituição de Ensino: Universidade Federal Da Bahia, Salvador.	01/12/2010
10	“É assim que se aprende no santo...” Uma análise sobre transmissão de conhecimentos no terreiro de matriz afrobrasileira Ylê Axé Yapa Omim Ladê em Boa Vista – RR. Autor: Targino, David Dantas. Mestrado em Sociedade e Fronteiras. Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal de Roraima.	27/02/2018
11	Dualismos e dualidades nas experiências umbandistas em um terreiro no Rio Grande Do Sul. Autora: Pires, Helaysa Kurtz Gressler. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Universidade Federal De Santa Maria, Santa Maria.	25/06/2015
12	A Lua Branca de seu Tupinambá e de Mestre Irineu: estudo de caso de um terreiro de umbanda. Autora: Guimaraes, Maria Beatriz Lisboa. Mestrado em Sociologia e Antropologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro.	01/03/1992
13	"Ta na hora de você pedir!": uma foto-etnografia sobre a experiência da incorporação em um terreiro de Umbanda. Autora: Fernandes, Adriana Dos Santos. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.	01/06/2001
14	Domingo na igreja, sexta-feira no terreiro: as disputas simbólicas entre Igreja Universal do Reino de Deus e umbanda'. Autor: Filho, Antônio Gracias Vieira Mestrado em Ciência Social. Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo.	01/02/2007
15	Giras de pretos velhos em um terreiro de Umbanda: lugares e eventos de construção de memórias afro-brasileiras. Autora: Nascimento, Maria Sampaio do. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Espírito Santo.	17/11/2017

Nº	Trabalho	Data da defesa
16	Estudo da significância do corpo na Umbanda: limites e possibilidades de aplicabilidade de alguns conceitos lacanianos. Autora: Pellicciari, Fabiana Sampaio. Mestrado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade De São Paulo/ Ribeirão Preto.	01/07/2008
Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/ . Acesso em: 2 jan. 2020 e 3 jan. 2020.		

INTERCOM		
"Terreiro": 02 resultados encontrados, nenhum conflui com a pesquisa		
Nº	Trabalho	Data da defesa

PUCRS		
"Terreiro": 118 resultados encontrados. Nenhum resultado diferente dos já apontados que seja confluyente com esta pesquisa.		
Nº	Trabalho	Data da defesa
Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/ . Acesso em: 29 mar. 2019.		

UFRGS		
"Terreiro": 8 resultados encontrados. Nenhum de interesse que já não tivesse sido citado anteriormente.		
Nº	Trabalho	Data da defesa
Disponível em: https://sabi.ufrgs.br/F . Acesso em: 6 jan. 2020 e 7 jan. 2020.		

UFSM		
"Terreiro": 128 resultados encontrados. Este repositório inclui trabalhos de graduação e pós-graduação. Eu optei por observar e selecionar apenas os trabalhos de pós-graduação. Os títulos que se mostraram confluentes com esta pesquisa já haviam sido apontados anteriormente.		
Nº	Trabalho	Data da defesa
Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25 . Acesso em: 5 jan. 2020.		

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 6 – Identidades Culturais

UNISINOS		
"Identidades culturais": 3 resultados encontrados, nenhum que fosse confluyente com essa pesquisa e que já não tenha sido citado.		
Nº	Trabalho	Data da defesa
Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1565 . Acesso em: 29 mar. 2019.		

CAPES		
"Identidades Culturais" 791 resultados encontrados. Observando as primeiras páginas da busca foi possível notar uma pulverização da utilização do termo em diversas áreas e contextos. Por isso, apliquei os filtros: área do conhecimento > Comunicação; Sociais e Humanidades; Sociologia e Psicologia. Obtive, assim, 122 resultados, do qual destaco o seguinte trabalho:		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Vodu no Haiti, Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano. Autor: Handerson, Joseph. Mestrado em Ciências Sociais. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pelotas.	01/03/2010
Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/ . Acesso em: 2 jan. 2020 e 3 jan. 2020.		

INTERCOM		
"Identidades Culturais": 43 resultados encontrados, 4 confluem com a pesquisa:		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Identidades Culturais em Perspectiva Comunicacional e Histórica. Autora: Carmem Rejane Antunes Pereira (Unisinos)	2010
2	Classe importa? Reflexões sobre o conceito de classe social para pensar a recepção da mídia. Autora: Laura Hastenpflug Wotrich (Universidade Federal de Santa Maria)	2010
3	A Subjetividade Midiática e a Construção de Identidades Culturais nos séculos XX e XX. Autoras: Robéria Nádia Araújo Nascimento (Universidade Estadual da Paraíba), Patrícia Maria Rios Ribeiro (Universidade Federal de Campina Grande)	2009
4	América Latina e Comunicação: Apontamentos Teóricos sobre Identidade, Representação e Imaginário Lilian Crepaldi de Oliveira (ECA-USP)	2007

PUCRS		
"Identidades culturais": resultou em 4.611 itens, inviabilizando a busca. Nesse caso, utilizei o filtro "Áreas do CNPq" > "Ciências sociais aplicadas". O que resultou em 1032. Diante da permanência da grande demanda e para tornar o processo mais efetivo, utilizei outro filtro, desta vez o temporal (um recorte das defesas entre 2010- 2015), que rendeu uma amostra de 579 títulos, porém nenhum que seja relevante para esta pesquisa.		
Nº	Trabalho	Data da defesa
Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/ . Acesso em: 29 mar. 2019.		

UFRGS		
"Identidades culturais": 139 resultados encontrados. Dos quais nenhum que já não tenha sido citado anteriormente se alinha a esta pesquisa.		
Nº	Trabalho	Data da defesa
Disponível em: https://sabi.ufrgs.br/F . Acesso em: 6 jan. 2020 e 7 jan. 2020.		

UFSM		
"Identities culturais": 308 resultados encontrados, apenas um confluyente com essa pesquisa e que já não tenha sido citado:		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Práticas de representação nos processos de construção Identitária e sua articulação com a fotografia. Autor: Bonza, Andrés Leonardo Becerra. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural.	25/08/2017
Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25 . Acesso em: 5 jan. 2020.		

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 7 – Umbanda

UNISINOS		
"Umbanda": 1 resultado		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Eu sou porque nós somos: experiências do emocionar nas aprendizagens umbandistas. Autor: Chagas, Wagner dos Santos. PPG Educação	24/02/2017
Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1565 . Acesso em: 29 mar. 2019.		

CAPES		
"Umbanda": 447 Resultados. Muitos dos trabalhos que apareceram nesta busca já haviam sido observados na busca do termo "Terreiro". Por isso, destacarei aqueles que forem inéditos nas buscas e que possam dialogar de alguma forma com o trabalho:		
Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Incorporando papéis: uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de Umbanda. Autor: Zangari, Wellington. Doutorado em Psicologia Social. Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo.	01/08/2003
2	O sagrado ganha espaço: um estudo de caso sobre a Umbanda. Autora: Vaini, Solange Salussolia. Doutorado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo.	01/05/2008
3	Sete jovens numa casa de Umbanda. Construção e afirmação de identidades. Autor: Nascimento, Fabio Justino Do. Mestrado em Relações Étnico-Raciais Instituição de Ensino: Centro Federal De Educação Tecn. Celso Suckow Da Fonseca, Rio de Janeiro.	11/05/2016
4	São muitas bandas em uma só. Identidade religiosa na Umbanda. Estudo de caso na casa O Além dos Orixás. Autor: Dutra, Bruno Rodrigo. Mestrado em Ciências Da Religião. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais.	01/07/2011
5	Umbanda: ritual e práxis. Mestrado em Ciências da Religião. Autor: Victoriano, Benedicto Anselmo. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	01/10/1993
6	Olhares que narram: Perspectivas umbandistas de articulação do sentido. Autora: Rotta, Raquel Redondo. Doutorado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto.	29/08/2014
7	Pelo poder de Zambi e pela força de Oxalá: identidade social entre mães, pais, filhas e filhos de santo de uma comunidade de Umbanda no estado do Rio de Janeiro. Autora: Eleoterio, Isabele Santos. Doutorado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Espírito Santo.	18/12/2018

8	“O véu do congá de Pai Joaquim” : cosmovisão, ritual e experiência ou sobre três aspectos do conhecimento umbandista. Autor: Brito, Lucas Goncalves. Mestrado em Antropologia Social. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Goiás.	08/02/2017
9	Religião de Matriz Africana / Afro-Brasileira : Lócus de resistência, acolhimento e educação. Autor: Evangelista, Lazaro de Oliveira. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul.	22/07/2019
10	A cor da fé : “identidade negra” e religião. Autor: OLIVEIRA, ROSENILTON SILVA De Doutorado em CIÊNCIA SOCIAL (ANTROPOLOGIA SOCIAL) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.	02/03/2017
11	Famílias de santo : as histórias dos ancestrais e os enredos contemporâneos	01/08/2012
12	Constelações de aprendizagem nas práticas da Umbanda no terreiro Mãe Oxum E Pai Ogum . Autor: Santos, Thais Rodrigues dos. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Estadual Do Centro-Oeste, Guarapuava.	16/08/2018
Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/ . Acesso em: 2 jan. 2020 e 3 jan. 2020.		

INTERCOM

"Umbanda": 04 resultados encontrados, nenhum conflui com a pesquisa

Nº	Trabalho	Data da defesa
----	----------	----------------

PUCRS

"Umbanda": 98 Resultados. Nenhum pertinente à pesquisa

Nº	Trabalho	Data da defesa
----	----------	----------------

Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/>. Acesso em: 29 mar. 2019.

UFRGS

"Umbanda": 06 resultados encontrados. Dos quais nenhum que já não tenha sido citado anteriormente se alinha a esta pesquisa.

Nº	Trabalho	Data da defesa
----	----------	----------------

Disponível em: <https://sabi.ufrgs.br/F>. Acesso em: 6 jan. 2020 e 7 jan. 2020.

UFSM

"Umbanda": 108 resultados. Este repositório inclui trabalhos de graduação e pós-graduação. Eu optei por observar e selecionar apenas os trabalhos de pós-graduação. Os títulos que se mostraram confluentes com esta pesquisa já haviam sido apontados anteriormente.

Nº	Trabalho	Data da defesa
----	----------	----------------

Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25>. Acesso em: 5 jan. 2020.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 8 – Comunicação

INTERCOM

Comunicação: 74 resultados

Nº	Trabalho	Data da defesa
1	Etnografia da Recepção: que contribuição esse recurso metodológico pode dar aos estudos sobre a recepção?	Setembro de 2009

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 9 – Gênero

INTERCOM		
Gênero: 5 resultados encontrados - nenhum relacionado ao tema da pesquisa em desenvolvimento		
Nº	Trabalho	Data da defesa

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 10 – Cidadania

INTERCOM			
Cidadania: 730 resultados			
Nº	Trabalho	Data da defesa	Link:
1	As Configurações Subjetivas na Produção Midiática sobre Juventude e Violência	Setembro de 2014	http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-2416-1.pdf
2	Palavra como acumulação de mudanças: Relações raciais e o dialogismo em Bakhtin	Setembro de 2012	http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0491-1.pdf
3	Comunicação Popular como Prática de Formação Identitária e de Cidadania1	Junho de 2011	http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0728-1.pdf

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE B – DC DE 27/11/2018**Tarde de 27 de novembro de 2018 – Zona Norte de Porto Alegre**

Neste dia cheguei à casa de Kellen por volta das 16h. Havia marcado de fazer a entrevista apenas com Kethlin, mas como as duas estavam juntas, passamos a conversar em conjunto. Era um dia quente, e logo me ofereceram água, que eu aceitei. Depois de alguns minutos de conversas iniciais sobre amenidades, explico a dinâmica que imaginei para as entrevistas e começamos.

Renata: Com que frequência você assiste televisão?

Kethlin: Eu não vejo muito televisão. É difícil eu parar para ver televisão. Uma coisa que eu gosto de ver é o Fantástico porque as reportagens são variadas, não é aquela coisa maçante somente sobre violência. Só paro domingo de noite para ver. Geralmente estou em casa com a minha família, com as crianças na volta, vejo um pouco, vou atrás delas.

Kellen: Eu tento, que aqui a gente tudo tenta, tenta descansar... [risos]. Mas eu gosto de ver a novela das nove, o Jornal Nacional. Gosto de ver o Jornal do dois, da Record, que tem notícias locais. Tem outros programas que eu gosto de ver mas não dá por causa do horário que eu acordo, que é cinco horas da manhã. Tem o Bial, o Programa do Bial, antes de começar a trabalhar eu vi umas reportagens bem legais deles, que eu gostaria de ver mais vezes. Vi inclusive uma de um senhor do Holocausto que foi bem legal. E é isso. Os programas que eu gosto são mais tarde e eu não consigo mais assistir em função do fato de ter que acordar cedo no outro dia.

Kethlin: Eu também vejo o Bial porque tem muitos temas bons, sobre LGBT, feminismo, coisas que agora estão sendo mais pautadas, estão sendo mais faladas ultimamente, estão tendo mais voz... Ele abrange essas comunidades. Teve várias matérias sobre o Holocausto também que foram bem legais. Fala justamente sobre os temas que a gente está visando, está aprendendo, se reconstruindo, estamos pensando duas vezes quando vamos falar da mulher, da pessoa LGBT, são as coisas que a gente está vendo agora na sociedade.

Renata: Você falou em aprender. Onde você aprende sobre essas coisas, é na faculdade?

Ketlhin: Eu acho que é em um pouco de tudo. Na faculdade é onde menos eu vejo. Infelizmente, eu acho que é por causa do meu curso. Mas eu acho que são coisas que eles deviam falar em todas as faculdades, em todos os cursos, não importa se é Medicina ou História, tinha que ser falado em todos os cursos em relação a isso. Mas eu acho que eu vejo mais na internet, que é um veículo que fala mais sobre isso, na TV são programas exclusivos que falam sobre, tu não vê isso no jornal, sobre racismo, sobre como se dirigir a um negro sem ofender, tu não vê isso. Então, são em alguns programas e na internet que mais a gente vê as pessoas falando sobre isso.

Renata: Kellen, por quais motivos você gosta do programa do Bial?

Kellen: Eu estava pensando agora que eu gosto também do Papo de Segunda, com o Porchat e mais uns convidados. Só que é dez horas e às vezes está dando a novela e aquilo me prende. Mas quando eu lembro eu troco de canal e eu adoro o Papo de Segunda. Eu peguei um sobre, faz até tempo que eu vi, que ele estava falando dos privilégios. Dos privilégios que ele como homem branco não conseguia enxergar que tinha e agora ele consegue. Que ele era classe média etc. e isso passa muito na frente de uma pessoa que poderia até ser branca, mas está na favela, por exemplo. E que ele estava se atualizando, se reinventando, aprendendo. São esses temas. Temas atuais que estão sendo falados e que quando eu era adolescente era um tabu. Esses temas me prendem muito. Esse tipo de conversa e abordagem me prende muito porque eu aprendo muito. Esses dias eu estava vendo Saia Justa, que eu gosto também, e elas estavam falando dos termos que eu falava e não sabia que eram pejorativos, por exemplo, “a coisa está preta”, ou “que bonita aquela negra”. Eu falava isso, falava e acho que às vezes ainda falo. Porque eu não falava “que bonita aquela mulher”, ou “a coisa está feia”. O negro muitas vezes é trazido no pejorativo. Então é uma coisa que a gente vai aprendendo, são temas que eu adoro. E se fosse mais cedo.... Porque agora é meu horário, são três horas da tarde, as crianças não chegaram da creche ainda, se tivesse um programa assim, interessante, eu até assistiria. Porque ninguém merece “A Grande Família” [programa que estava passando na televisão no momento da entrevista. A televisão estava ligada desde antes de eu chegar, na Globo, mas ninguém parecia prestar atenção].

Renata: Da última vez que nós conversamos tu comentou que gosta muito de assistir novelas...

Kellen: Sim, a das nove, principalmente. Porque as outras são um besteiro, mesmo que essa atual seja um besteiro porque tem um gato que vira gente, aquela coisa toda, mas, tipo assim, é com uns atores melhores, um texto mais elaborado, eu acho, e aí prende a atenção. Mas também eu não perco nenhum compromisso por causa da novela. Se está passando eu assisto e pronto, mas se não der eu não olho também. Eu olho porque estou em casa, mas também não deixo de dar janta, dar banho e atender eles por causa da novela. Se der eu olho. É um hábito que eu tenho há bastante tempo. Se bem que eu trabalhei cinco anos de noite e a senhora que eu trabalhava não tinha o hábito de ver a novela, então eu tive que ficar aqueles cinco anos sem assistir novela. Aí teve até a da Carminha nesse meio tempo, que o Brasil inteiro falava na tal da Carminha e eu ficava ali boiando, sabe? Porque eu era a única que não assistia. Mas deve ser por hábito mesmo, porque desde pequena a gente assiste.

Ketlhin: O que é muito diferente de mim, eu não tenho hábito nenhum de ver novela. Não sei se é por ser uma geração nova, mas nos prende muito mais uma série, digamos, do que a novela. Porque a novela, não sei, assim, se são as coisas que eu acho muito fictícias, por exemplo, essa do gato eu não consigo ver, acho muito ridículo, aquele gato, aquela mulher falando com aquele gato como se ele fosse gente, eu não consigo, sabe? Mas por exemplo, uma coisa que eu acho muito besteira mas eu vejo é o Big Brother. Aquilo me prende, ver o jeito que as pessoas são, de lidar uns com os outros, de falar pelas costas.

Renata: Nesse programa existe a questão do racismo, principalmente em relação a dois participantes. Tu está acompanhando essa questão?

Ketlhin: Não passam tudo o que acontece sobre isso na edição que vai ao ar, mas eu acho que deveria passar mais. Eu acho que eles acham muito pesado as coisas que o participante fala, daí eles tentam não passar aquilo, ainda mais se não é em um momento de festa que eles têm que pegar todos os participantes... Porque às vezes eles vão ter que pegar um momento importante daquilo que está acontecendo. Eu lembro que quando aconteceu na festa de dois participantes negros estarem abraçados, porque estava dando uma reza, uma coisa que a gente nunca vê num Big Brother, tocar uma reza, uma coisa em relação às religiões de matriz afro, eu não lembro de ter tocado, por exemplo, “Mamãe Oxum na cachoeira”, por exemplo. Daí eles estavam abraçados cantando daí um outro participante viu aquela cena e disse que estava se sentindo mal, porque não era de Deus, alguma coisa do tipo. Teve também uma outra participante loira, branca, que disse que lá perto de onde ela morava tinha um cara que matou

a mulher e não era “nem faveladinho e nem negro”, ele era branco, já tinha viajado para vários lugares. São coisas bem ruins de ver, mas querendo ou não tu vê ali que é como o Brasil é. Infelizmente, é como o Brasil é: racista, preconceituoso.

Renata: O que tu comentou que te marcou, Kellen?

Kellen: Foi isso. Duas pessoas chorando, abraçadas, a cena era muito bonita e eles conseguindo ver o demônio naquela cena, sabe? É uma coisa que não dá para acreditar como as pessoas conseguem associar a religião com alguma coisa do mal, sem conhecer, entendeu? E não sentir empatia por aquelas pessoas. Como se a gente (ato falho), como se eles não fossem, no caso. Eu achei muita falta de empatia da parte deles, porque é uma pessoa instruída, porque ela fala igual uma criança, mas ela é advogada. Ah, mas ela mora no interior. E daí? O pessoal que mora no interior não estuda? Uma coisa é tu ser contraído porque passou a adolescência sozinha, outra coisa é tu ser ignorante a ponto de achar que a religião dos outros é menos que a tua. Teve outra também que falou para aquela menina que é LGBT também “Ah, minha avó é negra, então, eu sou negra também.” Tipo, tu é loira do olho azul, sabe? Pode ser que tenha uma porcentagem de sangue negro nela mas ela não é uma pessoa negra. E aí a Gabi (participante negra) ficou parada, olhando para ela. Eu entendi que ela tinha tanta coisa para falar...

Ketlhin: Ela já falou tantas outras coisas também. Tipo, outro dia ela falou. A Gabi perguntou: “Quem emprestou o meu shampoo?”. Daí a menina que é amiga da Gabi falou: “Eu emprestei para Elana, porque ela tem cabelo cacheado também”. Daí ela (a menina loira) falou: “Ah eu usei também”. A Gabi respondeu: “Ah, mas eu guardei esse shampoo para quem tem cabelo cacheado”. Daí ela respondeu: “Tá, mas o meu cabelo é ruim também”. Daí a Gabi falou: “Não, teu cabelo não é ruim, teu cabelo pode ter traços cacheados. Mas não existe cabelo ruim, existe cabelo crespo, cabelo cacheado”. Que nem outro participante falando, o Maycon, que por eles serem de religião afro tinha medo de que eles pudessem desejar algo ruim para ele, só porque eles são de religião afro, sabe? Associando a religião afro com algo ruim, com coisas para fazer o mal. São várias falas assim que a gente vê. Tipo, às vezes tu vê dois participantes falando mais daquilo mas têm outros participantes coniventes, não interrompem a fala da criatura para dizer, “olha, tu está errado, não é assim que funciona”. São pessoas instruídas, jovens, que têm acesso a internet como eu, como qualquer pessoa. Eu lembro de uma outra participante que é branca e loira, a Isabela, ouvindo

eles dizerem tudo isso, que eles podem fazer o mal e não sei o quê, e concordando, sendo conivente. Às vezes não é nem a tua fala, mas o fato de ser conivente, de não interferir naquilo que tu está vendo que está errado. Com certeza isso é o retrato da sociedade brasileira. São pessoas desconhecidas, como eu, como a mãe, como tu. São pessoas desconhecidas que vão reproduzindo aquilo que é ensinado, que é ser um pouco racista, ter falas racistas, falas preconceituosas, porque não foi só fala de negros e de tradições africanas. Foi também em relação à população LGBT. São coisas que eu sei que a gente aprendeu assim, mas não é porque a gente aprendeu assim que a gente tem que reproduzir aquilo que a gente aprendeu. Não é certo tu te referir a uma pessoa LGBT como “viado, bichinha, sapatão”. Não é assim.

Kellen: E essa advogada aí de olho azul, o racismo dela foi tão visível que logo na primeira semana ela implicou com o coitado do homem que dormiu no sofá todo o tempo porque roncava, sendo que tinha outro branco lá bonitinho que roncava no mesmo tom que ele e ela não se sentia incomodada. Entendeu? Ela se sentia incomodada com o negro que roncava no mesmo quarto que ela. Isso a Globo mostrou, como dizem “isso a Globo não mostra” [risos]. Isso a Globo mostrou, realmente o cara roncava um monte, parecia meu marido [risos], mas o outro também roncava, entendeu? Então, mostrou ele roncando no sofá e o outro roncando lá dentro. Então, para bom entendedor meia palavra basta. Por que ela não se implicou com esse que estava roncando lá dentro?

Ketlhin: Na verdade foram duas né, essa Paula que tem falas racistas e a que é conivente, que é a Isabela. As duas implicando com o homem que roncava. Aí o Diego, que era um laçador, sei lá, a profissão dele era laçador de boi, ele era loiro, sabe, do olho azul também, roncava que era um traste e ninguém falava nada. E não era só ele também. A Teresa que é uma senhora de idade roncava também, mas o único que foi excluído e tirado do quarto foi o Rodrigo. O que a gente vê eles falando também, que tudo eles tentam interromper e ensinar. Tudo eles interrompem as falas das pessoas e tentam ensinar. Mas como que tu vai criticar uma pessoa assim se é aquilo que dói neles? Como eu não vou te interromper, Renata, se tu fala de algo que me machuca? Entendeu? É várias vezes que eles falam “não, assim tu está generalizando”. Mas aí é o chato, é o mimizento, entendeu?

Renata: Quando vocês assistem a algo juntas, vocês costumam conversar sobre aquilo?

Kellen: Esse final de semana, inclusive. Ontem, anteontem, né? A gente estava vendo aquela moça que apanhou do namorado. Aí eu ia até entrar no banho com as crianças, aí eu disse: “ai, não, Kethlin, eu também quero ver”. Daí ela contou daquele absurdo, daquele horror do homem bater nela. Daí a gente comentou né, como é que pode as pessoas estarem comentando, o foco do assunto ser a mulher levar um homem para dentro de casa no primeiro encontro e não aquele horror que ele fez com ela? Como pode as pessoas focarem nisso e não no que o homem fez. Aí ela acaba virando pauta do assunto. É um absurdo. Às vezes parece que a gente está em 1950, no tempo da minha mãe que era feio se separar, sabe? Uma coisa assim que não dá para entender.

Kethlin: Uma coisa que eu até esqueci de comentar contigo era a repórter perguntando se ela sentia vergonha. Gente, ela não tem que sentir vergonha nenhuma. Ela apanhou, ela foi a vítima. Essa pergunta nem deveria ser direcionada a ela. Porque não tem motivos de sentir vergonha. Quem deveria sentir vergonha é aquele animal. Aquele cara que fez tudo aquilo com ela. É o único que deveria sentir vergonha por fazer aquilo com uma mulher. Tem coisas que eu acho que os jornalistas erram muito. De perguntar coisas assim que não deveriam ser perguntadas.

Renata: Vocês conversam bastante sobre as coisas que vocês veem no programa? É mais vocês duas? Ou o marido [pai de Kethlin e das crianças menores] também conversa?

Kellen: [Risos] Graças a Deus ele não é machista. Ele é um pouquinho machista. Mas ele não é homofóbico de jeito nenhum. Essa culpa eu não carrego. Ele também não é bolsominion, Graças a Deus. Às vezes, quando ele não entende algo ele vem me perguntar. Eu digo para ele: “Por que tu não vai ler? E se eu te passar uma informação errada?”. Ele diz: “Me fala, sei que tu não vai me mentir”. Ele tem preguiça, sabe? Mas eu e a Kethlin sempre conversamos. Ela me indica páginas, ela fala “olha, mãe, bem legal isso aqui que eu vi, olha para tu ver também.” Desses dias eu fui falar para ela, ela até já tinha curtido. Eu não lembro o nome da página, na verdade eu lembro, mas não sei falar. É gleans, gelbs, algo assim. É uma página de negros. Daí às vezes tem umas reportagens bem legais ali e aí “ah, tu viu essa reportagem?”, “Ah, eu vi...”. Essa era de meninas afegãs, meninas mesmo, que eram obrigadas a casar. A gente sempre comenta. Nessas eleições quase se matamos eu e ela comentando [risos]. A gente sempre procura mostrar uma para a outra né. Às vezes a gente diverge também. “Ah,

mas tu leu a reportagem? Tu entendeu tal assunto?”. Daí eu vou lá, leio de novo e digo, acho que quem não entendeu foi tu... Aquela coisa toda, sabe?

Ketlhin: Querendo ou não a minha mãe, eu vejo que quando a gente conversa a gente diverge muitas vezes pela questão da idade. Querendo ou não, por mais que a minha mãe seja uma pessoa totalmente desconstruída, totalmente diferente de muitas mães, ela foi uma pessoa criada por pessoas mais velhas, com os costumes de pessoas mais velhas. Daí quando eu mostro uma opinião minha para ela, que é algo diferente do que ela está acostumada a ver, aí às vezes ela até para e pensa “é, tu tem razão”, “é, pior, isso é verdade”. Mas tu vê que é uma coisa assim de criação, sabe? Dela ter uma criação muito mais antiga e eu uma muito mais atualizada.

Renata: Uma coisa que me chama a atenção é que às vezes é tão automático a gente ver a televisão. Não sei se em algum momento vocês pararam para pensar de onde surgiu esse hábito?

Kellen: Eu acredito que vem do tempo do meu avô, porque a minha mãe conta que quando eles moravam lá em Encruzilhada, na hora, agora eu não lembro qual era o programa, até acho que era A Voz do Brasil. Eles sentavam em volta do rádio e ficavam ouvindo rádio. A mãe é do tempo da radionovela, então quando ela era pequena ela assistia [risos], ouvia radionovela e todo mundo em silêncio, parado. Veio a TV e aquele ritual começou na frente da TV. E foi passado para nós. Meu Deus, eu lembro quando eu era pequena a gente ficava sentado em uns banquinhos, tinha um banquinho para cada um e, meu Deus, no último capítulo da novela ninguém podia nem respirar. Então, eu acho que foi passado com certeza para nós. E, querendo ou não, entretém né, tu fica ali e a tua atenção prende naquilo ali e acredito que venha disso. Eu desde pequena com a televisão ligada. Eu lembro que quando eu era pequena fui ficar um tempo na minha avó, meu Deus, a mãe morreu para comprar uma TV quadrada, preta e branco para colocar lá, porque eles não tinham condições. Ela comprou a TV e deixou lá para nós e automaticamente ficou lá com ela.

Ketlhin: E agora na praia a gente vê a vó né, ela sempre leva a TV para a praia, não pode ir para a praia sem TV. Quando não funciona ela espera meu pai para mexer na antena, faz um auê e às vezes a gente nem está vendo a TV. Eu fico pensando nisso. Às vezes a gente nem está vendo TV e a TV está ligada. Sempre, sempre. Que nem ontem, eu e o meu namorado

mexendo no telefone e a TV ligada. Por que, né? Por que isso? E às vezes a gente não está vendo, mas daí do nada aparece algo interessante e a gente vai ver.

Kellen: A mãe diz que não fica lá na praia sem TV porque faz companhia, ela diz que parece que não está sozinha.

Ketlhin: O que é a programação de domingo. Desses dias a gente estava na casa do meu namorado e o pai dele adora ver aquele Geraldo. Ele pega um caso, por exemplo: a mãe que não conhece o filho. E fica o programa inteiro naquilo ali e daí eles colocam uma cena assim agora vai acontecer o reencontro [ela imita música de drama e ri].

Kellen: Ou, então, “Você vai ver o que aconteceu com o fulano de tal que perdeu tudo” – teu pai estava olhando, obviamente, o cara que ganhou na loteria e perdeu tudo. Daí ficou a manhã inteira naquilo ali e eu falando para ele: “tá, amor, vamos comer”. E ele falou: “não, agora que ele vai dizer o que ele fez com esse dinheiro, agora eu não vou comer”. Mas eu disse para ele: “essa é a intenção, ficar todo esse tempo aí na frente da televisão. Vamos comer”. [risos]

Renata: Kellen, tu tinha comentado que gosta da Record porque o noticiário é mais local, isso?

Kellen: É que na verdade eu não gosto do sensacionalismo, mas, contudo, entretanto, todavia, a Record é a que ainda passa o que acontece dentro da vila, mais notícia local mesmo. Ali na RBS “ah, mataram uma pessoa dentro do Cristo Redentor”, aí eles passam. Mas porque eu gosto de estar atualizada, porque o assalto acontece onde eu passo, então, ali vai me mostrar mais. Dá vários assaltos em lotação, aí eu já quero saber qual a lotação que está sofrendo mais assalto. É por isso que eu gosto. E é um jornalismo da tarde, que não é aquele Mota, que é 100% sensacionalista né, que ela dá uma notícia mais tranquila. Passa a notícia e pronto, não fica naquela chamada toda hora, toda hora, toda hora. Mas é por isso que eu gosto. Esse do Mota eu não gosto de olhar. Se é algo que aconteceu aqui perto, com um conhecido ou uma conhecida até paro para olhar. Agora nem paro, porque eu estou no trabalho, mas quando eu estava em casa eu até parava para ver.

Ketlhin: Mas muitas pessoas velhas veem o Mota, porque querendo ou não passa coisas daqui. Por mais que tenha um sensacionalismo chato que ele fica com aquela coisa “vava gaga bumbum dodo”, que não precisa, as pessoas veem. Minha avó vê o Mota e é o Mota que ela vê. E, outra coisa, ele induz as pessoas a pensar assim. Às vezes tu não sabe nem o outro lado da história....

Kellen: E eu fico pensando que o outro lado da história tem uma mãe, tem uma esposa que nem está envolvida com crime...

Ketlhin: E aí generaliza tudo.

Kellen: E a pessoa está sofrendo com a morte daquela pessoa ali. As vezes é até alguém que mereceu, que foi assaltar alguém e acabou morrendo, entendeu, mas tem uma história por trás. E é um ser humano. A partir do momento que tu acha que direitos humanos são para todos, tu não pode se posicionar desse jeito. Toda vida tem valor, eu penso assim, se não eu ia ser a favor da pena de morte. É que eu me desprendi disso, me liberei desde a morte do pai, que eu era bem radical, eu só não era bolsominion porque não tinha na época, mas eu fiquei bem revoltada, bem revoltada mesmo, achava que bandido bom era bandido morto, aquela coisa toda... Mas a partir do momento que eu vi que não é a solução tu partir daí, quando eu consegui enxergar isso eu me libertei. E realmente acho que toda vida merece respeito e tem o seu valor. Às vezes não é isso que a pessoa quer ouvir. A população está tão revoltada com assalto e coisa que elas partem para isso, para esse tipo de noticiário, para esse tipo de abordagem, na hora do almoço aquele sangue escorrendo, mas... E isso está refletindo na política, porque foi com esse discurso que ele foi eleito né...

Ketlhin: Mas, mãe, tu é contra a pena de morte?

Kellen: Eu sou contra a pena de morte, sim, mas eu sou a favor da pena de morte em casos de pedofilia, mas eu não queria que tivesse aqui no Brasil nem para esses casos, porque não teria capacidade.

Ketlhin: Eu ia falar isso, porque eu sou a favor da pena de morte em alguns casos, tipo estupro... mas no Brasil não.

Kellen: No Brasil não tem como, se é falho lá nos Estados Unidos, que é um país de primeiro mundo e é falho, já morre gente sem... Imagina aqui, imagina aqui.

Ketlhin: Imagina aqui que uma pessoa é presa com quantos quilos de maconha e liberada por ser rica e branca e um com pinho sol está preso até agora.

Renata: Fazendo uma retrospectiva, existe algum programa ou episódio de novela que marcou de modo mais especial? Por algum motivo?

Kellen: Nossa, para mim vários.

Ketlhin: Para mim também.

Kellen: Eu gostava da caverna do dragão, fiquei bem frustrada porque não teve fim, nunca soube se eles conseguiram voltar para casa ou não [risos]. Teve a morte da Odete Roitman, que me marcou porque eu era pequena e lembro de pensar “nossa, uma senhora morrendo”, e todo aquele sangue, era como se fosse verdade. Teve a Laurinha que se atirou do prédio e morreu, que era da Rainha da Sucata... Teve Selva de Pedra que ele sequestrou a mulher e deixou ela no quarto, assim, ele amava ela, era obcecado por ela e deixou ela por vários dias. A cena que me marcou foi quando ele voltou no cativeiro para ver ela e deu comida e ela comeu desesperadamente aquela comida. Eu deveria ter uns seis ou sete anos e aquilo me marcou demais.

Kellen: Me chocou também aquela invasão mais recente no Rio, os bandidos saindo assim pelo morro, aquilo me chocou muito, pelo movimento em massa, pela quantidade de marginal que tinha, assim, de bandido, de traficante saindo. Eu achava que o exército não ia conseguir vencer, e não conseguiu né, venceu aquele episódio ali, mas eu achava que eles não iam abrir mão, que iam continuar lá no morro. Eu fiquei bem feliz, a gente fica esperançosa, não adianta. Achei bem legal. E também não queria que matassem todo mundo, eu queria mesmo que fossem presos ou que fossem embora.

Kellen: Deixa eu ver qual outro, nossa, teve tantos. Do jornalismo mesmo deixa eu ver... Teve aquele daquele gurizinho daqui que morreu. A cena deles desenterrando o corpo me chocou bastante. Eles queriam ver se tinha terra no pulmão do menino, e foi bem quando eu

estava fazendo meu curso técnico. Me lembro que a gente conversou bastante sobre isso, a professora aproveitou para dar uma aula sobre aspirar. A Isabela Narndoni também. A cena que me marcou desse episódio foi quando estavam fazendo a retrospectiva e atiraram a boneca de lá e aí que te cai a ficha, “meu Deus, um pai atirou a filha de lá de cima, como é que pode?”. Agora não me lembro de mais. Me marcou também o Carandiru que eles invadiram matando todo mundo.

Kethlin: Uma coisa que eu lembro que veio na minha mente foi quando no caso da Eloá que foi morta por causa de um erro de procedimento dos policiais. Que não teve como esconder, não teve como... As câmeras estavam ali, estava tudo sendo gravado. E a vítima dizendo para não invadir, para esperar o tempo certo, que o cara ainda estava muito louco, estava alucinado e eles invadiram, mataram ela e toda aquela coisa... Foi algo que me marcou e eu era pequena, mas eu me lembro que dava aquele plantão da Globo e a minha avó saía correndo para ver na cozinha se tinham resolvido. Eu lembro também do caso Isabela, que marcou demais, e eu deveria ter uns sete anos. Agora mais recentemente teve aquela novela, que era com a Carminha [Avenida Brasil? Eu pergunto]. Não, uma mais recente... Eu disse Carminha porque não lembro o nome da atriz [Não é uma da Bahia? Eu pergunto]. Isso! Essa mesmo. Eu lembro que repercutiu bastante porque eu lembro que ela fez uma oferenda e pediu para matar uma pessoa. Daí eu lembro de todo mundo falando assim, inferiorizando muito, demais a religião. Eu lembro também, nossa, e eu era bem pequena, da novela Viver a Vida que tinha a Alinne Moraes que era toda patricinha, mimada e sofreu um acidente e ficou de cadeira de rodas. Tinha até os irmãos Jorge e Mateus. Desenho né, normal, que a gente sempre lembra, sempre marca. Chocolate com Pimenta foi uma novela que me marcou também muito. Eu amava aquela novela. Tem uma menina no YouTube que fala de casos de violência reais que conseguiu umas imagens exclusivas ou que não foram muito trabalhadas pelas mídias e eu fiquei bem horrorizada. Porque teve um jornalista que entrou junto com os policiais e tirou fotos dele sendo preso, não dela baleada em si, mas do local onde ela estava, que ela perdeu bastante sangue. Uma reportagem também que me marcou foi aquela revolta naqueles presídios, eu não lembro agora em que região que era, se era Minas Gerais, enfim, que teve um monte de massacre de presos, se matando de facções e agentes penitenciários morreram também nessa confusão porque estava tudo dominado. E gravavam vídeos decependo as pessoas, uma coisa muito brutal e os policiais não tinham mais controle daquilo, eles não deixavam ninguém passar, um policial ficou ferido também, não lembro se ele morreu. Aquilo

me marcou demais, porque, querendo ou não, aquilo foi o reflexo da superlotação, é que nem aqui o Central.

Kellen: Uma coisa que eu aprendi nessa série dos carcereiros é que eles trabalham sem armas e só tem a conversa e a palavra deles é o que vale para o presidiário. Eu fiquei chocada! Gente como é que pode um agente penitenciário trabalhar sem arma?

Ketlhin: Eu vi aquele documentário chamado Central e pelo o que eu vi eles só interferem dentro da prisão quando tem denúncia de alguma coisa.

Kellen: Sim, daí quando tem denúncia daí eles vão lá, o pessoal da PE... daí, sim, armados, mas no dia a dia é sem armas.

Renata: Algum desses conteúdos mudou sua forma de ver algo? O quê?

Kellen: Eu não sei se foi um programa em específico mas um conjunto de informações, um pouco de um programa, um pouco no outro. Porque o do Bial, por exemplo, eu vi um que falava da Venezuela, dessa crise que eles estão vivendo lá. Uma repórter que veio morar para cá estava contando de uma forma bem neutra, o pessoal que é contra o Maduro e o pessoal que é favor, e isso, sim, me instruiu bastante, ela estava contando como é o regime lá, que não tem programa mais de TV que é só ele direto na televisão. Eu também não sabia disso. Daí o Bial até comparou com a China, que lá tem aquele ditador e é só ele na TV todo o tempo. Daí ela disse que ele interage com as pessoas, que chama pessoas para interagir com ele, mas que é só isso que passa na TV todo o tempo. E eu acho que são vários programas que ajudam a gente a se desconstruir. Eu pelo menos pego informação na internet, olho um programa, olho outro, para poder pegar informações. Acho que não tem um programa específico para dizer “ah, esse aqui me abriu os horizontes”. Não, são vários.

Ketlhin: Eu vou te ser bem sincera, assim, televisão eu lembro de dois que é o programa do Bial, que chama pessoas de fora conversar, que não é novela nem nada. E de novela teve a Malhação, porque quando eu era adolescente eu tinha uma visão muito errada de meninas que engravidavam na adolescência, de pessoas que estavam se descobrindo bi ou homossexual. E a menina que engravida na adolescência eu taxava muito antes, dizia que era irresponsável.... E a Malhação me ajudou a não ter essa visão, muito pelo contrário, para apoiar né. Já é difícil

para a pessoa que engravidou na adolescência, imagina ser julgada por todo mundo. Acho que foi só esses dois programas porque o jornal a gente não pode contar, porque é “neutro”, né, e as novelas eu não consigo lembrar de alguma que tenha desconstruído algo. Tem alguns exemplos de pessoas que subiram na vida, tipo aquela das empreguetes que sofriam um monte de coisas. Essas retratam o que acontece, mas não que te desconstrua, não que te ensine a pensar diferente.

Renata: Com que frequência você “fica” na internet?

Kellen: Eu acesso quando eu saio para ir para o serviço, porque eu faço um triatlón [risos] para chegar até o serviço. Então, tem que pegar o meu ônibus aqui, descer na Protásio, pegar o T4, descer na faixa, subir uma lomba infinita... Então, nesses dois ônibus eu olho algumas páginas de notícias, da Gaúcha, Zero Hora, Porto Alegre 24h eu também gosto de acessar. Às vezes caio para trás com algumas, “governo disse, governo desdisse”, mas tudo bem. No meu serviço eu não acesso, porque não pode, mas às vezes se eu estou muito preocupada, porque deixo a Kethlin com as crianças, eu mando um Whats para ela ou para o pai dela para ver se as crianças foram bem para a creche e depois quando eu chego em casa, nesse período em que as crianças ainda não chegaram da creche, quando eu vou descansar eu olho a internet e vejo algo na TV. Depois que eles chegam eu coloco no jornal e deixo rolar. Quando o pai deles chega aí sim, eu volto a acessar a internet de novo, porque daí tem ele revezando comigo. Ah, e se alguém me chama no whats eu pego e vou responder. Antigamente eu olhava mais o YouTube, colocava ali o assunto que mais me interessava e ia pesquisar. Mas te confesso que depois das crianças, agora é mais o Facebook porque é o que dá tempo [risos]. Porque até para tu absorver a informação tu precisa de tempo. Às vezes a criatura está falando ali no YouTube tu tem que parar tudo para ir atrás da criança, então, te confesso que agora mais é o Facebook que é o que mais rápido de acessar, que é uma página ou outra que vai me fornecer a notícia que eu estou procurando e é isso. Esses dias as crianças foram dormir na tia, porque eu tinha uma formatura para ir. Eu cheguei bem cedinho e meu Deus, eu consumi tudo o que eu pude [risos]. Olhei filme, fiquei na internet, fui no YouTube porque se eles estão comigo não tem como... Então, entro mais no Face agora, mas já consumi bastante YouTube e Google para pesquisar também, é isso.

Kethlin: Antes, quando eu estudava de manhã e de noite, eu consumia só à tarde e um pouco à noite na faculdade, porque como tem internet lá, no intervalo eu mexia, mas agora que eu

estou de férias eu só não consumo quando vou para aula, porque em casa tu consome muito mais, porque tu fica meio sem ter o que fazer. Eu vejo bastante páginas de negros. Eu sigo bastante páginas, então é algo que aparece bastante para mim. Até estava comentando com o meu namorado que ele me disse que quem é racista nunca deixa de ser. E, na verdade, sim, deixa de ser em algum caso, quando tu não promove aquele ódio pela raça. Quando é uma coisa que é ensinada para ti, e isso eu aprendi na página, que tem dois tipos de racista, aquele que é porque foi ensinado. As pessoas dizem “ah, tem negros racistas”. Eles são ensinados. Imagina toda hora as pessoas dizendo “tua cor é feia; teu cabelo é feio; teu nariz é feio” e daí eles acabam reproduzindo aquilo. Daí eu expliquei para ele que existem dois tipos de racistas: aquela pessoa que tem ódio da raça em si e aquela pessoa que só reproduz o que foi ensinado, então esse muda. Eu aprendo muito com essas páginas que eu sigo. Vejo Instagram, que é uma coisa mais fácil, assim como o Facebook, que é só fotos e vídeos ali na hora. Twitter também, mas bem menos que as outras redes sociais. E Youtube eu vejo bastante. Tenho visto mais Youtube e Instagram, porque o Facebook às vezes me incomoda com o monte de besteiras que as pessoas compartilham, daí eu fico um pouco irritada e vejo mais o Instagram. E o Youtube eu vejo mais porque tu procura ali o que tu quer né. Vejo bastante casos de crime, que eu gosto bastante. Eu tinha meu Orkut desde os quatro anos, então esse hábito de entrar na internet começou bem cedo. Bem cedo mesmo. Eu lembro que a gente tinha internet discada e ficava aquele barulho um tempão daquela BR Turbo. A gente tinha um computador que tirava a capinha do monitor, tirava a capinha do teclado [risos] e era isso, desde nova eu tive acesso à internet. Mas as coisas vão mudando. Uma das coisas que eu lembro é de ver Youtube, que foi uma das primeiras, não é rede social, é site, né? Então, é uma coisa que me acompanha desde pequena, porque antes era o Orkut, agora é o Facebook, antes era o MSN, agora não tem mais, mas o Youtube segue.

Renata: Há alguma mídia social, página ou um site que você visite com mais frequência? Qual?

Kellen: Eu gosto de ver as mesmas coisas que ela, inclusive a gente debate as reportagens. Teve essa que eu não sei dizer o nome, tem a Quebrando o Tabu, e eu faço parte do grupo que tem do Quebrando o Tabu e é bem legal, tem várias pessoas... Tu pode comentar qualquer coisa, com coerência, é claro, mas não vai vir aquele bando de gente louca te agredir, muito pelo contrário. Tu fala “ó, não entendi tal coisa”, eles vão e te explicam. É bem legal mesmo. Tem aquele anarquista, tem até a foto da Marielle Franco, eu não sei falar os nomes direito,

porque é uns nomes bem loucos, mas é bem voltado à comunidade negra. Tem a Mídia Ninja, que é mais abrangente. Esse é só de esquerda, mas não é voltado ao povo negro. O que mais vai ter no meu Face é página de negro e de esquerda, é o que eu mais consumo.

Renata: Você faz isso desde criança ou é um hábito?

Kellen: No início eu fui muito resistente, muito resistente mesmo. Eu vou te dizer que faz uns seis anos no máximo que eu tenho redes sociais e tem algumas que eu não tenho. Eu não tenho Twitter, não tenho Instagram. E eu consumia primeiro o Youtube. Depois eu fiz o Facebook de tanto que a Kethlin me encheu o saco para fazer e eu fiz, mas demorou bastante. Eu olhava ali umas bobagens, uns memes e dizia “ah, não quero essas porcarias, para que eu vou querer?” Aí eu fiz o Face e fiquei um tempão sem usar, aí depois eu comecei a usar. Daí quando ela começou a usar mais, que eu dei um celular mais moderno para ela, que antes eu só acessava no notebook, aí eu dei um celular mais moderno para ela e ela colocou o Face, daí ia me mostrando as coisas e tal. Daí eu comprei um mais moderno para mim e coloquei o Facebook, aí sim, a partir daí eu comecei a consumir. Quando começou a vir para o celular ficou bem mais fácil de tu consumir, que daí tu não vai lá, não abre o computador e tal, daí ficou mais fácil de consumir, tanto Facebook, como Youtube e Google. Eu para ter assunto com o meu marido peguei o celular dele e curti um monte de páginas para ver se aparece para ele também.

Renata: Você lembra de algum conteúdo que tenha te marcado de maneira especial?

Kellen: Ano passado, era mais ou menos essa época do ano, eu lembro por que eu estava na praia, que eu vi numa página local, que é o Porto Alegre 24h, o horror que estava aqui na Zona Norte em relação ao toque de recolher. Veio aquela polícia, a Força Nacional, que estava nas principais avenidas, dentro das vilas não tinha, mas, tipo, lá embaixo na Baltazar tinha. Tinha realmente toque de recolher, só se saía em extremo caso. Então, eu estava lá na praia, consumindo essa notícia e aterrorizada, porque a gente estava lá mas o resto da família estava aqui, então a gente ligava e perguntava se realmente estava assim e eles confirmavam. Aí o vizinho da minha amiga morreu, passaram na frente da casa atirando, foi totalmente enganado, o guri era um guri bom, estudioso, mas era final de semana e ele estava na rua e morreu. Foi uma coisa que me marcou muito. Era uma coisa de guerras de gangue que querendo ou não atinge a gente que mora na periferia.

Ketlhin: Uma coisa que me marcou muito foi o desaparecimento de crianças. Como eu tenho irmãos pequenos eu fiquei muito preocupada. Isso que foi divulgado na internet, que foi uma massa de pessoas divulgando aquilo, que estava acontecendo desaparecimentos foi uma coisa que querendo ou não me deixou com medo de sair na rua. Em *shopping* também estava acontecendo e foi uma coisa que eu presenciei. Tinha um monte de gente reunida porque um homem tinha tentado roubar uma criança, mas os seguranças conseguiram impedir. Mas isso foi uma coisa que me marcou. O toque de recolher também, porque eu fazia curso, chegava de noite e tinha que atravessar a vila, e às vezes a bala perdida te acha, a gente pensa em tudo.

Ketlhin: A TV fica meio restrita a certos assuntos, ela não expõe tanto quanto a internet. Na internet a gente vê direto assuntos diversos. Uma coisa que eu percebi que eu vi muito na internet, toda hora batendo na mesma tecla, e não vi na TV que foi a retirada de terras dos índios, que estava acontecendo demais, que não sei quantos índios estavam sendo mortos nesse confronto entre polícia e índios e eu não vi a TV falando sobre isso, uma coisa que é horrível, absurda, de um povo que desde a descoberta do Brasil estava ali, que era direito deles ter as terras demarcadas. Foi uma coisa que eu não vi na TV. Então eu acho que a internet não tem fronteiras, ela mostra de tudo sem ficar restringindo.

Kellen: Eu não entendo muito de TV, mas eu imagino que eles devem pautar os assuntos pelo o que dá Ibope, e quem se importa com o povo indígena? Pouquíssimas pessoas se importam. Então deve ser por isso que não aparece tanto na TV. Eu li também sobre os índios, que foi terrível, que mataram eles e ninguém faz nada. Mas se o próprio presidente já falou que não vai dar 1 cm a mais.... As pessoas se sentem protegidas com esse tipo de fala. “Eu vou fazer, ele está falando que pode”, nas entrelinhas é isso que se entende do que ele está dizendo. É complicado.

Renata: Rádio e jornal impresso, vocês consomem?

Ketlhin: Rádio eu consumo um pouco e impresso cada vez mais a gente consome menos. Tipo, para que jornal se a gente tem jornal aqui na nossa mão, sabe? Para que comprar jornal?

Kellen: A única coisa que eu consumo é o livro. Livro não sai de moda, mas agora não tenho lido porque as crianças não me deixam, e quando eles deixam eu estou cansada, então eu

estou consumindo muito menos do que eu gosto, do que eu consumia antes. Mas paciência. Tudo são fases na vida. Daqui a pouco eles crescem e volta tudo ao normal. De rádio eu escuto *playlist*. Notícia eu gosto mais é de ler mesmo.

Ketlhin: Rádio eu escuto música também. Eu acho tão legal livro, pena que é difícil o acesso. Desses dias eu fui ver o livro de uma escritora que eu gosto e estava 45 reais. Eu fiquei, gente, é só um livro... Então, é difícil o acesso, é muito caro. Tem livros às vezes de 80 reais. Por mais que eu me interesse bastante não é um preço acessível, não é um tipo de cultura de fácil acesso. De impresso não vejo nada. Faz muito tempo que eu não pego o Diário [Gaúcho], que era uma coisa que a gente comprava direto.

Geralmente as participantes acessam a internet sozinhas e depois comentam. A internet funciona tanto para distração como para informação. Acreditam que as diferentes mídias ajudam a formar opiniões.

APÊNDICE C – DC DE 27/11/2019**Tarde do dia 27 de setembro de 2019– Zona Norte de Porto Alegre**

Renata: Como tu descreveria a tua infância?

Jaci: Na verdade, a minha infância foi bem pobre porque eu nasci e me criei no interior. Depois dos 15, com uns 17 ou 18 anos eu vim pra Porto Alegre trabalhar em casa de família. E lá fora a gente não tinha nada. A gente vivia da agricultura, meu pai trabalhava na mina de minério, estanho, eu trabalhava na mina, era inverno, verão, sol, chuva e eu junto com eles trabalhando. Trabalho pesado. A gente trabalhava um pouco na mineração e um pouco na agricultura que tinha que plantar o arroz, plantar o milho, mas na verdade toda a minha família, nós éramos em nove irmãos e a gente se criou tudo lá fora. Depois que eu vim pra Porto Alegre trabalhar em casa de família primeiro de babá, daí vai aprendendo as coisas, trabalhar em casa de família é muito difícil, mas foi isso aí até uns 23, 24 anos.

Renata: E lá fora em qual cidade que era?

Jaci: Interior de Encruzilhada do Sul, na mina do tabuleiro. Neguinho tudo de pé descalço, amassando barro. Pra ir pro colégio a gente tinha as tamancas colonial. Não é esses tamancos que a gente usava aqui, bem sofisticado de tecidinho, não, era tamanco de couro mesmo, a única diferença é que tinha umas clarinhas e outras pretas. Até que era bom porque na verdade eu não conhecia nada, cidade nós nem sabíamos o que era. TV nem pensar, era um rádio velho. Estudei lá fora até a 5ª série, porque não tinha mais outras coisas, não tinha mais estudo pra depois do 5º ano que seria lá pra fora e o pai não tinha condições, era os filhos tudo ele criando, sustentando, e era muito difícil. Mas, graças a Deus, depois que a gente veio pra cá mudou muita coisa. Aí depois já casei, já veio os filhos, e é isso.

Renata: E aí tu veio pra Porto Alegre pra trabalhar em casa de família?

Jaci: Vim. Trabalhei muitos anos em casa de família. Aí depois eu fui trabalhar numa gráfica, que foi meu primeiro serviço assim de firma, trabalhei 11 anos na Grupo Graf. Depois fui trabalhar na Coca-Cola, fiquei acho que uns 5 anos. Saí da Coca-Cola, fui trabalhar em limpeza, nessas firmas pequenas de terceirizada do Banco do Brasil, essas coisas...

Renata: E tu te lembra de quando tu começou a trabalhar na mina, tu era muito pequena?

Jaci: Ah, eu era pequena, meu Deus, eu deveria ter uns 7 ou 8 anos porque eu já ia com a mãe pra mina.

Renata: E daí tu veio pra Porto Alegre...

Jaci: Já vim direto pra trabalhar em Porto Alegre, mas daí eu já tinha uns 17 anos, por aí.

Renata: E tu se casou com quantos anos, Jaci?

Jaci: Eu me casei com 23, 24 anos, por aí.

Renata: E em seguida já teve...

Jaci: Já tive filho, sim.

Renata: E como que tu descreveria aqui atualmente, porque tu mora aqui há bastante tempo, né?

Jaci: Eu moro desde 1990 aqui, faz quase 30 anos.

Renata: E como tu descreveria essa comunidade aqui? O bairro, a vila aqui...

Jaci: Na verdade, a vila aqui foi construída por nós que moramos aqui, os mais, no caso a família, o pai e a mãe. E agora, devido a todo esse tempo, os filhos dos moradores, porque a gente se conhece todo mundo. Graças a Deus tem pessoas que já saíram daqui, pessoas que já vieram pra cá, todo mundo se conhece aqui.

Renata: Mesmo os que vieram depois já estão há bastante tempo?

Jaci: Já estão há bastante tempo, realmente. E os filhos, alguns ainda moram. Os meus moram todos. [Risos]

Renata: Todos embaixo da asa.

Jaci: Todos embaixo da minha asa. Tem um que tá querendo voar, mas é pertinho ali no Leopoldina, que é a Jennifer, se Deus quiser ela vai conseguir. A Kellen não, se ela sair daqui ela vai aqui pra frente, já tá em casa. O Alisson logo ali, então, nem se fala. E a minha família, no caso meus irmãos, eu tenho o Olavo que mora aqui também, os filhos também já compraram casa por ali, estão por aqui, que é o Daltro e a Darlene; tem a Mara e o Leonel, que moram ainda aqui também, a gente veio tudo mais ou menos na mesma época, as gurias estão com ele ali também, só a Kerolin que tá no Passo das Pedras; e a Nair mora aqui também, ali em cima, como tu sabe. Então, quer dizer que tem muita gente da minha família, e por aí vai, os outros moradores também têm gente assim.

Renata: O Carlos tem bastante família aqui...

Jaci: O Carlos mora ali praticamente o mesmo tempo que eu moro. Os filhos estão ali, menos a Sabrina. Então, quer dizer que é tudo família mesmo. Poucos vêm de fora. Tanto é que a gente sabe que a vida tá difícil pra todo mundo aí fora, mas aqui é muito difícil ter um assalto, ter um roubo de carro, as pessoas deixam o carro na rua, fica ali. Quando tem um assalto ou alguma coisa não é o pessoal daqui. Mesmo tendo esses guardiões que toda vila tem, tu sabe que é verdade, não é eles que assaltam, é as pessoas que são de fora, e assim mesmo, quando acontece esse tipo de coisa eles vão atrás e recuperam quando é coisa de mais valor.

Renata: Esses guardiões são as pessoas que...

Jaci: As pessoas que têm essa vida aí do outro lado, que a gente sabe que tem em todo lugar, mas respeitam a gente que mora aqui. Inclusive cuidam. É muito difícil acontecer essas coisas, mais é na parada lá pra cima, mas aqui dentro da nossa vila mesmo, nesse quadrado aqui, não tem essas coisas.

Renata: E tu acha que as pessoas que se conhecem há muito tempo, tu acha que pode contar com vizinho, além da família?

Jaci: Com certeza. Claro que tem alguns vizinhos que a gente não se dá muito bem, mas na hora que precisa tenho certeza que as pessoas vão se ajudar aqui dentro. Deus o livre, mas

precisando correr com uma família, um doente, coisa assim. E é disso que a gente precisa, né Renata, alguém que possa olhar pra gente se precisar. Não é aquilo de estar todo dia na casa. Eu nem na casa dos meus irmãos, tu vê, tem a Solange que mora aqui também, os filhos dela estão se criando aqui também. Então, quer dizer, a minha família tá praticamente toda aqui dentro. E é isso aí, precisou tu correr, mesmo que vire a cara numa manhã, não interessa, o importante é ajudar. Eu acredito que uma convivência boa é isso aí.

Renata: Tu comentou um pouquinho que tu estudou até a 5ª série lá. E depois, tu continuou alguma formação aqui? Como é que é essa tua relação com a escola?

Jaci: Na verdade, eu foquei sempre mais pra trabalhar. Eu não tinha aquele incentivo pra trabalhar de dia e estudar de noite. É mais difícil, eu não tive. Hoje digamos que eu me arrependo, e hoje já nem tem mais como eu estudar, fazer alguma coisa, não dá. Mas eu incentivo os meus netos, minhas netas, a trabalhar e estudar, e tudo que eu puder ajudar eu tô ajudando. Mas eu, na verdade, não tive a oportunidade por falta de um incentivo mesmo, porque já era mais difícil pra tu ir estudar e voltar pra casa de ônibus, aquela coisa. Hoje já é mais fácil. No caso da Kethlin, eu pago a van pra ela ir e voltar, justamente porque a gente não tem um tempo, até mesmo por segurança, principalmente por segurança por ela vir tarde da noite. Então, eu deixo de pagar uma fatura pra ajudar ela e pagar uma van pra ela vir.

Renata: E tu te lembra de alguma coisa que tu gostava da escola, do ambiente? Ou foi algo que não te marcou tanto assim?

Jaci: É que na verdade até a 5ª série foi lá fora, tu sabe que interior tu não tem nada. É uma sala cheia de classe, um quadro, uma mesa e cadeira pra professora. E nós, no caso eu e a Nair na época, estudando. Era muito só aquilo ali. A escola era dois turnos, manhã e tarde, nunca noite, uma porque não tinha tanta criança pra noite, era o erro de todo mundo porque naquela época poderia os pais estudarem né, tinham pais novos, e acho que essa falta de incentivo pra estudar já vem do meu pai e da minha mãe mesmo, porque o pai ainda sabia um pouquinho, mas a mãe mal assinava o nome dela, já era da mãe dela, porque tudo é a família, tudo é a raiz, e onde tu não tem uma base, um alicerce, um incentivo de “vai estudar”, até mesmo uma bronca hoje que te ajuda amanhã. E a gente não tinha isso daí, era estudar e saber o básico até o 5º ano e “pronto, minha filha, tá formada. E a vida a gente sabe que pra frente não é isso aí. O que é o futuro pra nós? É estudar, que nós não tínhamos isso aí.

[Telefone tocou e a entrevistada atendeu]

Renata: Tu tava falando, então, da educação, que tu acha que é uma coisa muito importante. Eu ia te perguntar, pra ti, qual que é o valor da educação?

Jaci: Como assim?

Renata: Qual que é a importância da educação?

Jaci: Ah, eu acho que é tudo, é muito importante. A educação, o estudo, é tudo pra pessoa. Na verdade, eu mesma, tem muita coisa hoje que eu não sei fazer, não consigo fazer, essa tecnologia, de celular, de computador, eu não sei e depois, uma coisa é certa né, a pessoa quando fica numa certa idade parece que custa mais a entrar as coisas na cabeça da gente. Claro, que na minha época de estudo não tinha. Mas se eu tivesse estudado mais um pouco, que não fosse esse negócio de tecnologia que nem agora, mas pelo menos tivesse avançado mais no estudo, vamos supor, assim, na época que eu tava trabalhando fora, que eu pudesse, que eu tivesse um espaço pra estudar, mas daí a gente vai se envolvendo com os filhos, a pessoa já relaxa... E muitas vezes nem é falta de vontade da pessoa. É falta de horário, tu vai ter que depender de uma outra pessoa pra cuidar do teu filho. Aí se tu trabalha, ganha um salariozinho, tu vai trabalhar pra pagar pra cuidar um filho, porque hoje tudo é dinheiro, ninguém faz nada por te ajudar, um favor, e eu sei pelos meus também que na época não botava em creche, eu tinha que pagar uma pessoa pra ficar, já era tudo mais difícil mesmo. Mas, infelizmente, o que eu não aprendi eu quero passar pros meus netos até. Porque os meus filhos, eles estudaram, poderiam também ter estudado mais e não foi por falta de incentivo. A Jenni faltava muita aula [risos], matava aula assim que Deus o livre, aí depois quando o pai dela faleceu eu queria que ela continuasse estudando até porque ela ficou com a metade da pensão só que quando ela completou os 21 a pensão passou pra mim porque ela não tava estudando, se ela estivesse estudando, fazendo uma faculdade ou coisa assim, ela podia ficar até os 24 anos recebendo o dinheiro dela. Quer dizer, ela recebeu igual porque ela me extorquia [risos], aí eu dava pra ela dinheiro e coisa e tal, mas ela trabalhava e recebia a pensão do pai dela, mas ela podia estudar. Tu sabe que na lei tu tem que provar que tá estudando pra poder, mas paciência né.

Renata: E o que tu sabe hoje da vida, de fazer as coisas, enfim, tu considera que tu aprendeu onde? Foi nas tuas experiências profissionais, foi a tua própria vida em família, foi, sei lá, os irmãos mais velhos, a religião, enfim, o que tu acha?

Jaci: Digamos assim que eu peguei um pouco de cada coisa porque a minha mãe sempre ensinou nós na lida da casa. Fazer uma comida, arrumar a casa, limpar a casa, isso aí a mãe sempre ensinou pra nós. E como eu morava lá fora, me criei lá, o básico assim eu aprendi lá fora, que já é uma coisa que não é tanto quanto aqui, na quantidade, na qualidade. Na qualidade de interior era muito bom, era tudo saudável, era tudo colhido lá...

Renata: Vocês mesmos plantavam?

Jaci: Sim, plantado, então, na qualidade de interior era muito bom, mas no caso de quantidade já não era tanta, mas nem era necessário, o pouco que tinha já era muito bom porque era saudável. E depois quando eu vim pra cá e fui trabalhar em casa de família aprendi muita coisa. Digamos assim que a dor ensina a gemer.

Renata: Muito difícil o trabalho em casa de família?

Jaci: É, muito difícil. Nada tá bom. Tu não tem hora nenhuma pra ti, tem que estar sempre ao dispor da patroa.

Renata: Não tinha lei nenhuma também na época, né?

Jaci: Não tinha, era tudo a bangu. Depois quando dei graças a Deus que saí da casa de família eu trabalhei numa gráfica e aprendi muita coisa na gráfica também. Papelada, encadernação, talonagem, essas coisas assim, hoje eu acho que qualquer empurrãozinho já eu ia. Eu adorava. E depois eu aprendi e fazia tudo ao meu modo por causa dos filhos. Eu tinha que trabalhar, atender os filhos, fazer tudo em casa. Às vezes eu chegava do serviço em torno de sete e meia, oito horas e tinha que fazer tudo – a preparação pra deixar pros filhos, pra levar pra pessoa lá que tá cuidando, roupa limpa, tudo, todas as coisas de fazer dentro de casa que seria comida, roupa, arrumar a casa, arrumar a mochila pra criança no outro dia, e era tudo eu. Foi primeiro filho, depois o segundo, o terceiro. No terceiro já eram as coisas mais fáceis porque como eu tive 3, a Kellen outras pessoas cuidavam, a partir do Alisson era a minha mãe, aí já era mais

fácil. A Jennifer a mesma coisa. Tem coisas que eu consegui adquirir que foi a minha casa própria, a maneira de arrumar, porque antes era uma casinha de madeira que nem era ali... Aí eu peguei a indenização da Coca-Cola, que foi quando eu consegui fazer de material aqui.

Renata: Era só aqui embaixo, né?

Jaci: Sim. Aí quando eu peguei a indenização da Coca-Cola eu consegui fazer aqui embaixo e em cima. E, por incrível que pareça, depois de muitos anos, eu consegui fazer mais um, ampliei mais um pouco, que é ali em cima mais pra frente. Graças a Deus consegui comprar uma casinha na praia pra mim.

Renata: Tu gosta muito, né, Jaci? Da casa na praia. É o teu xodó.

Jaci: Adoro. Deus o livre, eu não precisaria assim de muita coisa, só ir. Então, assim, de março a dezembro eu conto nos dedos, que nem criança, pra chegar dezembro. Eu passo o Natal em casa e dia 25 de dezembro eu só almoço o que sobrou da ceia do dia 24 e ó, “alguém me leva”, às vezes tem um, dois “eu levo, eu levo” e fica aquelas né, alguém vai me levar, e sempre aparece alguém disponível porque “eu não quero atrapalhar o serviço de vocês, mas eu quero que alguém me leve”. Aí eu vou, Renata, que às vezes se eu tenho que vir, só assim pra uma coisa minha mesmo que tem que ser eu pra resolver ou quando venho prum batuque agora [risos]. Aí eu venho, mas venho com o coraçãozinho assim pensando só na volta. Mas muito bom, assim, eu gosto de ir, eu não gosto de ficar sozinha, eu gosto de bastante gente comigo. Chega fim de semana, eu fico contando os dias pra todo mundo ir e eu convido todo mundo e vamo que vamo, faço cama no chão, é uma beleza. Eu gosto porque eu sei por mim o que é tu querer ir pra praia e tu não ter onde ficar. Então, aquelas pessoas que eu sei que gostam e que não vão se importar com uma coisa simples porque a minha casa não é um palácio, mas graças a Deus eu convido sempre, quer ir durante a semana vai, aquela pessoa que não gosta do barulho, da bagunça, vai durante a semana, e é isso aí, fica dois, três dias uma semana, quanto quiser.

Renata: E tu só volta em março?

Jaci: Ah, eu só volto na primeira semana de março, fico até o último, ai, muito bom.

Renata: E da onde, assim, que tu acha que vem essa paixão? É o mar, é a função, é o verão, é se deslocar um pouco?

Jaci: É tudo, por causa que, na verdade, como tu sabe né, meu primeiro sábado ou no segundo sábado de dezembro eu vou fazer a minha obrigação de Umbanda né, vou levar minhas oferendas, meus agradecimentos, eu e os meus filhos vamos sempre, e eu acho que tu tem que estar bem contigo mesma e com as pessoas que estão na tua volta e se chegar no final do ano e tu pensar que muita coisa tu fez por ti e pelas pessoas que estão por ti, que o meu foco é isso aí. Como é que eu vou te dizer, digamos assim, a tua alegria é a minha, e é isso aí.

Renata: E dos trabalhos que tu comentou, das experiências que tu já teve e tudo mais, o que mais tu gostou? Foi a gráfica, que tu comentou que tu gostava bastante, ou foi algum outro lugar?

Jaci: Na verdade, assim, tanto a gráfica como a Coca-Cola. A Coca-Cola eu gostei muito de trabalhar lá. A função do dia a dia, aquela correria que o dia passa voando pra gente e é cansativo mas aquilo ali te dá prazer porque tu tá fazendo uma coisa que tu gosta. Porque na época quando eu trabalhei na Coca-Cola eu trabalhava no visor. O que é o visor? Tinha dois visor, um onde passava a garrafa vazia limpa, que tivesse alguma coisa dentro tu tinha que tirar, e o da garrafa cheia que tu cuidava ver se não tinha nada de sujeira dentro, se a garrafa tava tampada, se não tava muito cheia ou às vezes não dava tempo pra encher, já passava e não enchia toda, aquilo ali era coisa que a gente tinha que tirar.

Renata: Era um controle de qualidade, digamos.

Jaci: Exatamente, era um controle de qualidade, e eu gostava muito de tomar a coquinha meio-dia, meu Deus. A gente fazia um lanchezinho também e podia pegar uma coquinha pra tomar, era muito bom, fresquinha ali.

Renata: Direto da fonte. [Risos]

Jaci: Mas Deus o livre, direto da fonte, muito bom mesmo.

[Telefone tocou. Jaci atende e vai apressar Jennifer para sair. Depois dialoga sobre criança de

1 ano que está doente e serve café]

Renata: Vamos lá. E tu já teve alguma dificuldade pra encontrar trabalho ou sempre acabou...

Jaci: Eu sempre tive sorte de sair de um e entrar no outro. O máximo que eu fiquei foi dois meses sem trabalhar, mas até porque, vamos supor assim, que eu quis descansar um pouquinho né, e aí depois em seguida já arrumei trabalho. Nunca fui de ficar muito tempo sem trabalho, graças a Deus.

Renata: E tu comentou que na casa de família era o lugar que tu menos gostou de trabalhar...

Jaci: Menos gostei. É muito sacrifício. As pessoas te tratam como quem diz assim “eu tô pagando, tu vai fazer o que eu quero”, sem respeito, sem horário, sem respeito ao teu horário de dormir, porque naquela época eu dormia na casa de família, então...

Renata: Tinha folga, alguma coisa assim?

Jaci: Tinha folga só nos domingos, às vezes o sábado de tarde, depois do almoço saía e voltava no domingo de noite ou segunda de manhã bem cedo.

Renata: Mas se ficasse na casa não tinha?

Jaci: Não tinha. Na época a minha mãe não morava aqui, então eu ia pra casa de uma prima, coisa assim, mas se eu não tivesse pra onde ir ficar o sábado e o domingo, digamos, aí eu tinha que ficar na casa.

Renata: E nesses lugares que tu já trabalhou tu se sentia reconhecida? A casa de família não, já pelo que tu comentou, mas os outros lugares, assim, das pessoas falarem, reconhecerem o teu trabalho?

Jaci: Na gráfica, sim. Eu trabalhei na verdade em duas gráficas. Na Grupo Graf dependia muito do chefe. Em todo lugar tem o chefe e ele se identifica mais com uma pessoa, então, eu via que tinha aquele reconhecimento de fulano trabalha mais ou faz mais atividades, às vezes faz a mesma coisa, mas o chefe achava que tu não tava dando o rendimento, o aumento viria

só praquele outro mesmo tu fazendo o mesmo trabalho e isso aí é discriminação porque o teu serviço é o mesmo então não teria por que. Eu passei por isso aí, passei mesmo.

Renata: É, eu até ia te perguntar se em algum momento, se tu já se sentiu discriminada em algum lugar, seja por renda, seja por ser mulher, seja por qualquer questão...

Jaci: Acho que duas coisas que é na verdade oportunidade pra, digamos, crescer dentro de qualquer um desses trabalhos, nunca me deram chance porque eu sempre me esforçava o máximo possível, mas era tudo da maneira deles, achavam que dava, achavam que não dava.

[Chegou uma pessoa]

Renata: Então, assim nos trabalhos e fora dos trabalhos também tu acha?

Jaci: É, fora dos trabalhos, assim, eu acho que a discriminação tu não pode querer te sentir menos, já começa a partir da pessoa. Porque, vamos supor assim, não digo que tu tenha que ser mais que os outros, mas tem que saber o teu valor. Se alguém olhar por cima do ombro eu olho igual. Porque sou negra? Ou porque sou pobre? Não. Não que eu seja melhor, eu não faço pra ninguém, mas se me olhar por cima do ombro eu vou retribuir.

Renata: E como que é a tua rotina atualmente?

Jaci: A minha rotina, Renata, é a lida da casa, ajudar a cuidar dos netos, botar roupa pra lavar, a roupa pra secar, sabe? Se um precisa de uma coisa eu tô pronta pra ajudar. Se alguém precisa do meu cartão pega aqui, tu entendeu? Aí chega no final do mês [risos] é um sufoco por causa da fatura, mas não dá nada, vamo lá. E a minha sessão é de 15 em 15 dias. Tem vezes que eu faço além dos 15 dias por causa que, como eu tenho a Nação num outro lugar, tem o Pai de Santo, tem outros trabalhos lá, se cai no mesmo dia da minha sessão eu já não posso fazer, tem que atender lá, mas é a coisa que eu gosto de fazer, eu me sentiria mal se eu não pudesse fazer nada.

Renata: Gosta de estar nessa função, correndo de um lado pro outro...

Jaci: Vou lá pra Jennifer, fico com as crianças, agora até ultimamente não porque ela tá me

dando uma poupada, mas é isso aí.

Renata: E como tu descreveria as mulheres da comunidade aqui, da própria família, enfim, as mulheres que tu convive, como tu descreveria?

Jaci: Tem umas pessoas que são muito, como é que eu vou dizer, só olham pro seu umbigo né. Aquelas pessoas assim que cada um na sua casa, que nem eu tava te falando. Mas da minha parte, sempre que alguém precisa de mim eu tô pronta pra correr. Eu acredito que dependendo das pessoas, de algumas mulheres, acho que se fosse eu acredito que não me ajudariam, não querer dizer que eu seja melhor mas, como eu te disse, não sou de entrar na casa de ninguém, nem dos meus irmãos vou é lá de vez em quando. Na casa que eu vou mais seguido, e isso que nem vou quase, é a da Maria, mas também é duas casas depois da minha né. Tem alguns vizinhos, não comigo, mas tem alguns vizinhos implicantes, tem vizinho que se puder roubar um do outro, digamos a paz de espírito, roubam.

Renata: Tipo, fazer alguma coisa só pra implicar?

Jaci: Exatamente. Pra implicar, pra prejudicar, tem isso daí, e tem bastante.

Renata: Então, tipo, é uma coisa que tá ok, tá todo mundo ali, não se fazem mal diretamente, convivem, mas também se tiver uma oportunidade, dependendo da situação... Não existe uma união, digamos assim.

Jaci: Não, não, muito pouco.

Renata: E o que tu observa nas pessoas que te chamam atenção, no caso, assim, que torna as pessoas importantes pra ti? O que te faz criar amizade com uma pessoa, por exemplo?

Jaci: Pra começar, eu acho que a humildade e a sinceridade já me cativa. Tenho pavor de mentira. Então, uma pessoa trabalhadora, que procura trabalhar pra si mesma, se ajudar, se precisar ajuda o próximo, isso aí me cativa muito. Eu sou aquela pessoa que, digamos assim, eu não me importo de ajudar, eu ajudo todo mundo não com a intenção de que vão me ajudar, eu acho que tu tem que estender a mão e ajudar sem querer que aquela pessoa retribua porque se a pessoa não retribuir o que tu fez, com certeza duas, três que tu também conhece vão te

retribuir.

[Celular da Jaci toca e é oferta de crédito. Risos]

Jaci: É isso aí, e nessa parte aí, vamos supor, se uma pessoa precisa de mim eu corro, vou ajudar e se precisar dar alguma coisa, conforme a forma de ajudar, eu dou, não quero saber se a pessoa vai me devolver depois ou não. Eu me sinto bem, é como eu te disse agora, “a tua alegria e a tua felicidade é a minha” porque eu me sinto bem em ver as pessoas bem.

Renata: E tu comentou que tu detesta mentira...

Jaci: Não gosto de mentira. Por mais dura que seja a verdade, isso aí eu falava até pros meus filhos quando eles estavam no colégio, mesmo que eles errassem, “chega e me fala a verdade”. Eu prefiro saber da pessoa do que a pessoa vir me contar uma mentira e depois eu descobrir. Aí eu enlouqueço, quero guerra.

Renata: E quais são os valores que tu considera mais importantes? Tu comentou já honestidade, sinceridade, existe algum outro?

Jaci: Esse algum outro assim eu acho que é se tu assume um compromisso, independente do que for, tu tem que honrar aquilo ali. Seja compromisso de família, compromisso na casa, um compromisso de trabalho, eu acho que isso daí é muito importante, e se a pessoa não puder eu acho que não é feio tu chegar e dizer “eu não quero mais por isso ou por aquilo”, seja o que for, independente. Eu acho que isso aí é uma das coisas que eu sou muito a favor disso daí.

Renata: E, atualmente, quais são os teus principais sonhos, desejos, expectativas ou medos, assim, o que tu quer agora?

Jaci: Hoje, no caso, o que eu gostaria de ter é condições financeiras pra ajudar mais os meus filhos e meus netos. Mas ao mesmo tempo eu penso o seguinte, assim, eu olho em volta e eu sei que de repente o meu próximo vizinho já não tem as mesmas condições que eu tenho, tanto pra mim como pros meus filhos. Então eu já sou agradecida nesse sentido. Porque, felizmente, o Jorge não me deixou uma pensão ruim e, de repente, quem sabe a culpada de não ter mais coisas, bens, no caso, seria eu mesma porque de repente eu não sei administrar,

poderia ser diferente. Então uma coisa eu sempre falo pra mim mesma e digo pras pessoas que estão comigo “olha na volta, a gente tem que agradecer todo dia o que nós temos porque tem gente que não tem o que nós temos”. Então, hoje eu só tenho a agradecer, só gratidão mesmo.

Renata: E tu tem algum plano concreto? Por exemplo, assim, “ai, na casa da praia eu quero fazer alguma coisa”, ou “ai, aqui mesmo eu quero ampliar”.

Jaci: Não, já fiz tudo. [Risos]

Renata: Coisa boa.

Jaci: Na praia já fiz tudo. Minha cozinha era pequena, eu aumentei a cozinha. Eu não tinha churrasqueira, eu fiz churrasqueira. No pátio eu gastava muito com alguém cortando grama, botei laje em tudo. Então, agora, lá tá completo. Aqui que eu quero terminar. Quero botar um piso, quero terminar de arrumar essa cozinha e, se Deus quiser, vou arrumar. Mas agora, no momento, meu sonho, meu objetivo é ajudar a Jennifer que ela comprou apartamento agora e tá dando uma reformada pra poder se mudar. Diz ela que vai fazer um chá de casa nova, não sei se ela vai fazer, mas se ela fizer eu te aviso e te convido. Então quero dar uma mão pra ela agora, amanhã ou depois a Kellen quer reformar a casa dela e no que eu puder ajudar eu vou ajudar porque o meu sonho não é pegar meu dinheiro e guardar pra futuro, o que eu tinha que conseguir graças a Deus eu já consegui, então agora o meu dinheiro seria só pra ajudar eles mesmo. Ajudar o Alisson, ajudar a Kellen, a Jennifer e, automaticamente, ajudando qualquer um desses três, meus netos estão por tabela. Mas quem leva mais vantagem hoje é a Kethlin na ajuda, mas no ano que vem já tem a Emili que vai pra faculdade né, daí eu já tenho que ajudar a Emili.

Renata: A Emili tá com 17 já, 16?

Jaci: Vai fazer 17 em fevereiro.

Renata: Eu acho que por hoje era isso... Ah, tem uma aqui que é boa. A gente comentou que eu te perguntei, por exemplo, na questão das amizades né, quais são os valores que te fazem aproximar das pessoas e tudo mais. Nessas relações que tu estabelece com novas pessoas, enfim, tem alguma coisa na estética que te chame mais atenção ou que te faça se aproximar de

uma pessoa, ai, sei lá, “achei ela bonita, bacana” ou o que, se existe algum atributo ou se isso é irrelevante?

Jaci: Isso é irrelevante porque a gente tem que aceitar as pessoas como elas são e eles, automaticamente, a mim também. Eu gostaria de fazer um botox pra dar uma ajeitada [risos], dar uma esticada na fuça, não sei se não vou fazer, quem sabe, se o Ipê pagar eu faço.

[Falamos sobre isso, com intervenções da outra pessoa que entrou há uns minutos. Jaci não faria plástica, já perdeu a mama e teve muita dor, colocaria só o botox de 6 em 6 meses. Destaque para o ponto da fala que Jaci justifica as esticadinhas porque “nem tô pensando em ir, eu vou durar 500 anos, eu não quero mais ir embora”.]

Jaci: Se tem mais alguma coisa pode perguntar. O tempo é teu.

Renata: Eu não quero te cansar né.

Jaci: Mas eu nem tô cansada.

Renata: Então vamos lá, deixa eu pegar. Ah, acho que antigamente não era assim, mas hoje em dia tu vai no posto de saúde e eles te perguntam a tua raça e a tua orientação sexual. Eu há um tempo atrás...

Jaci: É? Por enquanto não me perguntaram.

[Chega outra pessoa, dessa vez um homem. Ele veio trazer algo e já falou de outra criança gripada, mudança de clima etc.]

Jaci: O que eu tava falando mesmo?

Renata: Se alguma vez tu teve que identificar a tua raça, tua cor e a tua orientação sexual, como é que foi?

Jaci: Tu sabe que essa pergunta aí não me fizeram ainda da opção sexual.

Renata: E de raça já fizeram? Nenhum cadastro, nada, nunca te pediram?

Jaci: Em cadastro, deixa eu ver, acho que só nos hospitais quando eu fui fazer alguma coisa, acho que quando eu fui fazer minha cirurgia tive que preencher uma ficha que eu fui fazer um exame pra urgente aí pediram né, mas eles pedem assim cor, aí eu marco negra.

Renata: E isso é tranquilo pra ti? Sempre foi?

Jaci: Mas Deus o livre, cada vez mais. Sou negra, sim, e daí? Sou igual, só mudo a pele. Teus desejos, tuas vontades, são as mesmas minhas. Tranquila nisso aí, nem me abalo.

Renata: E isso alguma vez foi, em casa, não sei como é que é hoje, ou se era com os teus pais, com os teus irmãos, isso era falado ou era uma coisa natural?

Jaci: Da raça, sim. Mas essa parte sexual era sempre assim “mulher é mulher e homem é homem”. Porque hoje em dia, tu sabe né, tem a mulher que gosta de mulher, o homem que gosta de homem, então, quer dizer, naquela época, quando eu me criei, não tinha isso aí. Na verdade, assim, o Jorge era muito machista. Deus o livre falar num gay, num bicha pra ele, não queria nem amizade com a pessoa. Até o Alisson antes era assim porque ele ia pelo Jorge. Aí depois que o Jorge faleceu e ele se meteu na religião, porque na religião Nação tem muito disso, tem muito homossexual, então uma coisa assim que eu acho, que é cada um na sua, nessa parte do homem, no caso, onde entra a parte da religião junto com esse tipo de ser humano né, eu acho que tem lugares que não aceitam o homem se vestir de mulher, botar saia, aquela coisa toda. Eu sou desse acordo, porque eu acho que mesmo na religião aquele que é homem afeminado que continue botando roupa, tem lugares que não aceitam, outros já aceitam porque o próprio Pai de Santo já é. Então, não tem o que fazer. E eu acho que as pessoas têm que ser e viver aquilo que gostam e o que é. Veio uma criança de sete anos agora no aniversário do Henrique, semana passada ou retrasada, que o menino com sete anos de cabelo comprido e unha pintada de preto, e a mãe faz isso aí, e ele não quer saber de nada de guri, só de menina, é uma coisa assim que hoje já não tá tão difícil, não é tão discriminado. Não me afeta nada porque eu me dou bem, adoro as pessoas, isso aí não quer dizer nada.

Renata: Se tu tivesse algum filho de santo, então, que quisesse usar saia durante a sessão, alguma coisa assim?

Jaci: Homem não, não aceito. Aceito ele como ele é mas na religião, dentro da minha terreira, no caso né, ele vai usar calça que nem os outros que são homens, porque na verdade ele tem tudo de homem. Nem tanto por mim porque tem lugar que as próprias entidades homem é homem e mulher é mulher.

Renata: E a questão racial já foi mais abordada...

Jaci: Sim, a questão racial eu acho que é uma bobagem, a mesma coisa o homossexual. Acho que a pessoa tem que fazer o que gosta porque a vida é tão curta, pra que tu vai fazer uma coisa que tu não gosta? Digamos assim, por que que o homem vai viver com uma mulher se não é o lado dele? Ele não é atraído por mulher, e vice-versa. Só que eu acho que na parte da religião, eu, aqui na minha terreira... Até hoje também, graças a Deus, não apareceu ninguém assim de, vamos supor, um homem querer usar saia...

Renata: Não chegou nessa decisão ainda...

Jaci: Não chegou ainda.

Renata: E aí, quando tu morava lá no interior, por exemplo, teu pais falavam alguma coisa a respeito da raça? Eles eram de lá ou eles vieram de outro lugar.

Jaci: Meu pai e a minha mãe, nós somos naturais do interior de Encruzilhada do Sul.

Renata: Teus pais nasceram lá também?

Jaci: A minha mãe nasceu por ali, por ali, e o pai também nasceu onde a gente morou.

Renata: E eles falavam alguma coisa com vocês a respeito disso?

Jaci: Não. No interior é tudo mais reservado. Na verdade, já vamos dizer por mim mesma, a mãe não ensinava nada pra nós, nem de menstruação, nem sexo, nada, Deus o livre falar em sexo perto de nós. A gente foi comentar alguma coisa de sexo e aquela coisa toda depois que a gente ficou grande já e viemos morar aqui, que a mãe veio morar pra cá. Aí a gente

conversava com a mãe sobre isso aí, mas era muito pouco também porque ela não dava abertura, era uma coisa que já vinha da raiz dela, dos pais dela, sem comentário, tanto é que Deus o livre uma moça, uma mulher, que não fosse virgem pra casar. A mãe preservava muito, tinha que ser virgem [risos]. Que seria o caso dela, ela casou virgem, Deus o livre, meu Deus do céu. E hoje em dia não interessa, sexo é bom pra todo mundo, todos os animais gostam... [risos] E, na verdade, eu não fui muito assim também de conversar com as gurias. Só que nós lá nem no colégio não tinha, não tinha aula sexual, Deus o livre né, que já não é o caso aqui, no colégio tu já aprende, os professores já ensinam, aquela coisa toda. Claro que depois tem muita coisa que eu fui vendo que seria coisa da minha parte explicar pra elas.

Renata: E a questão racial, tu conversava com eles quando eram pequenos, acontecia alguma situação e tu explicava, alguma coisa dentro do teu entendimento sobre isso?

Jaci: Eu sempre disse pra eles que a gente negro não era melhor do que ninguém mas que os brancos também não seriam porque só muda o tom de pele. Nós somos humanos, tanto quanto, eles já se criaram assim, tanto é que casaram com branco. Uma vez a Kellen tinha um namorado, apareceu um neguinho aqui em casa, vi a Kellen beijando aquele neguinho [risos] e eu digo “credo, minha filha, o que que tu quer beijando esse negro”, mas ignorância minha né. Eu nunca fui ligada em negão pra casar, nada a ver eu não gostar da pessoa, mas pra mim casar, largar meus lábios num beijo [risos] não, eu me sentia mal, nunca quis, nunca namorei um negão preto assim, não. [risos] Mas tive muitas amizades boas de negão, e tenho né, graças a Deus! [risos] Mas pra mim namorar, casar, eu já sou preta, tu vai sair mais preto ainda, não, mas é tudo bem, tudo tranquilo, mas nada a ver, eu gosto muito da pessoa como eu sou, gosto de todo mundo, independente de cor não me faz a minha cabeça e muito menos no sexo também. A gente sabe que tem uns bicha meio escandaloso [risos] mas isso aí faz parte, é deles, é coisa deles, não vai me prejudicar, nem a mim nem os que estão na minha volta. Claro que eu não quero que tenha nenhum da minha família assim, meus netos, minhas netas, mas Deus é que sabe né, se por infelicidade... Tem tantas pessoas, mulher já velha que vira quando já tem filho e neto, a gente vê falar tanta coisa, meu Deus do céu.

Renata: Mas tu diz por causa da violência?

Jaci: É, por causa da violência. Não tem mais gente desse lado que se expõe por causa do medo da violência. Porque quantas pessoas já foram espancadas até a morte por causa de

quando descobrem que é? Então, é uma coisa muito horrível. A gente sabe que por baixo dos panos ainda dentro do armário tem muita gente. Agora não tanto, mas ainda tem. Não vê esse sem vergonha do Bolsonaro que quer, ai, meu Deus do céu, eu não gosto nem de falar nesse cara porque tá destruindo um mundo inteiro, independente de ser na raça, no sexo, ele acha que só ele é o bom, tem que ser tudo como ele quer porque na verdade a gente tá sendo destruída, sendo amassada, esmagada por esse cara aí eu penso, Deus que me perdoe, eu não quero que ninguém parta dessa pra melhor, mas esse cara tem feito tanta coisa ruim e eu não vejo um castigo pra esse cara, de Deus, digamos, divino. Agora né. Que nem eu tava conversando hoje com a Jennifer e o cara do uber e eles dizendo “ah, mas o que é dele tá por vir”, mas enquanto não vem quanta gente já morreu por causa de fome, disso e daquilo, meu Deus do céu. Mas, infelizmente, a gente sabe as coisas erradas mas não pode mudar. Bom seria se nós conversando aqui achasse uma coisa errada e nós pudesse fazer alguma coisa ou pelo menos falar e quem pudesse mudar mudasse. Não tem.

Renata: Esse sentimento é meio generalizado.

Jaci: Mas ele quer enfiar aquele filho dele lá não sei aonde, pra que isso aí? Tu acha que aquilo ali é pra fazer o bem pro povo, pro próximo? Não é, é só pra se beneficiar porque quanto mais tem mais quer. Essa miséria que é de salário mínimo, não tem como viver com um salário mínimo e a maioria ganha salário mínimo. Vive na miséria, come hoje e amanhã não tem. É muito triste isso aí. Bah, tá louco. A gente ri pra não chorar, Deus o livre.

APÊNDICE D – DC DE 01/10/2019

Tarde/Noite de 1º de outubro de 2019 – Unisinos Porto Alegre

A noite cai na Av. Nilo Peçanha. Em um dos bairros mais abastados da capital dos gaúchos encontro Kethlin, com um vestido de alcinha cor de salmão e um cardigan de lã fina bege. Tudo muito simples, menos as unhas, caprichosamente pintadas em um tom de marrom muito escuro. Ela me espera do lado de fora. Apesar do sol que se vai, o clima permanece agradável. Eu, que por motivos pessoais já estava no prédio, a abraço e pergunto onde poderíamos conversar, de modo que ela me mostrasse o local mais adequado para nossa conversa. Ela me leva até o espaço Unisinos, que fica ao lado da torre educacional da instituição. O espaço se assemelha a um *shopping*, devido às lojas e às mesas em madeira redondas e retangulares, que, acompanhadas de cadeiras e bancos muito bem acabados, dividem o espaço com imponentes ombrelones cor de caramelo e muitas plantas, que enfeitam e dividem o local. Sentamos em uma das mesas retangulares, que devem acomodar cerca de oito pessoas, bem na entrada do local. No momento, não havia muita movimentação. O público de estudantes desse campus costuma frequentar as aulas mais durante o dia. Uma característica bem marcante, pois denota que a maioria não precisa trabalhar durante o dia para se manter estudando, revelando um poder aquisitivo considerável. O que não é o caso de Kethlin. Começamos a conversar. **Entrevista abaixo.**

Renata: Kethlin, a gente, o meu professor pediu pra mim pra eu separar as pesquisas por blocos. Vai ser um bloco de perguntas sobre a vida geral, o outro sobre a tua relação com as mídias, que a gente já fez um e outro voltado mais pra religiosidade, enfim, e assim a gente vai organizando. Mas a ideia é que seja uma conversa bem tranquila. Então a gente vai começar hoje falando mais da questão da vida em geral. São perguntas bem pessoais e tu pode te sentir bem à vontade pra responder, enfim. E eu queria, então, que tu começasse me contando um pouquinho de como tu descreveria a tua infância.

Kethlin: Eu gostei bastante da minha infância, eu acho que eu sempre fui bastante precoce, na verdade. Porque aprendi a ler muito cedo, sempre fui um pouco precoce, tanto em relação porque eu perdi o primeiro beijo muito nova, mas a minha infância foi boa, eu fui bem independente porque desde o prézinho eu sempre me arrumava sozinha. Eu acho que uma coisa ruim da minha infância foi que talvez eu não tenha curtido ela muito porque eu sempre fui muito precoce em tudo de ser muito independente e isso foi na verdade educação porque a

minha mãe sempre foi assim. Por um tempo eu fui bastante dependente. Aí depois que eu me tornei independente, comecei a tomar banho sozinha, aquela coisa, aí já cortou aquela parte.

Renata: E essa independência tu acha que se dá assim por incentivo da tua mãe ou por uma personalidade tua mesmo que em determinado momento deslanchou?

Kethlin: Não, zero personalidade porque se fosse por mim minha mãe me arrumava até hoje. Mas é porque acho que minha mãe foi mãe muito nova né, então ela já tinha essa questão de ficar dando conta de tudo, de trabalhar muitas horas, cuidar de mim, então teve um momento que acho que ela pensou “ah, ela tem que se virar agora”, então acho que foi bastante puxado por ela.

Renata: Quantos anos a tua mãe tinha quando ela te teve? Tu lembra?

Kethlin: Ela engravidou com 16 e me teve com 17.

Renata: E mais assim o período que tu aproveitou da tua infância, como é que era?

Kethlin: Ah, eu era assim bem, como é que eu vou te dizer, menininha. Eu não era muito espoleta, eu sempre gostei de brincar de boneca, sempre gostei de coisas de meninas, entre aspas.

Renata: Beleza. E como é que tu descreveria o lugar que tu te criou? Acho que é o mesmo lugar que tu vive até hoje, né? Não sei se tu já te mudou em algum momento... Como é que tu descreveria essa comunidade?

Kethlin: Por um tempo foi bastante violenta. Teve um tempo da minha infância que eu lembro que dava bastante tiroteio, principalmente quando chegava fim de semana. Mas eu sempre me senti muito segura lá. Eu sempre me senti muito segura na vila onde eu moro. Todos esses anos eu nunca sofri nenhum tipo assalto, essas coisas. Só nos arredores, mas ali mesmo onde eu moro nunca me aconteceu nada. Então, pra mim sempre foi um lugar muito tranquilo. Apesar de eu não ficar muito tempo na rua quando eu era criança, se fosse minha vontade tudo bem porque não era perigoso.

Renata: Então, tu morou tua vida inteira lá, tu só conhece aquele lugar que tu viveu?

Kethlin: Sim.

Renata: E como tu descreveria as pessoas que vivem nesse lugar, nessa comunidade? As pessoas em si são unidas, são desunidas? Existe alguma questão de união, por exemplo, das mulheres, de se ajudar, como existem em algumas comunidades, como é que tu descreveria esse lado?

Kethlin: Eu acho que um tempo atrás era um pouco mais unido porque na verdade quem unia bastante eram as pessoas jovens, aquele tempo ali da geração da Jennifer porque todo mundo era amigo de todo mundo. Então, automaticamente os pais também eram unidos assim de se falar. Mas agora, atualmente, acho que não porque cada um foi pro seu lado e as pessoas lá são humildes, porque o lugar onde eu moro é um lugar humilde. Muitas pessoas, infelizmente, foram pra outros lados. Muitas pessoas morreram porque foram pro tráfico, pra lugares que não tinham que ir, mas foram. Mas, tirando isso, são pessoas boas. Eu acho que eu não tenho nada pra reclamar de ninguém. Claro, sempre tem aquela vizinha chata que fica incomodando, mas tirando essas coisinhas acho que eu não tenho nada pra reclamar das pessoas de onde eu moro.

Renata: É louco isso porque se a gente for parar pra pensar agora que tu falou eu me lembrei das pessoas, teve o Maurício, teve outras pessoas ali que foi bem marcante essa ruptura de morte muito jovem.

Kethlin: A forma também, né, que morreram.

Renata: Eu até ia te perguntar, a Carmem ainda tá ali? E tá só com a Nanda

Kethlin: Tá só com a Nanda e o Luciano que saiu da prisão agora. Saiu da prisão, parece que ele não tá fazendo nada de errado, mas os outros morreram né, o Dani, todo mundo.

Renata: Eu lembro do dia da morte do Dani que chego a me arrepiar.

Kethlin: É, os outros filhos dela todos se foram.

Renata: Mas tu vê né, das pessoas dali da volta que eu conheço mais ou menos os guris dela que eram mais assim né, o Maurício foi meio uma surpresa.

Kethlin: É, o Maurício, bah, ele era um guri bom né, e ele só foi pro lado que não tinha que ir por causa dos outros, com certeza, e também pela estrutura familiar dele porque apesar de ter dinheiro e ser, ali da vila, dos mais estruturados, não tinha muita educação, tipo, controle em casa. Mas, por exemplo, uma coisa também que me marcou bastante foi o Dilnei ou Dilmar, não sei, que matou a Catiane, então, tipo assim...

Renata: Ah, eu sei, prima da Sabrina, né? Que morava do lado da casa ali né?

Kethlin: É. Tipo, a Giovana era muito minha amiga na época e foi muito horrível.

Renata: E foi em casa isso, né?

Kethlin: Na verdade eles tinham saído pra conversar, ou ele foi buscar ela no serviço e eles conversaram e aí no meio do caminho eles discutiram e aí foi quando ela desceu da moto, que eles estavam de moto e ele pegou e bateu o capacete na cabeça dela, ela caiu no chão e foi quando ele, tipo, atacou a cabeça dela no cordão né...

Renata: Pesado.

Kethlin: E aí deu traumatismo craniano e tal e ela acabou falecendo.

Renata: Bem complicado. Mas, assim, são mais pontos isolados, né...

Kethlin: É, não é generalizado.

Renata: Não dá pra dizer que é da comunidade, que é uma coisa que tu vê todo dia, foram alguns casos bem emblemáticos né...

Kethlin: E agora tá bem mais calmo porque nesse tempo era bem complicado porque era tiro e não era nada com as pessoas da comunidade, era gente de fora, então não tinha a ver com

nós ali. Mas tá passando na rua e tá dando tiroteio. Uma vez mesmo eu fui pro curso e tava dando tiroteio, eu tava na parada ali cagada de medo. Não era nada comigo, mas o tiroteio tava acontecendo.

Renata: Sim. E fala um pouquinho assim da tua formação escolar, como é que foi? Se tu já fez cursos, hoje em dia tu tá na faculdade, como é que é pra ti, assim, contar um pouquinho da tua trajetória escolar, tu estudou em quais colégios, como é que era?

Kethlin: Desde sempre, desde que eu entrei pra escola sempre estudei em escola pública. Mas eu tentei por bastante tempo entrar em escola privada com bolsa, e nunca consegui. É que nem eu te falei, eu sempre fui muito precoce, aprendi a ler muito rápido, tinha 4 anos, então, essa parte pra mim foi mais fácil porque quando tu entra no prézinho a ler tu já é mais evoluído, digamos. É menos complicado porque daí tu não tem aquela trajetória de aprender, mas eu sempre fui boa na escola, sempre estudei em escola pública porque não consegui a privada, mas eu queria porque o ensino era melhor. Fui sempre uma boa aluna, nunca tive, ah, tirando as brigas porque eu era muito brigona [risos], minha mãe era sempre chamada por causa das brigas, mas tirando isso eu sempre fui aluna boa, sempre tirei notas boas...

Renata: Tu te preocupava com isso, com essa questão de estudar ou era uma coisa meio natural?

Kethlin: Sim, eu sempre me cobrei bastante. Eu odiava tirar nota ruim, não gostava de faltar aula, eu chorava quando eu tinha que faltar aula, não gostava. Sempre quis ter notas boas. Claro, isso tem o incentivo em casa. Indiretamente, mas tem. Minha mãe nunca teve necessidade de me cobrar muito porque já teve uma iniciativa minha, mas é isso, não tive muitos problemas em relação à escola.

Renata: E dessa fase da escola, tem alguma coisa mais marcante que tu te lembra? Uma matéria que tu gostava mais ou um momento da aula, do recreio ou era estar com os colegas...

Kethlin: Eu gostava muito da aula de matemática, sempre gostei. História também. Infelizmente tive um azar de pegar professores que não eram bons, mas quando eu comecei a estudar pro vestibular, por exemplo, foi uma matéria que eu era apaixonada, por história. As

coisas marcantes pra mim na escola sempre foram coisas ligadas a gincanas, essas coisas que envolvem mais a arte, digamos, porque é uma coisa que eu gosto e que eu sentia falta nas escolas públicas porque eu tinha pessoas que eu tinha contato que estudavam em escolas privadas e eu via aquele engajamento pra gincana, pra teatro e não tem esse incentivo na escola pública, e pra mim os momentos mais marcantes foram quando troquei de escola, fui pra outra escola pública que tinha show de talentos e eu sempre participava porque sempre gostei.

Renata: E com quem tu aprendeu a ler tão cedo? Como é que foi?

Kethlin: Se eu te disser que foi por mim mesma tu não vai acreditar. Eu tinha 4 anos e eu ficava enchendo o saco da minha mãe pra ela ler história toda noite. Então, ela chegava, tomava banho, jantava, daí na hora de dormir ela sempre lia a mesma história todos os dias. Aí ela começou a ficar “ai, Kethlin, hoje eu não vou ler essa história porque eu já li ontem, tô cansada de ler a mesma história”, aí eu falava “ai, mãe, por favor”, e ela “não, não vou ler”. Aí eu comecei a ficar irritada porque eu queria que ela lesse e ela não queria ler que já tava cansada de ler a mesma história sempre então eu peguei e “vou aprender a ler e vou ler pra mim mesma”, então foi por mim mesma.

Renata: Foi juntando as palavrinhas? Foi perguntando?

Kethlin: É, e ela me ajudou bastante também. Nossa, minha mãe me ajudou muito a ler. Na verdade, eu aprendi com ela porque eu mostrei interesse e ela comprou a briga de “agora a gente vai aprender” e quando eu não conseguia eu chorava.

Renata: Tadinha. Ai, que legal. E aí, atualmente, o que tu faz nessa questão do estudo, tu tá fazendo faculdade, como é que foi esse processo de entrar na faculdade, como é que é o outro curso que tu faz?

Kethlin: Desde o primeiro ano do ensino médio eu comecei a me cobrar pra entrar na faculdade, então eu faço cursinho desde o segundo. Fiz no segundo ano assim pela internet, não foi nem um cursinho que paguei e fui fazer. Fiz pela internet mesmo via vídeo-aula. E aí no terceiro ano eu entrei prum cursinho popular, que acho que foi a melhor coisa que me aconteceu na vida porque aprendi muito lá, foi um choque de realidade pra mim porque eu

tive que me posicionar sobre algumas coisas, eu tive que pensar a respeito sobre muita coisa que tava acontecendo na minha volta e eu não percebia, me deparei com pessoas diferentes de mim com uma situação muito mais vulnerável do que eu tinha, então eu me tornei um pouco menos egoísta e esse processo, vou te dizer, que foi um pouco doloroso porque eu tive que dar conta de muita coisa na época porque minha mãe tava grávida de outra criança, no caso, porque eu já tinha uma irmã nova, a Carol, e depois engravidou do Leo na quarentena. Então, minha mãe tava com o útero muito sensível, precisava muito de ajuda pra pegar a Carol, cuidar da Carol, porque ela era recém-nascida, tinha seis ou sete meses quando ela descobriu que tava grávida. Então, eu acordava de manhã pra ir pra escola, de tarde eu estudava pro cursinho ou pra escola, daí de noite eu ia pro cursinho e quando eu chegava geralmente minha irmã tava acordada, então eu tinha que cuidar dela, então aquele ano foi bem doloroso pra mim. Meu lugar preferido era o ônibus porque eu dormia no ônibus sempre, então foi bastante complicado pra mim. E quando eu passei na faculdade foi uma coisa, foi uma surpresa porque eu achava que eu não ia conseguir, aí eu entrei entre aspas, passei na UFRGS, passei em outras faculdades também, e aí perdi a vaga, foi mais uma decepção, uma trajetória bem delicada pra mim, fiquei muito mal, aí depois quando eu passei pra Unisinos, nossa, foi bom pra mim, pra não desacreditar de mim mesma, mas é complicado, assim, a trajetória de graduação não é fácil, principalmente em faculdade privada, só quem estuda e é bolsista sabe porque tu não te enquadra, tu não conversa com as pessoas, tu tá sempre sozinha. E não que isso seja um problema agora pra mim, mas no começo foi muito problemático porque eu sempre fui uma pessoa comunicativa na escola, eu já tava acostumada com aquilo. Eu conversava com todo mundo, eu me dava bem com todo mundo e chegou aqui e eu não me dava bem com ninguém. Tirando isso, pra mim foi bom mesmo entrar em escola privada porque também aprendi com as pessoas, de uma forma ruim, eu diria, mas aprendi, e agora tô com esse dilema de trocar de curso porque talvez eu não me, não seja dessa área que eu quero.

Renata: Tu tá pensando em, já tem alguma perspectiva de pra qual curso ir?

Kethlin: Mais ou menos porque eu tô estudando pra concurso também. Eu fazia técnico de administração, tranquei porque eu não tava dando conta e agora nas horas livres eu tô estudando pra concurso. Agora dia 22 eu vou começar a trabalhar como Jovem Aprendiz então vai ser mais complicado ainda, mas vou tentar dar conta de tudo. Tô um pouquinho com vontade de trocar pra Direito, não sei ainda.

Renata: Legal. E tu tá em qual semestre aqui na Uni?

Kethlin: Tô no 3°.

Renata: E foi muito rápida essa tua superação desse choque inicial. Podia contar um pouquinho sobre isso? Bom, como é que foi pra ti essa percepção do choque e como foi superar isso?

Kethlin: Bah, no começo foi uma dor que eu não desejo nem pro meu pior inimigo. Horrível. Mas eu fui tentando me consolar, porque as pessoas me consolando já não adiantava mais. Pra mim não dava porque não tava suficiente aquilo. Ouvi das pessoas “tudo bem, tu é nova, tu vai conseguir de novo”, mas a superação disso pra mim foi uma das coisas mais importantes da minha vida porque eu tava no chão porque pra mim a vida tinha acabado ali, não acabado, mas eu tinha que fazer tudo de novo, e pra quem não gosta de perder tempo como eu aquilo foi horrível, porque eu teria que fazer de novo cursinho, prestar de novo vestibular. Então, de março até agosto, que foi quando eu passei na Unisinos, eu tava tentando pensar “vamos tentar de novo, todo mundo faz isso”, então acho que o ápice de que eu acreditei em mim, porque quando eu passei foi “nossa, eu sou possível, eu sou capaz de tudo”, e aí quando eu perdi a vaga eu pensei “nossa, eu sou muito horrível, sou um ser humano horrível”, aí depois que eu passei na Unisinos pra mim foi uma coisa que, nem que eu não fique nesse curso, mas pra mim a melhor coisa foi eu acreditar em mim mesma de novo, digamos.

Renata: E tu comentou que tu não te enquadra e fica sozinha, assim por que tu não te enquadra, como é que é essa relação?

Kethlin: Eu acho que a questão financeira, econômica, de cada um é uma coisa que impacta, querendo ou não, porque eu falo com as pessoas, mas é que não tem como tu ter um assunto com uma pessoa que tem uma vivência muito diferente de ti. Tipo, por exemplo, semana passada a minha mochila tava com o fecho estourado então ela tava abrindo toda hora e aí o meu colega “ah, vamo fazer uma vaquinha pra Kethlin comprar outra mochila”, essas coisas que não é agradável pra ti ouvir porque, cara, vão cuidar da sua vida, cada um tem as condições que tem e é isso. Então, é complicado ter uma afinidade com pessoas que têm vivências muito diferentes de ti. E aqui os bolsistas são a minoria. Principalmente no meu curso que é Engenharia, tipo, a maioria são pessoas que têm grana, que têm dinheiro, e que

fazem diferença de ti. No começo era complicado pra mim porque “não sei que roupa eu vou hoje, não posso também ser tão desigual assim”, me preocupava com “como eu vou conseguir chegar nas pessoas”. Hoje em dia eu não me preocupo mais, quem quiser falar comigo fala, quem não quiser tudo bem, mas foi um processo. Foi, digamos, portas na cara de tu chegar pra conversar com uma pessoa, a pessoa não quer conversar contigo e acho que isso acontece porque a pessoa vê que tu é diferente. A pessoa que não tem condições, que é bolsista, eles veem já de cara. Então, “ah, vamo em tal lugar”, é óbvio que eu não vou frequentar esses lugares porque eu não tenho grana pra frequentar esses lugares, entendeu?

Renata: Uma diferença que é transformada em desigualdade. Isso tu nota, por exemplo, essa situação que tu narrou, como um ar de querer justamente diferenciar, não de ajudar ou qualquer coisa assim... Se chegasse em ti “bah, talvez”, mas foi o modo, a situação...

Kethlin: É a piadinha, o querer se aparecer pros outros, parecer engraçado de uma forma que não é legal. E os outros também dão risada porque pra eles é de boa.

Renata: Fazendo piadinha em relação a essas diferenças.

Kethlin: Daí, tipo, “tira foto do quadro e manda no grupo”, “o telefone da Kethlin não dá”, essas coisas que tipo, tudo bem, não tem problema pra mim, mas não precisa tu também escrachar isso e dizer de uma forma como se fosse engraçada porque eu não vejo graça, sinceramente, não é nem por nada porque pra mim não tem problema, sou pobre mesmo e não tenho vergonha disso, mas não precisa ser uma coisa tipo piadinha porque não tem graça.

Renata: É um ambiente que se torna hostil né.

Kethlin: É, e a questão de se enquadrar eu digo também é a questão mesmo do espaço da faculdade que não é acolhedor. Tipo, tem lugares que eu tenho vergonha de ir, não é nem porque eu tenho vergonha de mim, é porque eu sei que eu vou ficar ali perdida. E a questão disso aqui, desse espaço aqui, eu não frequento tanto esse espaço porque eu não me enquadro nele, sei lá.

Renata: Não te sente à vontade.

Kethlin: É, tipo, normal assim.

Renata: E foi a primeira vez, foi principalmente o entrar nessa faculdade que fez tu ter esse baque, a relação dessa diferença transformada em desigualdade?

Kethlin: Sim. Porque, pensa, a minha vida inteira eu frequentei lugares que as pessoas eram iguais a mim. A minha escola sempre foi pública, todo mundo tinha as mesmas condições que eu. Aí depois eu fui prum cursinho que era popular, que eram pessoas pobres, pessoas que não tinham dinheiro, então pra mim sempre foi aquilo, eu nunca pensei, minha mãe sempre falou pra mim “Kethlin, rico é rico, pobre é pobre, são azeite e água, não se misturam, por mais que tu tente”, e eu “ai, mãe, nada a ver, pessoas são pessoas”, e quando eu entrei aqui eu vi que realmente ela tem razão, às vezes essa mistura não acontece e é indiretamente que é por causa da questão financeira.

Renata: E, pra você, diante de toda essa tua trajetória que já é uma trajetória densa e cheia de elementos, qual que é o valor da educação pra ti? Porque apesar de tudo tu continua aqui.

Kethlin: Pra mim o valor da educação é o maior valor da vida porque com a educação tu tem um poder. A pessoa pode ser diferente de ti em tudo, mas se vocês têm a mesma educação, se vocês têm os mesmos ensinamentos, tu é igual a ela. Então pra mim é por isso que até hoje eu sou uma pessoa que eu procuro sempre me formar em tudo, tento fazer curso de tudo, e não é pra me igualar às pessoas, é pra eu poder ter voz, porque uma pessoa sem educação é complicado ter voz às vezes, nessa sociedade que a gente vive né, porque pra mim uma pessoa não é menor porque não tem educação, mas a nossa sociedade exige que tu tenha.

Renata: Sim, perfeito. E o que tu considera, falando bem de modo geral das coisas que tu sabe, onde tu acha que aprendeu? Tá, eu “aprendi com a minha vó; aprendi na rua com meus amigos; aprendi no cursinho”, onde é que tu acha que aprendeu o que tu sabe hoje, da vida, de tudo?

Kethlin: Muita coisa eu aprendi com a minha mãe. Acho que ela foi a minha primeira professora, eu digo isso pra todo mundo. Porque a gente sabe do ensino hoje e ele é precário. Até a minha 7ª série eu não tive nada sobre guerra, não tive nada sobre revoluções, em questão de História né, e ela teve a iniciativa de me inteirar de tudo e de me dizer o quão

importante é isso pra nossa sociedade hoje. Então, eu acho que a primeira professora que eu tive foi a minha mãe e depois eu acho que a questão da vivência da escola porque querendo ou não a gente aprende muita coisa, não é à toa que a gente tem o passaporte pra universidade quando a gente conclui o ensino médio e depois o cursinho porque ele foi talvez o meu segundo professor mais importante da vida porque ali eu aprendi de tudo, aprendi das pessoas e aprendi também matérias, conteúdos né.

Renata: Sim. E tu já trabalhou alguma vez, como é que foi esse trabalho, agora semana que vem tu vai começar a trabalhar, onde é que vai ser?

Kethlin: Eu nunca trabalhei de carteira assinada. Todas as vezes que eu trabalhei foi pras pessoas que eu conheço, principalmente a minha tia, que me ajudou bastante, eu limpei a casa dela por muito tempo, então, era uma fonte de renda pra mim porque eu podia ir nos horários que davam porque o tempo que eu tava estudando eu não tinha tempo pra nada, então tinha um dia que eu tirava pra limpar a casa dela, receber uma grana, cuidar dos meus afilhados também. Então, de carteira assinada eu nunca trabalhei, mas agora é Jovem Aprendiz né, então é a minha primeira experiência de trabalho, até porque hoje em dia tá muito difícil de conseguir trabalho sem experiência, com a carteira vazia né, que nem dizem.

Renata: E vai ser onde esse teu trabalho?

Kethlin: É no Senac. Mas a empresa que me contratou foi uma empresa de oftalmologia, de lente de contato e tal.

Renata: Beleza. E com quantos anos que tu lembra assim que tu começou a fazer esses trabalhos pras pessoas próximas?

Kethlin: Foi bem cedo. Acho que com uns 14 anos eu comecei a trabalhar de cuidar das crianças, dos meus afilhados.

Renata: Perfeito. Tu tá fazendo engenharia hoje, no que tu já gostou de trabalhar, no que que tu prevê que tu trabalhe, que tu acha que tu gostaria de trabalhar?

Kethlin: Dentro dessa área da Engenharia? Eu acho que talvez na questão de organização de

produção. Eu não me vejo trabalhando em chão de fábrica, que é, digamos assim, o enfoque da minha área. Eu não me vejo lá, de jeito nenhum. Eu me vejo na questão de controlar a produção mesmo, organizar essas coisas.

Renata: Perfeito. E como é a tua rotina atualmente?

Kethlin: Graças a Deus agora eu posso dizer que a minha rotina tá tranquila. Por enquanto né, porque quando eu começar a trabalhar talvez não seja tanto. Mas a minha rotina é: eu durmo tarde e acordo cedo. Às vezes eu tô com muito sono, eu preciso acordar cedo e voltar a dormir, porque eu acordo cedo pra arrumar meus irmãos pra ir pra escola. Então, eu chego da faculdade umas 10 pra meia-noite, 15 pra meia-noite, aí eu janto, já vou dormir uma e meia que até tomar banho, até jantar, aí acordo à 6h e vou pra casa da minha mãe, porque eu moro com a minha vó, desço as escadas e vou pra lá, durmo mais um pouco, acordo 7h30, arrumo as crianças pra ir pra escola, aí depois às vezes eu tô caindo de sono porque o horário que eu vou dormir e o horário que eu acordo, aí eu durmo até mais um tanto. Depois acordo, almoço, vou estudar, a tarde toda fico estudando até o horário da faculdade.

Renata: E tu fica com a tua vó por algum motivo especial? Por que vocês se organizaram assim?

Kethlin: Na verdade é que a minha infância muito foi com a minha vó porque minha mãe sempre trabalhou muito. Que nem eu te falei, ela engravidou cedo, precisou ir trabalhar, então, eu chegava da escola e ia pra minha vó. Daí eu saía pra minha casa pra jantar, tomar banho e dormir. Depois, no outro dia a mesma coisa. Aí quando ela se separou do meu pai e a gente foi morar com ela, eu e a minha mãe, logo de cara ela já conseguiu um emprego pra trabalhar de técnica de enfermagem então ela dormia todas as noites lá no emprego e eu dormia com a minha vó. Então criei meio que um vínculo com ela. Minha mãe também, uma coisa que eu penso é que ela não curtiu a juventude dela, então ela já era um pouco fria e aí com a enfermagem, a experiência no hospital de muita gente em situação vulnerável tornou ela um pouco mais fria ainda, então essa frieza me distanciava um pouco dela. E a minha vó não, minha vó tu sabe né, sempre foi “ai, o que que houve?” e a minha mãe eu digo “mãe, eu tô morrendo”, ela “toma um xarope”. [risos] Aí fiquei ali.

Renata: Legal. E em algum momento, acho que a gente já comentou sobre isso, mas, enfim,

tu teve que identificar pra um formulário, pra vestibular, alguma coisa assim, a tua raça, cor, como que foi isso pra ti, se tu te lembra como foi esse primeiro momento, se tu te deparou com um “opa, tenho que responder, e agora?”...

Kethlin: Na verdade, não. Porque desde o princípio eu sempre me considerei a mistura de negro com branco, então eu sempre pensei “cara, eu sou parda”. Apesar de eu odiar esse termo, parda é um papel, deveria ser outro nome, não sei, mas acho essa nomenclatura horrível. Na verdade, o meu choque na questão da minha raça foi na questão do vestibular quando negaram a minha autoidentificação, minha autodeclaração. Eu me identifiquei parda e eles disseram que eu era branca. Então, foi uma coisa que eu fiquei muito triste, me abalou minha estrutura total e até hoje eu me sinto abalada por isso porque eu sempre falava quando as pessoas perguntavam “não, eu sou parda, fim”. Agora hoje em dia eu fico pensando, meio com medo de dizer porque as pessoas podem não achar que eu sou, então me abalou muito, mexeu com a minha estrutura mesmo.

Renata: E é muito louco né, como é que alguém de fora nega tua autodeclaração? Que processo é esse?

Kethlin: Na verdade, no processo do vestibular eu fiquei muito triste porque quando o movimento negro entrou em ação pra mim foi a melhor coisa, eu comemorei, fui junto pra manifestação, mas quando eu vi que não eram eles que estavam atuando diretamente nos alunos, me deixou muito triste porque pessoas brancas me avaliaram, pessoas que não faziam parte desse movimento, que não podiam te identificar, então eu me senti muito triste, arrasada.

Renata: Pois é, esse processo todo vem recebendo muitas críticas, não só de pessoas que fraudam, porque tem uns absurdos aí, mas do próprio, como é que outra pessoa vai negar ou não tua autoavaliação, enfim, até porque existe apresentação de elementos de história de vida que, pelo amor de Deus né. E aí a questão racial é ou foi abordada na tua casa em algum momento? Existe esse diálogo? Como é que funciona isso pra vocês?

Kethlin: Na verdade, assim, a minha vó é negra e ela sempre teve bastante frases racistas na minha casa. Graças a Deus hoje ela reconhece que foi a questão de uma intervenção branca na vida dela. Aquela coisa de “tem que alisar o cabelo, não pode deixar cacheado porque é feio,

porque isso, porque aquilo”, então, essas frases dela sempre foram intervenção de outras pessoas brancas, até da sociedade mesmo. Sempre era motivo de vergonha ser negro, de ter cabelo afro. Então, acho que abordado mesmo, conversado, foi mais além, quando também teve uma iniciativa minha, uma iniciativa da minha tia que é a mais nova né, que também teve mais contato com essa questão de identificação, de tu se auto identificar e não ter vergonha disso, mas a minha mãe também sempre me ensinou a questão de não ter vergonha daonde tu vem e das tuas origens. Eu por muito tempo tive vergonha do meu sobrenome porque ele é um sobrenome natural né, um sobrenome indígena, e achava sempre feio, horrível, queria esconder, sempre botava o Cruz, porque o terceiro é Robalo, que é um peixe, então sempre tive vergonha de falar, “ai, é um peixe, é indígena, coisa feia”. Mas depois que a minha mãe conversou, a questão de diálogo de toda a família acho que não, de quem eu convivo ali todo mundo não, era mais a minha mãe e a Jennifer. Teve esse diálogo mas de pessoas xis, não de geral.

Renata: E qual que é todo o teu nome?

Kethlin: Kethlin Cruz Robalo.

Renata: E atualmente quais são os valores que pra ti é mais importante? Geral. Sei lá, é a honestidade, valores bem nessa questão filosófica.

Kethlin: Eu acho que o valor que eu mais considero, que pra mim é uma coisa que não tem discussão é a honestidade, é a questão da empatia, pra mim a empatia é uma coisa muito importante. Eu nunca pensei em praticar a empatia e depois de um tempo na minha vida eu comecei a pensar muito nas outras pessoas, coisa que não era costume meu. Então, acho que honestidade, empatia, são coisas que pra mim, na verdade eu acho que a empatia se sobressai de todos os outros valores.

Renata: Perfeito. E, essa pergunta a gente já fez mas só pra seguir o roteiro, tu comentou que aqui na Unisinos foi a primeira vez, não sei se foi a primeira vez ou se foi a mais impactante, que tu sofreu esse preconceito de classe. Se teve alguma vez anterior, alguma coisa marcante nesse sentido ou se essa experiência que tu relatou aqui na Unisinos foi a experiência mais...

Kethlin: Essa foi a mais recente, mas eu acho que a vez que me impactou mesmo e que eu me

senti arrasada foi a vez que eu tava indo pruma visita técnica com a professora e os outros colegas da universidade e a gente tava falando de questão de política, essas coisas, que tava na época de eleição, essas coisas, e aí eu tentava falar sobre isso e parecia que os meus colegas meio que me calavam, eu falava sozinha e a minha professora fazia a mesma coisa que os meus colegas. Eles sabiam que eu não pensava a mesma coisa que eles e eu tentava falar a minha opinião e eu não conseguia. Aí eu lembro que a gente voltou da visita, a gente ia ter aula nesse mesmo dia, e todo mundo começou a escrever na parede da sala “ah, é Bolsonaro, fulano, ciclano”, aí eu peguei e botei “resistência”, que é uma coisa que eu no meu cursinho a gente sempre falava né, que independente de qualquer coisa tu tem que ter resistência, tu tem que resistir a muitas coisas e eu vim com esse conceito do meu cursinho pra cá “não vais ser fácil, tu vai ter que resistir”, aí eu botei e aí o meu colega apagou isso da parede, tu sabe que tem como escrever nas paredes né, ele apagou e falou “aqui não é a universidade pública” e a minha professora deu risada, ela achou bem legal. Pra mim foi horrível. Me colocou assim de “cara, tu e as outras pessoas são outras pessoas”. Complicado.

Renata: É, guria, olha... Até porque eu fui bolsista da Unisinos também só que um contexto completamente diferente, em 2010, quando o ProUni tava de vento em polpa, e no curso de Comunicação e...

Kethlin: É, na verdade, tudo influencia. Influencia o espaço, tanto que por mim eu faria minha faculdade em São Léo sem pensar, se me perguntassem “tu quer ir pra São Léo ou pra Unisinos de Porto Alegre?”, “São Léo”. Quando eu fiquei sabendo que era a de Porto Alegre eu pensei “bah, que bom, vai ser perto” e aí quando eu cheguei aqui eu pensei “meu Deus, por que não é em São Léo?” porque eu ia dar um jeito, minha vó ia ver algum jeito de eu ir pra lá...

Renata: É um outro contexto, é bem diferente.

Kethlin: As pessoas também. O ambiente é diferente.

Renata: É muito mais arborizado, é muito mais simples.

Kethlin: É, simples. Tanto que todo mundo daqui faz chacota com o campus de lá porque “não tem ar condicionado; que as classes são muito horríveis; que isso e aquilo”, cara, eu tô,

desculpa, cagando pra isso, por mim eu ia pra lá...

Renata: E lá também tem muita diferença no sentido de que a maior contingência dos estudantes é a noite porque a maioria das pessoas trabalha durante o dia, então, é uma outra realidade, um outro mundo. Te confessar, assim, que até pra mim, entrar, eu conheci aqui já na pós, e eu tomei um baque. Estudando há sete anos na Unisinos, eu entrei aqui e me senti estranha porque não é um ambiente acolhedor, sei lá, não é um ambiente também que eu me sintia mais à vontade pra dizer bem sinceramente.. Então, vamos voltar um pouquinho, eu queria te perguntar, assim, é interessante porque tu fala muito na tua mãe, na tua vó, na Jennifer. Como é que são as mulheres na tua volta? Como tu descreveria e se existe na tua comunidade também alguma questão feminina que tu identifica nessas mulheres, assim, como elas são?

Kethlin: Na minha comunidade eu acho que no geral todas as mulheres são muito guerreiras de mesmo tendo uma realidade difícil ir lá e trabalhar e dar o seu jeito, cada uma faz uma coisa. E na minha família, especificamente, as mulheres da minha família eu admiro muito porque elas não têm papas na língua, elas falam, elas criam o lugar de fala delas. Eu não tenho, mas eu vou criar agora o lugar de fala, eu vou falar o que eu penso, eu vou dar a minha opinião. E a questão, assim, de machismo, nunca teve essas coisas na minha casa. Homem nunca foi superior na minha casa. Isso desde pequena, quando meu vô sofria de alcoolismo a minha vó sempre falava “tu quer beber, tu quer fazer as tuas loucuradas, mas na minha casa não”. Então, pra mim elas são minha inspiração.

Renata: Perfeito. E por que algumas pessoas se tornam importantes pra ti? O que tem uma pessoa que faz tu te aproximar dela, que tu querer ser amiga? É o jeito de falar, o que ela demonstra, o que te aproxima de alguém?

Kethlin: Eu acho que o que me aproxima de alguém, primeiramente, é a pessoa que é muito alegre, faz muita piada, eu sou uma pessoa que eu gosto disso. Eu gosto de estar sempre rindo, eu gosto de pessoas que te dão uma energia boa. E depois eu acho que é a questão de se importar porque eu sou uma pessoa que eu me importo com todo mundo. Tipo, eu me importo se eu vou falar alguma coisa que magoa, se eu fui grossa, eu sempre me importei com todo mundo e com o que as pessoas sentem, então, eu me aproximo de pessoas que se importam com o outro, acho que isso é a principal coisa que faz eu me tronar amiga de alguém.

Renata: E nas relações, assim, que tu estabelece, nas amizades, além dessa questão desses valores, a questão estética, corporal, o jeito de se vestir, alguma coisa nesse jeito impacta pra ti? Tipo, “ah, eu vou me aproximar de determinada pessoa, olha aí, achei aquela pessoa interessante, parece legal”...

Kethlin: Eu acho que a questão, assim, não de jeito de vestir, talvez a pessoa que é bonita ela é uma pessoa que chama atenção em tudo, mas acho que não pra ser amiga, digamos assim, pra admirar. Eu acho que talvez eu era assim há algum tempo, mas eu acho que hoje eu fui quebrando essas barreiras, acho que não faz muita diferença pra mim. Acho que pra mim vai diferenciar mais o jeito que a pessoa vai me tratar do que, sei lá...

Renata: E o que é bonito pra ti? Uma pessoa bonita, por exemplo, como tu descreveria?

Kethlin: Uma pessoa bonita? Ah, eu não sei, mas eu acho que eu sou uma pessoa meia louca com isso mas a questão de corpo, sabe? Eu acho muitos corpos bonitos, assim, em questão de, infelizmente, não posso ser hipócrita né, eu acho o corpo magro bonito, eu acho cintura fina bonita, são coisas que eu acho bonita, e eu acho que também a questão de sempre ter o contato com o balé, que foi uma coisa que foi bem importante na minha vida, foi a dança, e lá o corpo era sempre a mesma coisa e eu sofri muito com isso também porque eu nunca tive um corpo magro, nunca, desde criança sempre tive coxa grossa, sempre tive peito, então, assim, eu sofri bastante porque eu tinha que botar faixa nos meus peitos, botar faixa nas pernas por cima da meia-calça, essas coisas, e aquilo começou a criar na minha cabeça que o corpo magro é bonito, eu sei que é por isso, mas é o que eu sinto de ver.

Renata: Perfeito. E, só aproveitando que tu falou do balé, tu comentou que a arte é importante pra ti, o balé tem ou teve em algum momento uma relação com isso, com essa veia mais artística, digamos assim?

Kethlin: Na verdade, a dança. Porque eu acho que foi uma vez que eu fui visitar uma casa de uma sócia da minha tia, a Dani, e ela é bem rica, bem de dinheiro, a casa enorme, e ela tinha uma filha que fazia balé, e eu sempre quis dançar, eu sempre dançava, tipo, a minha tia dançava funk eu tava lá no meio, e aí quando eu fui lá e tive esse contato me deu um estalo de “cara, é isso, eu amo fazer isso”, e na minha vida inteira eu sempre tive isso concretizado na

minha mente, eu amo fazer isso, eu amo fazer balé, eu amo dançar, eu amo fazer qualquer tipo de dança. Então, a questão da arte e principalmente a dança têm um papel muito importante na minha vida, muito mesmo.

Renata: Positivo e em certo ponto também negativo nessa questão de condicionamento do corpo enquanto algo...

Kethlin: Isso, mas não só do corpo né. O balé é elitista também. Então, assim, eu participei de muitos espetáculos por ajuda dos professores, foi muito pouco pela questão financeira da minha mãe. Então, eu sempre tava metida em dança, mas era sempre com a ajuda de alguém, porque alguém me incentivava, “ah, porque tu é boa, eu vou te ajudar”, então, nunca foi a questão da família, do dinheiro.

Renata: É, porque é caro, né? Os figurinos são caros... Sabe que eu fiz também dança e balé e uma vez a minha professora conseguiu uma bolsa de estudos pra gente numa escola e tal, só que eu não fiquei muito justamente por isso, era um lugar que eu não me sentia bem, era um lugar que tinha que ter a malha tal e eu não tinha, que tinha que ir de coque e eu não ia, e eu sempre tive peitão também e eu gostava de usar camiseta por cima e aí a professora fazia piadinha, todo mundo ria e a primeira coisa que, tipo, tava a professora e a gente falando com essa outra da escola, a primeira coisa que ela perguntou foi “ah, eles não vão roubar nada, né?” e eu tinha 14, 15 anos...

Kethlin: Muito chato, né? Porque a pessoa que é pobre e é bolsista que vai roubar?

Renata: E é muito isso. Eu também, eu gostava muito de dançar, mas eu me deparei com isso, era um lugar que eu não me encaixava, que eu não me enquadrava, que não conseguia fazer os saltos porque eu era mais pesada, que eu não conseguia fazer determinada coisa porque eu não tinha o biotipo.

Kethlin: Essa frase eu ouvi bastante aqui também de questão de roubo, sabe? Porque teve alguns roubos aqui. Teve roubo de notebook dentro da sala de aula, teve roubo de telefone e eu vi muito, cara, não foi uma, não foram duas pessoas, foram várias pessoas dizendo que era porque tinha muito bolsista aqui. Porque quando a Unisinos de Porto Alegre inaugurou no primeiro ano não vinha bolsista pra cá, era só lá em São Léo, então as pessoas dizem essas

coisas que, ai, guria, eu fico muito triste.

Renata: É um absurdo. [suspiro] Estamos em reta final aqui, e o que tu detesta? Tipo, tu falou o que tu gosta, empatia, o que tu te importa. O que tu detesta?

Kethlin: O que eu detesto? Ah, eu detesto ser enganada. Eu detesto ser pra uma pessoa alguma coisa e essa pessoa fingir que é a mesma coisa pra mim e não ser. Eu não gosto de ser enganada de várias formas, assim. Não só de mentira, mas de falar nas minhas costas, de achar alguma coisa sobre alguém e não ser aquilo. Odeio, detesto.

Renata: Perfeito. E, atualmente, quais são os teus principais sonhos, expectativas e também medos?

Kethlin: Agora, no principal sonho é só o que eu penso sempre na hora de dormir, quando eu tô no ônibus, se eu escuto uma música, é passar num concurso que é o que eu tô estudando agora, pro Tribunal de Justiça. Pra tudo, pra ajudar a minha família, pra me ajudar, pra talvez fazer o que eu realmente gosto que é fazer faculdade de dança e eu não fiz pela questão de não ter recurso aqui.

Renata: Se fosse pra tu escolher, se não tivesse a questão financeira, nada envolvido, tu faria faculdade de dança?

Kethlin: Com certeza, sem pensar. Esse é o meu principal sonho. E talvez em segundo plano, pelo momento, seria me envolver mais com isso que eu gosto. E acho que o meu medo é não conseguir alcançar minhas metas. Porque eu sempre fui criada dizendo, ah, tu tem que sair daqui, tu tem que crescer, tu não pode ficar nessa mesmice que a gente tá que é trabalhar de carteira assinada, limpar chão pra empregador. Tu tem que fazer a diferença, tu precisa não passar tanto trabalho que nem a gente. Então, acho que esse é o meu maior medo, de não conseguir superar as minhas expectativas e as das pessoas que estão comigo.

Renata: E da dança, como é que tu foi parar na Engenharia de Produção? Porque Engenharia de Produção é bem específico, Direito é uma coisa mais conhecida, digamos assim.

Kethlin: A Engenharia de Produção, na verdade, eu fui pesquisando né porque eu precisava

de algo que envolvia contabilidade e eu não fui pra contabilidade porque tava um mercado muito escasso. Não fui pra administração pelo mesmo motivo, porque tá escasso. E fui pra Engenharia de Produção porque quando eu pesquisei sobre o curso era algo novo, era algo que tava roubando emprego de outras pessoas porque, querendo ou não, Engenharia de Produção é uma área que abrange muita coisa. Então, assim, eu fui pra lá porque primeiro eu juntei o útil ao agradável né. O útil porque é uma profissão que, querendo ou não, te dá condição financeira. E o agradável porque eu sempre fui boa em matemática.

Renata: Sim, perfeito. E eu acho que é meio parecido, mas os teus objetivos concretos seriam os mesmos que são os teus sonhos, que é estudar, não sei se tu teria outro objetivo mais concreto a curto prazo ou alguma outra coisa que tu teria de objetivo e não falou?

Kethlin: A curto prazo? Emagrecer, com certeza. [risos] Mas a longo prazo é isso, é passar no meu concurso, que eu tô me esforçando bastante. Agora tô meio frustrada porque eu tô estudando desde março, então, pensa, uma hora tua cabeça bitola, tu fica, assim, tipo...

Renata: E quando que é o concurso?

Kethlin: Nem saiu o edital ainda. Não saiu nada. Tô estudando, assim, porque tá pra vir.

Renata: Na hora que sair tu vai estar...

Kethlin: Preparada, é. E, assim, a longo prazo, além disso, é a questão financeira da minha família, é uma coisa que eu sonho muito de ajudar todo mundo porque é uma coisa que tu convive todo dia. Minha mãe tem duas crianças. Minha tia tem duas crianças. Tu vê ali que às vezes eu não quero que o meu irmão não tenha o brinquedo que ele quer. Ou então, assim, eu não quero que ele tenha que usar um lenço umedecido que vá dar alergia nele, eu não quero que ele use isso, então é um objetivo que eu tenho muito concreto na minha mente, que é ajudar a minha família.

Renata: Perfeito.

Ao finalizarmos, ela sobe para a sala em que terá aula. Eu volto ao prédio para encher minha garrafinha de água, garantindo a hidratação da volta. Dirijo-me às catracas, passo o

cartão que me dá acesso ao local e vou até o bebedouro do primeiro andar. Um carrinho amarelo de limpeza (daqueles cheios de utensílios) está parado na porta do banheiro, ao lado do bebedouro. Logo surge uma senhora negra, por volta dos seus 40 anos, com uma bruxa de limpeza na mão saindo do banheiro. Acontece o seguinte diálogo:

– Está esperando para ir ao banheiro?

– Não, não, só estou enchendo minha garrafa de água.

– Nossa este estava terrível.

– Eu imagino. O pessoal não cuida né?

– É tanto banheiro aqui que quando chego no último já tenho que voltar ao primeiro. Não cuidam mesmo. A lixeira pode estar vazia que jogam no chão. Mas adolescente é assim mesmo, né? Em casa a gente tem que brigar para fazer as coisas.

– Pois é (respondo com vergonha).

É fácil perceber a hostilidade do local para as pessoas negras e pobres.

APÊNDICE E – DC DE 09/10/2019**Tarde de 9 de outubro de 2019 –Zona Norte de Porto Alegre**

Neste dia as encontrei em casa. Cheguei um pouco mais tarde que o habitual, por volta das 16h30. Percebo que esse horário não é o que melhor funciona, uma vez que com a maior circulação de pessoas no fim da tarde, as sujeitas aparentam ficar um pouco aflitas, por não conseguir responder as respostas de modo mais tranquilo.

Quando cheguei à casa de Jaci, como de costume o portão estava aberto. Entrei, passei pela frente da terreira e segui até a porta da cozinha. Bato na porta e sou atendida por Kethlin. O dia está quente, ela veste uma blusa de alcinha e shorts. A primeira coisa que faz é ligar a pequena TV da cozinha. Diz para eu ficar à vontade e vai chamar sua avó. Após alguns instantes as duas estão na cozinha. Kethlin se senta na outra ponta da mesa, oposta a que estou e Jaci se direciona à cafeteira. Pergunta se eu quero chá ou café, escolho a segunda opção. Recebo dicas de como passar um bom café, Jaci pede que Kethlin busque um bolo na casa de sua mãe [que fica no mesmo pátio] e depois de todas servidas, começamos a entrevista, sentadas ao redor da mesa. **Entrevista abaixo.**

Renata: Bueno, então, Jaci, só pra gente começar, assim, tu já me comentou mais ou menos que tu conheceu a Umbanda quando tu veio pra Porto Alegre. Eu queria que tu comentasse um pouquinho mais sobre isso, como foi essa aproximação? Eu não me lembro muito bem o que tu tinha falado, foi um irmão que te apresentou? Como é que foi?

Jaci: Foi a Nadir, na verdade, a minha irmã né. Ela frequentava lá no Seu Rodrigo, que era lá no Petrópolis, a casa está lá até hoje, quem assumiu a casa foi o filho dele. Na verdade quando eu vim para cá eu ainda estava meio rebelde assim com a religião, Rebelde não, eu não conhecia, mas eu não queria ir muito lá. Só que daí...

Kethlin [intervém]: Tinha preconceito?

Jaci: Não, porque na verdade depois que a gente vai, quando a gente não conhece as coisas tudo a gente acha que não vai dar certo, sabe, não conhece, é estranho. Na verdade, a umbanda é, digamos, um segmento do espiritismo Allan Kardec. E lá fora, no interior lá, meu pai e a mãe a gente era do Allan Kardec, que é a primeira, antes da Umbanda é Allan Kardec, então a Umbanda é um segmento do espiritismo. E aí aos poucos eu fui frequentando, fui

gostando, e por A ou por B, já acharam que eu tinha que desenvolver né, e dali pra cá não parei mais. Na verdade eu sempre fui, eu sempre gostei da religião né, e graças a Deus, hoje eu digo graças a Deus que eu pude entender um pouquinho mais porque uma coisa é certa: religião e futebol não se discute porque tu nunca vai chegar num denominador completo né, comum. Então, eu tô até hoje aí, nos meus 64.

Renata: Então faz uns trinta e poucos anos já que tu está na religião?

Jaci: Na verdade, acho que já faz uns quarenta porque quando eu vim para Porto Alegre eu tinha 18 anos. E lá fora eu era só Allan Kardec, no espiritismo. E depois que eu vim para Porto Alegre, em questão de um ano eu já comecei a frequentar Umbanda e até hoje.

Renata: Perfeito. E hoje em dia tu frequenta a Nação também, né?

Jaci: Sim.

Renata: Como é que foi essa aproximação com a Nação?

Jaci: Com a Nação, eu entrei pela minha saúde né, porque na verdade a Nação já é um passo a mais do que o Espírita e a Umbanda. Digamos assim, o resultado na Nação, dentro do merecimento da pessoa, digamos assim, se uma doença, se tá doente tu entra para religião tu faz uma troca né, sendo que a gente pode fazer também a troca na Umbanda, só que o resultado é mais rápido. Entendeu?

Renata: Pelo tipo de...

Jaci: Pelo tipo de trabalho, entendeu? Que nós na Nação a gente usa muito o axorô, que é o sangue né, da galinha, do galo, do cabrito né, e na Umbanda a gente usa mais ervas. Igual tem o mesmo poder. Com a tua fé tudo tem poder né, independente de Espírita, Nação ou Umbanda. Mas quando eu tirei a minha mama né, aí eu andava muito, fiquei muito fragilizada, aquela coisa toda, entendeu? E aí então começou a me aparecer uns outros problemas aí eu disse “ah não, agora tá na hora de eu procurar”, eu sabia que mais tarde eu teria que passar pela Nação só que eu ainda tava relevando.

Renata: Tu sabia assim, tu sentia?

Jaci: Eu já sabia pelas consultas espirituais né, pelas minhas consultas eu já sabia que tinha que ir pra Nação. E comecei na Umbanda na vidência, lá na Elaine né, aquela senhora lá de Esteio, e através dela, dos guias dela ela disse que mais tarde eu teria que passar a frequentar a Nação. E faz eu acho que, não quero te mentir, mas uns... Tu já era nascida ou não?

Kethlin: eu era em pequena, tinha uns dois anos quando tu entrou.

Jaci: É? Então faz uns 18 anos que eu tô na Nação. Me criei no Espiritismo, na Allan Kardec, por um bom tempo fiquei nos dois no caso, a Allan Kardec é maravilhosa, a Umbanda nem se fala, a Nação a mesma coisa, tudo vai da pessoa gostar ou... mas na verdade os meus filhos, eu nunca obriguei ninguém, nenhum dos meus filhos de Umbanda a ir pra Nação, eu fui por mim, pra mim, tu entendeu? Até hoje, eu sempre acho assim que na religião tu não pode obrigar ninguém a nada, a pessoa tem que fazer com a livre e espontânea vontade, por querer ou por necessidade né, uma doença, uma coisa assim.

Renata: E, no caso, isso que tu foi buscar na Nação então tu conseguiu, o que tu queria foi atendido, digamos assim, com esses trabalhos e tudo mais...

Jaci: Porque na verdade, assim, eu precisava de um reforço maior né, no caso que seria o reforço de axorô né, que é o sangue da galinha, o sangue da galinha tem poder! [risos]

Renata: Perfeito. E Kethlin, tu conhece a Umbanda desde...

Jaci: Sempre. [risos]

Kethlin: Sempre. Desde a barriga, eu acho.

Renata: E a Nação tu conhece por aproximação, assim também...

Kethlin: Ah, eu conheço por conta de ver né junto, porque não é só a vó que é da Nação né. Tia Nair, tia Nadir, eu ia muito na casa da tia Nadir também, então tinha, na casa da tia Nai também e agora a vó né, então eu conheço assim por aproximação. Admiro a religião né,

óbvio, acho lindo, mas eu sei também que é muito compromisso tu entrar, sabe, então hoje eu não me vejo lá, assim, ainda não, pelo menos.

Renata: Uhum, perfeito. E esse compromisso, assim, também foi uma coisa que eu sempre escutei, essa questão que a Nação ela tem um, te demanda assim mais, não sei se mais frequência, mais...

Kethlin: Responsabilidade.

Renata: Responsabilidade, assim, como é que é, como é que funciona, assim, um pouquinho disso?

Jaci: Pra mim que você tá perguntando? [risos] Na verdade, toda religião tu tem que ter o teu compromisso, né, independente dela qual for. Porque todas as religiões são boas e todas te levam num caminho só. É como se tu fosse, como se nós três aqui vamos pro centro, eu vou pela Protásio, essa menina vai pela Assis Brasil e tu pela Sertório. Nós vamos nos encontrar lá, entendeu? Então, o nosso Deus é um só, independente da religião. Por isso que eu gosto de tudo né, pra mim todas estão boas, entendeu? E o compromisso na Nação não é que seja “ah, a Nação tem mais compromisso”, tem muita gente que leva as coisas, não leva a sério, entendeu? E outras pessoas vão quando precisam, isso aí na Umbanda tem muito disso aí, entendeu? Tem muito disso aí. “Ah, porque a Umbanda, não sei o quê”, não é, é porque a pessoa tem que botar na cabeça que é um compromisso e tu tem que atender tanto quando na Nação. O dia de santo tem que ir com teu banho de descarga feito, com a tua roupa branca, aquela coisa toda. Tu vai em busca de uma claridade na Umbanda, e vai na Nação pelo mesmo motivo.

Kethlin: Mas, ô vó, tu não acha que assim ó: a Umbanda não tem uma liberdade maior pra gente querer se afastar do que a Nação? Eu acho que a Umbanda tem uma liberdade maior se a gente não tá se sentindo bem, não tá...

Jaci: Mas isso é toda religião, acabei de falar, a pessoa não é obrigada a fazer nada, em religião nenhuma. Só que se tu assumiu, tu faz. E outra: se tu tá há um tempo na Umbanda e tu acha que não é ali o teu caminho tu não vai ficar o resto da tua vida ali só porque tu tá ali. Porque a pior coisa que tem é tu fazer as coisas contrariada, independente do que for. É a

mesma coisa um casamento, tu não vai ficar junto com uma pessoa se tu, até hoje deu, digamos, até ontem tava bom, hoje já tá diferente. O que tem que fazer? Tem que se afastar um do outro que é pra poder, a pessoa tem que ser livre, não tem que ser nada obrigado, e a religião é a mesma coisa.

Kethlin: Mas isso na Nação também tu acha?

Jaci: Mas claro!

Kethlin: É que, tipo, tem muita gente que fala que na Nação tem alguma coisa, tem uns efeitos colaterais ali, tem alguma coisa que acontece, por isso a gente cria essa imagem talvez.

Jaci: Não, mas o problema é assim, vamos supor..

Kethlin: Saiu de forma errada.

Jaci: Tu pode ser cobrada das tuas entidades mais tarde se tu não atender conforme tem que atender, mas isso independente de tu estar seguindo ou não, tu entendeu?

Kethlin: Entendi.

Jaci: E outra, tudo depende do Pai de Santo, depende do Cacique de Umbanda, porque tem muitos, a gente sabe tudo que é necessário tu fazer pra atender a religião numa boa.

Kethlin: Aham.

Jaci: Que vai ficar bom pra ti e vai ficar bom pra mim como Cacique de Umbanda, entendeu? Só que eu não posso te obrigar. Tu sabe qual é o teu compromisso.

Kethlin: Sei.

Jaci: Agora, eu vou estar sempre batendo na mesma tecla? Não, entendeu?

Kethlin: Ó tem que fazer isso, ó faz aquilo...

Jaci: Eu não posso, entendeu?

Kethlin: Até porque é pra si né. A gente sabe que é pra evoluir o nosso espírito.

Jaci: Exatamente, é uma coisa que me deixa muito, digamos assim, chateada, aborrecida, é a pessoa não atender os seus compromissos como tem que ser e eu ter que estar avisando “fulano, tem que fazer isso”, é muito chato isso daí, sabe, é muito chato. Então eu prefiro deixar na vontade da pessoa, tu entende? Eu sei que mais tarde aquela pessoa vai se prejudicar porque o teu caboclo vai te cobrar, entendeu? E aí não adianta, vamos supor, quando tu não tá bem, não tá tudo bem, tu vai lá faz uma bandeja, toma teu passe, fica na corrente, tu vai girar pra te descarregar, aí quando tu tá numa boa aí tu não vai arranjar um tempo pra ir. Aí tu tá pedindo né pra levar umas lambadas de espada. [risos]

Kethlin: Levar uma surra de espada.

Jaci: Mas é, exatamente, é isso aí.

Renata: Entendi.

Jaci: Eu vou comer mais um pedaço. Mas é isso aí.

Renata: Perfeito. E o que cada uma das duas no caso, assim, representa hoje pra ti, Jaci? Das duas religiões, assim, o que elas representam?

Jaci: Olha, pra mim assim ó, o que representa pra mim é eu vou seguir até, digamos assim, até quando der, enquanto tiver força pra caminhar e poder ficar numa roda de batuque ou numa corrente de Umbanda eu vou ficar. Ali um caquinho, cento e poucos anos, nem que seja assim só pra entrar, se é um batuque entrar na reza do meu pai né que é kaô kabecilê, xangô, e na Umbanda ficar até a hora da da...

Renata: Elas têm um papel importante na tua vida.

Jaci: Com certeza. Já obtive muitos resultados bom, positivo né, e não só por isso, me sinto bem também, entendeu? E eu não tenho preguiça, não tenho cansaço, eu vou. Agora mesmo,

dez, onze, doze tem batuque, tem obrigação, aí depois tem dezessete e dezenove de novo, e lá tô eu.

Renata: Faceira.

Jaci: Mas Deus o livre.

Renata: E pra ti Kethlin, como é que tu, que a religião representa assim pra ti? Tem um peso na tua vida, na tua educação, assim, como é que tu enxerga?

Kethlin: Pra mim, assim, a minha religião pra mim ela é meu chão assim porque muitas vezes eu me peguei assim, muito desacreditada, muito desamparada, por vários motivos, e parecia que só a religião tava ali, sabe? Tipo, tava me dando força e me fazendo levantar de novo. Então, pra mim é uma base, assim, meu chão, eu só tenho como agradecer tudo que os pais já fizeram por mim.

Renata: E uma dúvida que eu tenho, assim, já há bastante tempo, vocês podem talvez me ajudar, é assim: existe na Umbanda uma série, digamos assim, de ensinamentos ou de, por exemplo, usando um exemplo bem, pode ser até caricato, mas ah, na Igreja Católica tem os dogmas que “ah, tu não pode fazer assim, tu não pode fazer assado, na Universal “ai, tu não pode andar com uma roupa”, não sei se na Universal, mas na evangélica é. Na Umbanda tem algum tipo assim de atitude que tu não possa ter ou de coisas que tu não possa fazer, algum tipo de ensinamento nesse sentido?

Kethlin: Eu acho que como toda religião tem regras né, tipo, tem coisas que tu deve seguir, assim, não é aquela coisa. Pelo menos eu tô dizendo eu como filha de santo da minha vó, como frequentante, entendeu? Eu não me sinto uma pessoa presa lá, tipo tem que, sabe, fazer aquilo e aquilo, mas tem regras, assim como toda religião né.

Renata: Mas regras assim de funcionamento da própria religião. E regras assim pra tu, como tu deve ser na vida, por exemplo, que “ai, tu não deve cometer tal pecado, por exemplo, como tem em outras?

Jaci: Na verdade a Umbanda ela é Umbanda linha branca, nós não podemos, o que é

incorreto na Umbanda é tu pensar em fazer o mal pra uma pessoa, tu cobrar os trabalhos, isso aí não se faz, entendeu? Se a pessoa quiser dar alguma coisa pra terreira tudo bem, é aceito né, uma doação, mas a Umbanda nós não cobramos trabalho, a única coisa que é cobrado, que eu cobro, é limpeza assim do final de ano, entendeu? Eu dou um valor, se a pessoa tem paga, se não tem faz igual, tu entendeu? Independente de quem for. E a honestidade, a pessoa tem que jogar limpo sempre, entendeu?

Renata: É, eu vejo muito que tem a questão da caridade, assim, enquanto um valor, digamos assim, norteador...

Jaci: Isso. Isso é a Umbanda né, estou falando por mim na Umbanda. Cobrar trabalho de criança e pessoa de idade nem pensar. Mas já é diferente da Nação. A Nação não, a Nação te cobra. Cobra o axé, entendeu? E pra ti ver como são as coisas né, eu tenho a minha casa, não cobro nada de ninguém, e aí eu pago na Nação. Na Nação eu pago o axé, na Nação eu pago pro Pai de Santo eu pago, como se diz, o jogo, se ele fizer jogo de búzios eu pago, tu entendeu? Eu tenho a mensalidade na Nação, eu não tenho mensalidade aqui na minha casa da Umbanda porque nunca, eu sempre, teve uma época que eu estipulei, mas aí sabe aquela coisa que um paga e o outro não paga, tu entendeu?

Kethlin: E aí fica meio injusto.

Jaci: E aí aquele que paga já diz “ah, eu não vou pagar porque ninguém paga”, entendeu? O que é o pagar a mensalidade? Porque tudo tem custo. Tu vai acender uma vela tu vai comprar a vela né, tu compra né. então, que nem agora, essa semana agora veio aquela amiga da Gabriela que veio junto, ela tinha que fazer um trabalho pro marido dela e ela veio domingo pra fazer, daí como a tia Mara não pôde fazer eu arriei o trabalho pra ela, entendeu? Que era pro marido dela, pra saúde. Aí ela me perguntou qual era o custo que gerava né, eu disse pra ela, isso que alguma coisa ela não trouxe, ela não trouxe papel, não trouxe bandeja, eu comprei, até foi o Otávio que comprou pra mim a bandeja e um papel de seda branco, aí quando ela veio perguntou quanto que seria o trabalho né e eu disse “não, pra saúde eu não cobro”, “tá, mas e como é que eu faço?”, “a hora que tu puder e se tu quiser dá alguma coisa pra terreira” que é como vela...

Kethlin: Fluido....

Jaci: Fluido, essas coisas assim, entendeu? Claro que se é na Nação esse tipo de trabalho é cobrado.

Renata: O axé que tu falou, o que é?

Jaci: O axé é assim ó, se eu vou fazer uma obrigação de Nação, aí o Pai de Santo vai dizer assim ó “o meu axé é dois mil”, digamos. Aí daqueles dois mil ele compra as coisas que tem que comprar, vai cabrito, vai galinha, se for né, o carneiro, dentro do que tu vai fazer. Pra fazer uma obrigação tu pode fazer uma obrigação de gori, tu pode fazer uma obrigação de nhoró coberto, aí depende, varia de obrigação valores.

Renata: Uhum. E a Nação tem assim algum tipo de linha, que nem a caridade é pra Umbanda a Nação tem ou é muito mais essa relação de acordo com cada orixá?

Jaci: Na verdade eu não sei os outros Pais de Santo. Mas o meu Pai de Santo, o André, o Branco, ele tem umas datas no ano que ele faz uma limpeza assim, é de graça, tudo de graça, a pessoa dá, se tu tem um real tu deixa, ele bota um agridá né, um agridá no chão e tu vai lá fazer a limpeza e... e é uma limpeza pra Xapanã, pra Ogum ou seja como for, pra Oxalá, aí se tu tem um real tu arreia lá, tu deixa no agridá, se tu tem dois real, se tu não tem nada não põe nada, se tu tem cinquenta pila, aí tá dentro da possibilidade da pessoa. Não é todos que fazem isso aí...

Kethlin: É isso que eu ia falar. Eu admiro muito o Pai de Santo da minha vó por causa disso, entendeu?

Jaci: É, não é todos.

Kethlin: Porque é difícil tu encontrar isso na Nação, sabe? Geralmente as pessoas cobram num axé, cobram pra fazer os trabalhos e isso é um, eu acho, na minha opinião, um diferencial lá na casa que ela frequenta, entendeu? Porque é uma coisa bem incomum de acontecer.

Jaci: É que nem, eu não sei se tu conhece ou já ouviu falar no Pedro de Oxum, nos trabalhos do Pedro de Oxum a bandeja é um horror de dinheiro.

Kethlin: É absurdo, assim.

Renata: E isso é uma determinação dele?

Jaci: Da pessoa. Da pessoa porque o Orixá não vai botar valores, tu entendeu? Orixá não bota valores.

Kethlin: Isso é de cada Pai de Santo né.

Jaci: Uma bandeja no Pedro da Oxum não é cinquenta pila.

Kethlin: Não.

Jaci: A Taís do Xapanã ela cobra horrores. Ela determina um valor e se tu não tem o dinheiro pra dar ela pega o teu cartão de crédito e vai comprar alguma coisa pra casa dela naquele valor. Pelo menos é o que eu ouvi falar, não sei.

Kethlin: Não, mas assim, se tu começar a observar as coisas que ela posta, por exemplo, tu vê que é muito o luxo, sabe? É muito, é uma coisa assim extravagante, sabe? É uma coisa assim exagerada demais. E isso me lembra bastante também a Igreja Católica né. Porque antigamente.

Renata: Essa opulência, assim.

Kethlin: É, aquela extravagância de Igreja com ouro e não sei mais o quê. Tipo, a casa dela é enorme, tem umas imagens assim enormes na casa dela, entendeu? É uma coisa extravagante, assim. Mas cada um sabe o que faz né.

Jaci: E eu penso o seguinte: em matéria de valores, cobrança de valores, é com o Pai de Santo ou a Mãe de Santo, só que e lá na frente como é que fica? E a cobrança lá na frente?

Renata: Do Orixá, no caso?

Jaci: Do Orixá. Lógico, do Orixá.

Renata: Entendi.

Jaci: Eu não digo que as pessoas não cobrem, só que tem gente que exagera. Eu acho que a pessoa, porque na verdade vai vir o teu apronte, aquele axé que tu teve, tu pagou, lá atrás tu pagou pra te aprontar, tu entendeu. Só que tem gente que pagou, digamos, aquele Pai de Santo que aprontou a pessoa não cobrou tanto quanto a pessoa tá cobrando.

Renata: É que acaba se criando também um certo nome, uma certa reputação...

Jaci: Isso, mas aí é isso aí...

Renata: No meio e daí isso vai encarecendo

Kethlin: Com certeza.

Jaci: Vai encarecendo e aí a pessoa vai se achando e cada vez... é muito...

Renata: Mas isso na Nação, né? Na Umbanda tem esse tipo de comportamento, assim?

Jaci: Não, na Umbanda não.

Kethlin: É difícil.

Jaci: É difícil. Tanto é que muita gente hoje em dia, tem poucos Caciques de Umbanda.

Kethlin: É.

Jaci: Tu entendeu? E tem muitos Caciques de Umbanda que tem a Umbanda e a Nação só que os trabalhos deles são muito poucos seja pela Umbanda. Porque a Umbanda não te exige cobrança, entendeu? A Umbanda é luz, é caridade, tu tem que fazer a caridade pras outras pessoas.

Kethlin: Não, e além de status tem um interesse econômico aí também.

Renata: É mais lucrativo...

Kethlin: É mais lucrativo. Porque se tu tiver fazendo isso pela Umbanda tu vai estar fazendo errado, vai estar indo totalmente contra os princípios que é da Umbanda, que seria a caridade, que é tu se doar pro próximo, então tu vai estar totalmente contra aquilo que é o princípio, entendeu? Então por isso que eu acho que hoje eu dia tem mais Nação do que Umbanda, com certeza.

Jaci: É, a Umbanda tá se deixando de lado, estão deixando de lado pela gana do dinheiro, entendeu?

Renata: Que coisa... E uma coisa que me chama atenção também é que na Umbanda, pelo menos do pouco que eu conheço, assim, tem bastante mulher chefiando terreira, assim, e não sei se é a mesma coisa na Nação. Como é que é assim? Se tem bastante mulher... Porque aí tu falou Pai Taís e eu achei... interessante [risos]

Jaci: Tem. Na Nação é mais ou menos tanto mulher como homem.

Renata: Mas não tem, não existe, nem em uma nem em outra algum tipo de diferenciação em função do gênero da pessoa? É a pessoa fazer os trabalhos e se aprontar e ela vai ser...

Jaci: Tem muita gente que paga um dinheirão prum Pai de Santo te aprontar pra seguir já botando filho no chão, pra já sair ganhando. É isso aí.

Renata: Mas, tipo assim, que nem na Igreja Católica que só homem pode ser Padre, isso não tem?

Jaci: Não.

Kethlin: Não, mas eu não sei, vó, tu não acha que tem mais Pai de Santo do que Mãe?

Jaci: Não, é uma mistura.

Kethlin: Mesma coisa?

Renata: Nas duas?

Kethlin: Nas duas.

Renata: E na Umbanda não se chama Mãe de Santo ou chama...

Jaci: Cacique de Umbanda ou Orientador Espiritual.

Kethlin: Aqui na nossa casa a gente chama a vó de Mãe de Todos. [risos]

Renata: Então, assim, e como é que esses preceitos assim da caridade, por exemplo, na Umbanda, como é que eles são transmitidos? Ou é muito do exemplo que o chefe da terreira dá, que o Cacique de Umbanda dá...

Kethlin: Com certeza.

Renata: Ou isso vai, né, como é que se dá assim “não, aqui a gente não cobra”, é no dia a dia, fazendo, assim?

Jaci: É, é no dia a dia. A pessoa, quem sabe já sabe né que tu vem pra fazer um trabalho, tem muita gente, que nem essas amigas da Gabriela, elas, essa mesma que veio por último ela disse que tinha ido numa casa, gastou um horror e não adiantou de nada, aquela coisa toda, sabe? Mas eu já não critico a casa que ela foi, assim, sabe, ou o tipo de trabalho que foi feito, tem que ver porque tudo vai do merecimento da pessoa, entendeu? Não é porque tu pagou que tem que dar tudo certo...

Renata: Tipo assim tu não compra o teu lugarzinho no céu, tu não compra a tua graça...

Jaci: Exatamente.

Kethlin: Não há bandeja que vai, isso vai muito de cada pessoa.

Jaci: Vai muito do merecimento.

Renata: A bandeja serve para? Qual que é o papel, assim, da...

Jaci: A bandeja é uma oferenda. A gente diz uma bandeja né porque tu vai arriar uma oferenda em, como é que eu vou te dizer, em louvor àquele caboclo ou àquele Pai pra te ajudar, tu entendeu?

Kethlin: Meio que presenteando assim né.

Jaci: E tu como que presenteando. Vamos supor assim, ó, tu faz um pedido, vai alcançar aquela graça, tu vai levar uma bandeja pra ele em agradecimento.

Renata: Semelhante às promessas que têm nas outras religiões, assim...

Kethlin: É verdade.

Jaci: Porque uma coisa é certa, tu pode ver até vim, se eu tivesse aqui comigo e não tivesse excluído eu ia te mostrar, uma pastora aí, que isso aí quem me botou foi o André ontem no grupo que ela tava orando pras pessoas que estavam doentes e tava cobrando. Quando ela começou o áudio ela já disse que é tanto para rezar, mais tanto para fazer outra oração, no final do áudio ela já estava em mil e quinhentos, cobrando mil e quinhentos pra fazer...

Renata: Pra rezar?

Jaci: Pra rezar pra pessoa. E como é que a pessoa ia saber se ia dar certo? Não, e se não tem o dinheiro pode passar no cartão. Por que eu excluí? Podia ter te mostrado agora, mas eu excluí.

Kethlin: Mas isso que tu falou da caridade assim acho que também vai muito do exemplo, sabe? Porque tipo assim ó, a vó fala que gasta assim, mas não é gasta, é uma questão de que ela pega o pouco do tempo ali da terreira pra falar algumas coisas pra gente, sabe? E isso é uma coisa muito importante porque quem tá ali ouvindo, os filhos de Santo dela e as pessoas que estão na assistência que às vezes não são filhos né é uma coisa que vai te entrando na

cabeça, entendeu? Porque desde pequena eu vinha ouvindo que tu tem que ter caridade, que tu tem que...

Jaci: Estender a mão sem olhar a quem.

Kethlin: Estender a mão sem olhar a quem. Tipo, se doar pro teu próximo. E aquilo vai entrando na tua cabeça, entendeu? E tu vai praticando isso no teu dia a dia, entendeu? Porque todo dia tua tem uma oportunidade de fazer caridade pruma pessoa, de ser uma pessoa melhor, assim, em questão do outro né, do teu próximo. Então, o exemplo acho que é uma coisa muito importante com a questão da caridade, entendeu?

Renata: E isso reverbera, assim, isso sai pra fora da terreira e impacta diretamente, tipo, na vida, na forma como são não importa o ambiente, assim...

Kethlin: Com certeza.

Jaci: Exatamente. E tu sabe que às vezes tu não tem né, mas aí tu, não tem lá na frente, tem vezes que eu não tenho, vamos supor, uma canjica lá na frente que é pra arriar uma bandeja pra Oxalá ou pra Mãe Oxum, eu pego da minha canjica de casa, entendeu? Aí, Deus o livre, aparece alguém doente eu corro e se não tem lá eu pego do meu, sabe? Aí depois eu compro e reponho, mas eu já tirei de dentro do meu armário pra fazer muitos trabalhos, entendeu?

Kethlin: Já tirou e tira ainda.

Renata: Porque eu confesso que às vezes eu fico pensando o quanto que não gasta de café só né porque só do café já é um... [risos]

Kethlin: A vó já tem um estoque de café porque todas as pessoas chegam, toma um cafézinho...

Jaci: E isso aí é uma coisa assim ó que tá na pessoa porque a pessoa que vem na minha casa e sabe, no caso, entendeu? A tia Neli mesmo esses dias me trouxe um, e lá no André ele não cobra mas a gente leva, entendeu? A gente leva o café, uma vez um leva, outra vez outro leva, entendeu? O café e o açúcar pro cafezinho, entendeu? Aí a tia Neli [risos] antes de ontem ela

me ligou e perguntou “qual é o café que tu usa?”, aí eu disse “pra mim qualquer café duma vez que seja extra forte, não tenho essas frescuras de ter que ter marca de só tomo tal café, por que?”, “ah, porque eu tenho um café”, “pode trazer”, aí ela trouxe.

Renata: Sim, porque se for contabilizar tudo isso é gasto né. E a própria luz, água da terreira, e coisas assim, é gasto. E existe, uma outra dúvida que eu tenho há muito tempo, se existe tanto na Umbanda quanto na Nação a noção assim de pecado, de culpa, de punição? Ou se tu fizer determinada coisa tu vai ter aquela redenção, como é que é essa relação assim? Porque muitas pessoas associam as religiões de matriz africana, o Exu principalmente, coisas ruins, como se fosse, só que pelo que eu venho lendo e tudo mais, é uma associação completamente equivocada porque não existe essa noção...

Kethlin: de pecado.

Renata: de inferno, de pecado ou alguma coisa assim.

Jaci: Tem muita gente que tem uma visão muito ao contrário e ruim sobre os Exu. Só que a pessoa tem que prestar atenção, quem mais ou menos entende ou quem não tá dentro e vai entrar, prestar bem atenção porque a pessoa quando tá com um problema sério pra carregar o primeiro trabalho que tem que ser feito é com os Exu. Então o Exu na religião ele é o primeiro da linha porque o trabalho sujo quem faz, a limpeza é ele, entendeu? Porque tu vai num cruzeiro pra te limpar pra depois tu vir pra fazer o resto dos trabalhos que têm que ser feitos, entendeu? E os Exu não é esse lado que as pessoas pensam e falam, entendeu?

Renata: Eles são espécies de mensageiros assim, né?

Jaci: Sim, exatamente, é.

Kethlin: Pegam outra energia, entendeu? É uma energia diferente do que o caboclo, por exemplo. É uma energia, digamos, mais pesada, mas ele não é ruim, sabe? Essas coisas que as pessoas falam de “ah, meu Deus, um demônio, um monstro”, não sei o quê.

Renata: Porque não existe demônio ou punição nesse sentido, né, nessas religiões...

Kethlin: Existem espíritos desencaminhados. Na Umbanda, assim, a gente acredita que existe Egum no caso né, mas não um demônio. Sei lá, não posso nem pensar nisso [risos] porque não é uma coisa que foi passado pra mim, entendeu? Canção de demônio. Eu acho que a questão de pecado assim eu não tenho voz pra falar na Nação porque eu conheço muito pouco a Nação, assim, só pela minha vó mesmo, mas na Umbanda e no Espiritismo que eu já li muito sobre inferno e essas coisas, no Espiritismo, principalmente, tu tem um lugar onde tu vai pagar pelas coisas que tu fez ruins né, e isso não quer dizer só pro outro, pra ti também né, porque a gente faz coisas ruins pra si mesmo, sabe?

Jaci: E aonde a pessoa faz alguma coisa ruim pra outra pessoa pode esperar que pra ti vai ter a volta. Tudo tem uma volta, entendeu?

Kethlin: E eu vejo as pessoas também que são de outra religião, por exemplo, minha vó, sabe? Minha vó ela é evangélica. Então ela é uma pessoa assim que “meu Deus, eu não bebo porque é pecado, tipo, eu não fumo porque é pecado”, sabe? Muitas coisas assim que ela... Só que daí o que acontece? Ela fala tudo isso mas daí tá lá fofocando do outro e isso também é pecado, também está fazendo ruim com isso, entendeu? Desejando o mal porque “ah, aquela fulana ali não sei o quê”, cara, isso também é ruim, entendeu? Então tu não é pecador da tua matéria, do teu consciente, porque no teu subconsciente tu é pecadora, entendeu? Porque eu tô fazendo coisas ruins pro outro, desejando o mal do outro, fofocando do outro, tudo isso é ruim, entendeu? Não que seja pecado mas é ruim, tu vai acabar com isso.

Renata: Sim. Mas não que necessariamente tenha um lugar assim “ah, então tu bebeu, então tu vai pro...”

Kethlin: Pro inferno.

Renata: Isso no...

Jaci: Esse negócio sobre a bebida, o Exu ele trabalha com a bebida, o álcool, entendeu? E é champagne, enfim, tudo que é bebida com álcool ele trabalha com aquilo ali. Tem uns determinado Exu que toma tal bebida, entendeu? Na Nação tu não pode tomar um gole hoje se tu for trabalhar na Nação ou se tu for fazer um trabalho na Nação tu não pode beber nada.

Kethlin: Nem na Umbanda, assim né?

Jaci: Nem na Umbanda. Eu aqui em casa ninguém bebe dia de, bebeu não vem na sessão então.

Kethlin: Não vem, não faz banho de descarrego, não faz nenhum procedimento, assim, nenhum ritual, entendeu? Porque são energias diferentes. Cada um, por exemplo, na Nação tem a energia no caso do axorô, do sangue, a Umbanda a erva, o Exu a bebida, então, são energias diferentes.

Renata. Perfeito. Mas então não tem assim esse espaço?

Jaci: Não tem, não, não tem, deleta. [risos]

Renata: É uma coisa que eu também venho lendo e tudo mais, que, como tu disse, a Umbanda é uma espécie de linha assim do Espiritismo, que se criou...

Jaci: É um segmento do Allan Kardec, que é o Espiritismo né.

Renata: É, do Kardecismo e tudo mais, e eu li esses dias que ah, tipo assim, ele foi, que hoje em dia se vê a religião da Umbanda no caso muito ligada às religiões de matriz africana né, pelo menos de fora, mas que na verdade ela foi então criada a partir do Kardecismo, e foi incorporando outras práticas ao longo do tempo e que ela foi criada por (doze, alguma coisa assim), um conjunto de homens brancos. Eu não sei se existe algum tipo de, se a questão racial é trazida de alguma na Umbanda, se ela foi, não sei assim o que tu acha, se ela foi se apropriando dessas práticas ao longo do tempo e hoje em dia assim se tu pudesse descrever como é que ela é vista ou como é que ela é, melhor dizendo. Ela é mais Kardecista, ela é mais matriz-africana ou ela é uma coisa...

Jaci: Mais africana porque a Umbanda e a Nação e o africano tu pode ver. Em relação a homossexual, a Igreja não aceita. Eu conheço um cara que os pais dele eram da Igreja, o pai principalmente, era da Igreja e ele até uma certa data de vida dele teve que ficar enrustido porque desde pequeno ele já dava...

Kethlin: Indícios.

Jaci: Indícios de ser homossexual e ele só foi se libertar quando ele não quis mais frequentar Igreja. Então a Igreja é uma, no caso assim os pastores e os seguidores de Igreja criticam muito esse lado aí, entendeu? O homossexual. E eles não têm, e a Nação e a Umbanda não tem isso daí, cada um, a pessoa tem que ser livre pra fazer que nem eu tava falando agora, sabe? Não dá, vai viver junto não dá tem que separar porque todo mundo precisa ser feliz, entendeu? De uma forma ou de outra, na sua maneira, entendeu? E tu pode ver a Igreja, a Igreja não aceita homossexual. E esse guri mesmo que eu conheço, acho que até tu conhece também, que é o Robson da comadre Nilva, te lembra do compadre Adão?

Renata: Ah, sim

Jaci: O Telo, te lembra do Telo? O Hulk.

Renata: Acho que sim, eu era pequenininha mas lembro.

Jaci: Nós morava aqui nos fundos, nessa casa aqui dos fundos.

Kethlin: Até que a mãe namorava com o Laco, lembra?

Jaci: É, o Laco.

Renata: Eu lembro de nome assim.

Jaci: O irmão dele que é o Robson viveu muito, a infância dele todinha né, enrustido.

Kethlin: Não, ele chegou até a namorar né.

Jaci: Ele chegou, tinha namorada, era noivo, guria bonita até, bem bonita a guria, mas não deu né, o lado dele não era esse daí. Aí agora, Deus que me perdoe mas, depois que o pai dele morreu ele se libertou.

Renata: E acha que essa corrente, assim, esse fato de ser mais acolhedor e não se importar

tanto com essas coisas é uma coisa que vem mais dessa cultura da matriz africana?

Kethlin: Isso.

Jaci: E espiritual porque o Espiritismo é uma coisa assim que tu aceita a pessoa como ela é, tu entendeu? A pessoa como ela é.

Kethlin: E, eu não sei assim, mas eu acho que a Umbanda ela, pelo menos pra mim na representação dos caboclos assim é bem misturado da questão do Espiritismo com a matriz africana, sabe? Mas a gente tem muito mais referência na matriz africana por causa dos Orixás né, por causa dos caboclos e tal. Então, tipo, é bem misturado assim.

Renata: E a questão racial ela existe de alguma maneira assim dentro da religião?

Kethlin: Como assim, tipo?

Renata: No caso, tipo, existe algum, não sei, não digo diferenciação, mas enfim, isso é visto de alguma maneira assim no sentido ou entra, tipo, no caso eu por exemplo como, claro, isso é uma coisa que eu vim a perceber e estudar mais tarde, mas eu como uma mulher branca sempre fui muito bem recebida dentro da casa da Jaci, dentro de qualquer lugar que eu fosse...

Jaci: Na religião não tem isso aí.

Kethlin: Não tem.

Jaci: Porque é uma negrada, uma brancaiada. [risos]

Kethlin: É tudo. [risos]

Jaci: E é tudo junto e é tudo casado, assim negro, branco, bah, é tudo misturado.

Kethlin: Eu achei que tu tava perguntando em relação aos Orixás, então, porque tem os Pretos Velhos né.

Renata: Também.

Kethlin: Os Pretos Velhos, no caso, são representação, assim, racial né na questão de ser escravo, de ter sofrido muito, então, assim, por isso que quando os Pretos Velhos chegam eles chegam acocados porque né, tá com as costas acocadas. Então, achei que tu tava perguntando sobre isso...

Jaci: Mas e é, fez uma pergunta diferente mas que vem a ser...

Kethlin: a mesma coisa.

Renata: Inclusive a próxima é um pouco sobre isso também assim, o que eu ia perguntar justamente quais são as características, na Umbanda a gente chama de Caboclo e Orixá ou só Caboclo?

Jaci: Não, só Caboclo.

Renata: Só Caboclo e na Nação Orixá? Perfeito. E como é que é a representação dos Caboclos, especialmente das Caboclas, assim, pra vocês? Quais são as características, assim...

Kethlin: Caboclo pra Orixá?

Renata: Dos dois mas especialmente das femininas, assim, como é que é, por exemplo, ah, se tivesse que descrever Iansã, no caso da Nação, ou se tivesse que descrever...

Jaci: A Iansã ela trabalha tanto na, a Iansã na Umbanda e Oyá na Nação.

Renata: Mas seria a mesma divindade?

Kethlin: Iemanjá, Ogum, essas coisas, a gente chama aqui como Orixá, Santo ou Caboclo também não né?

Jaci: Ela vem como Caboclo.

Kethlin: Como Caboclo?

Jaci: Como Caboclo.

Kethlin: É, tipo, eu observando, a Iemanjá e Oxum, tá? Pra mim, nos meus olhos né, parece ser uma representação feminina mais mãe, mais acolhedora...

Jaci: Mas é.

Kethlin: Mais doce, mais aquela coisa de filho e mãe mesmo, entendeu?

Jaci: É porque a Iemanjá é a mãe de todos. A Iemanjá é a mãe de todos: Caboclos, Orixás e nós.

Kethlin: Todo mundo mesmo. [risos]

Jaci: E nós. É que nem o nosso pai Oxalá. Ele é o maioral. Então, quem manda na verdade é ele, entendeu? E os guias e os caboclos são indeterminados e enviados por eles, entendeu?

Kethlin: Mas já, por exemplo, a cabocla Jurema, a Iansã, parece ser uma representação de mulheres...

Jaci: Autoritária.

Kethlin: muito fortes, entendeu?

Jaci: Exatamente.

Kethlin: Com a palavra acima de qualquer pessoa assim que eu digo seja homem, entendeu? Assim bem forte, representação forte. Não se deixa, por exemplo, se diminuir por um homem, entendeu? Pelo Ogum, que é guerreiro, ou então por Oxóssi. Ela é igual-igual, sabe?

Jaci: Ela é bem, é uma guerreira, porque na verdade a Iansã que ela é uma guerreira e a cabocla Jurema também, que a cabocla Jurema ela vem se representar como a Joana Darc, não sei se tu já ouviu falar.

Kethlin: A cabocla Jurema ou a...

Jaci: É a cabocla Jurema. A Joana Darc é aquela santa, aquela mulher guerreira que ela guerreou com vários homens né, na guerra, e eles não conseguiam vencer ela e eles botaram ela numa fogueira, entendeu? E ela conseguiu se livrar e virar uma guerreira.

Kethlin: Não que a mãe Oxum e a mãe Iemanjá...

Jaci: A mãe Oxum é da água doce.

Kethlin: E não é que a mãe Iemanjá fosse menos lutadora do que a Iansã, mas ela tem uma representação diferente.

Renata: De personalidade.

Jaci: Digamos assim, é como se ela que luta no silêncio.

Kethlin: Exatamente.

Jaci: Ela não precisa guerrear pra te vencer.

Kethlin: Até no ponto de Iemanjá, por exemplo. A questão dos pescadores, de ser aquela mulher que fica ali zelando pelos pescadores, entendeu? Tem esse controle, digamos assim. Então, é diferente, digamos né

Renata: Me chama atenção inclusive o ritmo dos pontos de Oxum e Iemanjá pros pontos de Iansã. O tambor é uma coisa muito...

Jaci: É muito, e é uma vibração, assim, que a pessoa sente aquela vibração né.

Kethlin: Sente. Tipo, eu, por exemplo, quando ouço um ponto de Iemanjá ou de Oxum eu me sinto uma pessoa muito mais calma, assim, mais leve, sabe? E agora quando eu ouço de Iansã ou Jurema eu já fico bem mais acelerada.

Renata: E vocês acham, assim, que essas características das divindades elas servem de certa forma de exemplo, assim, enquanto mulher, por exemplo, pra vocês em algum nível? No sentido, bah, por exemplo...

Jaci: Pra não se sentir menos?

Renata: É... também...

Jaci: Eu acho que sim, com certeza.

Kethlin: Eu também.

Jaci: Porque a mulher faz tudo que um homem faz. Por que se sentir menos? É levantar a cabeça e tocar o barco. Se tiver que remar, vai remar. [risos]

Kethlin: Não, e isso é uma questão que nem a gente tava conversando aquele dia na outra vez que a gente foi conversar né, que tu perguntou a relação das mulheres da minha casa.

Renata: Aham.

Kethlin: E sempre foi isso assim, sabe? Tipo, eu não sei se tem alguma coisa a ver ou se um dia a minha vó se inspirou em alguma divindade, mas...

[Telefone tocou. Jaci atende: fala filha, oi...]

Kethlin: Mas ela tipo assim ó, sempre foi assim, sabe? De tipo, não ter, ninguém vai falar mais alto que ela, sabe? Ela tem voz igual ao meu vô, sabe? E a minha mãe também, e a minha tia também, então...

Renata: E acaba talvez se inspirando um pouquinho em cada uma, assim, tipo, tem dias que

tu tem que ser mais Oxum, tem dias que tu tem que ser mais Iansã...

Kethlin: Exatamente. E eu acho que a minha vó é a mistura perfeita das duas. Porque a minha vó é mãe de todos, ela acolhe todo mundo, entendeu? E ao mesmo tempo ela...

Renata: Se tem que dar uma girada mais...

Kethlin: Se tem que falar as coisas na cara ela fala, entendeu? Então ela é a junção das duas, assim.

Renata: Aham. E tu é filha, tu sabe de quem que tu é filha?

Kethlin: Da Umbanda, sim. Da Nação ainda não joguei. Tia Nair falava que eu era de Iansã, mas eu não sei, pra tia Nair todo mundo é de Iansã. [risos] Tá, então, assim, não tem como, só porque ela é. Mas na Umbanda eu sou de Iemanjá com Oxalá.

Renata: Na Umbanda.

Kethlin: Sou de Iemanjá e Oxalá.

Renata: Basiquinho ali. [Risos]

Kethlin: Basiquinho assim.

Jaci [volta do telefone]: Eu vou pegar o vestido da Jenni tá aí né Kethlin?

Kethlin: Que vestido?

Jaci: O vestido aquele.

Kethlin: Sim, estava guardado no teu quarto. Eu entreguei pra ela, acho que ela pediu pra ti guardar.

Jaci: Ah, então tá, vou ver ali.

Renata: E tu tem uma maior afinidade, assim, com alguma delas, das divindades da Umbanda, assim, que tu “bah, essa!”...

Kethlin: Ah, pergunta difícil, sabe? Porque antes eu tinha, quando eu descobri que era, descobri muito cedo né que eu era de Iemanjá e eu tinha um apego assim muito forte, sabe, só que com o decorrer do tempo que eu fui ensinada a não ter esse apego porque uma vai me guardar mais que a outra, digamos, mas todas vão me guardar, eu comece a ficar trabalhando isso, sabe? E me desapegar. Mas eu confesso que eu tenho uma ligação bem forte com a minha mãe, assim, a questão assim das coisas que eu percebo no dia a dia, sabe? De que eu descubro as mentiras fácil e ela é uma mãe que é dona da verdade, é difícil alguém me mentir e eu não descobrir, pode demorar um tempo mas eu sempre descubro. E eu tenho um olhar muito clínico quando a pessoa tá me enganando, sabe? Assim, eu não sei como isso...

Renata: Mas tu percebe.

Kethlin: Eu percebo quando a pessoa tá me enganando, assim.

Renata: E isso tu acha que são características, assim, que vêm da tua filiação, digamos?

Kethlin: É e, tipo assim, todas as vezes que eu tava em dúvida eu sempre gritei por ela e falei assim “ó, minha mãe, pelo amor de Deus, sabe? Me avisa, me dá um sinal, sabe? Pra eu saber se essa pessoa está sendo verdadeira comigo, se eu não tô sendo enganada”, e sempre aconteceu, isso em tudo: amizade, família, tudo tudo tudo, ela sempre me mostrou a verdade. Então acho que tem uma ligação meio forte assim sabe.

Renata: E tu te comunica com alguma divindade, assim, no teu íntimo, uma comunicação?

Kethlin: Com certeza, todo dia. Claro que tem momentos, eu chamo por todos, sabe? Mas é em diferentes momentos. Quando eu tô indo pra parada eu chamo por um caboclo que é de rua, sabe? Por Exu estar me protegendo ali na rua naquela energia mais pesada que é a rua e que a gente, sabe? Quando eu tô estudando pra alguma prova eu chamo por Xangô que é o dono do estudo né, da escrita. E a minha mãe assim é todo dia na questão do pensamento, pra eu ser uma pessoa mais focada no dia a dia, pro meu pensamento ser bom, pra não ter

pensamento ruim, não, sabe? Quando eu tô com raiva, quando eu tô sentindo coisas ruins eu chamo por ela, porque ela é a dona do pensamento, entendeu? Então ela vai conduzir o teu pensamento.

Renata: Mãe Iemanjá.

Kethlin: É. Então eu, são momentos, eu chamo por todos, mas tipo, cada momento um, assim.

Renata: Perfeito. E como que tu faz essa comunicação? É uma prece, é um pensamento, é um...

Kethlin: É um pensamento. Às vezes, assim, quando eu tô estressada eu canto um ponto, sabe? Então, tipo assim, geralmente é no pensamento, sabe? Mas depende. Tem vezes que eu vou lá pra frente, acendo uma vela, fico ajoelhada lá, conversando no pensamento, olhando pro **congá** então depende.

Renata: Perfeito. E o que é sagrado pra ti? O sagrado, existe um sagrado e o que seria ele?

Kethlin: Como assim? Não entendi.

Renata: Por exemplo, assim, a religião, os santos são sagrados, ou a ritualidade, sabe? O que é essa sacralização no sentido assim de algo quase não digo intocável, mas esse sagrado que te envolve e que tu “não, bah, isso é sagrado pra mim”...

Kethlin: Sim. Eu acho que é os santos, assim, sabe? Eles pra mim são sagrados na forma de que eles são tão generosos, sabe? Tão preciosos, assim, e pra mim esse é o sagrado, tipo... eles têm uma relação de hierarquia, obviamente, sabe? Então, automaticamente na minha cabeça, e por todas as coisas que eu já vivi eles se tornam sagrados, entendeu? Por causa dessa relação assim de ter uma hierarquia, de serem exemplos, entendeu? Serem exemplos, porque pra mim os santos são exemplos, entendeu?

Renata: Essas características que a gente vinha conversando...

Kethlin: Exatamente, assim, a questão deles lutarem pelos filhos deles, entendeu? De sempre estar ali te guardando, te protegendo de alguma coisa. Então pra mim eles se tornam sagrados por causa disso, sabe?

Renata: Uhum, perfeito... E o que tu sabe sobre outras religiões? Assim, tu já tinha me comentado uma vez que tu frequentou um certo tempo a Igreja com a tua vó paterna, não sei se tu já frequentou outros lugares, assim, de anglicana a, sei lá, evangélica.

Kethlin: Não. Tipo, é que assim ó, aqui a gente sabe que há algumas religiões que predominam, entendeu? Por exemplo, na nossa cidade, a religião de matriz africana predomina um pouco, a Igreja outro pouco né, tanto a católica quanto evangélica, mas, por exemplo, a gente não vê muita, muita religião por exemplo budista aqui, entendeu? A gente não vê muita religião islâmica, sei lá, outros tipos de religião. Então, eu frequentei as que geralmente a gente frequenta né, que é a Católica, a Evangélica... Acho que o que eu não tive oportunidade de ir ainda, mas é uma coisa que eu quero muito ir que é o Espiritismo né, que é um centro de Espiritismo assim.

Renata: E nessas experiências que tu teve assim, quais foram as tuas impressões sobre essas outras religiões e sobre as pessoas que ali estavam e tudo mais?

Kethlin: Assim, ó, na Igreja, na Nação, primeiro eu vou falar da Nação assim tipo, eu acho que eu tenho uma relação assim meio complicada com a Nação porque eu sou uma pessoa, aí, sabe aquela coisa do sacrifício dos animais, entendeu? De como tu se comportar, sabe? Essas coisas assim eu, às vezes eu não sei como me comportar na Nação, sabe? Eu e sinto um pouco...

Renata: Tem mais regras de etiqueta, digamos assim?

Kethlin: Não, nem de etiqueta, mas é a questão assim de tem uma reza que tu tem que se abaixar, sabe? Às vezes eu não sei como me comportar, sabe? E ao mesmo tempo que eu começo a admirar tudo, todo o ritual, eu também já me sinto um pouco desconfortável, eu já não sei, não é uma coisa que é do meu convívio, entendeu? Eu frequento muito pouco. Sem comparar com a Umbanda, entendeu, que eu tô desde pequena. E a questão de Igreja, assim, a Católica o ritual pra mim é muito cansativo, sabe? Parece que eu não tô colocando verdade

naquilo, sabe? Nas rezas, nas coisas...

Renata: Oi, Carol! Como ela é linda, né?

Kethlin: Aham.

Jaci: É a Carolina?

Kethlin: Tá, tá ali. Então, assim, sabe, parece que eu não tava colocando verdade nas coisas, sabe, na Igreja. Então, assim, pra mim era uma coisa muito estranha, sabe, eu não consegui me...

Jaci: Oi, linda!

Renata: Oi, Carol!

Jaci: Oi, Renata! Essa é a Renata, é a Rêrê.

Kethlin: Sem contar que assim, Renata, a questão da Bíblia, sabe? Pra mim era umas coisas absurdas, sabe? Tipo, ah, não sei o quê, “o homem manda em casa”, então, assim, eu já frequentava pouco lá na minha vó, minha vó paterna, frequentava, e aqui todo mundo me diz “ó, homem nenhum manda na gente, entendeu? Eles não são mais que a gente, e é isso aí e fim”. Aí eu chego na minha vó, leem na Bíblia que homem é mais que a mulher, só um pouquinho né, ninguém é mais que eu. Então é uma das coisas que eu não conseguia me habituar, assim. É uma proibição muito grande, assim, é umas coisas meio incoerentes.

Jaci: É que na verdade eu acho que isso aí fui eu que criei essa, mais eu que criei, porque uma coisa eu sempre falei, sabe...

Kethlin: Não podemos se entregar pros homens de jeito nenhum. [risos]

Jaci: Também nesse sentido e outra “se tu trabalha pra te sustentar ou pra ajudar a sustentar a tua casa, tu é bem mulher pra trabalhar fora e em casa, o homem tem que ser bem macho pra trabalhar fora e ajudar a mulher em casa”, entendeu?

Kethlin: Ajudar não, né vó, fazer em casa.

Jaci: Fazer o serviço em casa também. Nada é feio prum homem fazer, entendeu? Eu na época, o Jorge eu não tenho o que me queixar porque ele sempre me ajudou, até mudar as crianças, dar banho, sabe? E as gurias foram no mesmo ritmo. O Michel ajuda a Kellen hoje, em tudo dentro de casa. O Otávio é a mesma coisa. E espero que a Kethlin siga o mesmo exemplo, entendeu? Não é o homem ficar sentado esperando pra nada.

Kethlin: Credo.

Jaci: Mas eu tenho gente na minha família que

Kethlin: que é assim.

Jaci: que é homem, no caso né, meus irmãos, e as mulheres dão tudo nas mãos. E eu acho, assim, ri-dí-cu-lo! [risos] Acho mesmo, entendeu? Não, porque a pessoa não tem que se sentir menos e achar que tem só porque é marido, tu entendeu? Que tem que chegar em casa e estar tudo pronto, tirar até os calçados do pé e botar no pé. Lógico, se é uma doença, uma coisa assim

Kethlin: Aí é diferente né.

Jaci: Aí é diferente. Mas se é só pra dizer que é o macho, o machão da casa.

Kethlin: “Ai, porque eu vou ter que fazer comida porque o fulano”, cara, eu não sei esquentar uma água, sabe? Vai te... [risos]

Jaci: E outra, assim, eu não tenho que me queixar nem do meu filho nem de nenhum dos meus genros porque todos eles são bem macho pra trabalhar fora e ajudar a mulher em casa, mudar filho, trocar fralda, na merda, no mijo, tu entendeu.

Kethlin: Ah, e eu acho que assim, essa postura do homem a gente vê bastante quando a mulher engravida, entendeu? Porque é quando a mulher precisa. E tipo assim ó, eu e o

Leonardo a gente namora hoje mas é fim de semana, entendeu, lá de vez em quando num dia de semana, então a gente não tem essa coisa de ajudar o outro, mas quando a mulher engravida e, tipo, pelo menos a Jennifer, que foi uma pessoa que eu, tipo, fiquei ali em cima né quando a Giovana nasceu, o Otávio descia de madrugada pra vir fazer mamadeira, entendeu? Essas coisas assim que pro homem já é um sacrifício, sabe? E ele vinha, fazia, sabe? Meu pai na gravidez da Carol, do Léo, assim, também, que na minha ele não foi muito mas nos outros sim, entendeu?

Renata: Uhum. E tu acha então que isso também tem a ver um pouco com a religião assim que isso, por exemplo, que tu tava falando da Bíblia e que na Igreja isso é um pouco ensinado de certa forma, assim?

Kethlin: Ai, é, ai, desculpa, mas é, sabe? Acho que muita gente assim “ai, porque homem não pode, homem não faz isso”, e muito é induzido pela Igreja, sabe? Tipo assim, eu vejo assim que a questão da família do Leonardo, assim, que muita gente lá é da Igreja, sabe? Principalmente o modelo de criação, e aí esses dias a gente tava, ele tava lá na casa dele e ele tava limpando o quarto dele e eu tava mexendo no telefone sentada em cima da cama, sabe? “Ai, mas a Kethlin não vai limpar o quarto pra ti? Tu fazendo aí, coitado!”, aí

Jaci: Quem que falou isso?

Kethlin: O vô do Leonardo. Daí ele “por que, vô? O que tem eu limpar meu quarto? Eu não limpo o dela né. Ela limpa o dela e eu limpo o meu, cada um com o seu quarto né”, aí ele “ah, não, porque a mulher, mulher é assim, Léo, mulher limpa o chão e tu faz outra coisa né, como é que tu vai limpar o chão?”, daí ele já veio e pegou a Bíblia e mostrou “olha aqui, tá na Bíblia. Olha só, o homem é o senhor da casa, a mulher é só...”, sabe? Daí já, eu ai...

Jaci: Ai, eu me anajo com...

Kethlin: Já me anajo, eu também, já saí de perto pra não faltar com o respeito.

Renata: E, a última então, Kethlin, como que tu vê a Umbanda e a Nação representadas nas mídias, assim, das vezes que aparece, como é, como tu percebe essa representação, assim?

Kethlin: Ai, pra começar, tem muito pouca representação né. É muito pouco, assim, tipo, eu não sei, não achei ainda um canal que represente assim de forma seguido a nossa religião. É muito difícil. E a maioria das vezes, por exemplo, eu lembro na novela também que teve uma cena da novela que a mulher tava fazendo um feitiço, sabe, arriando uma bandeja pra pombagira pedindo pra criatura morrer, pra criatura fazer isso, sabe? Então, tipo assim ó...

Jaci: Isso daí é denegrir a religião.

Kethlin: Denegrir, sabe? Porque a nossa religião não é só isso, entendeu? Claro que isso de as pessoas fazerem coisas ruins para as outras é em tudo que é religião, entendeu? É em tudo a pessoa desejar mal. É em toda religião. Então, tipo assim ó, por que associar a nossa religião a fazer mal pra outra pessoa, entendeu? Então, assim, é poucas vezes que aparece de forma benéfica pra gente a nossa religião nas mídias. Muito pouco, sabe? E agora muito mais, assim, com esse novo governo, a questão do sacrifício dos animais, que tem muita gente...

[Voz de criança resmungando]

Jaci: Que foi? Tá chorando por que?

Kethlin: Que que houve?

Jaci: Ué, mas credo, Giovana. Dá oi pra Renata.

Renata: Oi, Giovana, o que foi, meu amor?

Voz de homem: Cadê o vestido da...

Jaci: Já liguei pra Jenni, não achei, tá lá na casa dela mas eu vou procurar de noite e depois eu levo.

Renata: Não chora.

Kethlin: Vem cá dar beijo na dinda.

Jaci: Vem cá, vem cá. Ah, meu amor, tu vem pra cá pra casa da vó? Cadê a mochila com bico e tudo?

Voz de homem: O bico tá aí.

Jaci: Cadê o bico do Henrique

Kethlin: Ô, Henrique, vem cá me dar um beijo.

Jaci: Vai lá dar beijo na dinda, vai dar beijo na dinda, corre.

Kethlin: Vem, vem, vem.

Voz de criança chorando: Eu quero a Evelin.

Kethlin: Olha aqui, deixa eu falar uma coisa pra ti: é só hoje. A Evelin vai ficar contigo amanhã e depois de amanhã e depois sou eu que vou ficar com vocês. Hoje a dinda não pode ficar, se não eu ficava contigo, a dinda tem faculdade, se não eu ficava substituindo a Evelin, entendeu? Tá? Não chora. Aí sexta-feira eu vou ficar contigo e a gente faz pipoca

Renata: Olha, coisa boa.

Kethlin: Carol, não faz assim que ele vai cair, tá?

Renata: Ó, não fica triste.

[Choro alto]

Jaci: Não chora, Giovana, não bobeia. Carol, não pega ele, tá, Carol? Para, Carol, Carolina.

Renata: Eles estão brincando ali, ó. Do que eles estão brincando, será? Olha aqui, vamo amarrar o tênis?

Jaci: Ô Kethlin, procurar o teu chinelo, tá aqui o chinelo. Ô Carolina, para de correr se não tu

vai cair.

Kethlin: Rê, vem outro dia pra gente conversar mais.

Renata: Tá, ótimo.

Kethlin: Eu vou lá me arrumar que daqui a pouco o homem já vai me buscar.

Renata: Sim, eu te preendi um tempão...

Kethlin: Capaz.

Renata: Quer um colinho, meu amor? Agora falta pouquinho. Pode deixar as crianças, não tem problema. Âh, aqui, ah, eu ia perguntar, Jaci, se tu tem afinidade com alguma da, a gente tava comentando das características das mães, né, cabocla, Orixá...

Jaci: Se eu tenho afinidade por algum filho?

Renata: Por alguma mãe, assim...

Jaci: Mãe? Dentro, digamos assim, do trabalho de cada uma, eu sei separar direitinho, sabe? No caso, assim, a Iansã mais pra demanda e defesa, pra Oxum pra calma, pro ouro, pra mãe Iemanjá pra clareza né, pensamento, então, a mãe Jurema também é uma guerreira, então, eu sei assim lidar com todas elas e gosto de todas elas cada uma no seu, digamos assim, no seu comando de trabalho, entendeu?

Renata: No seu momento, assim?

Jaci: É, no seu momento.

Renata: Mas uma afinidade, uma assim que tu te apega mais não? É cada uma de acordo com o momento?

Jaci: É, exatamente. Porque eu não posso me apegar numa só porque no caso eu trabalho com

todas elas, entendeu? No eu trabalho com todas elas eu quero dizer assim, eu faço trabalho com a Oxum, com a Iemanjá, com a Iansã, com a cabocla Jurema, entendeu? E por aí vai. Então, no dia ou na hora de trabalhar com oferenda pra uma e pra outra é separado, é individual, então não tenho uma específica.

Renata: Entendi. E tu te comunica com essas divindades de alguma forma? Seja numa reza, num momento do dia que tu pede, como é que é essa comunicação assim?

Jaci: A minha comunicação é o seguinte, assim ó, eu de manhã, todo dia de manhã né quando eu levanto eu vou direto, eu só vou no banheiro né pra me lavar, e vou direto pra terreira e ali, primeiro nos Exu né, e depois na terreira, e ali eu sei no caso assim dos que estão comigo filho de quem são de cada um, entendeu? Então, quando eu me dirijo a Oxalá que é nosso pai maior eu penso a proteção em geral pra todos. E pra cada um deles eu vou falando o nome deles e pedindo pra ele pelos filhos dele ou dela, entendeu? Então, digamos assim, que de Oxalá, eu sei de todos os filhos que são e eu penso por todos a cada um deles. Entendeu?

Renata: Aham, entendi, perfeito. E, então essa comunicação é feita assim através de rezas, de pensamentos...

Jaci: Através de rezas, pensamentos, exatamente, aham.

Renata: E tu considera que quando tu incorpora, por exemplo, o Pai Ogum, a Mãe, é de Oxum, né Jaci, que tu recebe?

Jaci: Ah, não, eu sou da Jurema, mas eu tenho uma passagem com a Oxum.

Renata: Quando tu recebe eles, assim, tu percebe uma comunicação também ali entre tu e eles? Como é que é esse momento, assim?

Jaci: É como se tu, é como se a gente, como é que eu vou te explicar? Giovana! [riso de criança]

Renata: Pronto... Espoleta!

Jaci: Assim, ó, é como se tu tivesse, sabe quando tu tá num sonho e tu luta pra aquilo ali não acontecer, se é um sonho que tu não quer né que aconteça? Então a gente sente direitinho quando a entidade chega na gente, mas é muito bom, a pessoa só tem que saber se entregar na hora certa, entendeu? Mas é, tem uma diferença de caboclo pra cabocla. Tem diferença, tu entendeu?

Renata: De como chega? De como é a sensação?

Jaci: De como chega, aham. Larga o relógio dela!

Renata: Não, pode ver, não tem problema.

Jaci: Não bobeia, Carol.

Voz de criança: Mãe?

Jaci: Não é da mãe. [risos]

Renata: E aí, mas a questão é se entregar ali na hora?

Jaci: Exatamente, é, tu tem que ter... Não faz assim, Carol. Não é pra escrever. Carolina! Ah, então vou te chamar tua mãe pra ti ir pra lá. Ih, já deu. Ai, Carol, não, isso daqui não dá pra escrever.

Renata: Quer uma folha?

Voz de criança: Sim.

Renata: Ó. Ela pode escrever com caneta?

Jaci: Claro. Não convém né, dar caneta, mas...

Renata: Pois é... Aí vai sair riscando a parede... Eu tenho um lápis aqui. Hm, que bonito! Deixa eu ver... [risos] Tá desenhando, bonito!

Jaci: Olha ali o que tu fez, ó?

Renata: Tem um lápis aqui. Ah, cadê o lápis? Ó. Ih, um lápis sem ponta.

Jaci: Peraí, eu tenho um toquinho aqui, eu dou pra ele, pode deixar Renata. Aqui ó Henrique, um lápis pra ti.

Renata: Ó, um pra Giovanna também. Ah, tu tem aí? Vamos dar pra Carol, quer uma folha também Carol?

Jaci: Escreve. Hen-ri-que.

Renata: Faz um desenhão pra nós.

Jaci: Dá aqui que a vó tira pra ti.

Renata: Todo mundo escrevendo.

Jaci: Pode começar. Ih, será que vai dar uma calma? [risos]

Renata: Tu quer esse aqui? Vai escrever aqui então, bem bonito. ãhn, então nesse momento de entrega...

Jaci: Isto, perfeito.

Renata: Mas tu sente...

Jaci: Claro, a gente sente.

Renata: Perfeito. E o que é sagrado pra ti assim? Os santos, os caboclos, os Orixás, eles são sagrados? Ou o ritual? O que tu considera sagrado assim?

Jaci: O sagrado no caso pra mim seria... Aqui o teu, ó Henrique, teu papel. Dá um cantinho

pra ele, Carol... O sagrado do santo pra mim é aquele momento que a gente tá ali, que tu sabe que tu vai fazer teus pedidos e que dentro do merecimento tu vai ser atendida, entendeu? E que tu vai ser atendida, entendeu, então aquilo ali já é um, pra mim, é um dos sagrados é esse aí porque independente de qual for o caboclo que tu tá fazendo o teu pedido na hora ali tu vai saber, sabe? Saber como agir, entendeu? E é, assim, às vezes as coisas vêm pra gente e a gente nem sabe como aconteceu. Como tem muitas coisas assim que graças a Deus, né, as pessoas vêm me agradecer alguma coisa com uma consulta que Pai Ogum deu né pra pessoa e deu tudo certo, eu nem sei o que é porque a pessoa tá me falando né, eu digo “ah, se tu tá falando” [risos] “se tu disse tudo bem né”, então aí é uma das coisas que também pra mim é muito bom, é muito gratificante tu saber que a pessoa confia em mim, no caso, e no meu caboclo, entendeu? E que graças a Deus ele não desce, através de mim ele não vem pra dizer uma inverdade. Então, se é pra fazer isso aí então no caso que nem fale nada. Mas graças a Deus né...

Renata: Hm, que bonito, Carol.

Jaci: Ih, furou!

Renata: Quer outra? Ó!

Jaci: Mas graças a Deus assim eu só tenho a agradecer porque tem muita coisas assim que a gente não dá nem pra acreditar que aconteceu...

Renata: Vamos fazer assim, ó, que daí não vai furar. Pronto. Escreve aqui daí, não vai furar.

Renata: Acho que riscou a mão.

Voz de criança: Eu também riscou a mão.

Jaci: Riscou a mão, Carol?

Voz de criança: Também.

Renata: Tudo certo. Ai ai, mas bem tranquilo, Jaci, não te...

Jaci: Não tá com pressa?

Renata: Não.

Encerramos a entrevista, pois a movimentação na casa começa a se intensificar. As duas são muito solícitas, mas Kethlin parece gostar especialmente das conversas. Ao se levantar diz para eu voltar outro dia, para conversarmos mais. Sobe ao seu quarto para se arrumar para aula – são quase 18h. A menina que cuida dos filhos de Jennifer, filha mais nova de Jaci, está doente e as crianças ficarão com uma tia. Enquanto isso, as duas crianças pequenas e Carol, irmã de Kethlin, ficam com a avó. Uma delas está meio chorosa, e fica no meu colo. Giovanna gostou de mim desde o primeiro dia. Começa a correria: as crianças brincam, pegam coisas, comem bolacha. O clima da casa muda, naturalmente as crianças se tornam o centro das atenções. Logo Henrique, o menor, descobre meu bloco e caneta. Arranco uma folha e dou para ele desenhar, assim faço também com Carol. Giovanna prefere o caderno da avó, que está sobre a mesa. As coisas se acalmam e voltamos à entrevista. Percebo que Jaci gostaria de encerrar o mais rápido possível, apesar de em nenhum momento ser grossa ou se negar a responder. Fazemos mais uma pausa: Giovanna pede mamadeira. Depois disso faço a última pergunta e encerramos. A esta altura a tia que irá cuidar das crianças já está na casa, e um integrante da terreira já passou pelo local.

Me despeço e vou embora. Subo a lomba e sigo até a parada de ônibus. Percebo que a periferia tem algo de belo e visceral que a torna única. Não se trata de romantizar a desigualdade ou achar bela a falta de estrutura, pelo contrário. Mas é impossível não perceber a vida que pulsa nas construções que se espalham para cima e para baixo na tentativa de abrigar cada vez melhor os familiares, as soluções inusitadas para o transporte dos mais diversos itens, muitas vezes em motos. Na periferia dá-se um jeito. Há olho no olho, há confiança, pois muitas vezes as pessoas se conhecem há anos. As cidades têm muito o que aprender com as periferias.

APÊNDICE F – DC DE 17/10/2019**Tarde do dia 17 de outubro de 2019 – Leopoldina, Zona Norte de Porto Alegre**

Quando cheguei Kethlin estava de roupão. Não havia dormido muito bem a noite anterior, pois seu namorado, Leonardo (que estava no local), estava com dor de garganta e febre. Cheguei um pouco antes das 16h e eles estavam almoçando. Jaci limpava o banheiro do piso superior da casa. Como de praxe, sou recebida na cozinha. Eles me oferecem almoço, mas eu já havia feito a refeição. Conversamos sobre amenidades enquanto eles almoçam. Antes de sentar à mesa, Kethlin chama a avó que não demora a aparecer carregando produtos de limpeza sem tirar nenhum dos anéis que lhe ornem a mão, detalhe já característico. Eles acabam o almoço, as duas se sentam à mesa. Elas já estão totalmente habituadas ao “rito” das entrevistas. Começamos. **Entrevista abaixo.**

Jaci: Pode começar, é nós!

Renata: Vamos lá!

Jaci: É nós na fita. [risos]

Renata: Ai ai, hoje eu queria começar perguntando um pouquinho sobre os processos de comunicação, mas a gente parte de um ponto de vista de que a comunicação não é só o midiático. Não é só, por exemplo, a televisão ou o celular ou tudo mais. Se existe, tanto pensando na casa de vocês quanto ali a Kellen, como aqui, todo mundo aqui que circula por aqui, se existem momentos de comunicação no dia ou um horário num dia da semana ou se essa comunicação acontece mais virtualmente mesmo, ou pelo WhatsApp daqui um pouco, como é que é essa relação?

Jaci: Tu quer saber se a gente para pra conversar? Se larga o celular?

Renata: Se tem algum momento assim que...

Jaci: Tem, aham, eu entendi.

Kethlin: Tem vários momentos, na verdade. Acho que o nosso principal meio de

comunicação, primeiramente, é o grupo da família, acho que toda família tem isso...

Renata: O famoso grupo da família... [risos]

Kethlin: E também tem a minha vó, que é um famoso ponto de comunicação das pessoas porque todo mundo vem aqui. No dia, quem tá aqui junto com a gente, a Jennifer, a mãe, geralmente chega seis horas, minha vó também desce lá de cima, faz um chimarrão, a gente vem pra cá, pessoalmente tem esses meios, tirando os eventos tipo festa de aniversário, que daí reúne mais pessoas porque aqui na vó todo mundo tem sua rotina né. E é isso, tem alguma coisa pra falar?

Jaci: Não, é isso aí, falou tudo.

Renata: Seis horas da tarde, aqui na cozinha mesmo...

Kethlin: Chimarrão e conversa.

Jaci: E as crianças interagindo, corre atrás dum, corre atrás doutro. Inclusive eu brigo muito com a Kellen que a Kellen é muito celular, sabe? A Kellen é aquelas que se tu vai na casa dela ela conversa meia dúzia de palavras contigo e tu fica falando sozinha. Ontem mesmo foi um dia que eu simplesmente peguei e já “pode parar, larga esse celular e vamo conversar”. Ela reclama “ai, que a senhora não vai lá em casa”, o chimarrão é geralmente aqui ou lá na Jennifer porque claro “eu vou na tua casa e tu me deixa de lado e não fala comigo”. Meu negócio é palavreado! [risos] E eu já mando ela largar o celular. Claro, todo mundo é muito apegado ao celular, só que tem gente que é demais, que é o caso da Kellen. Então, acho que a gente tem que tirar um momento na... Inclusive, hoje em dia as crianças, “fica quieto, toma o celular da mãe”, aquela coisa que não tem mais tu pegar e dar um brinquedo pra criança se entreter, porque vê todo mundo interagindo e as crianças já vão por ali, eu já não gosto muito assim. Tem momentos que tudo bem.

Renata: Então, qual é a importância pra vocês desse momento, dessa reunião familiar quase que diária, qual peso isso tem na rotina?

Jaci: É quase que diário, mas às vezes mais é no domingo, né Kethlin? Que aí almoço de

domingo. Quando a Kellen trabalha no domingo atraso o almoço pra esperar ela. É o dia a dia, mas o horário mais prolongado é no domingo mesmo porque durante a semana é aquele tempo curto, mas a gente procura sempre estar junto pra poder dar uma lingüinha de cobra.

Renata: E aí se fala sobre tudo, meio...

Jaci: Ah, com certeza. Falamos de nós mesmas, das crianças, da religião, até de futebol. Falamos desse crápula desse presidente Bolsonaro, que o pobre não tem nada e o que tem já tá se perdendo. Na verdade, a minha preocupação maior é no futuro, pros netos, pra toda a geração de criança, jovem, adolescente, na parte boa naquela esperança de amanhã ou depois trabalhar e conseguir tá mais difícil, e cada vez mais porque o salário é uma miséria, eles só sabem encher o bolso, milhões e milhões desviados pra eles, e é uma das coisas que me preocupa bastante porque eu acredito que só com muito esforço mesmo, com muita dedicação e muita sorte hoje o pobre, nós, assalariado adquirir alguma coisa, digamos que a gente hoje sonha que teus sonhos tudo seria realizado só que pelo que eu vejo e rezo que seja ao menos a metade dos sonhos do hoje em dia dos jovens, adolescentes, dos netos, filhos e...

Renata: E acontece algum tipo de discussão nesses momentos, às vezes alguma coisa mais acalorada, alguém discorda, como é esse momento?

[Kethlin atende o telefone que tocava desde quando a Jaci estava falando]

Jaci: Na parte dessa administração que tá aí quem não concorda tá piradinho né. Eu conheço gente que acha que isso aí é o resultado lá de trás, é PT e... a gente sabe que um pouco até é, mas não tudo, porque era arrochado lá atrás só que agora tá cada vez mais, estão tirando todos os direitos. A saúde está uma porcaria, segurança nem se fala, então é uma coisa assim que não tem porque, a gente discute porque a gente sabe que tem que se falar sobre isso aí, não dá pra deixar de lado, mas a gente sabe que pra resolver e ter um futuro bom tá difícil.

Kethlin: E graças a Deus que a gente não teve esse problema que muitas famílias se corromperam assim de questão de pararem de se falar por causa disso. Graças a Deus a nossa família foi pro mesmo lado sabendo que ele não era o melhor caminho pra nós. Pra nós cidadão e pro povo em si, pra todo mundo. Graças a Deus a gente não brigou por causa disso, né vó? A não ser os externos, tipo eu com a família do meu pai, a Jennifer com o sogro dela,

mas aí é os externos, não é nossa família.

Jaci: A Jennifer debate até hoje, ficaram de mal por um bom tempo.

Renata: Sim, não é o núcleo aqui. E o que a gente conversou na semana passada um pouquinho e eu achei interessante da gente falar mais hoje sobre aquele momento que a Kethlin comentou do início da sessão que tu sempre tira uns minutinhos pra passar uma palavra, dar alguma explicação e a Kethlin já tinha comentado que achava isso um momento importante mas acho que tu não comentou muito sobre isso, queria saber um pouquinho de se isso vem da casa onde tu começou na Umbanda ou se isso foi uma coisa tua que tu achou importante trazer?

Jaci: Não, na verdade não tinha onde eu comecei, muito pouco, porque na verdade eu comecei mesmo com o meu sogro, que era aquele baiano arretado, mas ele não comentava muito assim. Esse tipo de conduta espiritual acho que vai mais da necessidade da pessoa falar e eu sou muito faladeira [risos] e tem coisas assim que eu falo que eu não sei nem o que eu tô falando, as coisas saem e depois eu até me questiono que tem coisas porque que eu falei, o que eu tô falando que às vezes nem eu mesma sei te explicar porque eu falo mas é coisa assim que já faz parte da espiritualidade e aí cada um tem a sua maneira, tem o seu grau de mediunidade ou até mesmo que seja o dom, acredito que seja isso aí. Eu gosto sempre de falar alguma coisa. Sempre me vem na cabeça uma coisinha assim e dali eu sigo. Às vezes até atrasa um pouco os trabalhos pra começar a sessão porque eu falo demais [risos].

Kethlin: Tu falou que tu não lembra das coisas que tu fala, mas eu não me lembro de nenhuma vez ela falar coisas incoerentes. Todas as vezes que a gente assiste, ouve, escuta o que ela fala são coisas que fazem muito sentido pra nós que tá ali na corrente que nós somos filhos de santo dela. A gente tá ali pra ouvir o que ela tem pra falar e as coisas nunca foram incoerentes, apesar de às vezes ela nem se lembrar. É por isso que eu acredito que talvez isso já envolva outras coisas né, tipo a espiritualidade dela.

Renata: Eu achei legal que uma vez que eu vim também o Leonel pediu pra falar, que ele queria dar um recado pra todo mundo, e eu achei muito bacana a fala dele também...

Jaci: Aquilo ali que o Leonel falou e a maneira, eu sempre dou abertura e pergunto pras

peessoas que estão ali porque nós temos assistência, mas eu sempre falo que nós temos duas correntes, que é a corrente de dentro e a corrente de fora porque lá fora muitas vezes tem gente mais desenvolvida do que os próprios que estão na corrente. Desenvolvida que eu digo é espiritualmente. Ou até mesmo gente que já foi em outras casas, já é outra doutrina, mas já se inclui ali. Eu sempre dou a palavra pra quem tiver alguma coisa pra falar, que foi o caso do Leonel aquele dia que eu achei muito bacana também da parte dele e gostei muito das coisas que ele falou.

Renata: Acho que é muito bacana essa democratização desse espaço de fala.

Jaci: Exatamente. Porque na verdade cada um de nós tem um ponto de alcance na espiritualidade. Tu tem uma maneira de pensar, de ver, eu tenho outra, mas na verdade juntando é uma só. Isso aí eu acho que é muito bom.

Renata: Outra coisa que me chama atenção, que a gente também já conversou semana passada e eu acho que eu não acabei perguntando diretamente é sobre aquele momento pós sessão, o momento do cafezinho aqui também. Isso também foi uma coisa que tu resolveu instaurar? Porque eu me lembro, desde que eu me conheço por gente, pelo menos, isso já é uma prática...

Jaci: Cotidiana né, sempre. Tu sabe que, inclusive, teve um tempo aí que eu faria, e gosto de fazer, às vezes as gurias até me questionam “ah, pra que tu tá te cansando e gastando?”, tem isso daí também sabe, a gente fala sobre isso aí, mas eu gosto sempre de fazer ou um café ou uma lentilha ou uma sopa porque, digamos assim, que seja uma continuidade da nossa parte espiritual lá, e aí é uma coisa nossa aqui que eu acho que é até mais uma aproximação das pessoas que não são muito de ter aquele diálogo, aquela convivência do dia a dia, é um momento da gente se reunir todo mundo e eu acho bacana isso daí.

Renata: De fortalecimento de vínculos.

Jaci: Exatamente. E vou te falar bem a verdade, dessa maneira eu não vejo em outros lugares não vi, principalmente dia de sessão. A não ser quando é uma festa, uma homenagem pros pretos velhos geralmente tem aquela aproximação de comer um doce, seja o que for, mas no cotidiano, no diário, não tenho conhecimento de saber que é assim. Terminou a sessão todo

mundo fecha a terreira ou cada um pro seu lado, não tem uma palavrinha e é bom ter uma palavrinha, eu gosto [risos].

Kethlin: A questão que tu tava falando, a vó, por que todo mundo vem aqui na casa dela hoje? Porque na verdade ela sempre tentou que a gente não cortasse os vínculos. Acho que por isso que a reunião é sempre na casa dela, “ah, vamo fazer o aniversário do fulano” e é na casa da minha vó. Ela é uma pessoa que sempre quis que a gente ficasse junto. E eu lembro que não só diariamente, mas quando era verão todo mundo ia pra casa dela, as pessoas dormiam no corredor, arrumavam barraca fora e tá tudo certo, porque ela fazia questão que as pessoas fossem pra lá pra todo mundo ficar unido, ter aproximação. Isso é uma coisa que é dela.

Jaci: Inclusive ontem, no caso que a gente já tá nesse assunto, ontem o André, que é meu pai de santo, eu cheguei pra ele e falei que a gente já tinha combinado que amanhã é o aniversário da Nadir e a gente vai pra lá, aqueles que querem que vão, que podem, mas só que tem uma obrigação de uma irmã de santo que era pra ser hoje e transferiram pra amanhã, só que eu já disse pra ele “bah, eu já tinha combinado com o pessoal”, e ele falou pra mim “não, uma coisa é certa, porque nós temos a religião como uma família religiosa, mas família sangue é outro departamento”, é uma família mais família do que mesmo religiosa, então ele disse “não, jamais tu vai deixar de estar junto com a tua família num aniversário, numa festa, numa coisa assim, pra vir pra nossa família religiosa”, primeiramente a família sangue porque a gente nunca sabe o dia de amanhã, daquela convivência em família. Eu gostei muito da parte dele nesse sentido.

Kethlin: Legal, também gostei.

Renata: E isso, esse sendo de união familiar, tu acha que vem da tua família de mãe irmãos ou de algum...

Jaci: Eu acredito que sim, inclusive, o Alex diz pra mim “dinda, como a nossa família não tem, eu já andei por aí por tudo”, ele vai, ele é muito comunicativo e vai por tudo que é lugar e tem bastante amizade, mas ele diz “dinda, como a nossa família não tem e nós não podemos querer mudar a família dos outros porque nós somos diferentes”, isso é uma coisa que ele fala e eu gosto muito que ele fale isso aí porque realmente a gente não vê. Em geral, eu não vou na

casa deles, mas a gente está sempre se falando, mas Deus o livre alguém dá uma dor de barriga lá e ter que correr pro hospital é uma correria da negrada...

Kethlin: Enche toda aquela rua [risos] A vó Zeli era assim de querer todo mundo junto...

Jaci: Minha mãe era de se pudesse estava todo mundo sempre junto. A mãe, o pai, eu me lembro que era bem assim mesmo.

Kethlin: Eu gosto. Agora eu tô convivendo com outra família, que é a família do Leonardo, e eu acho muito estranho, parece que é uma frieza da parte deles, é cada um no seu quarto, aí às vezes eu falo “vamo pra sala um pouco” e não, tá todo mundo entocado nos quartos. Eu acho muito estranho porque não é da minha família isso, não é da gente ficar cada um no seu canto. Geralmente a gente tá sempre junto quando todo mundo tá em casa.

Jaci: Um não tá nem aí pro outro, no caso né.

Kethlin: É, tipo, sei lá, de não se ligarem todos os dias...

Jaci: E pra ti ver como as coisas são né, hoje de manhã, uma coisa que não tem nada a ver, mas pra ti ver como eu me preocupo com as pessoas e parece assim um sexto sentido, digamos, o que eu vou falar não tem nada a ver mas é real, eu achei estranho que o Michel não botou o lixo pra rua, o carro tá ali, o caminhão não tá mas sei que tava no conserto e realmente ele não botou o lixo pra rua nem nada porque tava sem coragem de fazer as coisas porque ele tá doente, ruim da garganta e com febre. Eu já vi que alguma coisa tava acontecendo, porque não é de costume dele. Então, a gente se conhece até nesse ponto aí.

Kethlin: Faz tempo até, esses dias ela falou “mas será que a Jennifer deixou a luz ligada?”, “será que a Jennifer tá em casa?”, alguma coisa assim, e eu “por que vó?”, “não, porque ela sempre desliga a luz”...

Renata: É uma comunidade bem...

Jaci: Bem unida, graças a Deus. E independente de eu estar aqui ou estar na praia, digamos, eu ligo pra chamar...

Renata: Não deixa de ser o ponto de encontro.

Jaci: Eu ligo pra chamar, elas mesmas me ligam “mãe, eu tenho que sair tal hora, me liga” e às vezes eu me acordo cedo, até aqui mesmo, pras crianças saírem pra creche, e aí eu me acordo e fico chamando um e outro. [risos] É verdade.

Kethlin: Eu fico imaginando que a minha vó deve pegar o telefone quando acorda e liga pra Kellen pra chamar as crianças pra ir pra escola, depois liga pra Jennifer e liga, liga, liga até morrer porque a Jennifer às vezes não acorda, aí...

Jaci: Às vezes ela não acorda e eu vou lá.

Kethlin: Aí depois ela pega uma lista de pessoas do WhatsApp dela e começa “bom dia, filho...”, pra cada uma ela fala uma coisa diferente, tipo se ela manda um áudio pro Leonardo e pra mim não vai ser igual, ela pega cada um e fala.

Renata: Personalizado.

Jaci: É engraçado porque tem coisas que nem eu sei explicar porque que eu sou louca assim [risos] e as meninas “ai, mãe, para, tu te preocupa com todo mundo”, mas não é, meu jeito é assim. Vamo que vamo né, até chegar bem velhinha e não conseguir nem...

Kethlin: Eu fico lembrando que quando eu era pequena todo mundo ficava na casa da vó, quem é da minha geração, da minha idade, eu, Giovana, Mateus, Adrian, todo mundo ficava aqui e eu lembro que uma vez minha mãe falou assim “essas crianças vão enlouquecer a mãe, a gente não vai mais deixar ninguém aqui porque ela já não tem mais essa disposição” e eu lembro que a minha vó chorou pra mãe não fazer isso de tirar todo mundo da casa dela. Fico pensando que é dela mesmo que eu ia agradecer que ainda bem, graças a Deus porque eu sou muito chata [risos].

Renata: É um senso assim de comunidade, um senso familiar muito forte, muito presente, e de uma família expandida também, que é o Leonardo, é quem foi chegando...

Jaci: Graças a Deus, todos que vêm a mim, poucas pessoas que a gente não se dá bem, inclusive eu tenho filhos de santos meus que, não gosto nem de comentar isso aí, mas muitas pessoas chegavam e se queixavam da própria mãe, de ver como eu era com os meus e com os que chegavam e que a mãe não era assim, e “como eu gostaria que a minha mãe fosse assim, que me desse um abraço, que esse abraço que tu ou a senhora me dá é uma coisa que me consola”, então eu gosto dessas coisas assim que é sinal de que a pessoa, sei lá, alguma coisa boa...

Kethlin: A Gabriela é muito assim né vó? Ela que fala muito que a mãe dela é uma, é bem assim...

Jaci: E eu tenho muita gente que me tem como uma segunda mãe por eu ser como sou e eu digo graças a Deus, aleluia, senhor [risos] E às vezes eu me pergunto a mim mesma eu sou boba, eu sou chata, eu não deveria ser assim, eu sou muito repetitiva nas coisas, mas não é, é de mim então deixa rolar né, vamo que vamo.

Renata: Coisa boa! Até uma das perguntinhas que eu preparei pra hoje era sobre cidadania, achei interessante que a gente já falou do nosso excelentíssimo presidente da república [risos], mas eu queria perguntar, pra cada uma, o que tu considera que é a tua cidadania, por exemplo, o que é exercer a tua cidadania? É votar? É participar de alguma coisa política ou comunitária? Ou é no dia a dia, sei lá, os pequenos deveres como cidadãos que a gente tem? Como é que tu enxerga, como é que é pra ti?

Jaci: No meu ponto de vista, eu procuro ajudar todo mundo, seria, no caso, comunitário porque o comunitário tu tem aquilo ali que tu pode conversar, debater, discutir a vontade da gente que gostaria que fosse. Já a parte política não tem como tu resolver e isso aí me agonia da gente ver as coisas e não poder resolver, então já quero nem me envolver e a parte do voto não adianta porque tu vai, eu falo sinceramente, eu desisti de votar, eu não voto mais em ninguém, eu anulo o meu voto porque eu acho as pessoas vão lá pra cima governar e tá toda essa merda aí não é pelo meu voto, aí eu posso respirar e dizer que não fui eu que ajudei a botar essa pessoa impostora lá em cima.

Kethlin: Claro que foi.

Jaci: Não, porque meu voto é anulado.

Kethlin: Mas daí o que é o voto anulado? É tu não te posicionar. Se a pessoa tá ali...

Jaci: O que eu falei, é meu ponto de vista, eu não vou poder resolver nada ali em cima, não tem como, ninguém, e ao mesmo tempo eu me pergunto “meu Deus do céu, o que acontece com as pessoas e o que passa na cabeça de uma pessoa ser tão, querer só pensar em si?”. Então isso aí eu não gosto nem de pensar nem de falar porque isso é uma coisa que me deixa pra baixo, realmente me deixa derrotada. A gente não tem o que fazer.

Renata: Mas em relação à comunidade, como tu tinha comentado, nota-se pela tua fala essa grande vontade de fazer alguma coisa, assim, se tu puder fazer uma coisa pra melhorar o acesso...

Jaci: Sim, seria, mas tudo é na política. Ano que vem tem eleição, aparece um abestado aí que quer voto capaz de lamber um acesso. Na hora é, e depois? É bem assim.

Kethlin: O nosso acesso foi arrumado desse jeito, e antes era horrível.

Jaci: E quanto tempo faz isso aí? E hoje já não tem isso aí porque eles vêm, prometem e não fazem. Poucos fazem, esse foi um que fez, mas depois disso nunca mais ninguém fez nada, quantos anos faz isso aí? Por isso que eu te digo, na parte de politicagem é uma coisa que desanima a gente. Dá um golinho dessa coisa aí que tá secando a minha boca. Quer um cafezinho?

Renata: Eu tô bem, Jaci, obrigada. Mas se tu quiser passar eu tomo. [risos]

Kethlin: A questão de eu ser cidadã, eu acho que são coisas muito importantes, pontos chaves. Primeiro votar, que eu acho que é importante. Eu acho que isso é de praxe das pessoas que são mais antigas, tipo a vó, pensarem dessa forma porque já viram muita coisa acontecer, estão desgastados daquilo de vir um prometer e não fazer, aí vir outro e mudar só uma coisinha e acho que é de praxe as pessoas que são antigas de não votarem, tanto que já tem pesquisas de pessoas que anulam o voto ou botam voto branco, que é pra deixar a maioria, são pessoas mais velhas, acima de trinta anos, então acho que é das pessoas que já viveram muita

coisa. Eu já não acho, acho que o voto é muito importante. Se eu pegar e votar no Bolsonaro e ver que ele é uma grande, desculpa a palavra, bosta, que é o que ele é, tu tem que ser humano o possível pra dizer “cara, eu errei no meu voto, no meu pensar”, que não foi o meu caso porque eu não errei. [risos] Mas eu acho que tu tem que ter essa humildade. Que nem esse Sartori que muita gente da minha família votou, tem pessoas que não reconhecem que erraram por orgulho porque a gente já viu o que ele fez...

Jaci: E não vamo longe, esse Leite aí seguiu na mesma sequência...

Kethlin: Se o outro continua, é a mesma coisa que o antigo. Eu acho que o voto é uma forma da gente exercer a cidadania porque por muito tempo a gente não podia votar.

Jaci: Tem uma coisa assim, a última vez que eu votei em alguém foi no primeiro ano que o Lula disse “ai, eu vou botar o salário mínimo lá em cima se eleito for”. Ele foi eleito, e isso que eu nunca ganhei salário mínimo, sempre um pouco a mais, mas eu não penso só em mim e ele disse que ia botar o salário mínimo lá em cima e não botou. Entrou um outro que fez a mesma cagada. Não é o partido. Como é que não resolveram isso aí? Sendo que pra ajudar o pobre só aumentando o salário mínimo e não aumentaram e eu disse “sabe de uma coisa, não vou votar mais”, ninguém mais vai ter o meu voto. Aí depois disso o único que teve o meu voto, meu último voto que dei pra alguém direto foi pro Zambasi [risos] verdade, foi pro Zambiasi e aquele cara também que eu gosto muito dele que ele era Senador que é o Paim, aquele ali fez alguma coisa pro pobre, mas também uma andorinha não faz verão sozinha.

Kethlin: Pra mim o votar na questão de exercer a cidadania é muito importante porque, olha só, desde o descobrimento do Brasil até muitos anos a gente não votava e quando a gente começou veio a ditadura que daí a gente não votava e não fazia nada. A gente não podia votar, não podia protestar, não podia fazer nada. Então, pra mim, a questão de tu votar, de tu poder sair na rua falando a tua opinião, nem que seja só eu que vou lá e falo “Bolsonaro é um bosta, não votem”, é o meu direito de exercer a minha opinião. Eu acho que tu cidadão pode muito bem, é o teu direito de expressar a tua opinião então eu acho que isso é uma coisa assim muito importante. E a questão básica: saúde, educação, que hoje estão precarizadas, e apesar de estar precária eu acho que quem fala que o SUS não deveria existir é uma pessoa primeiramente desinformada e secundamente egoísta, porque não pensa em quem não tem condição de estar no sistema privado de saúde. Então, pra mim são coisas que devem melhorar, mas não deixar

de existir, que nem muita gente prega por aí. E quem não tem nada? A pessoa tá pensando só em si. Porque hoje a maioria dos brasileiros é renda baixa, são pessoas da classe C, então eu acho que essas coisas primeiro tu tem que pensar em quem não tem nada pra depois tu pensar em quem tem tudo. Hoje quem mais tem dinheiro é uma parte pequena da população.

Jaci: Olha que tem gente aí que tem...

Kethlin: Não, vó. É a parte pequena. É muito mais pobre do que gente rica.

Renata: E tu acha que, vocês acham, que tem outras formas além do voto de exercer essa cidadania?

Kethlin: Ah, eu acho. Por exemplo, fico pensando nas ONGs. É uma coisa que eu tenho muita vontade de participar porque tu tá exercendo a tua cidadania de estar ali naquele movimento, naquele projeto e ao mesmo tempo tu tá ajudando outras pessoas. Então as ONGs são muito importantes, na minha opinião, tu exerce a tua cidadania e tu pensa no outro ao mesmo tempo. Então, eu acho que existem várias formas assim. Tem muita gente que tem mais condições que nós e podem ajudar o outro. Tipo, eu quando entrei no balé a minha professora abriu um estúdio aqui na vila, então ela já tinha uma renda, ela já tinha dinheiro e ela foi ajudar outras meninas que tinham o sonho de fazer balé e não tinham condição. Tanto que na época eu pagava quarenta reais na mensalidade, era uma coisa super acessível pra minha família, então tu pode ajudar nesses pequenos gestos. Se eu tenho um pouco a mais que os outros, por que eu não vou ajudar os outros? Então eu penso isso, que tem várias formas de tu ajudar e no dia a dia de tu, sei lá, ver a criança com fome e tem alguma coisa pra dar dá.

Renata: E vocês acham que esse fato de exercer a cidadania e ter esse senso de pertencimento, do “bah, tô aqui e vou fazer algo pra melhorar, pra ajudar” tem alguma coisa a ver com como vocês construíram e como vocês são atualmente, a identidade de vocês, por exemplo, no sentido do modo de ser, de pensar, de agir, vocês acham que exercer a cidadania e o modo como vocês são tem alguma coisa a ver, uma ligação entre as duas coisas?

Kethlin: Pra mim tem muito porque, acho que eu já tinha te explicado, quando eu entrei pro cursinho eu expandi a minha visão e comecei a pensar mais no outro e não pensar tanto em mim porque, eu já tinha explicado, como eu vi muita gente numa situação muito mais precária

do que a minha, eu comecei a olhar pro outro. Tipo, de ver pessoas que iam pra aula com fome, que não tinha nada pra comer, a pessoa tava com fome e não era porque queria. Tava estudando com o caderno que o colega deu, com o lápis que o colega deu, situações muito mais precárias do que eu via. Então, eu acho que isso começou a aprimorar quem eu tava me construindo. Eu entrei com dezesseis anos, tava ainda em construção a minha personalidade, meu jeito de pensar e aquilo foi me construindo, aquela imagem, aquilo que os professores passavam pra mim e com isso veio esse sentimento de querer ajudar o outro. Eu não digo nem a questão física, material, geológica tipo rua, bueiro, porque eu acho que é um pouco mais acima do que eu posso ajudar, mas a questão de ajudar pessoas. As pessoas que me rodeiam, as pessoas que eu vejo, eu acho que isso tá no que eu sou, tá no que eu me construí a partir de um momento que deu aquele estalo.

Renata: A tua forma de ser cidadã influenciando no modo como tu te constrói como pessoa?

Kethlin: Com certeza. Porque é muito difícil tu ver uma pessoa que quer ajudar o outro, mas é uma pessoa egoísta. Ou tu ajuda o outro ou tu é egoísta. Ou tu pensa só em ti ou tu pensa em todo mundo. É difícil tu ver uma pessoa que é totalmente egocêntrica e que só pensa em si e querer ajudar o outro. Tá em ti. O que tu vai ser pras pessoas é o que tu é.

Jaci: É uma coisa eu acho muito certa e estou sempre falando pras pessoas que estão comigo que é a gente olhar na volta. Então vamo pensar e agradecer o que a gente tem e o que sobrar e não dá pra mim, não dá pra Kethlin, dá pra outra pessoa, e é a coisa mais certa que tem, quanto mais tu doa mais doam pra ti. Eu pelo menos penso assim. Penso não, sei que é real. Vejo até mesmo pelas coisas que a gente ganha, roupa assim de não dá pra um, dá pra outro e quando menos espera aparece mais alguma coisa e aí tu vai passando...

Kethlin: Um exemplo de cidadania que é da nossa família que eu acho que é a questão da roupa. A gente desde quando eu me lembro, acho que até mesmo antes de eu nascer era assim, de não servir mais as roupas e a gente passar pra quem precisa. Seja na nossa família, seja lá na Igreja da fulana, seja na rua, seja em qualquer lugar. Se a gente tem uma roupa que não serve mais, vamo passar adiante, vamo dar pra outra pessoa, vamo ver quem precisa realmente. E eu lembro que quando uma conhecida minha engravidou e que tanto ela quanto o pai eram pelados, não tinham dinheiro pra nada, eu fui arrecadando. Era roupa lá do Luquinhas da Lene, era roupa do Léo, era roupa do Henrique e fui arrecadando e levei sacolas

e sacolas pra ela porque é uma coisa que a gente tem na nossa família de passar e ao mesmo tempo tu exerce uma cidadania de questão de ver que o outro também precisa.

Renata: Sabe que eu li um livro, um dos primeiros livros que eu encontrei quando comecei a fazer pesquisa, que era *Cidadãos do Mundo* o nome, *Uma teoria da cidadania*, e falava que tu pode ter vários tipos de cidadania, cidadania política, cidadania comunicativa, inclusive, que é tu participar dos meios de comunicação, de certa forma, se expressar, como tu colocou, e o que eu entendo [café é servido] é que passa muito por isso, passa muito pela participação, por tu se sentir pertencente, tu fazer alguma coisa é a tua cidadania também. E isso é uma coisa muito bacana da gente pensar porque sai um pouco só do político. O voto é muito importante, como tu disse, tem toda uma questão sócio-histórica em relação, por exemplo, à população negra, inclusive, em função dos trezentos e oitenta e poucos anos...

[Telefone toca, Jaci vai atender]

Kethlin: Sim, e a questão por exemplo agora que eu tô na Unisinos, tem vários projetos de pessoas que são bolsistas lá. Por exemplo, teve a semana acadêmica e teve uma palestra que era vários bolsistas colocando a sua trajetória até a faculdade e daí pessoas não bolsistas na sua trajetória na faculdade, guria, foi uma coisa que eu participei, dei o meu depoimento, no caso, e foi uma coisa chocante demais e eu acho que tu colocando o teu ponto de vista, tu te inserindo naquele projeto, tu vai estar fazendo uma conscientização em muitas pessoas porque é muito complicado como os professores acham que cada um que tá lá tá pagando a mensalidade, sabe, não tá, tem gente que tá ali que é pobre, que não tem inglês fluente, então te custa tu traduzir uma coisa que tá em inglês porque a pessoa veio de escola pública e lá é “the book is on the table”, é só isso que a pessoa aprende, então é complicado isso e isso eu acho que é uma forma de tu se inserir e conscientizar muitas pessoas que não têm essa visão e às vezes não é nem culpa da pessoa, ela tá numa nata, ela tá num mundinho que é só dela, que é gente rica que não sabe o que é pobreza, então às vezes não é culpa da pessoa. Eu acho que essas coisas são muito importantes pra cidadania, pras pessoas abrirem esse olhar. As pessoas estão ali e não são ricas, não estão pagando dois mil de faculdade por mês. É uma coisa de se pensar.

Renata: Bacana. E eu não sei se tu já chegou a falar, Jaci, sobre essa questão, se tu acha que a forma como tu expressa a tua cidadania também está inserida no teu jeito de ser, na tua

identidade, de certa forma, se tu acha que sim, se tu acha que não?

Jaci: Eu acredito que sim. Como é que eu vou te explicar? Eu acho que eu não saberia nem tocar adiante de outra forma. Então, faz parte, com certeza.

Renata: Indo pra esse lado da cidadania, identidade, algumas coisas que a gente já conversou, acho que foi na primeira vez que eu vim aqui que eu perguntei como é que vocês se identificavam e a Jaci disse que se identificava como uma mulher negra e a Kethlin como uma mulher parda e eu queria perguntar pra cada uma se existe um, por exemplo, o que é ser mulher negra e o que é ser mulher parda? Se existe pra vocês alguma identificação nesse sentido ou não perpassa a questão racial, como é que é isso?

Kethlin: Eu acho que pra mim ser mulher parda...

Jaci: É a mixtureba, o branco e a neguinha, a neguinha e o branco e aí [risos]

Kethlin: Deu parda. E a questão que muita gente infelizmente confunde isso, porque muita gente já me chamou de branca. E eu não sou branca, cara, eu não me identifico como uma pessoa branca. Eu não sou, eu não consigo me ver branca. Muita gente denomina as pessoas que são pardas como brancas ou então pardas como negras. Porque eu não sou também negra, eu não sofro o mesmo racismo que a minha mãe. Eu não sofro o mesmo racismo que a minha vó. Eu sou o tipo de mulher negra “aceitável na sociedade”. Aceitável. Até aqui tu não sofre racismo, mais que isso daí “opa, tu já tá indo um pouco além”. Então, eu acho que a questão de ser mulher parda é isso. As pessoas confundem um pouco com o branco, que não é, tanto pelos fenótipos quanto pela questão de pertencer mesmo, as tuas origens, a tua família. E a questão de confundir com pessoas negras porque eu também não sou negra, tem um branco ali envolvido. Tem a questão racial de como tu é visto pras pessoas e é que nem eu falei: eu sou o tipo de mulher negra “aceitável na sociedade”, pelo tom da minha pele.

Renata: E isso tu acha que gera implicações pra ti ou quando é que tu, a gente já conversou um pouquinho sobre isso aquela vez lá na Unisinos né, quando é que tu te deu conta dessa identidade? Porque é sempre uma coisa que vai sendo descoberta aos poucos...

Kethlin: É que na verdade eu nunca me vi como outra coisa a não ser parda, e eu também não

gosto desse termo, eu já te disse, acho que parda é uma coisa muito ruim, não sei o que poderia ficar substituto desse nome, mas eu acho horrível, acho que é comparado ao papel...

Jaci: Porque realmente, uma coisa é certa, o tempo vai passando, tudo vai evoluindo e até mesmo a colocação das palavras porque no meu tempo e na minha certidão a minha cor é mista. O que é o mista? O mista é uma mistura do branco com o negro porque lá atrás a minha vó era branca e o meu vô era preto. Então, isso aí é uma coisa que já vem de vários carnavais, essa mistura, e na minha certidão não é negra, não é branca, é mista.

Kethlin: Na minha certidão é parda.

Jaci: Esse mista aí hoje é o pardo. As palavras vão se modificando.

Kethlin: É uma coisa que eles não conseguem definir e eu acho que me dei conta mesmo quando eu ingressei para a faculdade que foi quando eu tive o meu acesso negado porque me disseram que eu não era parda e que eu não era negra, que eu era branca, e que eu não podia entrar pelas cotas raciais e aí quando eu fui procurar uma advogada que ajudava o cursinho onde eu tava ela disse que talvez a gente não ia ganhar porque hoje em dia, pra começar, a faculdade sempre vai estar acima do aluno, nessa questão de hierarquia, e que isso ia dificultar o juiz avaliar pra mim de uma forma diferente a não ser branca que é onde eles declararam isso. Então, eu comecei a me dar conta ali. Eu fiquei me perguntando “por que eu sou branca se a minha mãe é negra, se a minha vó é negra, se o meu pai é índio, não é nem branco, por que eu sou branca?”. Aí eu comecei a ficar um pouco depressiva com essa história. Eu não conseguia me colocar nas palavras. Quando eu ia ter um lugar de fala eu pensava “bah, será que é meu lugar de fala?” porque a universidade falou que eu sou branca. Então, me caiu a ficha ali. Mas aí depois com livros, em função da informação mesmo, eu vi que isso era uma questão que a sociedade tentava te colocar porque hoje em dia as pessoas querem que todo mundo seja branco. É a branquitude acima de tudo. Se tu não tem a pele escura, eles querem que tu seja branco, porque é mais bonito que tu seja negro. Então isso vai muito da questão de como as pessoas querem que tu seja.

[Chegou Kellen, dialogam sobre pai da Kethlin com febre]

Kethlin: Eu pensei que não se trata de mim, do que eu me sinto, e sim do que as pessoas

querem que eu seja. Mesmo isso na faculdade, onde tem a bancada negra, que é altamente manipulada. Então, foi ali.

Renata: E foi um processo duro, pelo que tu conta.

Kethlin: Duro, bem sofrido internamente. A questão de que eu sofri muito com isso porque eu nunca me vi daquela forma. E era uma terceira pessoa que eu tava falando que me dizia “olha só, tu não é parda, tu é branca”, então é uma coisa que foi um sofrimento interno de eu querer e não conseguir me colocar, não saber quem eu sou, foi muito interno...

Renata: E hoje em dia como tá isso pra ti?

Kethlin: Graças a Deus tô de boa. Eu tenho muito orgulho de onde eu vim, de quem eu sou hoje. E, pra mim, se as pessoas querem falar isso porque eu vou me importar se antigamente, antigamente não, atualmente, as pessoas denominam o negro como macaco, como sujo, como preguiçoso. Por que a gente tem que se importar com o que as pessoas falam? Se o negro fosse se importar com isso que as pessoas falam, hoje eles teriam vergonha de quem são. Eu também me coloco numa situação parecida. Se eu me importar com o que as pessoas querem dizer que eu sou, eu não vou estar sendo eu, eu vou estar sendo quem eles querem que eu seja. Então é isso, hoje eu tenho uma coisa bem definida, não me abalo...

Jaci: Que nem essa semana mesmo não teve um protesto sobre o negro num jogo de futebol? Agora essa semana. E aí no fim quem fez os gols? Os negros. O negro é bom, no que ele bota a mão ele faz [risos] No que ele se dedica ele vai, não adianta.

Kethlin: E tu, vó, como é que tu se identifica?

Jaci: Olha, eu sou negra, com muito orgulho, graças a Deus. Nunca tive vergonha da minha pele. Se tivesse que pegar um negro eu pegava, pegar um branquinho eu pegava [risos]

Kethlin: Bem safadinha.

Jaci: Eu namorei um branco, namorei um negro, namorei o padre, então pra mim não quer dizer nada. O tom da pele é só o tom da pele. E a cor negra, a cor morena é tão boa, que fica

todo mundo lá no sol, no mar, querendo comprar o melhor bronzeador, então por que? Pra que essa palhaçada? É que o ser humano é ignorante mesmo.

Kethlin: A minha sogra se mata pra ter a cútis que minha vó tem.

Jaci: Se o negro fosse tão indesejado, ou que não quisessem ser o negro, mas ficam o tempo todo, e até os brancos que têm dinheiro vão nesses negócios de bronzeamento artificial na luz porque eles querem pegar uma cor.

Kethlin: Até essa questão assim de por que hoje tem baby liss? Porque as pessoas que têm o cabelo liso querem ter o cabelo cacheado.

Jaci: E o cacheado quer espichar.

Renata: Mas isso sempre foi assim natural pra ti, Jaci, ou foi um processo de construção que nem foi pra Kethlin?

Jaci: Não, pra mim sempre foi natural porque uma coisa que eu achava ridícula que lá fora tinha aquele negócio do baile que era o baile do negro e o do branco. Aí depois foram se misturando. Mesmo lá fora que a pessoa não tem aquele conhecimento. Mas isso é a mesma coisa dos escravos nas fazendas que antigamente tinha o negro era separado por causa do seu fulano, então, a gente sabe que existe isso aí só que eu não me sinto discriminada, não tenho vergonha de mim nem da minha cor. Graças a Deus, não!

Kethlin: Mas, olha só, por exemplo, a vó fala como ela, o sentimento dela. Mas eu percebo a questão do comportamento dela com o passar dos anos. Por exemplo, hoje em dia ela se sente à vontade pra não fazer mais química no cabelo. Coisa que não era aceitável antigamente. Se tu tem um cabelo crespo, tu é feia, tá feio esse cabelo de bombril. E hoje ela se sente à vontade pra deixar o cabelo dela sem química nenhuma. Tu não sente isso, vó?

Jaci: Sim, mas isso aí é uma coisa que tu ver, que nem eu falei agora, lá fora tu não tem essa instrução aí. Tu foi criada sem ter uma TV, sem na TV aparecer o negro e o branco, aquela coisa. Então, se tu vê numa revista uma negra com cabelo afro e uma com cabelo alisado tu vai querer alisar pra ver como é que fica. Aí são vários anos de processo de química. E hoje

eu já não vejo mais por esse lado. A pessoa tem que ser ao natural. Eu tô vendo, não vê a Maju né. E olha a Maju e a Glória Maria. A Glória Maria tá com aquela idade e não quer deixar o cabelo, e isso que a gente vê aquelas reportagens dela de antigamente, ontem de noite numa reportagem no Bial apareceu ela no tempo do Ariri com o cabelinho [risos] E hoje ela já tá de idade, ela já tá com os seus quase setenta anos, e o cabelo tá ali cheio de química, alisadão.

Kethlin: Outra coisa também que eu fico pensando na fala da vó. Ela antes tinha bastante fala racista, e não é culpa dela, ela sempre ouviu isso a vida dela inteira, os próprios negros diziam “aquele negão, aquele macaco” e era normal isso. E hoje eu não vejo ela falando essas coisas. Eu nunca vou esquecer uma vez que a gente tava na praia, que eu a recém tinha começado a dar uns beijinhos, e aí eu encontrei um colega meu que era bem negro né, tipo negro retinto, não existe essa de bem negro, é negro retinto né, da pele escura. Fui lá na beira cumprimentar ele e minha vó lá na cadeira e ela começou a gritar “Kethlin, larga esse negro aí”, ai, que vergonha, meu Deus, eu queria morrer. E eu “Iemanjá, me leva, me leva”. [risos] Cara, que vergonha, “larga esse macaco aí, Kethlin”, e fazia assim ainda, e eu “ai que vergonha”.

Jaci: Não vamos longe, aqui em casa mesmo, uma vez a Kethlin arrumou um namorado negro, meu Deus do céu, era no aniversário não sei de quem, era um corredor aqui, eu saí aqui e aquele cara tava sentado, um neguinho, preto mesmo e a Kellen “larga a minha filha, ô nêgo sem vergonha”.

Kethlin: Imagina que vergonha. Mas tu sabe que isso é uma desconstrução dela, é um processo, porque aquilo era normal pra gente. Era feio se relacionar com negro tão preto assim na sociedade. É uma questão que foi, graças a Deus, depois de um tempo, minha vó não tem mais, até porque isso machuca a outra pessoa. E não tem essa consciência de que às vezes pode machucar, a pessoa não tem culpa de ser assim. E o que tem ser assim?

Renata: Achei interessante que tu comentou que tu vê na televisão, por exemplo, a Maju, é muito pouco ainda o que se tem, mas vem tendo representações diversificadas de várias formas de pessoas, seja mais gordinha, mais magrinha, mais baixinha, mais altinha, negras com cabelo cacheado, natural, tu acha que isso impacta também e ajuda a construir essa mudança de pensamento?

Jaci: Ah, com certeza. Se o nosso mundo hoje fosse mais natural, tudo seria mais natural. Não tinha esse negócio do preconceito. Porque, tu pode ver, o preconceito é demais ainda. Melhorou. Eu gostaria de dizer que tivesse melhorado 100%, mas eu vou mentir se eu disser um troço desses, 100% não é.

Kethlin: E outra, por exemplo né vó, se tiver tu e se tiver uma pessoa branca como a Renata, se tiver uma pessoa negra como a senhora, parda como eu, a gente vai se sentir mais acolhido...

Renata: Isso na TV, nas representações...

Jaci: Até nas propagandas, botam três negros e dois brancos, aparece mais os brancos.

Kethlin: Aparece rápido, só pra dizer que tem.

Jaci: Não sei se eles acham que a criança branca ou até mesmo o adulto vai fazer melhor a propaganda ou falar melhor, eu não sei o que passa na cabeça deles...

Kethlin: Mas eu fico pensando também, por exemplo, isso, essa representação negra, é muito mais na novela, por ver. Em coisas que são mais etéreas, em coisas que têm que ter uma postura, uma forma diferente de se comunicar com o espectador como jornal, coisas de reportagem, vamos dar o exemplo da Globo, tipo o Jornal Nacional, tipo o Fantástico, o Globo Repórter, a gente sabe o nome de cada um, de quem é negro, porque são poucos. No jornalismo, no caso. Porque na novela é uma coisa mais desconstruída. A gente tem que ter essa consciência porque a novela é uma coisa lírica, é o imaginário, é o possível. Então, no possível, na sociedade tem negros, então vamos inserir...

Renata: E, ainda assim, se a gente for parar pra pensar, em quais posições sociais estão esses negros que aparecem nas novelas, né? É uma coisa que chama muito atenção é que negros e pardos são mais de 51% da população brasileira e quando aparecem são dois num elenco de vinte, trinta. Mas é interessante a gente pensar quanto isso, mesmo que pouco, já é um passo. Que nem tu disse, de se sentir acolhido por aquela representação.

Kethlin: É, porque antigamente não tinha né.

Renata: Como é que foi na tua infância, tu lembra de alguma representação negra ou parda que te marcou?

Kethlin: Lembro uma muito forte a Rouge. Meu Deus, amava Rouge. E pode ver que a Rouge era duas brancas ou três, mas, independente, tinha negras. E eu achava uma da Rouge parecida com a minha mãe, que é a mais negra, sabe? Eu achava ela muito parecida com a minha mãe, então eu adorava, achava o máximo. Mas, assim, eu via tanta coisa e é só isso que eu lembro. Ou então a Anastácia do Sítio do Pica-pau Amarelo. Então é tão pouco. E olha que eu sempre fui uma criança muito eclética, eu via novela, eu via desenho. Eu lembro uma coisa muito forte na minha infância que era a questão da Barbie, que a primeira Barbie que veio de cabelo preto foi *Barbie A princesa e a Plebeia*, que era uma morena e a outra loira. Então, são coisas marcantes pra mim mas é pouco.

Renata: E, mudando um pouquinho, mas acho que acaba perpassando a questão de violências, tu acha que existe violência em função das identidades das pessoas, em função da própria cor da pessoa e o que tu concebe como violência, assim, o que é violência pra ti?

Kethlin: Tu diz assim de cor, né, questão racial? Claro que sim. Eu acho que a questão de entonação, de como a pessoa se refere àquela pessoa negra. É pego na favela com não sei quanto de maconha, “traficante, perigoso”, sabe? Aquele tom que já é pejorativo de todas as formas. Às vezes nem é assim. E eu digo a questão do jornal, que é onde a gente vê as notícias de violência e eu acho que a questão...

Renata: Tu considera esse enunciado já uma forma de violência?

Kethlin: Com certeza. Eu acho que é a questão de retratar pro telespectador que aquilo é um perigo, que aquilo é a violência. E na verdade quem mora em vila sabe que o que é violência é assalto, é estupro, coisas mais físicas. O traficante tá ali e não tá incomodando ninguém, vamo ser real. Tá ali no beco da 1 não tá me incomodando nem um pouco, tá vendendo a droga dele, quem quer comprar compra, quem não quer não compra, tá tudo certo. Então, pra quem mora em favela, em vila, são outros exemplos. Dependendo do que aparece na TV, violência aquilo ali é pra quem mora em bairro nobre, pra quem não quer tráfico perto da casa deles, pra quem não quer drogado, então acho que a questão de violência é muito mais físico, na minha

opinião né. A questão física é desrespeitar as mulheres. E é uma coisa que não vou te dizer que não acontece aqui perto da gente, mas aonde eu moro, na minha rua ali, nunca aconteceu violência nenhuma comigo e até hoje fica os piá brincando ali e tá tudo certo, entendeu? Então acho que essa questão de violência é muito mais enfeitada nas mídias.

Renata: É, tem correntes que dizem que muitas vezes o medo é produzido.

Kethlin: Exato. De tanto tu falar que aquilo é perigoso e pode te prejudicar de alguma forma, vai entrar na tua cabeça e tu vai começar a pensar

Renata: E se cria um estereótipo de quem é o perigoso.

Kethlin: A questão racial tem tudo a ver. Muitas vezes nas manchetes, nas matérias, quando é um negro que é preso é tratado de outra forma. O traficante que é pego com não sei quantos quilos de cocaína, mas que estuda Direito na PUC; e o negro que é preso com maconha, aí ele é traficante, aquele é estudante que estuda e revendia drogas. Não, ele é traficante e esse [negro] é usuário.

Renata: Então, tu reconhece tanto as violências físicas quanto as violências simbólicas dessas pessoas.

Kethlin: A questão de quem mora. Porque eu não vejo minha vó comentando do traficante. Ninguém dá esse medo pra pessoa que trafica, que rouba carro... Não vejo nenhum dos meus familiares comentando isso, se apavorando, reproduzindo o medo com isso. É muito pra quem tá olhando, é muito qual é o tipo de telespectador.

Renata: Existem algumas discussões sobre isso que eu acho bem interessantes. Por exemplo, a guerra ao tráfico. Não é uma guerra ao tráfico porque tu acha que vai saindo matando todos os traficantes, todos os usuários do mundo e isso aí vai resolver o problema? Então tu cria uma sensação de medo e uma parcela da população estigmatiza a outra parcela pra justamente (não digo que seja assim tão evidenciadas), mas estruturalmente tu acaba criando essa divisão, essa animosidade, esse preconceito, e alimentando toda essa...

Kethlin: Eu até vou procurar o nome porque agora não lembro, que são pessoas que estão no

Rio, nas favelas, comentando sobre a guerra ao tráfico. E por que hoje os moradores não se revoltaram com o traficante. E eu lembro que eu vi uma mulher que estava com um nenezinho no colo dando a entrevista falou “por que eu vou me revoltar com quem nunca fez nada pra mim? Eu me revolto é com a polícia que entra aqui, bate no meu filho que é estudante, revista ele, uma criança de 10 anos. É com isso que eu me revolto, por que vou me revoltar com traficantes, se quando me roubam é ele que devolve todas as minhas coisas”. É uma questão de nivelamento de quem mora e de quem vê.

Renata: A justiça pode ser muito relativa.

Jaci: Olha, isso que nem tu falou, que o traficante é que devolve as coisas, é a mente. Eu me lembro que anos atrás, a Renata deve se lembrar do Dani da Carmen, ele me considerava muito, bastante mesmo. Tanto que uma vez, logo no começo dos namoricos do Alisson ele matou aula e foi pro parque e os caras vieram e roubaram os tênis dele e não me lembro mais o que, e o Dani recuperou. E assim é na maioria das vilas e das comunidades. Tem esses guris que infelizmente vão pra esse lado aí, mas nas pessoas que moram ali na volta deles ninguém toca, eles cuidam mesmo.

Kethlin: Até uma coisa que eu tava falando com a Renata na outra vez que a gente conversou é que mais pra lá, que é o Leopoldina, são pessoas que moram numa zona que é melhor do que a da gente aqui, e eu me sinto muito mais insegura lá embaixo do que aqui na minha rua. Aqui eu caminho de boa.

Jaci: Graças a Deus, todos esses anos que eu moro aqui as pessoas da minha família nunca foram assaltadas aqui na vila, a não ser o Alisson aquela vez que ele tava de bandeija no parque.

Kethlin: E era lá no parque. Aqui dentro da nossa vila nunca.

Jaci: Até foi tu que tiraram teu celular, né? Mas no ônibus.

Kethlin: Lá no Leopoldina. Eu me sinto muito segura aqui dentro.

Renata: E pra ti, Jaci, quais são os tipos de violência? A gente estava comentando, eu e a

Kethlin, sobre violência simbólica que às vezes existe no discurso do jornal e tudo mais...

Kethlin: As pessoas falam “tráfico é violência”, o que tu acha que é violência?

Jaci: Eu acho que tudo que vem pra ti pra te prejudicar é violência, seja do jeito que for.

Renata: Tipo, seja uma palavra, seja um gesto que não necessariamente te machucou fisicamente...

Jaci: É, eu acho que a gente tem que saber até mesmo conversar, saber responder as pessoas porque dependendo da maneira que a pessoa fala já está gerando violência.

Renata: E por que vocês acham que a violência acontece (essa que vocês citaram)? Não sei se vocês já pararam pra pensar nisso, porque às vezes eu faço umas perguntas que talvez a gente nunca tenha parado pra pensar...

Jaci: Eu acredito que já venha numa estrutura já lá de baixo no alicerce porque se tu vive num ambiente de violência gera violência. Então acho que tudo vai da educação em casa.

Kethlin: A questão estrutural financeira também importa muito. Eu vejo muita gente falando “quem vai pro lado do tráfico vai porque quer”, mas tu que tá falando isso tem comida em casa? Se tem então tu nem pode falar isso porque tu não sabe o que é não ter comida em casa e não ter oportunidade.

Jaci: E vai muito da índole da pessoa.

Kethlin: Com certeza vai da índole da pessoa, mas a questão é estrutural.

Jaci: Às vezes tem uma família que é um casal e 3 filhos e só 1 parte pra violência. Onde entra a índole da pessoa é aí.

Kethlin: O Maurício teve tudo. Na questão financeira né, não a estrutura sentimental, digamos, não faltou nada pra ele, estudava nos melhores colégios, tinha as melhores roupas, e foi pro tráfico. Então isso com certeza vai da índole da pessoa. Mas a questão da estrutura

familiar financeira importa muito porque quanta gente que tem 5 irmãos, mãe desempregada, e tem água, e tem luz, uma série de coisas que a pessoa não tem nem o que comer, não tem o que vestir, aí vai pra aula, chovendo, com frio, vai de chinelo o dia inteiro passando frio, aí vai me dizer que o tráfico é porque a pessoa quer ir, óbvio que não, a pessoa não tem oportunidade e é por isso que tem um monte de criança que é aviãozinho hoje, porque não tem estrutura familiar, porque não tem condição de ir pra escola, não tem condição de vestir, e o tráfico dá oportunidade pra isso. Tem muito filho de papai cheirador, traficante, mas também tem muita gente pobre que tá no tráfico porque não teve outra oportunidade. Porque a gente é pobre, mas não é miserável, a gente tem o que comer, Graças a Deus, a gente tem o que vestir, nunca faltou nada pra gente, mas tem gente que não tem isso, e aí, vai fazer o que?

Renata: E a última pergunta, então, é se vocês já passaram por algum tipo de violência e quais foram, como foi?

Jaci: Eu tô tentando me lembrar... Uma vez eu briguei com o Jorge, briguei de verdade, e é uma violência.

Kethlin: No caso ela não era a vítima. Ou tu era? Foi ele que quis te bater?

Jaci: Não, eu. A vítima era ele. Eu me avancei nele, ele só se defendeu pra eu não agredir tanto, mas eu peguei uma cadeira e toquei nele. E eu agradeço a Deus por não ter me lembrado que naquela época fazia pouco tempo que ele tinha comprado o revólver, inclusive no meu nome, e eu tenho certeza que naquele momento se eu me lembrasse daquele revolver eu ia fazer estrago, coisa pior poderia ter acontecido. Mas isso foi há muito tempo, faz anos.

Renata: Mas assim que nem a gente tava falando que às vezes a violência é uma palavra dirigida... Eu muitas vezes me sinto, claro, em níveis diferentes, mas tu passa na rua e algum homem fala alguma coisa pra ti, pra mim isso é um grau de violência porque de certa forma te machuca em determinado nível. Eu não sei como é isso pra vocês, se esse tipo de coisa vocês também contabilizam nesse grau.

Kethlin: Com certeza. Eu ia falar que as minhas violências todas foram com homem. Eu ia muito em festa só com meninas e eu nunca levei desaforo pra casa então eu mandava tomar no cu, mandava se foder, e muitas vezes não aceitavam e aí eu tinha que botar a minha cara a

tapa porque a gente sabe, isso é química, que o homem é muito mais forte que a mulher, então era só um soco na minha cara que deu, acabou. Mas daí eu escolhia não ficar quieta ouvindo o que me machucava e muitas vezes eu fui na sorte, xinguei porque quando tu deixa e leva de boa o homem já se sente no direito de insistir e ficar te enchendo o saco. Mas faz dois anos que a gente tava na praia, eu e o Leonardo, era ano novo, a gente bebeu bastante, e até hoje eu não sei o porquê porque eu não fiz nada pra aqueles homens que estavam junto, mas eles deram um soco no meu cunhado, deram no Leonardo e me bateram também, isso foi uma coisa de violência que foi muito marcante pra mim, eu quebrei meu nariz, teve toda aquela função. Também presenciei já a questão de eu não ser a vítima porque eu brigava bastante na escola, mas isso é uma questão de que até isso a educação vai porque a minha mãe sempre falou pra mim “não leva desaforo pra casa” e ela é assim e todas as vezes que eu briguei não foi porque eu comecei a briga, foi porque cutucaram a onça com vara curta.

Jaci: Na verdade é muito difícil tu encontrar uma pessoa que não teve um desentendimento com alguém por um motivo ou por outro. Violência gera violência. Quem diz que o calado consente, mas nem sempre, depende do ato.

Renata: Eu muitas vezes me pego sem reação.

Jaci: Não é porque tu ficou calada que tu achou bonito e que tu consentiu aquilo ali.

Kethlin: Infelizmente pro homem sempre é. Ah, teve uma vez também que não fui a vítima que eu dei uns tapas no Leonardo porque ele me mentiu.

Renata: Esses episódios familiares, pelo que vocês contam, são muito espaçados, é uma coisa pontual?

Kethlin: E pode ver que a questão da minha vó, da Jennifer, da minha mãe, até minha é sempre a questão do homem fazer coisa que não é pra fazer. Que a única vez que eu tive contato físico de agressão com o Leonardo foi quando ele me mentiu. A vó o vô deve ter feito alguma cagada pra ela ter se botado nele.

Jaci: Com certeza, ele saiu pros bailes, chegou cheio de razão, peguei uma cadeirinha que eu tinha e voei pra cima dele.

Kethlin: A mãe também já quebrou todos os copos lá de casa no pai. A Jennifer já arranhou todo o pescoço do Otávio com a chave porque ele fez coisa errada.

Jaci: Nesse sentido aí, nós mulheres temos que nos defender até porque não quer tudo bem, cada um pro seu lado, agora vem querer...

Kethlin: Não vem pisar errado aqui.

Jaci: E uma coisa que eu sempre falei pro Jorge, desde que a gente começou a morar junto e casou, “tu é homem pra trabalhar lá fora e trabalhar em casa também e vamo se respeitar”, o importante é isso aí. Então quando quis cagar fora do penico...

Kethlin: Junta a tua bosta. [risos]

Jaci: Acho que as brigas mesmo, no nosso caso de família, foi isso aí mesmo, motivo de ciúmes e tal.

Terminamos antes das seis horas, momento do dia em que a casa começa a ficar movimentada. As crianças chegam da escola, Solange passa para tomar o habitual chimarrão. Como estava chovendo, fico esperando um pouco. Nisso, conversas muito interessantes surgiram. Jaci, se demonstra muito interessada em mim: pergunta como é meu trabalho atualmente. Eu explico. Ela sai para fazer algo com as crianças e volta, pergunta mais coisas sobre mim, mas dessa vez o assunto não se prolonga, há outras pessoas no espaço e o tema se esvai. Tomo um chimarrão que me é oferecido, Kethlin fala: “viu Rê? Essa hora que o pessoal começa a chegar”. Lavo a xícara na qual tomei café (algo que antes elas faziam questão de não deixar), o que me faz perceber a aceitação delas em relação a mim não mais como uma estranha, ou quase. Noto que a chuva se tornou mais amena e digo que vou indo. Elas me oferecem uma sombrinha emprestada, afinal, a chuva não cessou por completo. Em um primeiro momento digo que não precisa, elas insistem e eu logo aceito. A sombrinha está pendurada na área de casa, Kethlin olha para mim e diz: “Rê, pega tu que tu é mais alta”. Aos poucos percebo cada vez mais naturalidade no comportamento. E isso é ótimo.

APÊNDICE G – DC DE 22/10/2019**Manhã do dia 22 de outubro de 2019 – Zona Norte de Porto Alegre**

Nesse dia cheguei por volta das 11h30. Estava marcado para as 10h, mas tive problemas com o transporte público e acabei me atrasando. Fui recebida com o mesmo carinho de todas as outras vezes. Kethlin já estava se preparando para sair para o curso de menor aprendiz que começou a fazer. Assim, ela almoçou rapidamente, mas não sem elogiar a comida da avó, e saiu. Ficamos eu e Jaci. Eu sentada no “meu lugar” na ponta da mesa, e ela no fogão, às voltas com o almoço. Não demora para tudo ficar pronto e ela me oferecer. Já havia comentado que era vegetariana, e por isso ela preparou dois ovos cozidos para mim. Comi arroz, feijão, massa, salada e os ovos, tudo muito bem temperado. Ela insiste para que eu coma mais, mas já estou satisfeita. Tudo isso se dá com a televisão ligada no noticiário local, da Record, e com ela tecendo comentários sobre o que vinha sendo apresentado. Ela demonstra, apesar da pouca escolaridade, ter uma visão bastante crítica do que lhe é apresentado. **Entrevista abaixo.**

Renata: Então, vamos lá! Muito obrigada pelo almoço, estava uma delícia!

Jaci: Capaz, tá em casa, tu sabe que pode vir pro almoço, pra janta, pro café da tarde...

Renata: A gente já conversou um pouquinho e já deu pra perceber que as relações familiares são muito fortes pra vocês. E eu queria entender melhor: pra ti, o que é a família? Daqui um pouco é a tua família de sangue, daqui um pouco é mais os agregados. O que tu definiria como família?

Jaci: Como tu disse, a gente é muito família. Quando a gente tá todo mundo junto, no caso a minha família de sangue e a minha família religiosa e os outros que chegam que também fazem parte da família, eu não tenho diferença, da maneira que eu trato os meus é o mesmo da família religiosa. Se eu tiver que brigar, eu brigo. Se tiver que falar, eu falo. Se tiver que puxar a orelha, eu puxo de todos eles. Graças a Deus a gente é muito unido nessa parte aí, principalmente quando um tá com dificuldade seja no que for. Até às vezes eu sou chata porque, é que nem eu falo pra eles, eu não quero saber tudo da vida de vocês, mas aquilo que eu posso ajudar eu quero e preciso saber. Até mesmo quando é pra ir no médico, uma coisa

assim, quando tem alguém doente, primeiro a gente vai, claro, correr pro médico, mas a gente tem que também usar a nossa crença nos nossos pais, nossos guias e correr na terreira pra nem que seja acender uma vela. Então, é que nem eu digo pra eles, eu não quero me meter e nem quero que vocês me contem tudo que acontece com vocês, só aquilo que cabe a mim e que eu posso resolver. Aí eu fico até braba e brigo com eles mesmo quando já estão lá no médico e daí que avisam, que nem esses dias eu falei pra Andressa, já fazia dois dias que ela tava correndo com a guria pra baixo e pra cima, não sabia o que que era, o médico achava que podia ser meningite, podia ser refluxo, daí eu disse pra ela “por que tu não me ligou? Só mandava um áudio pra mim que depois a gente ia acompanhando”, claro, eu entendo porque é mãe de primeira viagem, mas digo “não faz mais isso. Então, o que que eu tô fazendo aqui se não é pra ajudar vocês?”. Eu tô aqui pra ajudar, aí na hora que é pra correr pra mim, pelo menos mandar alguém ligar, então pra mim a família é isso aí, é não ficar se metendo na vida particular uns dos outros, mas dentro daquilo que cada um pode resolver, de uma maneira ou de outra, eu tô em cima sempre.

Renata: Isso inclui até pessoas que não são necessariamente de sangue, digamos assim?

Jaci: Exatamente. Pra mim mesmo que não seja de sangue mas tá ali. Eu sou muito de me apegar às pessoas. Claro que tem pessoas que a gente se dá mais, seria canalhice da minha parte não reconhecer isso. Uns de cara tu gosta, outras pessoas não. Tu já gosta mas não é tudo aquilo. Mas na parte de ajudar espiritual ou materialmente eu tô sempre pronta pra qualquer pessoa. As gurias até ficam brabas comigo porque muitas vezes elas dizem “fulano não merece; tu tá sempre passando a mão por cima e correndo e querendo ajudar”, mas não é questão de merecer ou não, eu faço a minha parte. Se amanhã ou depois aquela pessoa fizer de conta que nunca passou pela minha casa, a gente nunca conversou, nunca sentou na mesa pra gente tomar um cafézinho, eu sei que foi, então, dentro da maneira do possível e no que eu posso ajudar, eu ajudo. E vou continuar.

Renata: E tu acha que existe algum tipo de família ideal? Tipo, como ela seria, “família é pai, mãe, é isso” ou se existe esse ideal e como ele seria pra ti?

Jaci: Eu acho que existem pessoas que isso é um tipo de gente que se importa só com si mesmo. Eu conheço algumas pessoas que... vamos supor uma família do casal e 3, 4 filhos, o máximo é a vó e o vô e já nem tanto com os tios. Se tiver que fazer uma festinha pra toda a

família, digamos, ou pra convidar a família eles preferem ir só eles, “vamos festejar nós, vamos numa pizzaria, numa churrascaria”, coisa assim. Eu acredito que isso aí sejam aquelas pessoas que pensam só em si e que acham que não vão precisar do outro, da outra família no caso, e tudo gera em volta de mãe, pai e filho, alguns salvam avó e vó. Eu conheço gente assim. Na verdade, tudo pode existir, tudo pode acontecer de diferente numa família. Uma família se apega mais, a outra não estão nem aí pra si, a outra é só a família ali. Então, eu acho assim que esse tipo de coisa pra mim jamais serviria, mas de jeito nenhum.

Renata: E tu acha que pessoas assim, por exemplo, casal homoafetivo é uma família? Por exemplo, dois homens e um filho adotado.

Jaci: É uma família. A partir do momento que tu tá convivendo com uma outra pessoa, mesmo que não tenha filho, já é uma família, está formando uma família, independente do filho ser teu ou não. Tu sabe que teve uma época que eu tava louca pra pegar uma criança, as gurias não tinham criança, e eu “vou adotar” porque tem que ter criança. Nós, seres humanos, temos que ver o seguinte: o futuro de amanhã é as crianças de hoje, então aquilo que tu tem de bom pra ti, mesmo se a criança não queira seguir, mas pelo menos tu passa, porque tudo que a gente sabe de bom quer passar pras outras pessoas, o dia que tu partir tu sabe que tu deixou alguma coisa teu, que foi bom pra ti e que poderá ser bom pra outras pessoas, então eu acho que tem que expandir.

Renata: E tu acha que esses diferentes tipos de família que a gente tem hoje em dia, dos mais diversos, eles trazem algum tipo de problema pra sociedade? Ou trazem algum tipo de coisa boa, de repente?

Jaci: Eu acho que o problema, não digo que vai ser um problema, só que a gente tem que ver que poderia ser melhor, que nem tô te falando, aquilo de bom que tu tem contigo, que tu acha que tu passa para outra pessoa tu quer que expanda, que cresça, que nem o fermento de um pão, se tu vai dividir aquilo ali em bolinhas vai aumentando. Pra mim isso aí seria egoísmo da pessoa, e traz um mau sentimento pra sociedade porque tu vai ficar só pra ti aquilo ali.

Renata: Tu diz não ter filhos e não adotar, não passar adiante, digamos assim?

Jaci: Não, eu acredito que a pessoa tem que ter. A gente vai passando de uma certa idade, tem

que ter uma criança pra formar uma nova geração. Independente se for sangue ou adotado.

Renata: Então tu, por exemplo, assim, o fato das pessoas terem uma família, sei lá, duas mulheres ou dois homens, isso pra ti não traz problema nenhum?

Jaci: Não. A gente busca aceitar muitas vezes, porque tu sabe que nós seres humanos, depende da pessoa, eu pelo menos, vou te falar bem sincera, antigamente eu achava meio estranho, não que não aceitasse, achava estranho, mas a vida tem altos e baixos, deixa correr.

Renata: Tu já descreveu um pouquinho de como é a dinâmica da tua família, de vocês aqui, e qual que é a importância pra ti da tua família?

Jaci: É tudo. Digamos assim, é que nem uma semente que tu joga, espalha e quer ver crescer. E crescer o caráter da pessoa porque eu acho bem fundamental a pessoa ser honesta, ser sincera. Muitas vezes a gente tem que engolir algum sapo pra não brigar, não dar discórdia. Pra mim a família é a base de tudo.

Renata: E tu acha que tu aprende com a tua família?

Jaci: Com certeza. Eu aprendo até a mexer no celular, que eu não sei, porque eles me ensinam. Uma coisa é certa, tem muita coisa que tu escuta, ouve, aprende naquele momento ali e depois, eu sou assim. Da parte do aprendizado, do ensinar, sim.

Renata: E até acho que a Kethlin tava conversando, comentando dia desses que às vezes as conversas mesmo que vocês têm sobre a representação na novela, sobre várias coisas tu acha que tu também aprende com a Kethlin, com a Kellen?

Jaci: Com certeza. Com a Kethlin, com a Kellen, com a Jennifer. Aprendi e aprendo muito com as minhas filhas, e com as minhas netas continuo a mesma coisa.

Renata: A gente já conversou um pouquinho também sobre a tua relação com as mídias, eu só queria voltar um pouquinho nisso, que tu comentou então que o jornal e rádio vocês não vêem muito, tu é mais da televisão e agora do celular. E como é que tá presente, assim, tu tinha me comentado, se eu não me engano, que tu acorda e já liga a televisão.

Jaci: Não, eu durmo com a televisão ligada. É vício. [risos] E se eu tô dormindo e alguém entra no meu quarto e desliga eu me acordo. É uma mania, um vício, alguma coisa assim. Isso não é de agora, é há anos assim.

Renata: Em que canal tu deixa quando tu dorme?

Jaci: Eu deixo no 12 porque no 2 e no 4 tem esses evangélicos. Eu acho, assim, que eles falam muita coisa que não é verdade porque eles criticam muito a nossa religião, então, aquilo ali pra mim não me serve. Até porque a maioria dos pastores, aquela gente ali da Igreja, já foram batuqueiros. Vamos supor se amanhã ou depois eu não quiser mais seguir a religião por um motivo ou por outro, por que eu vou malear aquilo que eu fiquei anos? Por que a partir daquele momento não presta? Inclusive, eu falei, teve umas pessoas que eram da minha casa, da minha Umbanda, e saíram. Digamos assim, até ontem, e daí depois eu fiquei sabendo que comentaram alguma coisa, que não era certo, isso e aquilo, por que até ontem eu era perfeita, eu era boa? Como é que uma pessoa vai deixar de ser boa de um dia pro outro? Como uma pessoa vai deixar de ser o que é, o que foi pra ti, no caso, e te ajudar material, espiritual, financeiro, independente do que for, como no outro dia aquela pessoa já sai falando? Que nem alguns saíram e falaram. Eu, o dia que eu tiver que sair, que na verdade eu saí da primeira casa de Umbanda que eu fui, eu não saí maleando, não foi porque tava ruim nem pela conduta do chefe, não foi por isso que eu saí, eu saí por minha vontade e porque ficou difícil pra mim pela distância, por causa dos filhos, na época a religião exigia demais de mim de ter que frequentar a sessão todas segundas e sextas e sexta a gente chegava lá e já tinham resolvido ir pra mata no outro dia de manhã; e o meu trabalho? Na época, quando eu tava lá, que eu trabalhava na Coca-Cola, eu trabalhava de segunda a sábado. Então, eu não podia ir na sessão sexta e chega lá tá decidido que temos que ir pra mata, e o meu trabalho? Então foi da onde eu saí de lá dessa terreira onde eu tava. E na Nação eu saí, mudei de casa, no caso, porque o Pai de Santo faleceu, mas até equanto existiu foi bom pra mim. Digamos assim que alguma coisa espiritual ele deixou a desejar, não é porque ele é faleceu que eu vou dizer que ele era perfeito em tudo. Não que ele não fosse bom na religião, mas ele não passava, não ensinava, a gente ficava meio excluída do lado de cá, muitas vezes tinha a obrigação e ele nem falava nada pra nós, quando a gente via já passou, ou quando a gente sabia antes e dizia “a gente vai” ele dizia “não precisa porque é pouca coisa, é só umas galinhas” e tem muitos Pais que não, mata uma galinha, o filho que é interessado e que quer tá lá pra aprender. Daí quando esse Pai de Santo

faleceu eu fiquei uns dias na casa do Padrinho pra lavar a cabeça, aquela coisa toda...

[Entrevista interrompida pela chegada de Giovanna (criança) e Jennifer (a mãe), diálogo com elas enquanto esquentam almoço e Jaci pausou para estender roupa]

Renata: A gente tava falando da televisão...

Jaci: É, eu durmo com a televisão ligada, Renata. É costume, é mania, sei lá, é vício. É uma lâmpada acesa dentro de casa sempre, e na rua normalmente fica ligado também, e a televisão ligada.

Renata: E quando tu acorda tu muda de canal ou tu fica no mesmo?

Jaci: Não, eu fico dando uma olhada, não mudo de canal, muito difícil, só de manhã quando termina o jornal, se tá no 2 continua o jornal e vai até às 10h, aí se eu tô lá em cima e descer eu desligo lá e ligo aqui. Normal.

Renata: Onde tu tá tem a TV. E aí tu tava comentando que tu sempre gosta de ver o jornal...

Jaci: É, principalmente o jornal. Não sou muito de ficar olhando filme, gosto mas é uma coisa que te prende ali, tu tem que prestar atenção, e a notícia se eu tiver que ir na sala ou no banheiro eu vou estar escutando igual.

Renata: E a novela que tu comentou que agora tu tá assistindo é a Escrava Isaura, tem mais alguma outra?

Jaci: Muito difícil eu olhar outra, mas a televisão fica ligada. Porque em seguida que terminam essas duas novelas no 2 vem o Cidade Alerta lá de cima, de São Paulo pra lá

Renata: E tu gosta de assistir também esse?

Jaci: Gosto. Eu gosto de ficar inteirada das notícias daqui e lá de cima. Daí uma puxa a outra.

Renata: E como é que é hoje em dia a tua relação com o celular?

Jaci: Hoje eu tô mais amiguinha dele. [risos] Quando eu tô lá em cima de tarde que termina a novela e tem a outra que eu não sou muito ligada nela, aí eu vou mexer no celular – alguém me mandou um áudio, eu respondo, dou uma olhada no face, mas eu não sou muito do face, gosto de olhar as notícias mas não sou muito ligada também.

Renata: Mas então é mais WhatsApp e o Fabebook? E WhatsApp já tá craque

Jaci: Ah, tô quase, ainda tenho alguma coisa pra aprender.

Renata: A gente tava até conversando esses dias, por exemplo, hoje em dia tem a Maju no jornal, a representação das mulheres, especialmente das mulheres negras vem mudando, a representação do cabelo, hoje em dia tem muito mais cabelo cacheado...

Jaci: Fizeram um penteado na Maju que ficou horrível, o cabelo dela tava melhor.

Renata: Eu não vi como é que era o penteado.

Jaci: Não viu? Aí agora fizeram uma coisa lá em cima, um black, lá em cima né, eu gostava mais do cabelo dela como era antes, mas tudo bem, ali é a parte que demonstra mesmo o que nós negras somos e eu até nem tô alisando mais o meu cabelo pra ficar bem raça. [risos] Na verdade, a única repórter e apresentadora agora é a Maju.

Renata: Tem essa questão assim da representatividade, mas de uma maneira geral, assim, tu acha que a TV ou as mídias elas te ajudam a formar teu posicionamento, por exemplo, que a gente conversa bastante sobre política? Tipo, o que tu vê no jornal sobre o Presidente da República, por exemplo, o que tu vê no jornal sobre as políticas daqui, tu acha que todos esses noticiários que tu vê te ajudam, de certa forma, a entender?

Jaci: A entender melhor a parte da política, até mesmo sabendo que virando e mexendo são tudo uma corja porque na parte de ajudar o ser humano em geral no mundo, a gente depende de tudo deles, e tá cada vez pior, eu fico muito triste com esse lado aí porque a gente sabe que poderia ser melhor, a gente sabe que eles poderiam ter um governo melhor, uma administração melhor porque só eles estão enchendo o bolso e o pobre cada vez pior. O

salário mínimo uma vergonha, cada vez que sobe é 30, 40 reais. E olha as coisas, tu vai no mercado num mês, no outro tu vai, compra as mesmas coisas e gasta mais, então quem é que tá lucrando com tudo isso? Quem é que tem uma boa vida? Só aqueles que podem roubar pra si mesmo. E tá na cara estampado mundial e ninguém faz nada, isso me deixa muito... a gente não consegue resolver nada.

Renata: E nessa questão da representatividade, tu acha que vem mudando também? Que as mídias vêm apresentando, ainda que pouco, outras formas de representação, por exemplo, que nem a Maju, e tu acha que isso impacta de certa forma também no modo como as pessoas veem, que isso vem ajudando as pessoas a pensar?

Jaci: Na verdade, a gente sabe que eles lá em cima sabem o que podem fazer a mais pra mudar, só que eles não estão nem aí e pra eles não faz diferença, do jeito que está tá bom, eles estão lucrando e levando igual. E tu pode ver, na parte da raça tem a Maju, e qual é o outro apresentador? Tinha aquele o Eraldo, mas cadê o Eraldo? Na parte negra não tem. Qual é um outro canal que tem um negro apresentador? É só a Maju no 12. E tu não acha que tem jornalistas bons negros “escondidos”? E tem agora no 12 a Fernanda, mas é há pouco tempo também. No 12 daqui, nossa repórter daqui. E aquele outro o Manoel Soares que tava aqui e foi lá pra cima. E cadê outros? E o resto?

Renata: E nas novelas, tu vê alguma questão de representatividade das pessoas negras, se a gente for parar pra pensar?

Jaci: Parar pra pensar, tô tentando catar um negro... Não tem, e onde tem é só na cozinha, limpando o chão, eles não botam... Até tinha a Taís Araújo que eu nunca vi ela fazer papel de faxineira ou cozinheira, mas agora... Tem nessa novela aí das sete e meia, Bom Sucesso, tem uns negão lá, uma família morena, mas não é mais do que isso. Muito pouco. Vamos supor assim, um elenco de novela metade morena e metade negra, ou que não fosse metade mais um pouquinho mais, mas quando tem dois, três é muito, e tem algumas que nem têm nada.

Renata: E tu te vê de alguma forma representada nas mídias, seja em novela ou em telejornal, alguma coisa assim, tu te acha?

Jaci: Não.

Renata: E como a gente tava conversando já de alguns casos, especificamente das mulheres, tu acha que como elas são representadas é da forma adequada? Não é? Sempre foi assim?

Jaci: Na verdade, há um tempo atrás, a mulher em geral, independente de cor, não opinava em nada. E muita pouca diferença que tem agora porque, tu pode ver, na politicagem mesmo, dá pra contar nos dedos a mulher que tem. E ainda mais agora com esse Presidente louco aí, cada vez pior. Ele é autoritário, ele é machista. Que nem aquela vez que ele teve se pegando com a jornalista do Jornal Nacional, te lembra? Mulher pra ele é fogão e tanque. A gente não vê uma luz lá no fundo do túnel que possa dar direitos iguais à mulher tanto quanto o homem. Com essa administração que nós temos? Não tem mesmo nesses 4 anos. E esse idiota já tá se vangloriando achando que vai até 2026, que nem aquele negócio que ele se negou de dar um papel lá pro cantor aquele...

Renata: Chico Buarque, eu acho, né?

Jaci: É. Ele se negou de dar. Disse que só no final de 2026, que daí ele tá achando que vai se reeleger, ele tá contando com isso. E eu não sei se não vai, porque o povo é muito tapado.

Renata: E tu acha que as mídias contribuem de alguma forma pra educação das pessoas? Porque?

Jaci: Acho que sim porque acho que as pessoas são muito de, tipo, pagar pra ver. Estão se ralando mas estão gostando.

Renata: E tu acha que as mídias ajudam a mostrar alguma coisa que faz as pessoas daqui um pouco terem uma percepção diferente, aprenderem alguma coisa?

Jaci: Com certeza.

Renata: E tu acha que isso pra ti também, o modo como tu te posiciona, de repente o que tu acha bonito, feio, tem um pouco a ver com o que tu vê, com o que tu aprendeu nas mídias?

Jaci: No caso, assim, não que eu seja melhor que ninguém, mas eu não sou muito de ir pela

mídia, eu vou pra aquilo que, eu posso estar errada, não vou dizer que não, mas eu sou mais de ir por mim mesma e pelo que eu vejo no dia a dia dos meus filhos e aquelas conversas que a gente tem. Porque, do jeito que nós somos, pobre como a gente é, pela mídia não dá, não tem como. Posso até estar errada, e alguma coisa quem sabe se eu acato também da mídia, mas não...

Renata: Mas tu acha que serve pra pensar?

Jaci: Pra pensar, pra tu te decidir, sim. Tu vê alguma coisa na mídia, tu vai ver mas aí eu acho que tu vai acatar aquilo que tu acha que é bom pra ti, e muitas vezes o que é bom pra mim não é bom pra ti.

Renata: E aí vocês costumam conversar também né, a gente tava comentando...

Jaci: É. A gente sempre conversa. A Kellen é muito politqueira, né Jennifer? [risos] A Kellen, vou te contar, ela fica fuçando no celular tudo que é coisa, e ela é assim, a gente é, mas ela é mais, chega a ser doente até. Toda essa lei desse governo aí é, ela é muito petista, sempre foi. E a gente sempre tá conversando também sobre isso aí.

Renata: E, assim, sobre a questão, por exemplo, que nem tu comentou do penteado da Maju, esteticamente falando, tu acha que as mídias, em geral, trazem algum... Essa representação que as mídias fazem das mulheres, especialmente das mulheres negras, elas trazem algum benefício? Elas ajudam a pensar nessa questão do natural ou de se aceitar?

Jaci: Nessa parte aí, realmente, depois que deu, um tempo atrás, uma reviravolta sobre o racismo, que teve uma época que estavam muito debatendo sobre o racismo, e muita busca nas cidades mais pra fora, nas periferias, bairro mais pobre, pegar muita gente boa, modelo que vão pegar lá do barro, porque todo mundo sabe que lá na parte pobre como na parte rica tem, só que a parte pobre não tem como subir porque totalmente discriminada, muitos porque são pretos ou se não tem condições financeiras pra acompanhar ficam esquecidos e cada vez pior porque muitas vezes a pessoa quer crescer e não tem oportunidade.

APÊNDICE H – DC DE 06/11/2019**Tarde do dia 06 de novembro de 2019 – Zona Norte de Porto Alegre**

Renata: A primeira pergunta de hoje é como tu descreveria, como é que foi a tua infância?

Kellen: A minha infância foi bem tranquila. Eu olhando ela agora, teve conturbações, como todo mundo, mas foi tranquila. Teve bastante amor da mãe, do pai, da minha vó. Foi sofrida também porque a mãe me deixava com a minha vó, a vó morava no Passo das Pedras e a mãe morava ali no Planalto, tinha um apartamento ali, e aí eu ficava de segunda a sábado com a minha vó e a mãe me buscava sábado de noite e eu ficava domingo com ela. Mas, também, como naquele tempo as pessoas faziam bastante hora-extra, e não tinha esse controle que tem hoje, às vezes ela tocava duas, três semanas direto. E aí quando a gente não aguentava mais de saudade ela pegava a gente de tardezinha, quando saía do serviço, aí ficava só aquela noite, e aí o outro dia de madrugada meu pai trazia nós de novo porque os dois trabalhavam, aí levava a gente pra vó de novo. Naquela época eu achava bem ruim. Hoje não, hoje eu vejo que ela fez um esforço que talvez outra mãe não faria, simplesmente largaria com a vó, mas não, ela fazia questão de participar, de levar as coisas pra gente comer, de nunca deixar faltar nada. Era uma época bem difícil de dinheiro, pior do que a gente é agora porque agora todo mundo trabalha e tem, mas antes era tudo com eles, no caso, com ela e com o meu pai. E aí eu me criei um pouco lá no Passo das Pedras, depois a gente foi pra Alvorada, pra Viamão e aí lá ficou melhor porque ela comprou uma casa lá, minha vó comprou uma casa ali na mesma rua, um pouco mais pra cima, aí a gente se via todo dia. Pra mim aquilo era maravilhoso porque até os 7 anos eu não tinha essa convivência diária com a minha mãe porque ela precisava trabalhar. Aí eu adorei quando a gente foi pra aquela casa que tinha quarto pra mim, quarto pro meu irmão, a casa era super grande, e a gente vinha todo dia. Eu me lembro que eu acordava, arrumava a casa, subia pra minha vó, almoçava, me arrumava pra ir pro colégio, voltava do colégio que era de tarde, dava mais uma ajeitada na casa e daqui a pouco ela já chegava. Pra mim aquilo foi muito bom. Aí depois, logo em seguida, dois anos depois ela teve uma gestação bem complicada, que ela perdeu um bebêzinho que foi até o final da gestação, daí eu lembro que ela entrou em depressão depois disso, ela ficou com um trauma de grávida, ela não pode ver uma pessoa grávida, ela fica em cima, principalmente se é da família, ela tem todo o cuidado com a gravidez, a gente teve quatro, eu e a Jennifer, e ela quase surtou com quatro gravidez porque ela ficou com esse trauma pra ela porque como foi até o final teve todos os trâmites de velório, enterro, tudo, e ela ficou bem chocada com esse acontecimento

na vida dela. Daí no final da gravidez ela vai ficando mais estressada, mais apreensiva, “tem que ver se essa criança não mexeu”... E teve meu irmão, que a gente tem dois anos de diferença, a gente brincava bastante, naquele tempo que dava pra brincar, andar de bicicleta na rua até tarde, brincar com os vizinhos e foi bem tranquilo, não teve, graças a Deus, nenhum trauma dessa época, foi bem tranquilo.

Renata: E a Jenni veio depois então, desse período?

Kellen: A Jenni veio aqui, onde a gente mora agora. E seguiu a mesma coisa. Quando a gente veio morar aqui a mãe tava grávida dela e seguiu o mesmo ciclo, a mãe ganhou o bebê, a minha vó cuidava, daí eu já cuidava que eu já tinha nove anos. Eu cuidava tanto da minha irmã que com sete anos ela me chamava de mãe. Lá no colégio era bem complicado porque ela vinha “MÃE, MÃE” e as gurias tudo folgavam em mim porque “ó, tua filha já vem vindo” e eu dizia “para de me chamar de mãe, tá queimando meu filme” [risos] me chamando de mãe no colégio, porque adolescente não quer saber disso né, e eu lembro que a mãe cansada do serviço, não aguentava acordar e cuidar dela, porque ela era bebêzinha, aí eu me acordava, eu cuidava dela, eu fazia mamã de madrugada, trocava frada, eu embalava se tivesse cólica, era eu que fazia tudo. E a mãe cansada do serviço porque tem aqueles quatro meses que era da licença e depois tu tem que voltar à tua vida normal. E ela sempre saiu muito cedo, tipo 5h da manhã, aí ela saía pro serviço, o pai saía um pouco mais tarde e a gente ia pra vó, graças a Deus também depois a gente sempre morou perto...

Renata: Morava ali embaixo, né?

Kellen: Sim, ela sempre procurou fazer isso porque ela viu como era sofrido morar longe de ter que fazer toda essa viagem pra largar com a vó pra poder cuidar. Então, depois disso, ela, a partir dos meus sete anos, ela sempre procurou ficar perto pra até olhar nós. E a vó cuidou de nós até morrer, ela era a minha segunda mãe, era aquela pessoa que a mãe dá o tapa e ela passa a mão por cima. Essa é a minha vó materna, com a minha vó paterna eu não tive toda essa convivência porque ela morava longe, procurava pouco a gente, a gente também procurava pouco ela porque sogra né, a mãe sempre teve uma rixa com ela que minha vó não queria que ela casasse com o meu pai e tal. E daí a Jennifer veio depois, nós duas somos muito amigas, a gente fez um laço bem forte eu e ela, também participou da minha infância e adolescência porque eu tinha nove anos então é infância ainda e a gente fez um laço bem legal

de irmã companheira, bem bacana.

Renata: Tu já citou vários lugares que tu morou. Tu veio pra cá com 9 anos, mais ou menos. E desde então, morou sempre aqui. Como é que tu descreve essa comunidade? Como tu descreveria o que mudou ao longo desse tempo?

Kellen: Não mudou quase nada, na verdade. O asfalto demorou anos pra chegar e agora que chegou já está todo esburacado e ninguém arruma. Falta uma creche comunitária que não tem aqui. Tem algumas pela volta, mas aqui na nossa vila não tem. Tem uma ali no final da rua 1, tentei botar meus filhos ali mas não é fácil porque ali é 100% gratuito e dizem que é muito boa a creche, mas eu não tive acesso porque é uma fila enorme e eu precisei colocar em uma outra porque eu já precisava voltar a trabalhar, aí eu coloquei numa conveniada com a prefeitura, que tu paga um pouco, que não é tão pouco assim porque é 400 reais né, e a prefeitura paga o resto, digamos assim. Depois de muito tempo veio o mercado ali pra cima, que é relativamente perto de casa mas tem pouca variedade de coisas, é um mercadinho bem escasso. Eu acho que foi isso. O que mais acrescentou do tempo que a gente veio pra cá é comércio que tinha pouco, agora tem mais. O posto de saúde sempre foi o mesmo, que é lá em cima, dá pra ir a pé, mas não é perto da minha casa, eu acredito que pela quantidade de gente que tem aqui devia ter pelo menos dois porque o próximo que tem é lá no Rubem Berta que já atende a população do Rubem Berta que também é gigantesca. E não mudou quase nada.

Renata: E, assim, de segurança das pessoas que moram em volta, como é que é, existe alguma união das pessoas que moram em volta? Os vizinhos são os mesmos há muitos anos...

Kellen: Os vizinhos são os mesmos há muitos anos e eu vejo bastante união. A vizinha agora teve que cuidar da mãe, a Carmem ali, ela vai cuidar da mãe dela, a gente olha a casa dela, ela fica muito doente, interna bastante, deixa a Fernanda, a gente olha a Fernanda, leva um pratinho de comida, pergunta se ela tomou banho. A gente nota que ela é a mais carente, digamos assim. Todo mundo é carente aqui, mas ela é um pouco mais. É viúva, mora só ela e a filha, então eu vejo todo mundo dando uma força pra ela. Chega no aniversário da Fernanda a gente leva uma lembrancinha porque ela adora, fica faceira, ela é especial né. E quando a gente vem descendo da parada se vem algum vizinho junto eles mesmos já vêm conversar com a gente porque ali em cima na parada tem bastante assalto porque ali acaba sendo zona de ninguém porque não pega nem a Cohab nem a nossa vila, então os assaltantes vão ali e

pensam que vão roubar só gente que mora naquelas casas melhores, boas ali, então ali tem bastante assalto. Segurança não tem quase nenhuma. De vez em quando passa um carro de polícia quando tem tiroteio, faz tempo que não tem, mas às vezes tem. E a gente se sente bem insegura, eu tenho medo de descer ali em cima, ali embaixo já não tenho porque ali é no meio da vila então eu venho a hora que for dali e eu não sinto tanto medo como aqui em cima. Quem precisa passar ali por cima sente muito medo. Por exemplo, se eu preciso vir da Sertório, eu só posso descer ali, e aí sim eu peço pro meu marido me buscar ou o meu irmão, meu cunhado, quem tiver por casa porque depois das seis horas ali eu e toda a população sente medo de descer ali.

Renata: Se sente muito mais seguro dentro da vila do que fora...

Kellen: Com certeza. Eu moro aqui há 27 anos e eu nunca ouvi dizer que alguém tenha sido assaltado ali. Já ouvi dizer de descer do ônibus e ter tiroteio e tu sentir medo também porque tu não sabe de onde vem a bala. Mas assalto com morador eu nunca ouvi falar.

Renata: E como foi a tua formação escolar? Como foi frequentar a escola pra ti, em quais colégios tu estudou, como era, quais eram as tuas matérias preferidas, depois da escola o que tu fez?

Kellen: Eu comecei a estudar lá entre Viamão e Alvorada, era Vila Elza. Ali foi bem bom a iniciação tive uma professora de primeiro ano bem legal. Eu acho que quando eu vim morar aqui, que lá foi a primeira e a segunda né, entrei na terceira aqui, daí foi um pouco mais difícil, daí eu tive bastante dificuldade. Eu sempre tive bastante amigas meninas, os meninos eu achava eles mais cruéis. Naquele tempo eu não alisava o cabelo, ele era bem black e as pessoas nunca aceitavam muito, eu acho que é por isso que até hoje eu aliso, nunca parei, e daí eles chamavam a gente de cabelo de bombril, aquelas coisas que criança faz né, aí foi um pouco mais difícil, mas como eu tive bastante amiga, sempre me relacionei bem com as pessoas, as meninas me defendiam, a professora me defendia, mas é uma coisa que sempre chateia. Fiz até o quinto ano ali no meio da Rubem Berta, ali no Júlio Brunelli, e depois eu fui pro América. No América eu já tava entrando na adolescência, já tava me enturmado mais, já me achava mais bonita, já alisava o cabelo e aí já foi um pouco mais tranquilo. Foi a minha fase pré-adolescente que foi mais complicada, que agora chamam de bullying o que as crianças sofrem. Depois eu fiz ali até a oitava série e aí eu parei de estudar porque eu cuidava

da minha vó que veio morar aqui, minha vó paterna, e ela precisava de uma pessoa, uma cuidadora mesmo porque ela já não conseguia levantar, não conseguia tomar banho sozinha, e o meu pai precisava de uma pessoa pra cuidar. Daí ele disse que pagava pra eu cuidar, aí eu aceitei e parei de estudar. Fiquei um ano sem estudar. Daí minha mãe disse “não, ela tem que acabar, falta uma série pra ela acabar o primeiro ano e falta o segundo grau; vamos terminar esse segundo grau”. Aí eu comecei a estudar de noite que daí eu fazia tudo que eu tinha pra fazer com a minha vó durante o dia e deixava ela arrumadinha, prontinha pra dormir e ia estudar. Aí nesse ano que eu fui estudar, eu tava com 17 anos, eu me encontrei grávida, e foi um susto bem grande, foi um baque bem grande e a minha mãe disse “mesmo estando grávida tu vai terminar o estudo porque tem que estudar” e, imagina, a mãe tem a 4ª série e ela tinha consciência que o estudo era importante. Daí eu terminei o primeiro grau grávida. Não, o primeiro e um pedaço do segundo porque eu fiz seis meses, depois eu fiz mais os outros seis e ganhei. Porque eu fiz três meses pra acabar a oitava série, digamos assim, pra terminar o primeiro grau. E aí depois seria mais um ano, seis meses e mais seis meses pra terminar o segundo grau.

Renata: Tu fez EJA?

Kellen: Não, na época era supletivo mesmo, não tinha EJA ainda. Aí eu terminei. Eu vi já o EJA, meu primo fez o EJA e não era nada parecido, era bem puxado o meu supletivo, não era tão fácil como é esse EJA aí, achei mais fácil, pelo menos, que o meu. E aí a Kethlin nasceu faltava pouquinho, uns três meses, pra eu acabar o segundo grau e eu consegui. A mãe olhava ela pra mim e eu terminei o segundo grau. Depois que terminei eu comecei a trabalhar bem contra a vontade do meu pai que não queria que eu fosse trabalhar de jeito nenhum, tive que brigar com ele pra ir trabalhar porque um pouco machista que “não vai faltar nada pra ti e pra tua filha” porque eu não casei né, o Michel era menor, aí a gente achou melhor não casar. Daí eu fui trabalhar contra a vontade do meu pai, botei a Kethlin na creche e fui. Daí depois que ela já tinha uma certa idade eu fui morar, no mesmo bairro né, duas ruas pra cima, fui morar com ele ali de aluguel, o que não durou nem um ano porque só ele trabalhava pra sustentar a casa e a gente se separou. E daí meu pai tinha pago o aluguel pra mim dois meses adiantado e daí eu disse “não, eu vou ficar aqui até acabar o prazo que eu tenho de aluguel, depois daí eu volto pra casa da mãe” porque não tem o que fazer. Nesse meio tempo eu consegui trabalho na farmácia onde eu trabalhei de vendedora por sete anos e onde eu me formei também porque aí eu fiz o técnico de enfermagem e nesse meio tempo a mãe e o pai ficaram

incomodando porque eles ficavam muito preocupados de eu ficar ali sozinha e tal, nesse meio tempo também achei um namorado que de vez em quando ficava ali em casa, mas mesmo assim a mãe não queria, queria que eu voltasse pra casa porque ela ficava preocupada e tal, era um gasto a mais, eu não ganhava tão bem assim, aí eu voltei pra casa. E aí quando eu voltei fiquei um tempinho aqui, terminei com esse meu namorado e voltei com o pai da Kethlin, aí a gente foi morar lá na casa da mãe dele...

Renata: É aqui na mesma rua, né?

Kellen: Na mesma rua pra cima ali. Aí a gente foi morar ali, tava tudo bem, do nada ele quis se separar também, e foi por muita influência da mãe dele, ela nunca me disse mas eu sei que ela não gostava de negro, não gostava da minha religião, odiava, inclusive, porque ela é evangélica, e por influência dela a gente acabou se separando. Pra minha sorte, o meu irmão que morava no pátio da minha mãe, nessa casa aqui, saiu daqui, comprou uma casa pra ele e eu vim pra cá porque daí já tinha móveis, já tinha as minhas coisinhas, era muito ruim voltar pra mãe, eu ia enfiar aonde as minhas coisinhas? Aí vim pra cá. Tô aqui até hoje mas nesse meio tempo já consegui comprar a minha casa, logo que eu me formei já quis trabalhar na área da saúde, trabalhei cinco anos de cuidadora de uma senhora particular, a quem eu me apeguei bastante, ficamos amigas, depois eu trabalhei na Santa Casa, e agora eu tô no Santa Ana do Mãe de Deus.

Renata: Bacana. E voltando um pouquinho ali pra parte escolar ainda, o que tu destacaria de bom nas escolas que tu frequentou e o que tu acha que teria que mudar, melhorar?

Kellen: O que era bom, eu vejo hoje, era o ensino. Tinha mais qualidade do que agora, ao meu ver. Tem criança que passa de ano hoje em dia sem saber ler, eu não entendo isso, não entendo como é que decaiu tanto assim. Eu conheço uma criança que tava na terceira série e não sabia ler, eu não consigo entender como é que pode isso. E eu acho que a qualidade da merenda era melhor, não sei porque meus filhos não estão na escola, mas pelo que eu leio, pelo que eu vejo na notícia, porque antes não era uma comida maravilhosa mas era uma comida que dava pra comer, que tu podia repetir, que tu saía alimentado, pelo menos das escolas que eu frequentava era isso. O que podia melhorar agora? Eu acho que a mesma coisa, acho que poderia melhorar o ensino, que eu acho que tá bem defasado, e as escolas estão sucateadas, no meu tempo não era assim tão sucateada...

Renata: A estrutura?

Kellen: A estrutura, chove dentro, uma coisa pavorosa que a gente vê, container, botar as crianças a torrar no calor, eu acho que poderia melhorar mesmo a estrutura da escola em si, mas é que isso depende também da valorização do professor, é todo um ciclo, e a merenda também que hoje em dia não é toda escola que consegue receber, às vezes não tem. Então, acho que as mesmas coisas que eram boas lá e que defasou agora tinham que voltar a ser como era antes.

Renata: E no teu tempo, o que tu melhoraria na escola?

Kellen: No meu tempo eu melhoraria essa coisa interpessoal entre o professor e o aluno porque eu acho que hoje eles têm um olhar mais acolhedor pra criança, eles procuram identificar a pedofilia em casa, o abuso sexual em casa, antigamente a gente não via falar nisso, e não é que não existia, é porque realmente não falavam, não tinha esse cuidado. Talvez existisse menos, mas sempre existiu e eu acho que melhoraria isso. Quando a criança sofria bullying, eu tive sorte mas eu já vi gente que fazia vista grossa, que a professora não se metia. Eu melhoraria isso daí.

Renata: Assim, eu acho bacana que tu comentou o valor da educação pra tua mãe. E pra ti, qual é o valor da educação?

Kellen: Eu acho que é o mesmo pra ela. Aquilo que eu aprendi dela foi o mesmo. Porque quando eu terminei o segundo grau o meu pai me falou com os olhos cheios d'água, e eu nunca vi meu pai chorando exceto no enterro da minha vó, ele me falou que infelizmente não ia ter condições de me pagar mais estudo, porque naquela época pra ti entrar numa faculdade tu tinha que pagar seis meses de todas as cadeiras, não tinha nada que tem hoje, não tinha Enem, não tinha SISU, não tinha nada, era tu entrar e pagar, então só rico tinha acesso a faculdade. E ele me falou, porque meu pai sempre soube o valor do estudo, meu pai era muito inteligente e muito estudioso, ele lia horrores, eu aprendi a ler com ele, me encantei pela Segunda Guerra Mundial por causa dele, assim, assuntos e livros relacionados, porque ele era um amante dos livros, mais do que a minha mãe, mas ela também sabia o valor do estudo e ele me falou com os olhos cheios d'água que não ia ter condições então naquele momento eu

vi o quanto era importante estudar. E aí aconteceu que eu não fiz faculdade porque daí também engravidei, o acesso ficou mais difícil, digamos assim, com uma filha porque ao mesmo tempo que eles me ensinaram que estudo era importante eles me ensinaram que eu tinha uma filha e agora eu tinha responsabilidade de educar, de alimentar, então eu tinha que dar mais atenção, agora que eu tinha filha, pra minha filha. E daí pra ela eu já transmiti esse valor. Transmiti tanto que eu acho que comecei com nove anos de idade, enfiei na cabeça dela, e agora, graças a Deus, ela tá fazendo faculdade. E o meu sonho virou o sonho dela. Ela também almeja se formar, almeja ter uma independência financeira, é o meu sonho e o sonho dela. Então, quando ela passou na faculdade pra mim foi, fiquei muito feliz, nossa, fiquei muito feliz mesmo quando ela conseguiu 100% da bolsa, fiquei bem feliz mesmo.

Renata: Bacana. E no trabalho, então, tu trabalhou de vendedora um tempo na farmácia e depois já como técnica de enfermagem, como cuidadora em hospitais, isso? Mas o teu primeiro trabalho, no caso, cuidando da tua vó, que já é um pouco parecido, foi então com 16, 17, por aí?

Kellen: Não, meu primeiro trabalho foi com 14 anos. A minha mãe me levava junto pra trabalhar com ela na gráfica onde ela trabalhava. Eu trabalhei lá com ela todo esse tempo, dos 14 até os 16, de manhã estudava e à tarde, trabalhava meio período. E era por produção, aí eu fazia caderno, essas coisas, e era tipo freelance, não era de carteira assinada, trabalhava nas férias todas do colégio porque eu lembro uma vez que eu trabalhei um mês e consegui tirar mais do que ela porque ela tinha um salário fixo e a gente trabalhava por produção aí como eu trabalhava bem os patrões dela queriam sempre me chamar, aí eu sempre trabalhei lá até eu começar a cuidar da minha vó.

Renata: E dessas experiências que tu já teve qual foi o lugar que tu mais gostou de trabalhar? E no que exatamente tu mais gosta de trabalhar? Dentro da tua área, o que tu mais gosta de fazer?

Kellen: Então, eu não posso te dizer muito porque, assim, a enfermagem me escolheu, não fui eu que escolhi ela. Eu tô na farmácia um dia muito bem e aí a tia me ligou disse “Kellen, tu quer fazer um curso de técnico de enfermagem?”, isso nunca tinha passado pela minha cabeça, eu disse “tia, eu não tenho dinheiro pra pagar”, que eu lembro que na época dava pra comprar um carro popular com o dinheiro porque antigamente era tudo muito caro e daí ela

disse “eu vou pagar pra ti só que eu quero que tu me prometa que vai fazer companhia pra Iolanda”, daí eu disse “tá, se a senhora vai pagar então eu faço” porque estudo sempre é bom, e desde que eu me formei, quando peguei meu primeiro serviço de carteira assinada na área eu trabalho com oncologia, e desde então eu não consigo mais me livrar da oncologia, por isso que eu digo que ela me escolheu, porque agora lá no Santa Ana não é pra ser um hospital oncológico, mas é de pacientes terminais, e só aparece lá paciente terminal oncológico, é difícil tu pegar um cardiopata, ou qualquer coisa, é o que mais mata, digamos assim, é o câncer e é com esses pacientes que eu lido, mas eu me imagino numa emergência porque eu sou bem agitada então eu acho que eu ia gostar da emergência, e eu gosto da adrenalina, porque às vezes tem um paciente ou outro que não é paliativo, então dá aquela correria, tu tem que reanimar, tu tem que levar pra UTI, tu tem que entubar, e eu adoro essa adrenalina, só que não acontece muito na minha área porque é todo mundo paliativo, a gente tem que dar o conforto da morte, a gente dá o conforto pra pessoa morrer em condições dignas, sem dor, mas eu me imagino em outras áreas. De repente, futuramente, eu conheça outras áreas da saúde que eu possa vir a gostar, mas eu gosto bastante da oncologia, as pessoas te passam um carinho muito grande quando estão na fase terminal e tu estar com a pessoa no final assim é uma experiência muito louca que eu tenho certeza que não é pra qualquer pessoa. Não é qualquer pessoa que tem estrutura psicológica. Tem paciente de cinco anos atrás, que foi o meu primeiro ano na oncologia que me marcou bastante e eu não esqueço até hoje, que marcou realmente a hora da partida, e olha que às vezes eu perco três pacientes por dia, então, quer dizer, é uma coisa bem corriqueira, mas é que tem paciente que marca a gente mais. Eu gosto bastante da oncologia, mas talvez eu gostasse de emergência. Não gosto da pediatria. Não sei se é porque eu sou mãe, mas eu acho que criança não tem nem que adoecer quanto mais morrer, então eu acho que pediatria eu não ia gostar.

Renata: E é interessante isso que tu comenta, como é que é lidar todo dia com a morte, como é estar do lado dessas pessoas? Porque, como tu disse, nem todo mundo tem estrutura psicológica...

Kellen: É difícil tu largar tudo lá no serviço e vir embora; e é difícil tu largar tudo aqui e ir pra lá. É difícil tu não misturar, não levar teus problemas pra lá e não trazer teus problemas de lá pra cá. Mas não é fácil, Rê, não é fácil mesmo, eu já vi cada coisa, por exemplo, vou te contar o último caso agora que eu tô, tá? Eu tô com o Seu Airton, ele é um paciente extremamente carinhoso, uma criatura muito querida, e tu vê quando a pessoa é querida

quando a família inteira tá na volta dela, querendo que a pessoa não morra, querendo que ele dure nem que seja mais um dia ou dois, e ele tem metástase, ele sabe que vai morrer, e ontem eu assisti uma conversa longa dele com o médico, porque são três pacientes no quarto e eu tava atendendo o primeiro, depois eu vim pro segundo e deixei ele por último pro médico conseguir falar tudo, então eu acompanhei toda a conversa do médico e teve umas partes que me marcou, ele pegou e disse que ele tá fazendo flebite, quando tu faz flebite é quando tu coloca o acesso do soro e ele inflama, então o corpo não tá mais aceitando que pegue acesso nele então ele pediu pra colocar um central só que ele já tá tão debilitado que ele não pode mais botar central, é melhor que faça flebite do que ele colocar um central porque central é uma veia principal, se infectar a veia principal ele morre. Então não tem mais como ele pegar um acesso principal. Daí ele disse “agora também não adianta, né, doutor, não tem mais o que fazer”, tipo, ele mesmo se conformando, aí “o que é importante pro senhor, Seu Airton, é a sua família vir, lhe ver, o senhor ficar cercado da sua família”, daí ele disse “pra eles se despedirem de mim, né, doutor?”, daí o doutor falou “não, porque quem é que não gosta de ficar cercado da família? A gente gosta que a família fique”, ele tem um filho adolescente de 14 anos, então pra mim, na minha opinião, essa doença é a pior coisa que pode existir no mundo é essa doença maldita, porque ao mesmo tempo que eu gosto da oncologia eu odeio o câncer com todas as minhas forças porque ela destrói as pessoas. Ela apodrece as pessoas, é uma doença muito agressiva, não tem palavras pra ela, é muito triste mesmo.

Renata: E é interessante isso que tu comenta. Tu considera essa uma das tuas experiências mais significativas de desde quando tu começou a trabalhar em oncologia?

Kellen: Sim, com certeza. Foi um marco. Foi um divisor de águas pra mim.

Renata: Perfeito. Isso que tu coloca é muito bacana porque a próxima pergunta era o que você sabe atualmente, assim, de um modo bem geral, onde tu aprendeu, falando desde família, de escola, às vezes de religião, do trabalho, assim, quais foram os lugares que tu considera que tu aprendeu coisas, assim, num geral?

Kellen: Eu aprendi muito com a minha mãe. Ela não sabe falar muito bem, mas do jeito dela ela conseguiu passar muitos valores pra mim. O meu pai muitos valores também. A minha mãe era mais fechada, mas o meu pai era mais aberto, então ele sempre me ensinou os valores pessoais éticos pra eu levar pra minha vida. Ele sempre dizia “não confunde liberdade com

libertinagem”, sempre dizia “tu é a dona do teu corpo, então só tu decide”, muito antes de meu corpo, minhas regras, bem antes, “tem que ter a consciência de que as pessoas vão te tratar como tu se trata”, ele falava pra mim, “se tu te valorizar, se tu souber que tu é uma pessoa importante, as pessoas também vão acreditar nisso”. Na religião eu aprendi muito da minha profissão porque a Umbanda ela é humildade, ela é caridade, ela é ajuda ao próximo, então, eu levei muita coisa da minha religião pra minha profissão. Que tu fazer a diferença na hora que aquela pessoa tá indo embora é muito gratificante como pessoa, pra ti, é uma experiência única, não é uma experiência que tu divide com a tua família, é uma experiência pra ti mesma, porque é tu e ele que tá ali na hora que ele tá indo embora. Às vezes não tem familiar nenhum, é a tua mão que ele segura até afrouxar, até ele ir embora, até morrer e perder as forças e largar a tua mão, e ali ele aperta com toda a força. Então, assim, eu aprendi na minha religião, aprendo todos os dias na minha profissão, e eu acho que a vida é assim, é um pouquinho de cada coisa que tu vai pegando e vai te formando como pessoa. Aprendi com a minha mãe, aprendi com os meus pais, aprendo com o meu marido também, que é uma pessoa muito boa de coração, com a minha irmã também aprendo bastante coisa, e é isso.

Renata: Perfeito. E tu comentou um pouquinho já que quando tu era mais jovem, ali quando a Kethlin era pequenininha, tu teve alguma dificuldade pra encontrar emprego...

Kellen: Tive muita dificuldade pra encontrar emprego quando a Kethlin era pequena, tanto é que eu me separei por esse motivo, só o meu marido tava trabalhando, eu não tava, não conseguia emprego de jeito nenhum e tive uma experiência horrível com isso, que eu já me desculpei com ela várias vezes, mas é uma coisa que, não adianta, a culpa vem de ti né, às vezes a outra pessoa que tu agrediu já te perdoou mas a culpa continua em ti né, que uma vez eu fui procurar emprego e fiquei o dia inteiro, eu saí de casa às 15 pras 6h da manhã, fiquei em várias filas de emprego, procurando emprego até às 6 da tarde, sem dinheiro pra almoçar todo esse tempo e quando eu cheguei em casa a tia Nair tava cuidando dela pra mim e na hora de ir embora ela fez um fiasco, se atirou no chão, não queria ir e tal, aí a ti “ah, deixa ela aqui” e eu “não, já ficou o dia inteiro, a gente vai pra casa, tomar banho, jantar, vamo embora” e ela se atirava no chão, quando a tia entrou pra dentro que eu vi que ela não tava mais vendo eu dei um tapa na Kethlin e sangrou o nariz dela, pegou no rosto dela e botei ela no meu colo, as minhas costas encheram de sangue, ai, aquilo me marcou muito, eu descarreguei toda a frustração daquele dia em cima dela e me marcou bastante, prometi que nunca mais ia fazer isso, aí aquele peso de tirar a blusa e ver aquela sangueira me marcou horrores. Hoje eu

entendo que eu descarreguei toda a raiva em cima dela, a frustração daquele dia em cima dela. Na hora eu achei que ela tava fazendo, pensei “o que ela tá pensando, eu passei por tudo isso e ela ainda tá fazendo essa manha aí”, hoje a gente vê com mais clareza. Mas eu tive muita dificuldade de conseguir o primeiro emprego, porque eu já tinha trabalhado em várias coisas mas era o meu primeiro emprego que eu tava procurando de carteira assinada e passei muita dificuldade pra conseguir.

Renata: E tu atribui isso a alguma coisa especial? Tu sentia na época que era pelo fato de tu ser jovem ou pelo fato de tu ter a bebê?

Kellen: Eu acho que três coisas contribuíram: o fato de eu ser jovem, o fato de eu ser jovem e já ter um filho, e o fato de eu ter pouco estudo porque tinha o segundo grau completo, mas já não era muita coisa naquele tempo, hoje eu acho que nem é nada. Tem que ter um técnico tem que ter alguma coisa pra ti poder sobreviver porque tem pessoas que trabalham, lá no meu serviço mesmo, tem pessoas que trabalham na limpeza, terceirizadas, que eu vejo que elas sobrevivem mesmo com o salário que ganham, é pior do que a gente. Quanto menos estudo tu tem, menos tu vai ganhar de salário, mais sofrida vai ser a tua vida. Então, é o que eu passo pra eles, pra eles estudarem, todos eles.

Renata: E depois desse período, daí já foi mais tranquilo pra ti conseguir emprego?

Kellen: Depois desse período eu nunca mais fiquei desempregada. Porque daí eu fiquei sete anos e pouco na farmácia, quase oito, e aí eu já tava formada. Quando eu saí da farmácia porque eu enlouqueci quando me formei, eu disse “eu vou trabalhar na minha área” e a minha amiga que já tinha se formado e tinha voltado pra farmácia dizia pra mim “Kellen, não faz isso porque eu fiz exatamente isso, eu perdi o meu emprego e não deu certo, não consegui serviço na minha área”, eu disse “não, mas eu vou conseguir” e pedi as contas. Naquele mesmo mês que eu fui embora, a minha cunhada trabalhava lá num escritório e a tia dela tava precisando de uma pessoa pra fazer companhia pra ela. E aí eu já fiquei cuidando dela, fiquei cinco anos lá cuidando dela, era uma família de bastante posses, ela pagava super bem e depois eu já peguei na Santa Casa e já fiquei mais quatro anos lá, aí saí da Santa Casa e também disse “não, agora eu vou cuidar dos meus filhos” porque eu tinha os dois pequenos e aí esse hospital novo tava abrindo e a minha comadre “eu vou mandar um currículo teu pra minha irmã largar lá”, eu disse “não manda porque eu não quero trabalhar agora, as crianças

estão pequenas, eu quero ficar mais um pouco em casa com eles”, “não, eu vou mandar porque tu precisa te aposentar; porque onde já se viu ficar em casa; tu é da área da saúde, tu tem que trabalhar” e mandou, não deu uma semana me chamaram. Nem quando eu quis ficar em casa mais eu consegui ficar. E aí eu fui porque no fundo ela tava certa, não adianta agora com essa previdência aí que não vai aposentar nunca mais...

[Chegou o cunhado para a entrevistada aplicar uma injeção]

Renata: E se tu já trabalhou em algum lugar que tu não gostou?

Kellen: Que eu não gostei? Lá na gráfica da minha mãe. Eu ia porque o dinheiro era bom mas como era produção eles gritavam com a gente na volta da mesa numa pressão horrível, eu não gostava muito de lá. Teve um outro também que eu trabalhei uma semana apenas que foi de auxiliar de cozinha ali no prédio do Tribunal de Justiça. Era um restaurante bem chique, particular, mas também era muita pressão de fazer as coisas muito ligeiro (descascar, lavar, tudo muito rápido) e também não gostei. Esses dois lugares eu não ia querer voltar a trabalhar.

Renata: Em toda a tua trajetória de trabalho, tu te sente reconhecida? Em algum lugar, qual tu te sentiu mais reconhecida e se esse reconhecimento vem através de um incentivo, de uma palavra, da remuneração em si, o que é esse incentivo pra ti?

Kellen: Quando eu era vendedora eu me sentia bastante incentivada porque eu já tinha uma clientela enorme. Se eu tivesse de intervalo as pessoas esperavam pra comprar comigo. Primeiro porque elas gostavam; depois porque elas sabiam que aquele dinheiro faria falta porque era comissionado então saí da farmácia com bastante cliente, mas porque eu queria muito entrar na minha profissão mesmo, senão eu não sairia porque às vezes até se eu tava de folga eles iam embora e voltavam no outro dia e isso eu considero gratificante. Não era remuneração nem incentivo de patrão, era do cliente mesmo. E na oncologia eu não preciso nem falar porque na área da saúde o incentivo vem diretamente do paciente e do familiar. Quando eles morrem o familiar volta lá pra visitar a gente e querem saber como eu tô, como estão meus filhos, trazem presentes (chocolate, batom, rímel) e isso acho um reconhecimento porque ninguém volta pra agradecer um serviço que não gostou. Ninguém troca seu trajeto pra ir ver uma pessoa que não gosta. Eu acredito que isso seja bastante gratificante.

Renata: E atualmente, como é a tua rotina? Que horas tu levanta, o que tu faz?

Kellen: Atualmente eu tô meio preguiçosa. Então, eu levanto às 6h porque o meu serviço é muito longe, aí eu pego um uber e vou trabalhar. O meu marido trabalha autônomo, então às vezes ele tá em casa e às vezes ele não tá. Quando ele não tá eu pego o uber, quando ele tá ele me leva. Por exemplo, essa semana ele trabalhou só segunda, não trabalhou nem terça nem hoje, então esses dois dias ele me levou. Amanhã eu acredito que ele trabalhe e aí quando eu não tenho dinheiro que eu não posso ir de uber aí eu me acordo às 5h da manhã. Tu quer que eu fale tudo que eu faço antes de sair?

Renata: Pode ser.

Kellen: Daí eu me acordo às 5h da manhã, coloco a Carol pra fazer xixi, porque ela desfraldou mas a gente tem que ficar em cima senão ela não se segura, faço mamadeira pra ela, dou um pouquinho de peito pro Leo, porque ele ainda mama, e quando eu dou o peito pra ele ele ferra mais no sono, não tem perigo dele acordar com a minha mãe ou com a minha filha, aí me arrumo e saio de casa 5h30, 20 pras 6h, é o máximo que eu posso sair. Aí eu pego dois ônibus pra chegar no serviço.

Renata: Dá quanto tempo de distância daqui até lá.

Kellen: Eu pego ônibus aqui 15 pras 6h e levo uma hora pra ir. Daí eu corro o dia todo porque lá é bem corrido, a gente tem seis banhos pra dar, esses banhos divididos por três pessoas vezes duas porque tem bem pouco funcionário, daí solto, faço o mesmo trajeto de dois ônibus, volto pra casa, dou uma arrumada na casa até a hora das crianças chegarem. Quando as crianças chegam a atenção é toda pra elas, que consomem bastante atenção, bastante energia, bastante tudo, me consomem inteira, inclusive. Aí eu dou a janta, dou banho, e nessa hora o Michel já tá ali, ele me ajuda muito nas tarefas, e lá pelas 22h, 22h30 a gente coloca eles pra dormir. Nessa hora eles já bagunçaram toda a casa e aí quem arruma é o Michel, ele dá uma organizada porque tem brinquedo espalhado por tudo que é lado, e depois no outro dia tudo de novo. Aí final de semana a gente procura dar uma variada. Quando sobra um dinheirinho a gente leva no shopping. Se não sobra dinheirinho a gente leva na praça. Até porque a rotina deles também é cansativa, eles acordam cedo, ficam o dia todo na creche, então a gente sempre procura sair com eles no final de semana, quando dá a gente sempre vai.

Renata: Indo mais para uma questão racial. Não sei se tu te lembra da primeira vez que tu teve que identificar, se foi num serviço de saúde, porque hoje em dia as pessoas pedem “como é que tu te identifica” e até questão sexual de se tu é hetero, enfim, se algum momento tu teve que identificar a tua raça/cor, como foi isso pra ti, se tu te lembra como foi essa primeira vez?

Kellen: Se eu tive que dizer que era negra? Olha, praticamente todas as fichas que eu preenchi, claro, quando tu larga o currículo não, mas quando tu vai na empresa preencher a ficha, eles perguntam tua raça/cor. Ninguém fala pra ti que tu não vai pegar o serviço por causa da tua cor, nem pode, é crime, mas, por exemplo, quando eu vejo que não é o perfil da empresa, que nem o Hospital Moinhos de Vento, que paga super bem mas não gosta de preto, eu nem perco o meu tempo indo. Eu identifiquei quando eu tava procurando serviço, naquela fase com a Kethlin pequena, eu me lembro que eu fui no Nacional e uma amiga disse “nem perde tempo porque eles não pegam preto”, e aí também perguntaram da minha religião, que era Católica né, e a minha cor, em praticamente todos que eu fui. Não sei como é agora porque faz tempo que eu não preencho, mais é indicação, mas a maioria pergunta sobre a raça, sobre a cor.

Renata: E pra ti sempre foi tranquilo responder isso ou em algum momento você teve alguma tensão?

Kellen: Eu tive tensão em todas as vezes porque a impressão que dá quando perguntam se tu é branca ou preta é porque se é preta não vão nem ligar, nem chamar se não for esse o perfil da empresa. Na Santa Casa tinha essa pergunta mas não tive essa pressão porque eu sei que lá eles não fazem essa discriminação, foi uma das primeiras vezes que eu preenchi mais tranquila, achando que mesmo respondendo eu teria uma chance.

Renata: E essa questão da raça foi abordada em casa na tua infância ou na tua juventude com os teus pais ou no círculo familiar?

Kellen: Foi, sempre foi. Principalmente com a minha mãe. O meu pai não sofria racismo porque, tu lembra, né? Ele é da cor do Michel, então, no Brasil é difícil a pessoa que não tem a pele escura sofrer. A mãe abordava sempre que ela tinha oportunidade. Sempre que eu relatava pra ela, por exemplo, uma vez a professora me tirou da mesa e me botou a comer

sozinha numa pedra, professora Nara, ali no Júlio Bruneli, e eu não entendi porque. Pensei “não tô fazendo nada de errado, por que será que isso aconteceu?”, não tava tocando comida em ninguém no refeitório, e a minha mãe entendeu aquilo como racismo e foi pra cima dela e falou pra mim “tu nunca mais deixa ela fazer isso contigo e se ela fizer tu me fala porque eu fui perguntar pra ela o que tu tava fazendo e ela não soube me dizer porque te tirou da mesa e colocou separada das outras crianças”, e a mãe, no linguajar dela, que era bem popular, ela sempre diz “não é porque tu é preta que tu tem que te rebaixar; não é porque tu é preta que tu é menos que os outros; a gente tem valor igual todo mundo”, ela sempre falou isso pra mim. O meu pai sempre falava menos, não sei se é porque ele não vivia nesse mundo, mas ele não falava muito de ensinar a gente a se defender, que uma hora ou outra iam aparecer pessoas racistas, quem me ensinou mais foi a minha mãe, eu acho que até por experiência de vida dela mesmo.

Renata: E desses valores que a gente vinha conversando anteriormente, quais são os valores mais importantes pra ti e que tu identifica nas pessoas como os mais relevantes?

Kellen: Pra mim é a família, seja ela qual for. Se vai ser de duas mulheres, dois homens, não importa. Eu fiquei separada três anos e o que eu procurava num homem era como ele tratava a mãe dele, ou se ele tivesse filha era como ele tratava a filha dele. Como tu vai me tratar bem se tu não consegue tratar bem os teus? Como vai tratar bem a minha filha se não trata bem o teu filho? Se tu não leva em consideração a tua família eu já fico com muito pé atrás. E com os pacientes também, a mesma coisa. A gente sabe que é uma pessoa querida quando ele é bem tratado pela família, quando a família tá ali em cima. Claro, que às vezes tem pessoas que moram longe, que não têm essa oportunidade e nem por isso tu é uma pessoa ruim, mas quando tu dá valor pra tua família eu acho que tu tem tendência a ser um ser humano bom.

Renata: E por que algumas pessoas se tornam importantes pra ti? Quais as características da pessoa que tu prefere te aproximar ou que tu tem mais afinidade e acaba te aproximando? É o jeito dela tratar a família? Honestidade? Jeito de ser no trabalho? Quais são as características que fazem tu acabar te aproximando das pessoas?

Kellen: Olha, agora eu faço amizade mais no trabalho. Como a pessoa trata a família é importante pra mim, mas no meu trabalho é como ela vai tratar o paciente, se ela tem empatia pelo paciente, se sabe trabalhar em equipe, e tem que ter uma certa afinidade, trabalhar mais

ou menos parecido comigo. Normalmente as minhas amigas de trabalho são pessoas que eu me dou bem por causa disso, e automaticamente, não sei porquê, tem os mesmos valores familiares. Se eu gostar de ti eu não vou perguntar “ah, tá, mas como tu trata a tua família?”, isso vem depois que eu te conheço, começa da empatia pelo paciente e do trabalho em equipe. Tem que saber dividir as tarefas, que não são poucas, é um serviço bem pesado, e automaticamente, não sei porquê, mas todas as minhas amigas têm esse apreço, essa valorização por mãe, pai, irmão, que é a mesma que eu tenho.

Renata: E o que tu não gosta? O que tu não gosta tanto em pessoas quanto em situações?

Kellen: Eu não gosto de prepotência, não gosto de arrogância, não gosto de discutir. Se eu tiver que discutir eu discuto, não fujo de briga nenhuma, mas eu prefiro evitar. depois que eu entrar, daí eu perco as estribeiras, mas eu prefiro evitar. Não gosto de pessoa sem humildade nenhuma porque o final é o mesmo então acho que não vale nem à pena tu conviver e querer ser amigo de uma pessoa que tem esses valores. Não perco o meu tempo, a vida é muito curta pra gente perder tempo com esse tipo de pessoa.

Renata: E quais são teus principais sonhos, desejos, expectativas?

Kellen: Meu principal sonho agora é conseguir reformar a minha casa. Na verdade, eu tenho dois: queria que o meu marido trocasse de caminhão, pra automaticamente ele conseguir um serviço melhor; e queria também, porque eu comprei a casa e termino de pagar em fevereiro, só que ela tá bem precária, não posso me mudar pra ela agora do jeito que ela tá, então meu sonho é reformar a casa.

Renata: E essa casa fica aqui perto?

Kellen: Do lado, seu Valmir ali. Vou seguir a tradição e morar perto da minha mãe. [risos]

Renata: É isso, Kellen, do bloco de hoje.

APÊNDICE I – DC DE 18/11/2019**Tarde do dia 18 de novembro de 2019 – Zona Norte de Porto Alegre**

Renata: As perguntas que eu pensei em fazer são um pouco mais sobre a questão da religiosidade, da tua experiência, de como tu enxerga algumas coisas que a gente até tinha comentado na semana passada. Então, eu queria entender um pouquinho como é que tu chegou até a Umbanda, se foi através da tua mãe, como é que se deu essa relação?

Kellen: Foi através da mãe que a gente iniciou, eu era pequena. A mãe frequenta a religião desde que ela veio pra Porto Alegre, que foi quando ela se viu aqui, os irmãos levaram, conheciam, e eu me lembro de muito pequena ela me levando também. No começo não era uma coisa boa no ver porque consumia muito tempo dela, tirava muito ela de casa. Ela trabalhava muito e o pouco tempo que sobrava ainda se dedicava à religião. Então, quando eu era bem pequena eu não via com bons olhos, dizia “ai, que saco, tem que ir” porque era ela que levava. Aí conforme a gente vai crescendo, vai entendendo, eu fui gostando, estudando, me desconstruindo, porque a gente é da religião, a gente gosta, mas naquele tempo que eu era, quando era pequena no caso, a gente não falava muito com medo de preconceito, medo de ser julgada. Aí perguntavam “o que que tu é?”, “católica”, sempre católica porque negro e de religião afro é tudo que ninguém gosta, é tudo que todo mundo torce o nariz. Então na minha primeira infância, digamos assim, eu sempre fui, no começo não gostava, depois quando eu comecei a passar e comecei a gostar bem cedo também, era meio retraído, meio pra mim mesmo porque era muito e se alguém visse no colégio, alguma coisa, era sempre “ah, a macumbeira” daí a gente lutava esse tipo de né, aí era uma coisa mais minha.

Renata: E a Nação, assim, tu frequenta, frequentou, como que é pra ti?

Kellen: Eu sempre fui umbandista, mas a meu ver, como eu penso, a Umbanda e a Nação acabam se encontrando, se juntando. Então, ai, tu é só umbandista, mas em outro momento vai ter um irmão teu que vai ser de Nação e a Nação tem muito trabalho, tu tem que depenar o bicho, eles matam, aí quando vai pro chão tem tudo aquele monte de coisa pra fazer, então se tem um irmão que é de religião tu acaba se envolvendo pra ajudar aquele irmão. Por exemplo, aqui quem começou foi a mãe na Nação, ela entrou por causa da saúde e tal, pediram pra ela entrar, e ela foi. Imagina se alguém, filho de Santo dela ia deixar ela ir sozinha pra Nação,

então todo mundo se envolveu tanto financeiramente como em trabalho braçal, e aí desde então sempre tem um aqui na terreira que é da Nação. E eu adoro a Nação, gosto muito, é uma religião maravilhosa, tanto quanto a Umbanda, mas ela é uma religião que tu precisa dedicar mais tempo pra ela e eu trabalho, tenho dois filhos, não tenho esse tempo. E é uma religião que tu precisa te dedicar. A Umbanda tu vai ali, toma um passe, marca um trabalho, faz um trabalho, uma sessão tu não vai porque tu não tá bem, porque tu tem compromisso, na outra tu vai. Na Nação não. Embora ela seja uma religião que, se a tua casa não for uma casa muito grande, tu vai fazer tipo “ah, vai ter coisa grande de sete em sete anos”. Embora seja assim, aquele período ela precisa de 100% da tua dedicação e eu não tenho esse tempo. Mas eu adoro a Nação, é uma religião maravilhosa.

Renata: E tu conhece há bastante tempo? Ela veio um pouco depois da Umbanda...

Kellen: Ela veio na minha pré-adolescência. Doze anos, por aí, ela veio porque a tia começou a frequentar e a gente foi pra ajudar e a gente acabou se envolvendo, e logo em seguida veio a mãe, a Solange, todo mundo que entrava pra Nação a gente ia pra ajudar que precisa bastante de serviço braçal.

Renata: E, tu já comentou um pouquinho assim, mas pra saber se existe mais, a diferença de participação entre as duas. A Nação, como tu comentou, ela exige um pouco mais de dedicação, principalmente em certo período, a Umbanda já não. Teriam outras diferenças que tu pontuaria de participação?

Kellen: Tem. Por exemplo, a Nação, que nem eu falei, ela tem mais serviço braçal porque tu precisa ajudar na limpeza do bicho, tu precisa fazer os doces e são vários doces, vários bolos, cada um pra um santo, se a pessoa vai fazer de Bará ou Oxalá são doze orixás e daí tem bala pra embalar, tu precisa ou comprar o bolo, se tu não é boleira, ou fazer o bolo, tem sagu, tem arroz de leite, então é muito serviço braçal e se tu participa de uma casa grande que nem a mãe agora tá numa casa grande tá envolvida todos os dias. Eu dei o exemplo de uma casa pequena, mas vamos que tu seja de uma casa grande que tiver doze irmãos, quinze irmãos, tu vai estar envolvida sempre porque o lema é esse, tu vai ajudar a pessoa pra quando chegar na tua vez, quando for fazer a obrigação pro teu pai, todos os irmãos da casa te ajudar. E se tu não for na obrigação de ninguém, ninguém vai querer ir na tua, então tu precisa dar pra receber. E na Umbanda tem a festa uma vez por ano, a festa de Ogum que a gente comemora

aqui na mãe, é uma vez por ano, então é aquele dia só que tu vai ali, te dedica, tanto financeiramente como participar fisicamente e depois tu vem, embora tu não precise ficar nesse envolvimento. A gente se envolve com os irmãos, a gente faz amigo secreto da Umbanda e tudo, a gente procura se envolver quando alguém tá precisando, tanto “olha, preciso fazer um trabalho pra fulana, preciso de cinco pessoas”, cinco pessoas têm que estar lá pra ajudar a fazer o trabalho praquele irmão, mas se “ah, eu não posso”, vai o fulano. Na Nação não tem isso, tu precisa estar presente. “Ah, não pode ser o fulano, é a Kellen porque a Kellen é filha de Ogum então eu preciso de uma filha de Ogum pra me ajudar nesse trabalho”, tem que ser tu, então ela precisa ser mais envolvida e mais tempo e mais dedicação. A minha irmã também tem dois filhos e também tem trabalho mas ela resolveu que vai fazer esse sacrifício porque hoje em dia doar o teu tempo é também um sacrifício. Ela se apaixonou tanto que ela resolver se envolver e resolveu se doar, digamos assim. Eu por enquanto não consigo ver meio de abrir mão do tempo que eu tenho com os meus filhos que é pouco porque é depois das seis que eles chegam em casa, pra eu poder me doar nessa quantia.

Renata: Perfeito. E o que a Umbanda, que acho que ela é mais próxima de ti, representa hoje na tua vida?

Kellen: Na minha vida ela sempre representou, é o meu acalanto. Quando a gente tá em desespero, quando a gente tá querendo desistir, querendo desanimar, tu conversa com uma entidade, expõe pra ela o que tu tá sentindo, ela sempre te retorna com uma palavra de esperança, sempre te retorna dizendo que vai dar certo ou então dizendo que não, que aquilo ali tu tem que deixar do jeito que tá porque não tem mais o que fazer. Quando o meu pai morreu, por exemplo, eu fiquei um ano sem participar da religião, eu me desgostei muito, eu misturei tudo porque que pretensão é essa de achar que eu tô na religião e eu não posso perder ninguém, então ninguém pode morrer na minha volta? É muito egoísmo, agora eu vejo desse jeito, mas no momento eu não quis aceitar, eu pensei assim “pô, mas tu trabalha na religião, a gente querendo ou não trabalha com previsões, por que? Como ninguém falou?”, sendo que não é desse jeito que funciona. Tem coisas que tu não tem que saber e tem coisas que vêm pra ti passar, ninguém é obrigado a te falar, hoje eu entendo assim mas tive um desgosto que foi esse com a religião, hoje eu entendo e peço perdão porque não é assim que as coisas funcionam, não é assim que tem que ser, mas ela sempre representou minha estabilidade, minha base, meu conforto, ela representa muito pra mim, na minha vida.

Renata: Legal. E, que nem a gente tava comentando aquele dia ali na cozinha, tu enxerga na Umbanda uma série de ensinamentos sobre o que fazer, o que não fazer? Eu falo no sentido de que as pessoas tendem a comparar muito em relação aos dogmas católicos. É aquela coisa: tu vai numa missa aqui e numa na Itália o ritual será o mesmo, a liturgia é o mesmo e na Umbanda isso não acontece assim, cada lugar tem a sua forma de agir, seu preceito, seu ritual, mas existem alguns, tu enxerga que existem esses ensinamentos gerais na Umbanda?

Kellen: Eu enxergo que existe um ensinamento geral na forma da entidade se comportar, que hoje em dia, infelizmente, se perdeu muito. Tem coisas que assim como qualquer religião vai gente de má índole, de má fé e deturpa, distorce e brinca, isso me chateia muito, mas o ensinamento em si se tu for de religião tu vai ver que é mais ou menos parecido com todas as outras, não sai muito daquilo. “Ai, tem um caboclo sete flechas”, numa casa ele chega de um jeito, noutra casa ele chega de outro jeito. Tu não vai encontrar um caboclo, sei lá, fumando. Tá, Ogum até fuma, mas digo uma Iemanjá então, que não fuma, tu não vai encontrar uma Iemanjá fumando sentada olhando televisão. Tem coisas que não fogem muito da regra, que é igual pra todos. Ela chega de um jeito numa casa, chega de outro jeito noutra, mas a base tem que ser a mesma. Então, se tu parar pra pensar não é como a católica que a missa é igual, o ritual é igual, não é, pode ser diferente, mas a base...

Renata: Existe uma série de características que delimitam, digamos assim, dão um contorno pro ritual.

Kellen: Exatamente. Porque quando tu é de religião tu consegue vir aqui na casa da mãe, olhar a sessão em si, ver e tal, e quando tu já tem uma certa bagagem tu consegue ir na outra casa e dizer “ó, aquela casa ali bem boa, achei os caboclos bem firmes, sabe dar um bom passe, sabe receber bem a pessoa que tá sendo confortada”, tu já consegue distinguir. Uma vez eu fui numa casa que os pretos velhos estavam comentando a novela, isso daí não tem cabimento. Aí me tirou de dentro de casa, meu tempo, pra ouvir baboseira. Sem contar a parte do Exu que hoje em dia, meu Deus. A mãe fez agora, em agosto, ela fez corte pro Exu dela, que tem que ser feito no nosso ritual anual, e fizeram uma sessão de Exu depois. Eu tive medo. Porque quando tu abre tua porta pra convidar as pessoas pra vir, eu digo meu Deus, tem pomba gira que se atira nos braços das pessoas, tem gente que bebe até cair, tem muita baboseira, então eu penso assim “meu Deus do céu, tomara que dê tudo certo”, e foi uma sessão maravilhosa. Tu sentia a vibração do Exu, me emocionei horrores, só não fiquei mais

porque Exu não dá pra participar criança e as crianças ficaram dentro de casa e de vez em quando eu ia lá e espiava. Tava maravilhosa, não teve nada o que desejar, e hoje em dia é muito, se tu colocar no YouTube tu te choca com uma sessão de Exu, com as baboseiras que tem, Exu tomando banho de piscina, Exu pedindo dinheiro, é muita baboseira, então eu fico feliz porque não teve.

Renata: E tu acha que a religião traz ensinamentos? Por exemplo, uma coisa que é muito para além do ritual, assim no sentido a caridade, que é uma coisa muito presente nos pontos, na própria forma de agir com os irmãos, nesse sentido, assim, tu acredita que tenha também?

Kellen: Tem muito. Na verdade, a gente aqui é ensinado a fazer caridade. A mãe dá passe, ela não cobra. Todo mundo que dá passe ali junto com ela ninguém cobra. Isso não é a caridade em si, não é o ato em si. A gente é que não pratica mais caridade com o próximo, digamos assim, vamos reunir e levar presente pras crianças, a gente já fez, já fez sopão, a mãe fez uma festa de Cosme aqui e abriu o portão pra todas as crianças. Não na terreira, ela fez um bolo na casa dela, juntou dinheiro com o pessoal e fez e chamou todas as crianças da vila. A gente não faz mais porque hoje em dia tá tão, eles invadem os terreiros, batem na Mãe de Santo e destroem os terreiros. Não sei se tu já viu, mas tem bastante. Então ela tem medo de divulgar. A gente já comentou sobre isso daí, a gente devia fazer mais. Tem gente que não quer aceitar. Tem mãe que não leva porque vai pegar a bala do batuque, não pega. Então ela prefere não ser tão exposta, por isso que a gente não faz, mas já fizemos bastante. E a gente tenta praticar a caridade entre os irmãos mesmo. Já teve irmão que tava desempregado, a gente já fez cesta básica pra levar. A gente procura ajudar do jeito que pode e a mãe sempre fala, não sei se tu já veio na religião, já veio né? Ela sempre fala, tenta falar alguma coisa antes porque a mãe tem pouco estudo mas o pouco que ela tem ela consegue se expressar e aí ela de vez em quando tá falando na hora da palestra que não adianta só a gente vir aqui e dar o passe se a gente não conseguir externar, não usa essas palavras mas é isso que ela quer dizer, não consegue levar pra fora, então vocês têm que usar no dia a dia de vocês, se alguém tá precisando vocês têm que trazer. Esses tempos a Iolanda teve que operar o câncer que ela teve, a gente fez uma vaquinha pra ela pagar as passagens, isso foi em família porque ela é da família, mas a gente acenou pro pessoal da sessão que não é da família. Aí a gente pagou o médico particular, pagou todo o tratamento das passagens dela porque ela não tinha passagem pra ir, pagou o uber porque quando ela fez as quimio ela não conseguia pegar ônibus e tal e cada um ajudou como pôde, a gente juntou um dinheiro bom pra ela conseguir fazer tudo isso. Então, é isso, e

a gente leva pro dia a dia da gente ajudar as pessoas conforme a gente pode.

Renata: Perfeito. E tu acha que existem alguns conceitos na religião, por exemplo, de punição, de culpa, essas...

Kellen: Tu diz dentro da minha religião?

Renata: É, dentro da Umbanda, tu enxerga isso ou isso é uma questão que não é presente. Pelo que eu tenho visto e lido essa questão de culpa é muito mais presente nas religiões católicas, cristãs, de “ai, se tu não fizer isso tu vai pro Inferno”...

Kellen: É, eu ia dizer isso daí. A gente parte do princípio que a gente é pecador. E Oxalá entende que a gente é pecador, entende que a gente não é um ser humano perfeito, a gente tem nossos pecados. A gente não tem que ser conivente com o pecado de dizer “ai, eu sou pecador” e pronto. E quando a gente diz pecador a gente não tá falando de cometer um pecado grande. A gente é suscetível a erro, o que não quer dizer que seja o pecado católico do pecado em si, mas de que a gente é suscetível a erro, a dar uma palavra mal dada prum irmão, e isso daí tu tem que te corrigir, primeiro te perdoar e depois pedir perdão, que a culpa é uma coisa que te destrói, que te faz mal, e não voltar a cometer o mesmo erro. Mas é sempre baseado no perdão. Nossa religião é baseada no perdão. Tu te arrependeu, “olha, eu errei e não quero fazer de novo”, a entidade vai te perdoar e dizer “filho”, e quando tu não enxerga o teu erro ele mesmo chega e te fala “filho, tu tá fazendo isso errado, agindo errado, não faz mais isso”, mas punição, que eu saiba, dentro da minha religião não tem, de repente num outro plano. Porque eu acredito que se a gente fizer o mal, o mal vai voltar, isso também é ensinado. Porque todo mundo entra na nossa religião, a pessoa leiga que não conhece, “eu quero destruir o casamento do fulano; quero o emprego do ciclano”, as pessoas que não praticam o mal dentro da casa de religião o que ela fala é “eu não vou fazer isso porque isso vem 50% pra ti e 50% pra mim, eu não quero isso e ponto final; eu posso fazer um trabalho pra ti conseguir um serviço bom pra ti, não precisa tirar o serviço de outra pessoa”, é isso que a mãe sempre ensinou, tanto é que se tu pedir pra ela fazer mal ela não vai fazer pra ninguém porque ela não trabalha desse jeito. Mas quando tu fala na minha religião pra outra pessoa, a primeira coisa que pensa é “ai, vou me cuidar com a Kellen porque ela faz o mal”, é a primeira coisa que a pessoa pensa “Deus o livre essa gurria, não mexe com ela que ela é batuqueira”, e não é assim que funciona...

Renata: É exatamente o contrário.

Kellen: É exatamente o contrário, eu nunca aprendi isso a fazer o mal. Se tem pessoas que fazem? Tem, eu não vou te ser hipócrita e mentir pra ti que não tem. Assim como tem o bem, tem o mal, e tem pessoas que fazem o mal, mas não é o meu ensinamento, não é pra mim. Nunca acendi uma vela pra prejudicar ninguém.

Renata: Perfeito. E quais são as características das divindades femininas na Umbanda? a gente já conversou um pouquinho sobre algumas questões, acho que da primeira vez que eu vim aqui, mas se tu tivesse que descrever, por exemplo, como é que tu descreveria Oxum, Iemanjá, Jurema?

Kellen: Ai, meu Deus, que pergunta difícil! Então, a Oxum ela é a Deusa da fertilidade, do amor, inclusive quando eu tava grávida, passei por duas gravidez muito difíceis, e foi com ela que eu me agarrei todo o momento. Inclusive teve gente que falou assim “ai, por que tu não vai procurar outra casa? Não te segura só aqui” porque eu já tinha perdido um bebê antes, e aí Oxum falou pra mim “eu vou cuidar dessa tua gravidez até o final” então achei uma falta de respeito eu procurar outra casa, outra entidade, se a Oxum já tinha dito pra mim que ia cuidar da minha gravidez até o final, eu disse “não, eu tô com a Oxum, ela vai me cuidar, e é pra ela que eu vou entregar essa criança”, e dito feito, graças a Deus minha filha, passou por poucas e boas mas passou, então, assim, Oxum pra mim é a dona do amor, a Deusa da fertilidade, é uma entidade que cuida das crianças, é ela que cuida da criança depois da criança nascer até os sete anos, que é o ano da inocência que a gente diz né, na nossa religião até os sete anos a criança é totalmente inocente, não tem pecado; não só na nossa, na Nação também a mesma quantia de anos. A Iemanjá cuida da gestação junto com a Oxum, mas ela cuida do ventre. A Oxum cuida da criança dentro do ventre; a Iemanjá cuida do ventre, ela também participa da gravidez mas ela é a dona do ventre. E ela é a mãe das mães. E aí quando a criança nasce ela entrega pra Oxum criar. E ela é uma entidade maravilhosa, é a menina dos olhos de Oxalá, eu acho ela uma entidade linda. Se perguntasse de quem que eu queria ser filha, eu queria ser filha da Iemanjá porque eu acho ela maravilhosa. Ela é a rainha do mar, a gente fala que é o local que ela responde, como Oxum responde na cachoeira. A gente entrega os trabalhos pra ela no mar. E tem a Iansã também que é outra mãe maravilhosa – eu amo todas elas [risos] A Iansã é a rainha das pomba-gira, ela que encaminha a alma até o cemitério. Quem é filha

dessa mãe tem sangue nas ventas. É uma pessoa que tu vai ver a característica da filha de Iansã quando tu vê uma filha de Iansã porque tá escrito na testa. Ela é daquele jeito, ela chega chegando. Dizem, isso não é confirmado mas é uma lenda dentro da própria religião, que quem recebe a Jurema normalmente recebe Iansã porque tem as mesmas características porque são guerreiras, porque vão pra guerra, a Jurema é uma guerreira também, uma mulher que luta, que vai pra guerra, então ela tem mais ou menos as mesmas características. Não quer dizer que seja porque na Umbanda tu pode receber sete Orixás, sete entidades, digamos assim, sete caboclos, talvez se a Jurema for, porque embora tu receba sete sempre vai ter um que vai ser aquele que vai te assumir, digamos assim, na Umbanda né, então se essa pessoa que for te assumir for a Jurema, a tua tendência de ser de Iansã na Nação é forte, não quer dizer que vá acontecer, mas pode acontecer porque é uma entidade, um Orixá de característica muito forte e pode acontecer. E, deixa eu ver, tem Obá também na Nação né, que é uma Orixá maravilhosa proveniente do casamento, não aceita traição porque na nossa lenda assim ela foi traída então é uma Orixá que não aceita traição, tem o pavio muito curto. Cada Orixá tem o seu, digamos, amuleto né. Iansã tem como se fosse um chicotezinho. Obá é a dona da roda. Oxum tem o coração e o espelho. Iemanjá a mesma coisa, também tem o espelho. Então, cada um tem o seu, o que se representa, digamos assim. Deixa eu ver outro... Tem Nação que cultua e tem que não cultua a Nanã, que é a primeira Orixá, é a mais velha de todas, é a dona do barro, porque foi a primeira, ela vem da terra né, depois de Iemanjá ela é a mãe das mães – Iemanjá é a mãe das mães mas ela também porque é a primeira. Ai, deixa eu ver outro Orixá feminino... Eu acho que é isso... Ah, tem a pomba-gira, que é da parte dos Exu também, que ela te cuida quando tu tá na rua, quando eu boto o pé pra fora do portão é pra ela que eu peço a proteção, pra ela e pro Exu, pros dois, pro casal, todo mundo que tem o Exu tem a pomba-gira, independente se é homem ou mulher, então quando eu boto o pé pra fora do portão é pra eles que eu peço a minha proteção, pra me levar e me buscar até o portão da minha casa, ainda mais no lugar que eu trabalho, que é no hospital, que é um lugar que tem muita morte, então é pra eles que eu peço proteção porque a gente como é dessa religião pode atrair Egum, que é uma alma desencarnada que não encontra a luz, então a gente pede proteção pra esse tipo de espírito não se aproximar da gente porque atrapalha muito quando vem na volta da gente então a gente pede pra elas encaminharem e nos manter protegida.

Renata: E são todas características, assim, pelo que eu tenho visto também e queria que tu me dissesse o que tu acha, muito fortes. Elas são muito independentes também no sentido de, uma coisa que me chamou muito a atenção, por exemplo, Iansã é a rainha dos ventos, das

tempestades, ela é porque ela é, não existe o rei dos ventos, um rei das tempestades, não existe o rei, por exemplo, o Xangô é da pedreira, mas não existe um rei da cachoeira, Oxum é a soberana. Então, elas são muito independentes nesse sentido...

Kellen: São muito independentes. Todas elas que atuam no seu reino, digamos assim. Iemanjá é lá no mar. A Oxum é na água doce ou na cachoeira, toda água doce é ela que rege. A Iansã é do vento, rainha do vento e das tempestades junto com Xangô, na tempestade ela meio que divide com Xangô, que também é o dono do raio – ela é da tempestade e ele do raio. E eles são um casal né, ninguém casa melhor do que Iansã e Xangô. Por isso que Obá é muito ressentida, porque Xangô era o amor dela, trocou ela pra ficar com Oxum e depois com Iansã, e é um casal né. E as entidades femininas a gente se identifica muito como mulher, como negra, porque elas são assim, todas elas são guerreiras, todas elas são independentes, todas elas ensinam pra gente que a gente consegue sim, que a gente pode porque a história dela, a lenda, digamos assim, se tu for pesquisar, ela até dá uma paradinha e namora, ela para e namora, mas a trajetória dela ela faz sozinha. Parou e namorou Xangô, mas a trajetória dela ela faz sozinha e isso é bem bacana com essa quantidade de mãe solteira e mulher solteira que tem por aí. É bem inspirador, digamos assim. Eu acho bem legal.

Renata: Bacana. E tu tem uma afinidade, tu comentou que se tu pudesse escolher gostaria de ser filha de Iemanjá, mas tu tem alguma afinidade especial com alguma delas? É com Iemanjá ou não sei de quem que tu é filha, com quem...

Kellen: Eu sou filha de Ogum. Eu não sei, eu joguei minha cabeça uma vez só. Quando tu vai jogar a tua cabeça que tu quer entrar pra Nação tu tem que ir em três casas, no mínimo, pra ti jogar a tua cabeça. Três casas que tu confie, e jogar a tua cabeça. Eu joguei uma vez só, abri os búzios uma vez só, e deu que eu era filha de Ogum. Eu não sei, a partir do momento que tu sabe qual o teu Orixá de cabeça tu já começa a querer te encaixar dentro, e eu me encaixo, e eu acho que me encaixo. E aí tem a mãe, tem a Jennifer, tem a Solange, tem a tia Nair, todas elas que são entendidas de anos na religião e falam “ah, de repente tu é mesmo, tem algumas características”. E Ogum é muito trabalhador, eu nunca fiquei sem emprego, sempre que fiquei foi quando eu quis ficar. Quando eu parei pra ganhar as crianças e tal, mas a partir do momento que eu boto o pé pra rua pra procurar serviço eu sempre consigo. E isso é uma característica do filho de Ogum, ele nunca fica sem trabalho porque a ferramenta dele é o aço e tá sempre em movimento. E tem várias outras características, tem umas que até eu nem me

encaixo, “ah, filho de Ogum anda sempre bem arrumado”, nem sempre eu ando, “ai, filho de Ogum não bota o pé pra rua sem andar perfumado e bem arrumado”, às vezes eu não tô muito assim, mas se eu vou pruma festa eu procuro estar bem arrumadinha, não ando mulambenta.

Renata: E de feminino, assim, tem alguma que tu tem alguma afinidade?

Kellen: A Jennifer e o pessoal aqui de casa diz que se eu fosse filha de uma entidade feminina seria de Iemanjá porque filho de Iemanjá assim é meio parado, meio devagar, e às vezes eu sou mesmo meio devagar. Mas, que nem eu te falei, eu joguei uma vez, mas nem é só por isso, é porque Iemanjá é muito acolhedora, ela bota pra debaixo das asas e acolhe muito, e eu sou assim tanto com os meus filhos, como com a minha família, e eu acho que seria isso que me identifica com ela, uma mãe que te acolhe, te conforta, te dá colo, te acalma, consola teu pranto, isso eu me identifico muito. E, tipo assim, a Jennifer, a Kethlin, às vezes até a mãe quando tá com algum problema, desabafa, eu acho que é porque eu não tem perigo nenhum de sair daqui e as pessoas confiam. Então, todas elas quando têm algum problema vêm desabafar e conversar.

Renata: E tu te comunica de alguma forma com esses teus santos?

Kellen: Sim, sempre que eu preciso eu vou lá na terreira, isso foi ensinado, isso eu aprendi depois, às vezes tu faz a tua oração de noite, antes eu fazia assim, agora não, agora eu vou lá na terreira, quando eu preciso muito né, converso, como se fosse uma pessoa, explico meu problema, peço ajuda, e sempre digo que se não tiver solução eu vou aceitar do mesmo jeito porque hoje eu entendo que não adianta tu ter uma religião e achar que tu não vai ter mais problema, não é assim que funciona. Então, eu converso sempre. Tipo, agora, por exemplo, não tem ninguém lá, se eu quisesse ir lá conversar, e a mãe sempre deu essa liberdade pra qualquer filho. Ou então eu espero a consulta e falo, mas sempre procuro...

Renata: E nesses momentos tu chama por um em específico? Depende da situação tu chama por um?

Kellen: Depende da situação. Por exemplo, a última vez que eu fui conversar um papo cabeça, digamos assim, foi quando eu fui na audiência, aí pedi pra Xangô, que é o dono da justiça, audiência do meu serviço, expliquei pra ele a minha situação, disse que eu sofri muita

injustiça no serviço, que eu sei que sofri injustiça, mas que se ele achasse que aquilo ali era o meu merecimento, que não era injustiça, que eu estaria pagando por alguma coisa, eu também ia entender. E aí conversei, expliquei, disse que era minha audiência, que hoje seria o dia que ia se resolver, que ia se fazer justiça ou não e por enquanto ainda não, porque eu tive a primeira audiência, não tá resolvido, mas eu larguei nas mãos dele, vai ser o que tiver que ser. E aí é como tu falou, por exemplo, se as crianças estão doentes eu falo com Oxum e com Cosme. Se o Michel tem alguma pendência no serviço eu vou lá e falo com Ogum, que é o dono do trabalho, peço sempre por ele, embora ele não seja de religião eu tô sempre levando uma roupa, tô sempre fazendo um trabalho porque é a minha fé, pode não ser a dele, mas é a minha.

Renata: Perfeito. E o que é sagrado pra ti? Falando em termos de religião. O sagrado é o respeito aos caboclos, o sagrado é ir na sessão sempre que tu pode, o que seria o sagrado pra ti, é um tipo de culto?

Kellen: O sagrado pra mim é a religiosidade de cada um, é a religião em si. Deixa eu te dar um exemplo, sábado agora eu vi uma reportagem sobre o Mercado Público, tem advogados tentando tirar o Bará de lá, tem Bará assentado lá, e aí eles tavam dizendo que assentaram aquele Bará lá nos primórdios de quando fizeram, os escravos né, que ajudaram a construir colocaram o Bará lá e aí tem advogado evangélico que quer tirar, quer acabar com aquilo lá, quer fazer, quer ter hora pra ti poder fazer o teu passeio, porque é um passeio né quando tu vai pro chão o passeio que tu faz é lá no Mercado, eles querem agendar o horário, uma coisa que ao público sempre foi livre. E isso pra mim é uma falta de respeito. Aquilo ali pra mim é o sagrado, entre outras coisas, claro, mas aquilo ali é um exemplo de ser um sagrado e de as pessoas não quererem respeitar, o que eu acho um absurdo e uma falta de respeito. A mesma coisa, que já aconteceu, de quando a gente tiver que levar um trabalho no cruzeiro, eu não tava junto, mas aconteceu com o pessoal aqui da terreira, de vim, com certeza crente ou pessoas que não gostam, eu já falo crente porque é o que mais odeia a nossa religião, isso é fato, tocar o carro por cima das pessoas porque tava ali largando a sua oferenda e isso pra mim é desrespeitar o meu sagrado. Meu sagrado é um trabalho que eu vou entregar, é uma sessão que eu vou abrir, como já ameaçaram de “ah, eu vou denunciar”, isso é desrespeitar o meu sagrado, a minha religião e a minha religiosidade. E o sagrado eu acho que tá dentro de cada pessoa, dentro da tua fé. E o que as pessoas não respeitam eu acho muito absurdo. Na verdade, eu não entendo como é que a pessoa consegue praticar a religião dela desrespeitando

a religião dos outros, não entra na minha cabeça isso. E isso hoje em dia tá muito gritante pra nós porque parece que de um tempo pra cá o negócio descambou de vez. Antes era velado, que nem eu te falei no meu tempo de colégio. Agora não, agora tá aflorado mesmo.

Renata: E com uma violência, né?

Kellen: E com uma violência, exatamente. De chegar pessoas, invadir a casa da mulher e quebrar toda a terreira das pessoas. Acontece. Nunca aconteceu com nós, graças a Deus, mas a gente vê a todo momento.

Renata: Sim. E falando um pouquinho mais dessa questão que a gente comentou, acho também que da primeira vez, sobre a história da Umbanda, sobre como ela surgiu, o que tu conhece a respeito disso?

Kellen: O que eu conheço é que a nossa religião, a Umbanda, surgiu dentro duma casa espírita. Foi o que me foi ensinado e foi o que eu li. O caboclo sete flechas chegou numa mesa espírita querendo dar passe e querendo dar receita, sei lá não sei como foi, mas tipo “eu tô com uma tosse”, “ah, toma esse e esse chá” e foi expulso de lá porque ele era um espírito tão evoluído que ele tinha permissão pra fazer isso, pra dar passe, te tira as miasmas e te dar uma receita, e ele foi expulso da religião espírita, e a pessoa que recebia esse caboclo abriu, então, a casa de Umbanda. Tanto é que a Umbanda é uma religião 100% brasileira. Diferente da Nação, que veio da África, que foi moldada aos seus... Por exemplo, eu li um livro que o Amalá aqui é feito com galinha, lá na Bahia o Amalá é feito com camarão e aí a mulher tava explicando que tudo bem porque aqui no Rio Grande do Sul era galinha que tinha fartura, lá era camarão porque tinha praia, e as pessoas faziam aquela comida e ofereciam pro santo do jeito que conseguiam, do jeito que tinha. Então, é isso, cada um faz de um jeito, mas desde ali a Umbanda surgiu e aí foi fazendo ramificações.

Renata: Sim. E também nessas pesquisas que eu tenho feito e tudo mais, eu li uma coisa que me chamou bastante atenção e eu tô perguntando pra saber a opinião de vocês também. Um artigo, dentro de um livro, diz que justamente toda essa questão que tu comentou que um caboclo chegou num centro espírita e foi expulso porque o centro espírita só aceitava Marechal não sei o quê, médico não sei do quê, advogado não sei do quê, mas aí diz que essa pessoa que recebia o caboclo era um homem branco e que das imagens que tem do primeiro

centro, das reuniões que acho que eram doze pessoas, alguma coisa assim, eram todos homens e todos brancos. E hoje em dia quando a gente fala em Umbanda a gente pensa numa religião de matriz africana, com todas as questões africanas e indígenas também. E aí eu queria te perguntar, assim, como é que tu enxerga a Umbanda, tu enxerga ela mais africana, com essas veias mais, essa questão de ter sido criada por um homem branco tu acha que interfere ou não interfere, e como é que tu enxerga a religião se como mais masculina, mais feminina?

Kellen: Eu enxergo mais de matriz africana embora seja um homem branco porque eu acredito que nem todo homem branco, depois desse, quis abraçar a causa. Eu acredito que quem quis abraçar a causa foram os negros realmente, por identificação ou por não sei o quê, eu acredito que ela seja mais de matriz africana por esse motivo porque esse aí foi um corajoso que resolveu abrir a casa dele, seguir a fé dele, porque ele recebeu um caboclo e disse “eu não tô louco, é uma pessoa que tá falando aqui então eu vou seguir a minha fé”, mas eu acredito que não teve mais homens brancos que quiseram abraçar, por esse motivo. Qual que foi a outra pergunta?

Renata: Se, por exemplo, uma coisa que eu fiquei pensando é “tá, foi criada por homens e por brancos mas não quer dizer”, que nem tu comentou né, que tenha se desenvolvido dessa maneira. Por exemplo, hoje em dia tem, pelo que a gente vê, mais mulheres, inclusive...

Kellen: É, eu acredito que seja mais negra e mais feminina. Se tu parar pra analisar são poucos, eu não sei, o que me parece é que quando o homem assume a sua religiosidade parece que ele fica menos másculo. Eu acho que tem um pouco de machismo nisso. Tipo, “ah, eu sou um homem que vou assumir a minha religiosidade e tal”, eu não sei, parece que na visão deles, não sei se é o que acontece, de repente é por outro motivo, mas da minha visão parece que é isso que acontece, parece que tem um pouco de machismo nisso. Embora na Umbanda, e já na Nação eu já penso diferente. Porque na Nação parece que o homem que é o chefe, que é o Pai de Santo, parece que ele tem mais poder, pra ti ver como é estranho isso.

Renata: É muito essa questão, o machismo tá muito ligado ao poder e é bem interessante.

Kellen: É bem interessante porque, tipo, se tu vai “ah, ele é um Pai de Santo”, não que a minha religião seja mais, é que nem eu te falei lá, na Nação, no caso, tu vai ter essa sensação de poder, digamos, porque o teu santo vai ficar ali, tu vai depender daquela pessoa, ele vai

ficar ali na tua casa. É difícil a pessoa que leva o santo pra casa, só quem realmente quer abrir casa, quem não quer, que nem a mãe, deixa o santo, e isso eu acho que dá uma sensação de poder e é por isso que a Umbanda tem mais mulher. Eu acredito que seja isso.

Renata: Mas e a, uma questão também, por exemplo, tanto na Umbanda quanto na Nação, até onde eu sei, aí tu me diz se eu tô certa, tanto homem quanto mulher podem alcançar, digamos assim, postos de, podem ser chefes de terreira. Não é um impedimento, por exemplo, que nem existe em outras religiões que só homens podem ser bispos.

Kellen: Não, tanto homem como mulher, como gay, como transsexual, não tem, porque assim, a partir do princípio que a minha religião ensina que a gente é pecadora e ponto então eu posso chegar num homem que a mulher vai ser menos pecadora que o homem ou o gay vai ser menos pecador que o não gay? Não existe esse tipo de coisa. A partir do princípio que ele aceita ocupar o teu corpo, digamos, pra dar passe ou pra chegar na pessoa, ele escolheu a pessoa independente do que ela é, isso aí não quer dizer. Inclusive, e eu tenho bastante orgulho disso, que a minha religião é aquela que acolhe os gays, trans e todos os tipos de gente. Ela não faz distinção, não critica, é uma pessoa normal como qualquer outra. Claro que tem os seus preceitos, digamos assim, se tu for a minha esposa eu não posso ser teu Pai de Santo. Mesmo eu sendo Pai de Santo eu não vou poder ser o teu.

Renata: Perfeito. E a gente comentou algumas coisas de outras religiões também, eu queria te perguntar, quais outras religiões que tu conhece, ou que tu já ouviu falar sobre o budismo, a própria evangélica que hoje em dia se fala muito e tem um número cada vez maior, o cristão... o que tu conhece de outras religiões que tu já foi, sei lá, na anglicana?

Kellen: Eu tenho amiga budista e ela fala que eles trabalham muito sobre o perdão também, não fazer o mal, digamos, pra nenhuma pessoa, e eu acho bem bacana. Eu acho que toda religião que te traz paz de espírito e te ensina a ser uma pessoa melhor eu acho que é uma religião boa. Eu frequentei cinco anos a Igreja Católica junto com uma paciente minha então eu já sei de cor a missa ali e eu acho bacana também porque todas as missas que eu fui eu não vi o padre falar pra fazer mal pra ninguém, pelo contrário, ele falava coisas boas, eu nunca fui numa missa que ele falasse pra ti perseguir esse ou aquele, mesmo a gente sabendo que ele não aceita gay e nada disso, eu nunca vi um discurso contra, então pra mim tava bom. Frequentei por vontade própria o espiritismo logo em seguida que a minha vó morreu, eu

frequentei o espiritismo, não sei se foi naquela ânsia de querer encontrar de volta, de querer ter uma mensagem, eu frequentei levada pela minha tia, depois eu enchia o saco de “vamo, vamo, vamo, vamo”, eu queria sempre ir, e também nunca vi eles falarem nada de mal. Te dão o passe, depois tu vai pra mesa, depois tem a desobsessão, eu fui em todas as fases e achei bem interessante porque o importante é tu não ficar dentro da bolha né, vai que tu goste de outro tipo, mas as que eu frequentei foi essas. E eu não posso dizer que eu frequentei o budismo, eu só ouvia o que a minha colega me contava, me relatava e fazia um ano e pouco que ela tinha entrado, ela tava bem empolgada, então o que ela me contava das coisas, dos mantras e coisarada e eu achava bem interessante. Mas é essas aí que eu tive mais contato só.

Renata: E de ouvir falar assim de outras que tu conhece...

Kellen: Ah, sim, da evangélica a gente vê falar direto. Tinha um conhecido meu, que é parente do meu primo, que ele era bem fanático, assim, e quem ele enxergasse pela frente ele queria levar. Eu nunca fui e nunca me dispus a ir pelo simples fato de que, assim, eu sei que em um determinado momento ele vai falar mal de outra religião e sei que não vou gostar, então eu não me disponibilizo a ir. Eu acho que pra ti seguir a tua religião tu não precisa falar mal da religião de outra pessoa. Segue o que tá na Bíblia, não é o que tá na Bíblia que eles gostam de si? Então segue o que tá na Bíblia. Sempre digo, se na Bíblia tá falando que é do demônio a nossa religião ou qualquer outra religião, depois a gente vai se entender com Deus então, se for esse o caso. Mas segue o que tá na Bíblia e não incomoda a religião dos outros. No começo eu até tentava entender de “tá na Bíblia, tá dizendo, então, se eles estão seguindo a Bíblia”, mas também não vejo dizer que tá na Bíblia pra ti perseguir as outras religiões então, não adianta, não entra na minha cabeça. Já ouvi falar muito, tem muita gente que é e tá crescendo cada vez mais a religião evangélica, várias vertentes, mas tá surgindo bastante, mas eu não me interessei nem um pouco mesmo.

Renata: Perfeito. E como que tu vê a Umbanda e a Nação representadas na mídia, se tu vê e como que tu vê? Mídia no geral, desde vídeos, novelas, até a gente comentou que tinha uma novela que passou, enfim, como é que tu vê e quando tu vê essa representação?

Kellen: Ai, eu vejo muito pouco na mídia, na grande mídia, que eles chamam né. Na internet eu vejo bastante, nem sei se é por causa do tipo de coisa que eu sigo né, então pra mim aparece bastante, mas na grande mídia aparece tudo deturpado, aparece tudo errado, é difícil a

pessoa, aí, uns anos atrás, acho que naquele Esquentar a Juliana Paes foi falar que era de Umbanda e aí, meu Deus, caíram em cima dela, todo mundo caiu em cima dela. É uma representação bem fraca, assim, bem deturpada. Aí um dia desses apareceu na novela a mulher fazendo magia pra matar a outra. Tipo, tu tá tentando falar que o negócio não é assim e aí vai ali a pessoa que já tem um pouquinho de preconceito “ah, mas é assim mesmo” porque eles acreditam em tudo que passa na televisão. Bem, bem não tem quase representatividade na mídia.

Renata: E quando tu vê, assim, esse tipo de coisa, que nem tu comentou, isso te afeta, de certa forma, ou como é que tu lida? Se, tipo, bom, tá errado e segue o baile, ou como é que é assim?

Kellen: Ai, depende. Às vezes eu me manifesto. Pelo Instagram, Facebook, às vezes me irrita tanto que eu me manifesto. Outras vezes eu deixo passar porque, meu Deus do céu, as pessoas ou não querem entender ou fazem de propósito, não sei. Que nem aquela menina que mataram e aí começaram a dizer que foi um ritual. Ai, aquilo me irritou profundamente, foi acho que ano retrasado ou passado, não me lembro, porque, tipo assim, não existe fazer ritual humano na minha religião. Não existe. Quando que as pessoas vão entender, ainda, ontem a minha sogra postou um menininho preto que conseguiu escapar de um ritual de magia negra, que daí eles associam tudo, não importa se está escrito Umbanda ou magia negra, as pessoas que são leigas associam tudo à minha religião, tudo que é de mal eles associam, aquilo ali me dá vontade de falar um monte de coisa, mas é que daí é minha sogra, tu não quer te indispor, aquela coisa toda, e era no Facebook dela e ela faz o que ela quer, mas quando é uma coisa muito grave assim me entristece muito porque tu pega no fígado da pessoa, é uma criança, quem é que não fica com raiva quando faz maldade pra uma criança? Todo mundo, então isso me entristece bastante. E se tu parar pra olhar, não só sobre a religião mas sobre o bairro de classe, a favela ou a vila, esses dias eu tava olhando e achando ridículo porque agora tem televisão dentro dos quartos dos pacientes então tu entra dentro dos quartos e começa a ver todo o jornal do almoço – entra no quarto de um e olha um pedaço, entra no quarto de outro – e aí tu olha quando é dentro da vila, quando é na escola de samba e quando é pra falar de religião de matriz africana eles botam um repórter negro. Eu acho isso tão apelativo, tão ridículo, é forçado demais. Por que tu, ou uma pessoa branca que eu digo, não pode ir lá falar sobre esse assunto? Aí bota aquele monte de criança pobre, preta e uma repórter preta ali no meio. É muito forçado, é muito ridículo. Aí depois pergunta por que as pessoas olham a

Record. Não sei se eles fazem de propósito ou o que é, mas é por causa disso, porque eles vêm na vila e vem a loira de olho azul. Eu acho forçado demais quando a pessoa faz isso. Tinha uma pessoa da cor da tua blusa fazendo uma reportagem, essa do Bará, que eu gostei muito da reportagem, embora seja apelativa eu gostei do conteúdo porque aparentemente eles estavam defendendo que ficasse como é. Mas ao mesmo tempo tinha uma negra lá falando sobre isso. Claro que é importante ter negro como repórter, é óbvio que eu me sinto representada vendo uma negra, mas não só sobre esse tema. Por que ela não pode falar sobre política? Por que não botam uma lá na Assembleia, por que não põe uma negra a falar? Eu acho forçado demais.

Renata: É como se botasse meio que por obrigação pra falar sobre determinados assuntos e só sobre aquilo.

Kellen: Exatamente, só sobre aquilo, ridículo.

Renata: Entendi. E a questão racial ela é trazida de alguma forma na Umbanda? Já que a gente tá falando sobre isso, assim, ou não é algo que seja pautado?

Kellen: Se tu for ver, numa flora tem o Oxóssi, tem Ogum, tem Xangô. Na nossa religião é ensinado pra nós que todos eles são negros, mas se tu for na flora tu vai encontrar eles brancos. Então pra nós eles foram negros, eles vieram da África, como que vai vir um Oxóssi branco? Tu já viu um Oxóssi amarrado aqui? Quase loiro, ruivo, o Oxóssi, não tem como entender. [risos] A gente olha a imagem, reza pra ela, aprecia, mas sabe que não é a sua figura e semelhança, não é aquilo ali. Então, se os nossos ancestrais vieram da África, como que vai ser uma pessoa loira de olho azul? Não tem como. E a Umbanda em si, como ela é uma religião totalmente brasileira, e ela recebe muito caboclo, muito índio, também tem uma questão racial nisso daí porque os índios hoje em dia, meu Deus, estão matando que nem água, horrível.

Renata: Como é ser uma mulher negra na comunidade Umbandista? Ela é uma comunidade, como tu diz, que tu enxerga já como mais feminina e negra, então, assim, como é esse espaço pras mulheres negras?

Kellen: Esse espaço é maravilhoso porque eu acho que a gente se encontra, a gente se despe

de todos os preconceitos, se despe de se sentir incomodada. Sabe quando tu entra num lugar e se sente, assim, incomodada? Claro que o ambiente quem faz são as pessoas, mas ali a gente se acha, se encontra porque a gente tá no nosso território, dá pra se dizer assim, porque ali não vai ter ninguém sofrendo preconceito racial e nem de nenhuma outra forma. Agora eu tô um pouco afastada por causa das crianças. Eu tento ir, mas eles não param, o Léo põem fogo na terreira, então eu tô esperando eles crescerem um pouquinho mais pra eu frequentar porque eu adoro e quero aproveitar porque é a minha mãe, não sei se depois que ela não tiver mais aqui eu vou achar outra casa para mim porque querendo ou não cada casa tem suas regras e agora no momento eu não tô podendo seguir a regra porque embora que nem eu te falei que a Nação precisa de mais presença física do que a Umbanda, ok, mas igual precisa. Não posso aparecer lá de seis em seis meses, de três em três meses, precisa ter uma assiduidade, então, eu não sei como é que vai ser isso depois, nem quero saber tão cedo, mas eu quero aproveitar o máximo que eu posso e agora no momento eu não tô podendo por causa das crianças, não dá né, não tem como. Mas é isso, é um espaço que a gente se sente muito acolhido. E a pessoa branca, que não é pessoa negra, a gente procura acolher da melhor forma possível. A pessoa pode chegar aqui e dizer que não gostou da sessão, mas jamais vai dizer que não foi acolhida. A gente chama pra dentro de casa, toma um cafézinho, como o que a mãe fez, é assim que a gente procura fazer. Ela pode dizer “ai, eu fui lá e não gostei da terreira, não gostei da sessão, não gostei dos caboclos”, ela pode, é um direito dela, mas acho bem difícil ela dizer que não foi acolhida porque a gente procura fazer exatamente isso.

Renata: É um espaço de identificação coletiva.

Kellen: Coletiva e feminina. Por exemplo, como tem só mulher a gente sabe que tu trabalhou durante o dia ou estudou, que a maioria das pessoas faz isso, sabe que tá cansada, sabe que talvez tu queira um cafézinho, tu queira comer uma lentilha, uma sopinha quando tá frio, então é um espaço que a gente tenta acolher realmente as pessoas. Deus o livre tu tratar mal uma pessoa que venha visitar. Eu posso ser filha da minha mãe carnal, que a gente chama filho de santo e filho de carne, eu posso ser filha de santo e filha de carne, ela vai te repreender, Deus o livre tu tratar mal uma pessoa que tá vindo visitar ou que é frequentadora, não pode. Chega “olha, Jaci, a Kellen foi ríspida comigo”, com certeza eu vou ser chamada atenção, não pode tratar as pessoas desse jeito. Tem que acolher, a Umbanda é caridade e a gente tem que acolher as pessoas.

Renata: E tu identifica então essas características como características também femininas, essa do acolhimento?

Kellen: Ah, eu considero, sim. Porque até acontece, os homens que estão dentro da nossa religião, que são poucos né, é o Alisson, é o Jorginho, é o tio Leonel, o Giovani de vez em quando mas ele mais fica na plateia do que né, mas esses homens que têm eles também são acolhedores, mas são poucos, tem mais mulher, mas os que estão ali eles também são, já aprenderam como é que funciona o negócio.

Renata: Aproveitando que tu falou no Alisson eu me lembrei que vou perguntar até pra Jaci e vou perguntar pra ti também, existe, por exemplo, tamboreiro é uma figura muito importante na religião, né, o tambor tem uma função muito importante, mas só existem homens tamboreiros?

Kellen: Não, existe tamboreira mulher. Vou te dizer que na maioria das vezes elas são lésbicas, mas existe muita tamboreira mulher. Eu conheço uma tamboreira, que não é a profissão dela, mas ela toca se for preciso, que é feminina, que não é lésbica, que é a Alessandra, mas como ela faz faculdade e trabalha ela não seguiu, mas ela toca muito bem tambor, e se for preciso tocar numa sessão ela toca, mas ela não leva isso como profissão. Meu irmão leva como profissão. Ele é pago pra tocar em outras casas se precisar, ele é pago pra tocar numa gira de Exu se precisar. Ela não, mas ela toca muito bem. Eu conheço uma mulher feminina que toca tambor e conheço várias que são lésbicas e tocam tambor também.

Renata: Que no caso elas têm atributos mais masculinizados, digamos assim?

Kellen: Exatamente, elas têm as figuras.

Renata: Mas não existe uma distinção de “só homens podem tocar tambor”...

Kellen: Não, de forma alguma. Se tu puxa bem ponto e tu sabe cantar reza, vai do Pai de Santo “olha, eu quero fulano pra tocar o meu batuque”. A gente tem a sorte de ter o Alisson, mas eu conheço uma casa de Umbanda que faz Umbanda de 15 em 15 dias, assim como a mãe, que precisa contratar porque não tem nenhum filho da casa que saiba tocar o tambor. Aí ela precisa chamar, aí os filhos precisam pagar e aí automaticamente ela cobra o passe porque

daí ela precisa dar o dinheiro daquela pessoa e a gente teve a sorte de ter o Alisson. Porque, que nem a gente diz, “ah, porque o Pastor ele cobra”, claro que se não fosse aquela fortuna que eles cobram, eu entendo que na casa precisa de água, precisa de luz, as pessoas consomem, a mãe sempre oferece uma coisinha pra comer e ninguém paga nada, e eu entendo quando alguém resolve cobrar, não é porque a mãe não cobra que outra pessoa não tem que cobrar, eu entendo que tenha que cobrar tanto na Umbanda como em qualquer outra religião, claro, que a gente não entende é os excessos, os absurdos, as quantias exorbitantes, mas que existe um gasto a gente entende que existe, tanto é que quando ela tem uma festa maior ela pede a contribuição ou uma bandeja grande, um arriamento grande, ela precisa de contribuição financeira e isso é totalmente compreensível.

Renata: Ainda tentando nesse assunto do tambor, que me chamou muita atenção, pode se fazer uma sessão sem o tamboreiro?

Kellen: Pode. Aqui em casa já teve várias vezes porque agora o Alisson tá na Nação e ele às vezes não pode comparecer e a gente faz. Às vezes o tio Leonel toca pra quebrar um galho, mas às vezes quando não tá nem o Alisson, nem o Leonel, a gente faz sem tambor e os pais respondem do mesmo jeito porque o tambor dá aquela emoção, aquela empolgação, mas se tem filho pra tomar passe, a casa necessita descarregar, tem demanda, o caboclo vai responder de qualquer jeito.

Renata: E daí vai do interesse do filho querer aprender a tocar o tambor, por exemplo?

Kellen: Eu acredito que seja igual Pai de Santo, tem que ter dom, tem que gostar. Por exemplo, o Henrique, pode ser que ele mude de ideia, mas tu vê que ele nasceu com aquilo ali. Se tu vê ele tocando tambor ele nasceu praquilo ali. Ele pode enjoar mais tarde, trocar de ideia, mas o dom ele tem, só vai saber desenvolver depois com o tempo e ele tem dois aninhos.

Renata: Coisa mais amada.

Kellen: É um amor tocando com as mãozinhas.

Renata: E chama muito a atenção porque ele toca nos momentos certos. Parou o sino ele

começa a tocar o tamborzinho dele. Ele é muito sensível. Assimilou aquilo com uma naturalidade muito...

Kellen: Exatamente, muito aflorado, eu acho um amor. E, tipo assim, a Jennifer levou agora no corte do Bará no Pai de Santo dela e disse que o tambor parava e ele falava “e eu eu”, então isso é lindo de ver, é um amor ele falando isso, e a Jennifer “para, Rique, fica quieto”, e ele gritando, um amor.

Renata: E é interessante também essa questão das crianças. Chama atenção no sentido, assim, existe um sagrado e existe um respeito, a gente percebe que existe, mas essa questão das crianças também é muito respeitada. Se a criança quer estar ali tocando um tambor ela fica ali, ela participa. A criança que eventualmente entra prum lado, se ensina, mas não se repreende ou não se xinga aquela criança.

Kellen: Não, principalmente pai Ogum. A Kethlin tava falando “mãe, pai Ogum quando eu vou correr atrás do Leo ele diz deixa”, eu tenho vontade de dizer “não, esse aí vai botar fogo nisso aqui” porque ele é uma entidade muito voltada pra criança, e ele sempre diz que a gente aprende muito com as crianças, ele sempre ensinou isso pra nós, não xinga uma criança quando tá chorando, não repreende uma criança, porque a gente aprende muito com as crianças. E a Kethlin, quando era pequena, ela frequentou a Igreja da vó dela, eu sempre deixei ela muito à vontade pra escolher o que ela quisesse escolher porque eu acho horrível esse negócio de tu impor a religião pra pessoa. A mãe não me impôs. A mãe me levava, mas tipo “ai, mãe, hoje eu quero ficar com a vó, não quero ir”, “então, fica com a tua vó”, nunca me impôs. A gente gosta porque a gente gosta mesmo e com a Kethlin foi a mesma coisa. Ela ia pras aulinhas de, eles têm lá uma enquanto os adultos ficam vendo o culto as crianças ficam lá na salinha e ficam tendo aula e ela foi, teve uma época que ela gostou e depois ela desgostou, não quis mais ir, mas às vezes a vó dela se apresenta na Igreja e convida ela que a vó dela participa do coro e às vezes quando é um evento, digamos assim, ela vai, ainda assim vai. Mas não se identificou com a religião né, e eu não tiro a razão dela porque é difícil tu se identificar com essa religião. [risos] É difícil. E aí os meus pequenos eu quero fazer a mesma coisa, eu quero deixar bem à vontade pra eles fazerem as escolhas dele. A Carol já foi na Igreja da vó dela e ela convida e eu deixo levar, eu não me importo. Claro, que eu não me importo até eu ver se volta de lá falando muita bobagem ou tu vê que tá fazendo uma, porque eu tenho muito medo dessa lavagem cerebral que eles fazem na pessoa né, eu morro de medo

porque a minha sogra veio aqui duas semanas antes do Jair Bolsonaro fechar com a Igreja, que teve uma época na eleição que ele fechou com a Igreja, duas semanas antes ela dizendo que votava no Haddad e jamais votaria no Jair Bolsonaro, duas semanas depois, quando foi pro segundo turno, ela já foi fiel ao Jair Bolsonaro. Isso eu tenho medo. Essa lavagem, que eu não sei como é que se dá, essa lavagem cerebral aí e aí, claro, enquanto eu vejo que não tá prejudicando a criança, ou que ela tá falando coisa coerente ok, a partir do momento que eu achar que tá prejudicando daí eu já não deixo mais.

Renata: Perfeito.

APÊNDICE J – DC DE 10/12/2019**Tarde do dia 10 de dezembro de 2019 – Zona Norte de Porto Alegre**

Renata: Então, a primeira pergunta de hoje é de que forma e com que intensidade as mídias participam do teu dia a dia atualmente e se sempre foi assim?

Kellen: Como elas participam no meu dia a dia? Antigamente eu era noveleira, gostava de série, acho que até porque a gente tinha mais tempo né. Hoje em dia já não dou mais bola pra isso. Às vezes tem uma novela que tá mais comentada, a gente até para um pouquinho pra assistir. Agora eu já não olho mais, agora eu procuro ver jornal, YouTube, me informo mais pela internet, antigamente não era porque a gente não tinha e não tinha nem acesso. E elas interferem no meu dia a dia quando tem algum assunto comentado. Hoje, por exemplo, o que eu me informei é que o presidente chamou a Greta de pirralha, tá em todas as mídias isso né, ele chamou uma criança de 16 anos acho que ela tem, daí me chamou atenção né, um homem com o cargo que ocupa, daí é nas notícias mais do dia a dia que impacta mais, a gente vai procurar se informar, ver se não é fake, aquela coisa toda que hoje tem muito, aí quando tu lê em algum veículo que é bem conceituado aí a gente já vê a veracidade.

Renata: Então antes tu gostava mais da ficção e hoje mais do noticiário. E tu acha que tem algum motivo pra tu ter tido essa mudança ou foi acontecendo com a tua vida que foi mudando os hábitos?

Kellen: Eu acho que não teve nada que me impactou, eu acho que foi com o hábito mesmo. Porque a gente precisa hoje em dia como mãe, a gente se preocupa com o futuro dos filhos e isso impacta na notícia, na política, então tu procura se informar mais. Foi gradualmente, assim, no dia a dia.

Renata: E tu acha que também teve a ver com esse maior acesso porque antigamente quando não tinha internet a gente não tinha muito acesso a notícias variadas.

Kellen: Era o que dava no jornal, e aí a gente ficava mais à mercê do que era visível. Por exemplo, às vezes tu via a mesma notícia em três ou quatro jornais, né? Hoje em dia tu procura aquilo que tu quer mais se informar né. Por exemplo, eu me interessei nos últimos dias pela aquela chacina que teve em Paraisópolis, aí me informei em vários canais na internet

e tipo deu, foi até visado, mas já pararam de falar no assunto e aí quando a gente quer se inteirar mais a gente tem condições de procurar, antigamente tu via só o que tava ali e pronto.

Renata: Sim. E, atualmente, tu te vê representada de alguma forma pelas mídias ou não?

Kellen: Olha, eu posso dizer que eu me vejo mais do que antigamente, isso é visível, mas ainda é bem pouco. Até é triste falar isso, mas não sei se é sorte ou se é azar porque eu amo a minha raça, amo a minha cor, e os meus filhos não têm a minha cor de pele. Eu fico triste porque não foi uma coisa que eu programei. Eu conheci o meu marido, me apaixonei por ele, ele é mais claro do que eu e os meus filhos nasceram assim. Mas me dá uma tristeza porque parece que não perpetua a minha cor de pele, a nossa história negra que é tão linda, hoje que a gente vê. E aí eu posso só eu me ver representada nas coisas que acontecem. Agora teve uma Miss negra, eu achei maravilhoso. A minha filha mais velha se sente representada, não sei se, eles são pequenininhos né, não sei se eles vão ter a mesma visão que ela. Minha filha adora, se vê envolvida, como ela fica naquele meio termo ali aos olhos dos outros, ela se considera negra, parda, mas negra pela família que ela tem, culturalmente, mas os outros eu não sei se vão seguir. E se eles tivessem a minha pele eles teriam que automaticamente seguir, e não têm, infelizmente né. Ou felizmente, eu digo felizmente porque sei que eles não vão sofrer o racismo que eu sofri, então eu fico feliz. E fico triste por não perpetuar, entendeu?

Renata: Sim, é um sentimento duplo, entendo, claro. Mas ainda, então, é muito pouco.

Kellen: Ainda é muito pouco. Só é visível quando algum negro se destaca, que nem a Miss, que nem no esporte, quando algum negro se destaca tem visibilidade, do contrário não, algumas atrizes também, poucas né, de referência tu tem a Sheron Menezes, a Thais Araujo, todas maravilhosas, mas tem muito mais que poderia estar também na visibilidade da mídia e não tá porque não tem espaço, muito pouca representatividade.

Renata: Foi legal que tu citou especialmente as mulheres negras que era um pouquinho aqui da outra pergunta já especificamente das mulheres negras, que tu vê, então, que houve uma mudança, já tem mais hoje em dia mas antigamente não era assim. Tu podia falar um pouquinho, assim, de como era antigamente e o que tu percebe hoje?

Kellen: Antigamente, na televisão, a gente via papel de escrava, papel de doméstica, não

tinha protagonista negra, e não é só aqui no Brasil, no exterior também, dificilmente tu via um protagonista negro, e são atrizes maravilhosas, com uma bagagem enorme, e eu falo mais da velha guarda, ali, não sei o nome de todas de cabeça, mas tem várias muito boas né e não tinham visibilidade. Hoje tem mais visibilidade mas ainda não é, tanto não é que se fosse uma coisa normal e natural eu acredito que o preconceito diminuiria se tu transformasse isso como uma coisa normal, natural. Uma apresentadora de telejornal negra – aí a gente tem, boom, vira um “ai, uma apresentadora negra”, se fosse uma coisa corriqueira, que tivesse várias, eu acredito que não seria tão falado, mas não tem e quando aparece todo mundo traz aquilo como uma coisa fora do contexto.

Renata: Justamente. Isso leva à próxima pergunta, que era se tu acha que as mídias contribuem pra educação das pessoas, de alguma forma, e como tu acha que elas contribuem ou não contribuem, enfim, impactam essa educação geral da sociedade?

Kellen: Eu acho que já contribui muito. Hoje em dia contribui menos por causa da internet. Só que não é todo mundo que tem essa visão de “eu vou procurar a notícia que eu quero ver”, às vezes fica, principalmente quando é criança que fica na frente da televisão e consome aquilo que eles estão te mandando de volta. E é que nem eu falei, se fosse normal uma criança ia achar normal ver uma apresentadora negra, uma criança branca, digamos assim, não precisa ser uma criança negra né, e isso eu acho que contribui, não digo na formação, mas ela não ia achar estranho se visse todo dia uma apresentadora negra, uma protagonista negra. E nisso eu acho que contribui. Acho que depois mais velha, hoje em dia, as crianças têm, adolescente tem esse discernimento de ir procurar, mas até chegar nisso contribui para que não cause espanto.

Renata: E tu acha que tanto positivamente, nesses casos, quanto negativamente pelo fato de não ter?

Kellen: Acredito que nos dois, tanto positivo como né, por exemplo, eu acho que hoje uma coisa positiva é que se fala mais de homossexualidade, eu acho que as novelas estão tratando mais disso, e isso é positivo. Antigamente era tabu, não se falava e nem tinha nas novelas. Eu acho que isso contribui para que a criança veja na rua e não ache que seja uma coisa espantosa porque todo mundo fala “ai, como é que eu vou explicar pro meu filho?”, explicando, “ele gosta de homem, ele gosta de mulher”, falando, é simples, e aí eu acho que nisso a mídia

contribui positivamente.

Renata: Perfeito. E tu acha que o modo como tu te posiciona em relação, por exemplo, ao que tu acha bonito, feio, bom, mau, positivo, negativo, teve alguma influência das mídias, seja desde questões estéticas, até questões políticas, por exemplo? E mídia aqui a gente pode falar desde YouTube até Rede Globo.

Kellen: Eu acho que sim porque quando eu vejo na notícia qualquer que seja ela, seja de moda, de comportamento, de qualquer coisa, eu procuro ver outras notícias pra poder formar a minha opinião. E aí eu acho que contribui porque várias mídias tem vários posicionamentos. Às vezes é uma chamada cruel, mas tu vai ali, tu procura, tu pesquisa e vê que, por exemplo, antigamente a gente achava, vou te dar um exemplo da minha opinião, digamos assim, “ah, por causa que o homem pega a mulher ali pra levar nas festas e deixar como troféu”, antigamente eu achava “ai, realmente, as mulheres se submetem a isso, que coisa feia”, eu pensava, mas hoje em dia eu não penso, eu digo “ok, se ela tá sabendo que é esse relacionamento que vai ter e ela tá disposta, tudo bem, estando bom para ambas as partes”, e é uma coisa machista, que todo mundo fala “ai, tá se submetendo”, não é, é uma troca, um relacionamento que eles optaram por ser assim. Então, eu acho que se ela tá levando vantagem e ele também tá levando vantagem exibindo ela, ok, entendeu? E isso a mídia, não só a mídia mas a sociedade em si bate muito como um comportamento que a mulher tem que “ai, não, não pode, é feio, vagabunda, não pode se submeter a isso” e aí eu me desconstruí pesquisando e vendo várias opiniões de feministas e tal e me desconstruí nesse aspecto, e a mídia com certeza contribuiu pra isso.

Renata: Sim. Então mais na questão comportamental mesmo, de aspectos que talvez antes eram mais rígidos e foram se abrindo a partir de outras perspectivas...

Kellen: Exatamente.

Renata: E em relação à estética corporal, por exemplo, tu acha que as mídias também vêm, mesmo que ainda em passos muito pequenos, elas vêm trabalhando isso de maneira diferente e como é que é isso pra ti hoje e como é que era no passado?

Kellen: Eu acho que é, como tu falou, em passos de formiga mesmo porque a maioria quer

aquele corpo escultural, aquela coisa que é impossível de alcançar, aquela coisa padronizada, que a mulher tem que ser daquele jeito. Eu acho que até tem campanhas de algumas marcas que tentam dizer que a diversidade no corpo feminino é legal, que todo mundo tem que ter o seu corpo, mas a passos muito pequenos. A maioria quer aquele padrão impossível de ser alcançado, é muito pequeno mesmo, e ao meu ver isso é uma coisa que supre a vontade das pessoas porque as pessoas são bem assim, elas não alcançam aquele padrão mas acham que aquele padrão é o correto, que tem que ser seguido. As pessoas são assim, a sociedade é assim. Até tem uma quantidade pouca, mas a maioria pensa igual e eu acho que eles suprem essa demanda, infelizmente.

Renata: E tu acha que nesse quesito também tu já foi mais rígida, digamos assim, e hoje em dia tu já pensa diferente a partir dessas outras opiniões?

Kellen: Não, nunca fui. Assim, na verdade, quando eu era adolescente eu era muito magra, e eu não gostava de ser magra daquele jeito. Aí depois eu fiquei muito gorda, e aí não é que eu não gostasse, é que eu me sentia mal, tenho dois filhos pequenos, não conseguia acompanhar. Tive problema de coluna por causa disso. Então eu tive que...

Renata: Foram questões de saúde e não uma questão estética...

Kellen: Exatamente. Não foi uma questão estética, tanto é que a pessoa emagrece demais e cai tudo, pelanca com força total [risos] e eu não tô nem aí, se vai cair, paciência, azar, não tô nem um pouco preocupada com a pelanca, porque o tchau, minha filha [risos] e eu não tô nem aí. Meu problema é que eu não tava conseguindo acompanhar porque eles são ligados no 220, e eu preciso acompanhar. Não conseguia correr atrás de ninguém, não conseguia me sentar no chão pra brincar com eles, não conseguia. E agora tô conseguindo. Eu nunca quis seguir padrão de beleza, nem de moda, às vezes até tu “ah, esse é legal, vou seguir”, mas não era uma coisa que me eu me afeiçoava naquilo ali, nunca fui.

Renata: E falando agora um pouquinho sobre violências, assim, o que tu considera violência?

Kellen: Eu considero violência tudo aquilo que agride a outra pessoa, que desagrada a outra pessoa, que fere a outra pessoa, seja ela física ou verbal. Eu acho que até um comentário que eu faça que não vá te agregar não tem porque fazer. Por exemplo, “ah, eu comprei esse sofá”,

“mas que sofá feio, ridículo”, não tem porque eu falar, se eu não gostei daquilo ali e tu tá feliz com aquilo ali pra que eu vou falar, até isso pra mim agride a outra pessoa. Eu acho que se tu não tem nada a acrescentar tu não precisa nem verbalizar.

Renata: E por que tu acha, tipo assim, infelizmente, a gente vive numa sociedade muito violenta, por que tu acha, por exemplo, que essa violência acontece, seja ela verbal ou seja, muitas vezes, física?

Kellen: Eu acho que tem a ver com o problema aquisitivo, eu acho que tem a ver com machismo, eu acho que esses dois são os principais porque assalto, roubo, furto, a maioria das pessoas que faz aquilo não quer fazer, eu acredito, vai de um problema, realmente, que é uma coisa que a pessoa não teve acesso, não teve como buscar a sua independência financeira e acaba indo pro mundo do crime. Não é passar a mão na cabeça de bandido, digamos assim, mas eu acredito que se aquela pessoa tivesse outra oportunidade não ia fazer esse tipo de coisa. Não que não exista pessoa que gosta, mas eu acho que 90% não gosta, na minha opinião. E a violência física, principalmente contra a mulher, eu acho que é da sociedade machista que a gente vive, totalmente machista, que eu ainda acho que vai levar bastante tempo pra ela se desconstruir nesse sentido do homem achar que a mulher não é propriedade dele, que ela tem sua própria vida, que quando ela não quer mais continuar um relacionamento ele respeite né. Eu acho que esses dois fatores são os principais.

Renata: E sobre família, assim, a gente já conversou várias vezes que é uma coisa muito presente na fala de todas vocês, eu queria saber, pra ti, o que tu considera como família?

Kellen: Ah, então, eu considero família a minha família de sangue, mas também considero família aqueles amigos muito próximos que a gente tem, os agregados, que nem a gente chama, que a gente ama como se fosse família. Aquela pessoa que se preocupa contigo todo dia, que te manda mensagem perguntando como tu tá, quando tu tá com um problema dentro de casa elas procuram saber se já foi solucionado, querem saber se podem ajudar de alguma forma. Essas pessoas eu amo como se fossem da minha família. Então, não é exclusivamente sanguínea, é aquelas pessoas que a gente tem um amor como se fossem da família.

Renata: Perfeito. E pra ti existe algum tipo de família ideal? E, se existe, como ela seria?

Kellen: Pra mim não existe família ideal. Família ideal é aquela que tu se vê dentro da tua família. A minha família pra mim é ideal, pra ti pode não ser, pra outra pessoa pode não ser. Eu acho que tendo respeito, amor, cuidado, principalmente quando tem criança né, que tu precisa daquele cuidado porque criança te exige muito, então eu acho que aquilo ali é a família, se estão felizes daquele jeito, ou sem criança, ou dois homens ou duas mulheres, isso não importa, o que importa é que exista amor e respeito.

Renata: A próxima pergunta era justamente sobre isso, assim, que existem atualmente diversos tipos de família e tu pensa então que isso “é uma família e o importante é...”

Kellen: É uma família e ponto final. Se eles se denominam família é assim que eles são.

Renata: Perfeito. Aí tem algumas perguntinhas que ficaram das últimas que eram um pouco mais sobre a questão racial, que eu deixei elas pra fazer juntinhas. Então, a primeira era, que eu acho que não te fiz, aí se tu lembra que eu te fiz tu me sinaliza e eu te peço desculpas, essa aqui eu não lembro mas vamos ver, se eu te perguntei como é ser uma mulher negra na Umbanda e se a questão racial era trazida de alguma forma?

Kellen: Eu não lembro se tu perguntou essa, mas vou responder, não sei, de repente eu respondi e muda alguma coisa mas o básico é o mesmo. Como é ser uma mulher negra e como é trazida essa questão... Eu acho bem normal ser uma mulher negra na Umbanda porque eu acho que é a nossa maioria, a maioria é mulher negra, então é um espaço que a gente se sente bem confortável como mulher e negra. Pra mim não foi trazido, no caso eu que pesquisei bastante sobre isso e vi que faz parte da nossa história, da mulher negra cultivar essa religião que não é de matriz africana porque é uma religião que foi criada no Brasil, mas que a gente tomou pra si, eu acredito que a mulher negra acolheu muito bem essa religião, se identificou e tomou como sua, não que seja sua porque é uma religião que abrange toda e qualquer pessoa, seja homem, branco, gay, hetero, mas que eu acredito que tenha maioria mulher negra, não só como Mãe de Santo, mas como participante mesmo, a maioria é mulher negra, então, eu acho que é um espaço que eu me sinto bem à vontade, bem acolhida e familiarizada.

Renata: E quais são as contribuições das mulheres negras pra sociedade brasileira? O que tu enxerga como as contribuições especificamente das mulheres negras para a sociedade

brasileira?

Kellen: Ai, eu acho que a gente contribui, eu vi uma pesquisa agora há pouco dizendo que o Brasil é uma sociedade, da América Latina se eu não me engano, que aonde as mulheres estudam mais, e mesmo assim ganham menos do que os homens. Então, eu acho que a gente contribui bastante culturalmente, eu acho que a gente contribui bastante em trabalho braçal, eu acho que a mulher negra é aquela mulher que vai à luta, que trabalha, que não tem medo de trabalho, sustenta os seus filhos, eu acho que ela contribui também levando o filho pra estudar e isso contribui para a sociedade porque vai ser um ser humano instruído e que possa vir a contribuir para a sociedade. Eu acho que ela é aquela mulher que por ser uma mulher que também é a mais abandonada pelo pai, que cria os filhos sozinha, ela também contribui para não ter violência, porque assim como ela tem o seu filho e tem que trabalhar fora e deixar o filho, ela é totalmente contra a violência, eu acho que também contribui nesse sentido. Eu acho que contribui de várias formas para a sociedade.

Renata: Sim. Pelo que tu conta, assim, aonde que tu, também acho que é interessante a gente pensar, qual que é o espaço que tu enxerga a mulher negra na sociedade, quais espaços?

Kellen: Eu já enxerguei a mulher negra bem às margens da sociedade. Quando eu era pequena eu via a minha mãe trabalhar, via as amigas da minha mãe todo mundo no mesmo barco, indo à luta, trabalhando. Hoje em dia eu vejo que essas mesmas mulheres deram estudo pros seus filhos e hoje elas estão, a passos pequenos também né, mas hoje eu vejo advogado, hoje eu vejo médica, eu vejo evoluindo na pirâmide da sociedade. Mas antigamente eu via ela na parte baixa da pirâmide, ali como empregada, como diarista. Hoje eu vejo que ela tá galgando aos poucos e fico bem feliz por isso porque é o que a gente quer. A gente quer igualdade, a gente quer poder estar onde todo mundo tá.

Renata: Perfeito. E sobre essa questão, assim, de ser uma mulher negra, sobre a religião, sobre as questões da mídia, enfim, tem alguma coisa que tu ache importante pontuar que talvez a gente ainda não tenha conversado ou que tu te lembra agora que a gente não conversou mas que tu ache importante destacar o que tu acha, realmente, de como tu te sente, enfim, alguma coisa que talvez tenha ficado de fora?

Kellen: Ai, meu Deus, é que agora eu não lembro de todas as perguntas, mas eu acho que a

gente abrangeu bastante todos os assuntos. O que eu posso dizer é que eu adoro a minha religião, acho que isso eu deixei bem claro né, é uma religião onde a gente cultua caridade, paz, amor, não tem violência, eu acho que isso é importante as pessoas saberem. Eu acho que o preconceito se dá muito pela ignorância e a ignorância que eu digo é de ignorar o assunto, de não procurar saber, e isso eu tenho dentro da família, não da minha mas do meu marido, que não procura saber sobre a religião e já expande o seu preconceito. Eu acho que tu estudar aquela religião, se informar, e parar com essa coisa de que é do capeta, de que é do demônio, eu acho que isso resolveria o problema deles porque teriam mais tempo pra cultuar a religião deles, e também resolveria pra nós porque daí o preconceito minimizaria. Eu acho que isso é importante a pessoa falar e sempre tocar nesse assunto. Meu irmão esses dias foi de turbante no shopping e aí eu disse “ai, que vergonha ir de turbante no shopping”, eu disse né, e aí ele disse pra mim “Kellen, se a gente não começar a ocupar os espaços do jeito que a gente é, a gente nunca vai desconstruir as pessoas”, ele tá coberto de razão porque tu vai no shopping, se eu vou, se ele vai, se minha irmã vai, se a minha mãe, daqui a pouco as pessoas começam a achar que aquilo ali é normal e que ninguém que adora o diabo vai sair vestido daquele jeito na rua. Eu penso isso, que as pessoas possam acabar se desconstruindo desse preconceito, dessa ignorância. Eu acho que, de repente, levar a informação pras pessoas seja o caminho pra todos os assuntos que as pessoas ignoram.

Renata: Sim. E o que eu até comentei com a Kethlin antes de viajar, que eu mostrei pra ela a apresentação que eu levei lá pro congresso e tal, que o que, e eu inclusive falei isso na apresentação que o meu Mestrado é em Comunicação, e aí as pessoas “ai, Renata, mas parece que não tem muita coisa de comunicação, de mídias no teu trabalho” e aí eu ficava pensando “bah, pois é, parece que não tem” e aí eu me dei conta, e aí quero ver se tu concorda, que o que me parece é que as mídia, claro, elas estão presentes, elas influenciam, e cada vez mais com conteúdos segmentados, como tu diz que busca, mas que a religiosidade e o próprio convívio familiar têm um papel muito mais forte na formação de vocês enquanto pessoas, cidadãs, na identidade de vocês, do que as mídias em si, talvez justamente por essa falta de representatividade.

Kellen: Eu super concordo. Eu acho que assim como a gente não teve representatividade, a gente foi muito bem instruída pela minha mãe, que tem a 4ª série, a buscar o nosso espaço. Não sei se a nossa representatividade porque sempre ficou muito a desejar, mas o nosso espaço. E eu digo isso porque a mãe tinha pouca instrução e sempre procurou esclarecer a

gente que a gente era importante sim, que a gente tinha o nosso espaço sim e que a gente fosse buscar, seja o lugar que for mas que a gente tinha o nosso espaço. E eu não sei as outras famílias porque eu posso falar só pela minha, mas a gente procurou muito mais ouvir essa fala da mãe da gente, do pai também, que sempre disse que a gente precisava galgar, buscar, do que a própria mídia, porque se a gente fosse se basear na mídia talvez a gente patinasse e não saísse do lugar. Não que a gente ocupe cargos importantíssimos, mas no nosso dia a dia a gente foi buscar o nosso lugar. A minha irmã tem negócio dela próprio, o meu irmão também tem, eu tô na Enfermagem, mas o nosso espacinho ali a gente foi buscar.

Renata: Tem uma autora feminista negra, se eu não me engano é a bell hooks, e uma amiga minha me comentou, na verdade eu comecei a ler mas ainda não tenho essa propriedade toda, e aí essa minha amiga me comentou, porque eu tava comentando disso que pra mim foi um estalo, “claro, porque elas não se veem representadas porque isso não faz sentido pra elas, vão buscar os sentidos onde tem um sentido pra elas”, e ela disse “sim, Rê, inclusive essa autora, bell hooks, tem um que fala sobre a...”, ai, não era autoridade, mas era mais ou menos isso porque a dona Jaci tem muito mais autoridade o que ela fala pra ti, pra Jennifer, pra Kethlin, do que o William Bonner, por exemplo.

Kellen: Com certeza. Porque, querendo ou não, ela é uma vencedora. Ela venceu preconceito muito mais forte, ela veio do interior pra cá e trabalhou em casa de família que ela não podia sentar na mesa junto, que ela tinha que trazer a comida dela de casa, então, e isso pra mim é uma bagagem, uma experiência que só ela vai poder dizer porque ela que viveu na pele essas coisas. Claro, nem tudo que ela fala é lei, mas a gente leva muito em conta, principalmente na minha adolescência, daí era lei quando ela falava [risos] na minha adolescência era lei porque a gente leva muito em conta a experiência que ela tem de mundo. E ela sempre dizia “Kellen, as pessoas são cruéis e tu tem que estar preparada pra esse tipo de crueldade”, então assim que eu me vi entendedora um pouquinho a gente já se armava contra o que tivesse que vir, seja na escola, seja no emprego. E cada vez que acontecia alguma coisa ruim relacionada ao preconceito ou às vezes não, às vezes era empatia mesmo, era sempre a ela que a gente recorria e ela sempre tinha uma coisa boa pra falar, um rumo pra te dar. Então, isso com certeza tem muito mais influência do que qualquer mídia, qualquer meio de comunicação. E hoje em dia a gente mais ou menos segue o que ela fala pros nossos filhos né. Claro, que nem eu te falei, eu menos porque acredito que os meus filhos não vão sofrer o que eu sofri, mas mesmo assim a gente sempre procura passar o que foi passado pra gente que deu certo né, a

gente foi pelo caminho.

Renata: E até essa questão, assim, por exemplo, a gente mora em periferia e tudo mais, o modo como a periferia é retratada parece sempre muito pejorativo e eu não sei como é que é pra ti, mas sempre causa certo “pô, mas não é bem assim o que eles estão falando, tá, tem, mas não é bem assim”...

Kellen: Não é bem assim, exatamente. É que na verdade até na hora de tu procurar um emprego tu fica receosa em falar que tu mora em periferia. “Ah, porque tu mora em vila”, já fazem cara feia. Até pros teus colegas de serviço tu fica meio receosa em falar que mora. Eu tenho uma amiga minha que deixou de vir na minha casa porque eu morava na periferia. Falei pra ela “ai, vamo combinar”, “vamo”, sempre naquele vamo, daí “tá, Kellen, vamo combinar pra gente poder ir de uma vez”, “tá, eu moro em tal lugar, tu vai fazer assim e assim”, “ai, não, mas eu tenho medo, não vou, melhor tu vir na minha casa”, então, só que quem mora aqui sabe que não é assim. Sabe que existe assalto, existe, mas não é aquela coisa diária e a qualquer momento. Tu tem que ter os cuidados básicos, tem a hora que é uma hora mais perigosa, mas ninguém vai enfiar o pé na tua porta, na tua casa, talvez tu esteja mais seguro aqui do que se tu morasse num bairro nobre porque é mais difícil de assaltarem a tua casa do que em outro bairro, um bairro melhor, digamos, pra morar. Mas é que a gente sofre preconceito porque é de religião, é umbandista, é negro, mora na periferia, então, é tudo pra não dar certo, tudo que não colabora, digamos assim. Mas a gente sobrevive. A gente vai sobrevivendo, não perde a esperança, sempre procura olhar por uma perspectiva melhor porque senão isso daí vai te deprimindo e o que mais tem hoje em dia, vi uma pesquisa, é adolescente de periferia deprimido. Eu acho que por não se enquadrar ou por ter tantas coisas que desabonem, digamos assim, e é uma pena. Claro que às vezes não é culpa dos pais, os pais trabalham e não podem estar, mas eu não sei de que forma a minha mãe não deixou que isso atingisse a gente. Eu sou muito grata. Eu tenho muita gratidão porque era tudo né, era o teu cabelo na época da escola, que te faziam bullying, hoje em dia é bullying e antes era só pegação de pé mesmo né, e ela soube sempre manobrar a gente e direcionar pra um caminho que tu não te sentia menosprezada. Pelo menos ali na tua casa ela te colocava lá em cima, “não, tu é linda, tu é uma princesa, tu é isso...” né.

Renata: Ai, que legal. Então tá, acho que era isso

Ficamos conversando após a entrevista, ela inclusive comentou que achava uma pena as entrevistas terem acabado. Após o gravador desligado ainda falou do quanto admira sua mãe por, apesar de trabalhar muito, conseguir ser tão afetiva e muitas vezes visionária. Falou sobre a gráfica em que trabalhavam e que os chefes, brancos, chegavam na produção e gritavam coisas do tipo “Vamos trabalhar, macacada” e que mesmo assim sua mãe seguia em frente. Jaci é, muito evidentemente, um modelo e uma autoridade na família. O racismo se mostra mais presente em outras falas das familiares e nas da própria Jaci. Suspeito que focar em outras coisas e não nisso tenha sido inclusive uma estratégia de sobrevivência para se manter em empregos, apesar de todos os pesares. Também acredito, por meio dos relatos das outras familiares, que por ser de uma geração diferente, alguns casos e até falas racistas durante muito tempo foram naturalizadas e inclusive reproduzidas, mas que com o advento do maior acesso à internet e o crescimento e politização de Kethlin, Jennifer e Kellen, esses temas passaram a ser mais debatidos e aos poucos mudanças foram acontecendo.